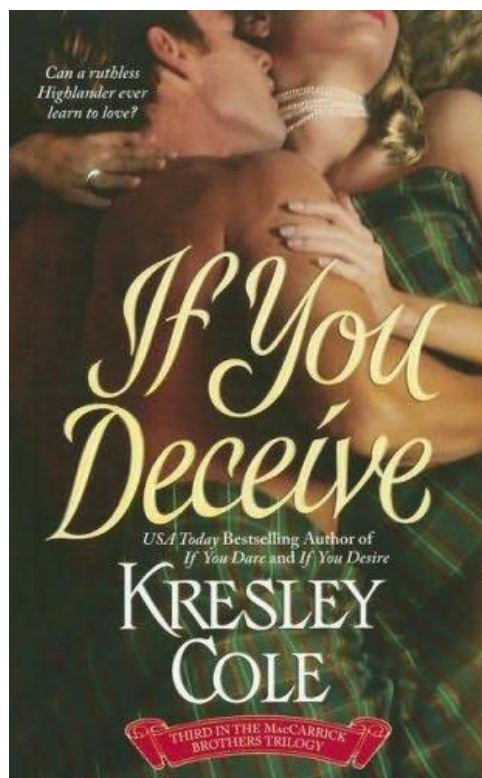
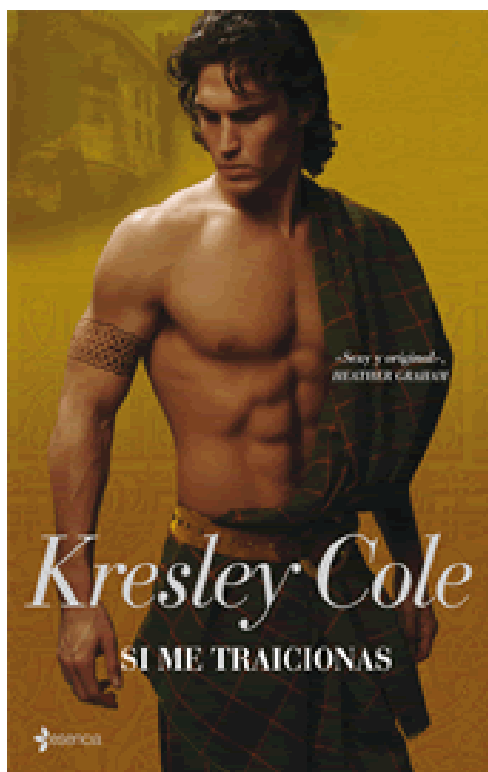




Se Me Trair

Kresley Cole

3º Livro da Série MacCarrick Brothers

Disponibilização/Revisão/Formatação: Ale Modolon

Revisão Final: Tessy Silva

Tradução Mecânica/Pesquisa: Yuna

Projeto Revisoras Traduções

Ethan MacCarrick era um jovem atraente, até que foi brutalmente castigado por um crime que não tinha cometido. Ethan se vingou do nobre que ordenou sua tortura arruinando-o e conseguindo que tivesse que exilar-se junto com sua família. Dez anos mais tarde, Madeleine Van Rowen, uma moça bela e misteriosa, enfeitiça-o com seus encantos, mas quando Ethan descobre que se trata da filha de seu inimigo, não duvida em usá-la para vingar-se...



*O amor de uma boa mulher?
Para salvar um homem perverso como eu?
Jamais... Porque não nasceu uma mulher tão boa
Para alguém tão malvado como eu.*

ETHAN ROSS MACCARRICK,
Lord do Clã MacCarrick, oitavo conde de Kavanagh

*Eu não roubei nada, juro!
OH, como se nunca
aparecessem coisas em seus bolsos!*

MADELEINE ISOBEL VAN ROWEN,
ladra, oportunista

Prólogo

*Iveley Hall, Buxton, Inglaterra
Primavera de 1846*

Ethan acreditava que a aborrecida esposa com quem estava a ponto de se deitar era bonita.

Mas se tratava só de uma hipótese. Nesse momento, tinha a visão turvada pelo uísque, e nesse estado, todas as mulheres pareciam bonitas. Apesar de que tinha cavalgado durante meia hora para chegar ali, continuava bêbado; de fato, cada vez o estava mais.

Mas a mulher em questão se comportava como se fosse uma beleza, disse a si mesmo tirando o casaco para lançá-lo ao divã que havia em meio dos luxuosos aposentos da dama. Falhou. Inclusive ébrio, era consciente de que a mulher não possuía muita inteligência e supôs que, para rebatê-lo, tinha que ser muito atraente. Além disso, quando tinha insinuado no escuro botequim de Buxton, estava certa de que ele ia aceitar.

Tinha sotaque francês e era muito alta, pensou Ethan, mas agora estava recostada, e tão somente a tinha visto de pé alguns segundos. Ela tinha aproveitado esses segundos para deslizar entre os dedos uma perfumada nota com o endereço de sua casa e, sussurrando no ouvido o que ia fazer, pediu discrição.

Ethan era um jovem de vinte e três anos de sangue quente, e as intenções da mulher pareceram das mais acertadas.

Cruzou o quarto em direção ao móvel bar e ela ficou de joelhos em cima da cama.

— Esperou quinze minutos depois de que minha dama de companhia e eu fôssemos? — Temia que seu marido pudesse descobrir suas aventuras ao retornar da viagem de negócios.

Ethan se serviu de um copo.

— Sim, esperei. — Ele não teria compartilhado a carruagem com ela em nenhum caso. Qual é a primeira regra de um sedutor? Levar sempre seus próprios arreios quando estiver com uma mulher. Assim poderá ir quando quiser. Por outro lado, elas sempre querem que fique passando a noite.

E Ethan odiava dormir com uma mulher.

— Viu alguém cavalgar por aqui? — perguntou ela.

— Não, ninguém.

— Não posso permitir que meu marido descubra...

— Basta! — Estava deixando-o nervoso e nem sequer se deitaram ainda — não é a primeira mulher casada com que tive um encontro — espetou ele honestamente — Já fiz isso antes.

— Imagino — replicou ela, e quando ele aproximou, murmurou — É tão endiabradamente bonito, Ethan. Tão jovem. Tão alto. Tão forte.

Ele bebeu de seu copo franzindo o cenho diante o fato de que o chamasse por seu nome. Ethan não se lembrava do dela; só recordava que havia dito que se ajoelharia diante dele para o agradecer com a boca.

— Jovem? Dá-me a sensação de que você não é muito mais velha que eu — respondeu ele aproximando-se da cama.

Ela riu.

— Só um pouco.

Agora podia vê-la melhor. Não estava mau. Deveria rondar os trinta anos.

— O suficiente para saber o que eu gosto — prosseguiu ela —, e quando te vi, não o duvidei nem um segundo. — Pegou o copo dele e bebeu um pouco para depois deixá-lo na mesinha de cabeceira —. Acredito que as mulheres se insinuam constantemente.

— Constantemente — confirmou ele sem dissimular sua arrogância.

Era certo. Era jovem, rico, poderoso, e às mulheres o adoravam. E, ao parecer, quanto mais bebia e mais cruel era, mais o desejavam.

— Assim se não tivesse vindo aqui comigo, teria ido com outra mulher do botequim?

— Com certeza — respondeu ele. De fato, ao ir, a garçonete ruiva a que tinha lançado uma olhada, estava decepcionada. E sua irmã também. Ele se limitou a encolher os ombros, como se não tivesse importância. Não tinha —. Com uma, ou talvez com duas.

— E por que me escolheu? — perguntou a mulher procurando o complemento que faltava.

— Prefiro às casadas, dão menos problemas.

Nunca voltava as ver. Uma mulher casada era sempre fácil de esquecer, e aquela não seria a exceção. E se seu marido era tão ingênuo ou tão estúpido para permitir aquelas infidelidades, teria bem merecidos os chifres que levava. Não era culpa de Ethan.

— Assim só me escolheu porque sou “conveniente”. — Fez uma careta e começou a desabotoar os botões da camisa.

— Isso.

Que a tratasse tão mal parecia excitá-la.

— Diga meu nome com seu sotaque — sussurrou ela.

— Não sei qual é.

— Sylvie... — sorriu ela.

— Não quero sabê-lo — a interrompeu ele fazendo-a gemer de desejo.

Ethan estava acostumado a mulheres que gostavam dos homens dominantes, mas teve a sensação de que aquela queria algo mais. Do caminho até ali, tinha tido tempo de sobra de analisar a situação e, apesar de seu estado de embriaguez, tinha o pressentimento de que algo não ia bem.

Usava um perfume enjoativo, mas não mais que o da mulher com que se deitou na noite anterior. Era alta, voluptuosa e de cabelo escuro; o tipo exato de mulher que estava acostumado a lhe atrair. Mas mesmo assim, à medida que lambia o seu seio afastando a camisa, notou que não

excitava.

As pessoas estavam acostumadas dizer que Ethan não tinha mais sentimentos que um animal. Pois bem, nesses momentos, seu mais puro instinto lhe dizia que se afastasse daquela mulher. Percorreu o peito até o umbigo com os lábios e ao ver qual era sua intenção Ethan franziu o cenho.

Entretanto, a voz que lhe dizia que se separasse dela seria mais forte que o uísque e a promessa daqueles lábios sob sua cintura?

A resposta foi sim. Ethan afastou as mãos da mulher de seu ventre e deu um passo para trás.

—O que está fazendo?

—Vou embora.

Agachou para recuperar sua camisa e embora perdesse um pouco o equilíbrio, recuperou-se em seguida. Sabia que ultimamente estava bebendo muito. Era o mais velho dos três irmãos, e o cabeça de uma família com problemas. O peso dessa responsabilidade e a impossibilidade de fazer nada para mudar eram uma carga que pesava mais do que alguém podia imaginar.

E beber não o ajudava.

—Como vai? —sentiu falta ela—. Não diz a sério.

Ethan assentiu.

—Por que veio então? O que fez?

—Nada. —Onde diabos tinha ido parar seu casaco?—. É só que já não quero.

—Me diga o que quer que te faça e o farei. O que quiser — assegurou ela, provocando um gesto de desgosto.

Era uma dessas mulheres insistentes.

—Não quero nada de você — disse ele dando meia volta—. Já não.

—Não pode me fazer isto! —ficou em pé de um salto e correu para ele—. Me ignorar como se fosse uma qualquer. —Estava tão zangada que seu refinado sotaque francês se transformou em outro muito mais popular. Ethan o tinha ouvido antes; era o sotaque das classes baixas—. Como se fosse uma puta.

—É você quem disse...

—Ninguém me trata assim, já não. Ninguém! —parou de frente a ele. Ethan voltou a esquivá-la e ela fez o mesmo. Estava procurando briga. Ele via cada vez mais claro que tinha tomado a decisão correta—. Farei que lhe castiguem por isso!

Ethan por fim encontrou seu casaco.

—Se afaste de mim.

—Eu mesma te darei umas chicotadas!

—É uma prostituta muito mal-educada — disse Ethan com ironia—. Agora sim que não penso em fodê-la.

A mulher gritou e se jogou sobre ele. Ele conseguiu tirá-la de cima, mas não antes que arranhasse a face. Limpou a bochecha com a manga da camisa e viu manchas de sangue no linho branco.

—Maldita zorra! Não sabe com quem está brincando.

Dirigiu-se para a porta, mas ela voltou a bater nas costas gritando:

—Sabe o que estava a ponto de te fazer?

Quando Ethan deu a volta, viu que ela estava chorando de raiva.

—Volta a me tocar e esquecerei a norma que tenho de não bater nas loucas que não sabem aceitar um não por resposta.

—Faça! —Estava excitada?

Ele fez gesto de ir fazê-lo, mas só para assustá-la e que o deixasse em paz, entretanto ao levantar a mão...

A porta se abriu de repente.

E apareceu um furioso homem de cabelos cinza. “Este deve ser o marido ofendido — pensou Ethan baixando a mão—. Acredito que agora desafiará a um duelo e terei que carregar com outra

morte sobre minha consciência.”

—Queria me violar! — gritou a esposa com lágrimas ainda nos olhos.

Ethan a fulminou com o olhar.

— Está louca? Você me convidou!

Apareceram mais homens, homens fortes, robustos. Um gigante loiro, que parecia muito zangado, estava ao lado do marido.

— Não é verdade! — gritou ela —. Deve ter me seguido até aqui do botequim.

Seu marido entrecerrou os olhos e olhou para Ethan. Este esfregou a face com a mão.

— Maldição — suspirou cansado —. Ela me deteve quando eu já ia. — Apesar de seu estado de embriaguez, Ethan teve que reconhecer o ridículo que soava isso.

— Sylvie, ele te machucou?

“O marido quer agarrar-se a essa desculpa como a um prego ardendo.”

— Não o diz a sério. Não vê que está mentindo? — Ethan estalou a língua com desgosto —. Esta bruxa me pediu que viesse aqui com ela, juro...

— Não — gritou ela histérica, com tanta força que quase quebrou os vidros —. Tentou me violar, mas eu resisti. Não vê sua face?

Ethan a fulminou com o olhar enquanto ela continuava contando uma fileira de mentiras ao homem.

— Pergunte no botequim, pergunte a quem quer. Ela me convidou.

Não obstante, tinha sido discreta; só tinha falado com ele um segundo, e talvez ninguém os tivesse visto.

A mulher sacudiu nervosa a cabeça.

— Quando retornamos para casa, minha dama estava comigo. Pergunte a Flora! Pergunte! — tocou a testa com o dorso da mão e sentou em um extremo da cama —. OH, Deus — sussurrou —, passei tanto medo...

Ethan ficou boquiaberto. Era uma grande atriz.

O marido gritou e se jogou sobre Ethan. Este reagiu sem pensar e, seguindo seus instintos, quebrou-lhe o nariz de um murro. O sangue o salpicou.

— Mandarei você a Newgate por isso! — exclamou o homem segurando o rosto.

Ethan tentava se concentrar. O que estava fazendo antes que o interrompessem?

— Maldição, eu não fiz nada a esta mulher... foi ela a causadora de tudo.

— Peguem-no! — ordenou o marido a seus homens.

Nesse instante, Ethan se agachou para pegar seu casaco.

Um golpe seco foi atirado na nuca. Caiu no chão. Então começaram a chover murros e chutes de todas as partes. Fazia esforços por não perder a consciência; tinha que explicar, tinha que se defender.

Ethan ouviu ao longe o pranto daquela harpia enquanto dizia a seu marido que tomasse cuidado; que não podiam organizar um escândalo, que se fossem a julgamento sua reputação ficaria feita migalhas, alguma historia sobre sua posição social... e finalmente, que outros maridos com seu poder se ocupariam de algo assim por si mesmos.

Ethan sabia que naquela parte isolada do país, a nobreza escrevia suas próprias leis, e que freqüentemente encarregava valentões o trabalho sujo. Também sabia que odiavam os estrangeiros.

O bilhete que tinha dado aquela bruxa estava no bolso da jaqueta que tinha quase ao alcance da mão. Tentou falar, mas só conseguiu gemer de dor. E quando tentou alcançar o objeto, recebeu como prêmio outro chute no peito.

Obrigou-se a abrir os olhos, e viu a mulher chorando histérica, como se tivesse chegado a acreditar em suas próprias mentiras.

— Sem você e sem Brymer em casa, sou presa fácil.

O cornudo a estava consolando, e a agasalhava com seu casaco.

—Não deveria ter te deixado sozinha.

—Esse canalha entrou em casa enquanto Maddy e eu estávamos sozinhas! —prosseguiu com dramatismo.

Fosse quem fosse essa Maddy, a mera menção de seu nome fez que o marido olhasse para Ethan ainda com mais ódio. Cego de ira assegurou a sua mulher que faria cargo do assunto pessoalmente, e que ninguém tinha por que se inteirar de nada. Verdadeiro medo percorreu o corpo de Ethan.

Iriam assegurar de que aquele bastardo escocês não violasse nenhuma mulher mais em toda sua vida. Iriam castrá-lo. Ethan se sentiu alagado de um suor frio; Iriam cravar-lhe uma faca.

O marido hesitou alguns instantes, e depois disse:

—Brymer, leva-o para fora e se encarregue de tudo.

O tal Brymer era o gigante de olhar assassino.

—Será um prazer.

Levantou Ethan e deu um murro na mandíbula. Ele tentou sacudir a cabeça para manter-se consciente, mas a escuridão acabou por engoli-lo.

Quando despertou, tinha as mãos atadas e doíam muitíssimo os braços. Tentou abrir os olhos, mas só pôde elevar uma pálpebra; mesmo assim, viu que estava pendurado em uma viga, em uma espécie de estábulo. Um trapo molhado de sangue o amordaçava.

Diante de Ethan, havia um homem muito alto sentado em um tamborete que estava a ponto de ceder sob seu peso. Balançava nervoso as pernas e o olhava de esguelha, como se sentisse culpado. Aquele homem sabia a verdade. Sabia que tudo aquilo estava errado. Acreditava que aquela mulher já teria feito coisas do tipo outras vezes. Ethan gritou sob a mordaca e puxou as cordas com desespero para chamar sua atenção e lhe contar sobre o bilhete.

Ouviu como a porta se abria a suas costas.

—Está acordado, Tully? —perguntou Brymer.

—Ainda não — respondeu o chamado Tully levantando-se—. Estava pensando... que talvez deveríamos ir ao botequim e fazer algumas pergunta.

—Van Rowen quer que acabemos o trabalho — disse Brymer—. E isso é o que vamos fazer.

Na realidade, Brymer estava impaciente. Van Rowen. Do que lhe lembrava esse nome? Se sair daquela, mataria-o com suas próprias mãos. Esse homem não tinha nem idéia do que ia acontecer a ele e a toda sua família depois daquilo... Ethan ouviu o inconfundível som de desembainhar uma navalha e se debateu tentando soltar-se.

—Mas Brymer, não aconteceria nada se fôssemos...

—Eu acabo de voltar de lá, e ninguém viu nada. —Brymer se colocou diante de Ethan tampando a visão do outro—. A única que o viu foi à senhora Van Rowen jantando com Floresce para ir-se em torno de uma hora. —limpou os dentes com a ponta da navalha—. O chofer jura que no caminho de volta não viu ninguém, e Flora igual.

—Mas às vezes... a senhora Van Rowen há...

—Por outro lado — prosseguiu Brymer ignorando as palavras de Tully—, este homem é um estrangeiro, e, além disso, gosta de álcool. A garçonete diz que é um bruto escocês que gosta de beber muito.

“Bruxa rancorosa... tudo por eu não ter demonstrado interesse...”

—A sorte está lançada, Tully. Você decide se quer seguir as ordens do senhor Van Rowen ou se prefere ir esta mesma noite de suas terras.

“Não, não.” Ethan podia pagar uma fortuna em troca de que não o fizesse.

Tully se deu por vencido.

“Não, maldito, não!”

—Segura a sua cabeça — ordenou Brymer.

Tully fez o que mandavam e imobilizou a cabeça de Ethan entre seus longos braços. O escocês tentou soltar-se, sem deixar de insultá-lo sob a mordaca.

—O que vai... o que vai fazer?

—Primeiro vou acabar o que a senhora Van Rowen começou — explicou Brymer olhando os arranhões da cara de Ethan—. Aposto o que quiser que as mulheres o achem muito atraente, mas depois de esta noite já não pensarão o mesmo. Claro que esse será o menor de seus problemas.

Quando Ethan sentiu o frio aço junto à pele acalorada de sua face direita, fez provisão de todas suas forças e tentou se soltar. Nada.

A navalha se deslizou com suavidade e Ethan gritou de dor.

—Segure-o! —ordenou Brymer.

—Estou segurando! —Tully o apertou com mais força—. Mas este bastardo é enorme!

Brymer o rachou até que o sangue ensopou o pescoço de Ethan. Este enjoou tanto que mal podia manter-se consciente.

—O que está fazendo? —perguntou Tully.

—Se levantar a lamina bem na metade e depois continuar a ferida jamais se fechará bem.

Ethan queria brigar, a desesperada necessidade de fazê-lo estava ali, queimando, mas seu corpo machucado não respondia. Quando Brymer se deu por satisfeito, Tully soltou Ethan, e a cabeça caiu desabada para frente.

Brymer levantou seu cabelo e sorriu ao ver sua obra de arte.

—Vêem ver, Tully.

O outro homem assim o fez. Ethan o viu abrir os olhos como pratos e ter um par de arcadas até que por fim se afastou para vomitar em cima do feno.

Quando Ethan viu no chão o pedaço de pele que o tal Brymer tinha arrancado, diante sua vista apareceram pontos negros. “Vou te destruir. Matarei-te com a mesma velocidade que você fez isto...”, jurou em silêncio antes de fechar os olhos.

Um grito de angústia procedente da mansão despertou. A bruxa começou também a gritar, e depois aconteceram uma série de gritos e gemidos.

Uma batida de porta... Alguém que corria para eles... Segundos mais tarde um lacaio abria a porta do estábulo quase sem fôlego:

—Parem! Deixem ele ir!

Nesse instante, Ethan entendeu tudo. Um último grito da bruxa atravessou a noite, e depois se fez o silêncio.

Enlouquecido, Ethan riu atrás de sua mordaca. De seus olhos caíam lágrimas.

Van Rowen tinha encontrado o bilhete.

Capítulo 1

Londres

Verão de 1856

Ethan já estava acostumado que as pessoas se sobressaltassem ao encontrar-se cara a cara com ele, mas no bairro de East End a reação era muito mais exagerada. Muitos se punham a correr ao vê-lo.

O único que Ethan podia ouvir, enquanto perseguia um bêbado, um que era uma de suas habituais fontes de informação, era o som de suas próprias botas sobre os paralelepípedos.

Lançou-se para frente e agarrou o sujeito pelo ombro empurrando-o para um canto do edifício. O homem desabou. Ethan o obrigou a levantar-se e desencapou sua pistola para pressionar-lhe contra a testa.

—Onde está Davis Grei?

—Não o vi — gritou o outro entre os poucos dentes que ficavam—. Eu juro, MacCarrick!

Ethan engatilhou a arma. O bêbado conhecia sua reputação e sabia perfeitamente que ele era capaz de atirar em meio daquele escuro beco.

— E por que corria?

— Porque me dá medo, merda.

Compreensível.

— Ouvi dizer por aí que Grei está em Portugal totalmente preso ao ópio — prosseguiu o homem —. E que talvez retorne a Inglaterra. Isso é tudo. Juro!

Ethan hesitou um instante, mas acabou soltando-o. Essa informação encaixava com a que ele já tinha, e estava claro que aquele pobre diabo não ia se atrever a mentir.

— Já sabe o que tem que fazer se vir Grei, dever dizer-me. E também sabe o que te acontecerá se não o fizer.

O bêbado agradeceu por sua benevolência e se afastou dali tão rápido como pôde. Ethan tinha passado as últimas horas percorrendo os baixos recursos em busca de informação sobre Davis Grei. Antes compatriota e amigo da família e agora objetivo de Ethan. Apesar de que todos os informantes indicavam que Grei não estava na Inglaterra, Ethan queria assegurar-se disso. Levava toda a noite seguindo qualquer possível pista em Londres. No dia seguinte, iria da cidade à caça de Grei.

Caminhou pelas estreitas ruelas em busca de seu cavalo e uma puta que saiu sorrateiramente das sombras sorriu com discrição afastando o lenço para lhe mostrar seu generoso decote. Ethan não sentiu nada. Ao passar por debaixo de uma luz, a mulher viu a cicatriz de Ethan, e se foi dali com cara de asco, voltando a colocar o lenço sobre o decote. Era por culpa de mulheres como essa pelo que tinha deixado de procurar sexo. Aos vinte e três anos, e com a cara ainda enfaixada, compreendeu que não poderia se deitar com uma mulher que não tivesse que pagar. E depois daquela noite em Buxton, jurou que jamais voltaria a beber. Para um jovem dessa idade, privado da bebida e das mulheres, duas de suas maiores afeições, trabalhar na Rede, uma das organizações clandestinas da coroa, foi a melhor opção. Ethan se alistou junto com seu irmão Hugh, mas o fez para se vingar de uma forma sutil, mas absoluta de seus inimigos. Hugh era um franco-atirador, e escolhia com grande cautela os encargos que aceitava da Rede. Ethan em troca matava, espiava ou extorquia sem nenhum problema. Era muito bom em seu trabalho, e sempre triunfava nos encargos que ninguém mais queria. Seus irmãos diziam que servia para tudo.

De novo junto a seu cavalo, um forte eqüino que era evidente que não era nada simpático, Ethan montou nele e decidiu aproximar-se da mansão que Edward Weyland, seu superior e o de Hugh, estava em Londres. Talvez tivesse notícias recentes. E, por outro lado, tampouco tinha nada melhor que fazer.

Quando chegou, topou-se com Quin Weyland a cavalo, a ponto de partir.

— Seu tio está em casa? — perguntou Ethan.

Quin também trabalhava na Rede, e o estavam treinando para substituir algum dia a seu tio.

— Não, está fora da cidade. Mas faz alguns minutos que Hugh esteve aqui.

— Só Hugh? Court não estava com ele?

Quin sacudiu a cabeça negando. Maldição, supunha-se que Hugh estava com Court para assegurar-se de que seu irmão caçula retornasse a Londres do continente.

— Acreditava que disse que Hugh era capaz de dirigir a situação com Davis Grei — reprovou Quin irritado.

— E o fará.

— Deveria ter visto a cara quando falei da ameaça de Grei.

— E o que esperava? — respondeu Ethan com impaciência —. Grei é um criminoso perigoso que tem um objetivo.

Grei tinha trabalhado na Rede como assassino; de fato, tinha sido o mentor de Hugh.

— Não, quero dizer que deveria ter visto quando disse que Jane estava em perigo.

Jane Weyland era a preciosa filha de Edward Weyland.

Comentava-se que Grei pretendia matar Jane para vingar-se de seu pai. Para protegê-la,

Weyland tinha recorrido a Ethan e a Hugh; a Ethan tinha pedido que acabasse com Grei, e a Hugh que cuidasse de Jane e que não a deixasse nem a sol nem a sombra.

Isso não seria nenhum problema. Fosse onde fosse Jane, ali estaria Hugh.

—Grei me disse que Hugh está apaixonado pela Jane — acrescentou Quin então.

—E quando você falou com Grei? —perguntou Ethan levantando uma sobrancelha.

—Faz anos, antes que ocorresse tudo.

“Antes que ficasse louco.” Grei era famoso por sua atitude jovial, sempre cortês e simpático, inclusive enquanto degolava as suas vítimas.

—Bom, é certo? —perguntou Quin.

—Talvez, de jovem, Hugh se sentisse atraído por Jane — mentiu Ethan. Hugh estava completa e embaraçosamente apaixonado por Jane—. Mas faz anos que não a vê. —E jamais tinha confessado o que sentia.

—Esta noite saiu disparado atrás dela.

—E aonde ia Jane a estas horas? —quis saber Ethan.

—Escapou-se pela janela para ir reunir-se com minhas irmãs e uma amiga de fora da cidade.

—E aonde pensam ir?

—À Rua Haymarket — respondeu Quin—. Agora mesmo ia para lá.

—Botequins e prostíbulos. —O East End era um mau bairro, mas Haymarket era pior—. E o que as atrai tanto como para ir até ali?

—A Colméia — explicou Quin.

—Não posso acreditar — disse Ethan boquiaberto.

A Colméia era um armazém que fazia às vezes de sala ilegal de festas e era conhecida por ser um antro de depravação.

—Como conseguem descobrir estas coisas as mulheres de sua família?

As duas irmãs de Quin e suas seis primas formavam um temível grupo que a alta sociedade tinha batizado como “as oito Weyland”. Eram mulheres avançadas, fascinadas pela modernidade, e que se consideravam a si mesmas aventureiras.

Para Ethan não eram mais que um montão de garotas malcriadas com muito dinheiro e muita liberdade.

Quin sacudiu a cabeça.

—Deus se soubesse.

—Não posso acreditar que vão ali por própria vontade. Suponho que é consciente de que suas irmãs não voltarão intactas como foram.

—Vá para inferno, Kavanagh.

—Não me chame assim — saltou Ethan. Odiava que recordassem quem era e as obrigações que esse título suportava—. Por que não as tem feito voltar aos rastros de casa?

—E ter que lhe contar a Jane por que não pode levar a mesma vida de sempre?

—Ela não sabe que corre perigo?

—Não — confirmou Quin—. Confiamos em que consiga eliminar Grei sem necessidade de ter que contar a Jane. —Dirigiu o cavalo para a teimosa montaria de Ethan—. Me acompanha?

—Sim, tenho que ver meu irmão. —“E me assegurar de que sabe o que leva entre mãos”—. Do que vai ser festa de hoje da Colméia?

—De um baile de cortesãs — respondeu Quin entre dentes. Ethan riu sem vontade e sentiu pena por aquela amiga recém chegada à cidade. Acreditava que não sabia aonde a levavam, e esse seria seu primeiro contato com o mundo do vício e a depravação.

Por desgraça, Ethan já tinha visto antes esse olhar de louco apaixonado nos olhos de seu irmão.

Apesar de ser um assassino — e Hugh era um dos melhores e mais prolíficos assassinos do mundo— sempre que via Jane Weyland sua mente ficava em branco. Não lhe saíam às palavras, e suave como um adolescente diante de seu primeiro encontro.

Fazia apenas alguns minutos, Ethan o tinha pegado nesse estado em um beco, perto da Rua Haymarket. Hugh estava tão embevecido olhando para Jane e a suas acompanhantes que nem sequer se precaveu de que Ethan estava aproximando.

Seu irmão nunca baixava guarda, mas essa noite o poderia atropelar um carro desgovernado e ele nem teria notado sequer.

Ethan, que jamais havia sentido nada parecido por nenhuma mulher, era incapaz de entender o que Hugh sentia por Jane. Tal como estava acostumado a dizer o próprio Ethan a seus irmãos, ele era imune a esse tipo de sentimentos.

Entretanto, por alguma estranha razão, Hugh não se envergonhava que uma mulher o reduzira a tal estado. E era óbvio que ter passado dez anos sem vê-la não tinha diminuído um ápice o que sentia por ela.

Depois de saudarem-se no beco, ambos os irmãos trocaram insultos, como era habitual neles, mas a diferença de outras vezes, esta o fizeram em voz baixa.

Hugh não tinha concordado que Ethan quisesse —e se ofereceu como voluntário— matar Grei, já que para o Hugh, Grei tinha sido uma vez seu amigo. E Ethan por sua parte não gostava nada que Hugh continuasse tão apaixonado por Jane, pois isso era uma fraqueza. E as fraquezas podem custar a uma vida. O ponto fraco de Ethan tinham sido sempre seus irmãos; mas tinha nascido assim e não podia evitá-lo.

—Aposto o que quiser que agora mesmo você gostaria que tivessem permitido me ocupar antes de Grei — disse Ethan a Hugh muito seguro—. Mas não se preocupe irmãozinho, encarregarei-me dele. Weyland fará o que for necessário para proteger a sua filha.

Continuando, Ethan assinalou a Jane com a mandíbula ao vê-las passar junto ao beco. Olhou para Hugh e depois voltou a desviar o olhar para o grupo.

A quarta mulher, uma garota miúda de cabelo loiro, cativou-o por completo.

Era a amiga de fora da cidade...

Usava um vestido azul escuro e uma capa atada ao redor do pescoço como uma gargantilha; a máscara que usava se elevava para cima e ressaltava seus brilhantes olhos. Ao passar sob as tremulas luzes, Ethan pôde ver que seus lábios rosados desenhavam meio sorriso, sem participar, entretanto das gargalhadas de suas amigas. Parecia ter seu próprio mundo interior.

Apesar de que a via jovem e relaxada, Ethan teve a sensação de que aquela garota tinha sofrido muito... o mesmo que ele.

Surpreendeu-se ao notar que seu pulso estava acelerando.

Antes que pudesse reagir, Hugh o apanhou contra a parede imobilizando-o com um braço sob o pescoço.

“Porque tudo aquilo...?”

—Calma — disse Ethan olhando nos olhos—. Não estou olhando a sua Jane.

Hugh o soltou sem acreditar.

—E a quem estava olhando então? —exigiu saber—. A Claudia? A que usa a máscara vermelha? —Ao ver que Ethan não respondia, Hugh insistiu—: A Belinda? A mais alta e de cabelo cor castanho?

Ethan negou devagar com a cabeça sem perder nem um segundo de vista à loira.

Era evidente que Hugh estava verdadeiramente surpreso ao vê-lo reagir assim.

—Não a conheço, mas deve ser uma das amigas de Jane — disse pensativo—. E não parece ter mais de vinte anos. Muito jovem para você.

Ethan tinha trinta e três, e sentia o peso de cada um deles, mas ela era, em efeito, ainda jovem. O que teria acontecido à ela para que o rastro do sofrimento fosse tão evidente em sua atitude?

—Se eu for à metade perverso do que você, Court e o resto do clã acham — replicou Ethan—, isso só seria um estímulo a mais, não é? — Ethan tentou que o comentário soasse indiferente, mas não conseguiu ocultar a amargura que havia em suas palavras. Ele não era tão mau como todo mundo pensava.

Era pior.

Tinha as mãos manchadas de sangue e um coração tão frio que para todo mundo era o irmão malvado; e isso por que os outros dois eram um mercenário e o outro franco-atirador. Ethan era o maldito lorde do clã e, mesmo assim, seus homens o temiam e nunca procuravam seu conselho. Nem sequer antes que ganhasse a cicatriz.

Ao recordar seu aspecto físico, Ethan tentou desviar o olhar da garota. Se ele se aproximasse de uma beleza como aquela, estaria seguro que fugiria horrorizada só de ver. “Volta a se esconder em seu mundo de sombras. Esquece que a viu...”. Mas nesse instante, um homem mascarado passou junto a eles luzindo uma máscara de dominó que pendurava um tecido que cobria o rosto. Ethan sorriu e a cicatriz esticou. “Perfeito.”

Ethan pegou a máscara do homem em um abrir e fechar de olhos. O outro, de menor estatura que ele, abriu a boca para queixar-se, mas ao ver o olhar ameaçador de Ethan saiu correndo.

— Não faça mal a essa garota, Ethan — aconselhou Hugh.

— Teme que te faça ficar mal diante de Jane? — perguntou Ethan colocando a máscara —. Odeio ter que lhe recordar isso irmãozinho, mas nunca teve a menor oportunidade com ela. Chateamo-la ao nascer. E tem um livro que lhe demonstra isso.

— Seu futuro é tão desalentador como o meu — disse Hugh —, mas mesmo assim vai atrás dessa mulher.

— Sim, mas eu não corro o perigo de me apaixonar. — Ethan se dirigiu para o baile embora antes acrescentou —: E que me divirta com ela não porá sua vida em perigo.

Hugh suspirou frustrado e seguiu seu irmão para a entrada do armazém, onde um homem com máscara de porco deu as boas-vindas. Dentro estava cheio de bêbados; como mínimo, haveria mil pessoas ali apertadas.

OH, sim, aquela garota ia aprender um montão de coisas. Das paredes penduravam multidão de tapeçarias e murais com imagens obscenas, enquanto por todos os cantos se via prostitutas meio nuas satisfazendo seus clientes.

Ethan não conseguiu encontrar o grupo de amigas entre a multidão, assim que ele e Hugh subiram ao segundo piso para ter melhor visão. Em seguida viram as garotas diante de uma “*tableau vivant*” que consistia em duas mulheres e um homem nus, cobertos de barro, e posando como se fossem estátuas gregas.

Diante desse ambiente de depravação, a Ethan sua desconhecida pareceu que estava... aborrecida.

Quando Jane olhou fascinada, os atributos do homem nu, Hugh apertou os punhos com força. A loira também o olhou, mas Ethan não sentiu desejos de golpear a ninguém. Ele já sabia que era imune.

O grupo de amigas se aproximou da mesa onde uma cortesã meio nua servia ponche, entretanto, a loira retornou ao grupo de “estátuas” e, com um sensual sorriso, enviou um beijo ao modelo. Ethan franziu o cenho. “Isso eu não gostei nada. Maldição. Por que não gostei?”

— Acreditava que as loiras não eram seu tipo — comentou Hugh, que estava começando a se alarmar ao ver a atitude de seu irmão.

Sem deixar de olhar à garota, Ethan respondeu:

— E não o são.

— E acreditava que tampouco você gostava das magras e nem das baixinhas.

— Minhas preferidas são altas e com seios — respondeu Ethan ausente.

Observou como a garota pedia um copo de ponche e, depois de cheirá-lo, o bebia com gosto.

— Então, o que te acontece?

— Não sei — disse Ethan, coisa que não era totalmente mentira. Sabia por que se sentia atraído por aquela garota; apesar da máscara, era óbvio que era uma beleza. Mas o que não sabia era por que gostava tanto.

Ele já havia deitado com mulheres de igual beleza. Por que sentia, essa inexplicável

necessidade de estar com ela, de ir a seu lado? Ethan sabia que voltariam a se encontrar, era amiga dos Weyland. De onde vinha essas ânsias de ir a seu encontro nesse preciso instante?

— Vais falar com ela? — perguntou Hugh como se lendo o pensamento.

— Pode estar seguro.

— Acreditava que tínhamos que evitar que Jane nos visse. Se te aproximar o reconhecerá.

— Com esta máscara não — respondeu Ethan antes de perguntar por sua vez —: por que se importa tanto que essa garota me interesse?

— Me importo porque você nunca perseguiu nenhuma mulher em toda sua vida.

Antes daquela noite em Buxton, Ethan jamais tinha tido que fazê-lo; e depois já não se incomodou em tentá-lo.

— Nem sequer mostrou interesse por sua noiva — acrescentou Hugh.

Não, tinham levado a Ethan sua noiva em bandeja de prata, e Sarah o tinha pago com sua vida. Ele não tinha nem idéia de que seu selvagem afã de vingança depois do que Van Rowen lhe tinha feito acabaria destruindo a vida de outra pessoa...

Em um intento por esquecer essas lembranças, Ethan se dirigiu para a escada em busca da loira, mas Hugh o segurou para detê-lo.

— Que diabos te acontece? — perguntou Hugh. Este era o único que atrevia a falar com Ethan desse modo.

— Não volte a fazer isso, irmãozinho, ou juro que se arrependerá — advertiu a Hugh—. Não te ocorreu pensar que talvez a única coisa que eu queira seja me deitar com ela?

Deus, queria deitar-se com ela, necessitava-o. “Por fim!”, exclamou uma voz em seu cérebro.

— Só se deitar com ela? — Hugh o olhou incômodo—. Não, não acredito que seja isso.

Ethan entreceitou os olhos. Então Hugh acreditava saber a verdade sobre o que estava passando? A essas alturas, Ethan deveria estar resignado que toda a Rede soubesse de seu celibato. Ao fim, seus membros eram mais fofos que as velhas de povoado.

Tinham passado dez anos desde que tinham feito aquela horrível cicatriz no seu rosto. E, tal como tinha suposto, após, as únicas mulheres que se deitaram com ele o tinham feito em troca de dinheiro. Isso tinha durado sete anos, mas um homem tem um limite, e Ethan se cansou de que o olhassem com asco, em especial depois de que lhes pagasse.

Essa sucessão de encontros insatisfatórios tinha acabado de lhe cobrar, e ao parecer seu corpo tinha deixado de sentir desejo. Já não desejava nada. Se alguma vez se sentia atraído por uma mulher, era um sentimento morno, uma mera sombra do que tinha sido no passado. Aquela horrível noite tinha deixado sua virilidade intacta, mas ao final tinha sido como se não a tivesse. Levava anos sem deitar-se com uma mulher.

E o que era mais inquietante, não tinha sentido falta.

Até aquele momento...

— É uma dama — insistiu Hugh—. Não conseguirá nada dela.

— E então o que faz aqui? — perguntou Ethan cético assinalando com a mão o interior do armazém.

— O mesmo que Jane. Só têm afã de aventuras. É muito comum entre as ricas damas londrinas.

— Neste local, inclusive uma dama é uma peça a mais do jogo.

— Talvez seja virgem, isso não pode sabê-lo — acrescentou Hugh sério—. Ethan... nem sequer você pode ser tão mau.

Seu irmão arqueou as sobrancelhas, mas não disse nada.

— Maldição! Não te ocorre nenhum bom motivo pelo que não deveria se aproximar dela — continuou Hugh—, faça ao menos porque tem que se concentrar em apanhar Grei. — passou as mãos pelo cabelo—. Se não puder contar com que você o elimine enquanto eu cuido de Jane...

— Esqueceu com quem está falando? — Ethan tinha esgotado a paciência, e arrancou a máscara para que seu irmão visse com toda claridade seu olhar ameaçador—. Faz anos que quero me encarregar de Grei. Tive-o no ponto da mira de meu rifle milhares de vezes, e não o apertei nunca

porque você insistia em que ainda podia se reabilitar.

Ethan tinha seguido a Grei em multidão de ocasiões, e sempre estava a par do que fazia. De fato, Ethan foi o único de toda a maldita Rede que descobriu que Grei tinha começado a matar por sua conta.

—E agora que ameaçou a Jane e por fim o vê claro, de verdade acha que vou deixar escapar a oportunidade de acabar com ele? Levo anos esperando-o. —Ao ver que Hugh seguia duvidando, Ethan acrescentou como sem dar importância—: vou relaxar-me um pouco e depois me porei a trabalhar.

Entretanto, quando deu meia volta, a garota tinha desaparecido; já não estava com suas amigas. Ethan experimentou um súbito pânico. Aquele lugar era muito perigoso, e ela estava sozinha.

Poderia ter um encontro com alguém. Poderia inclusive estar casada e tendo uma aventura. Colocando de novo a máscara, Ethan desceu a escada a grandes passos. Ignorou a chamada de Hugh e entrou na multidão.

Ethan estava decidido a encontrá-la, e nem ele mesmo conseguia entender o porquê. Ele gostava das morenas voluptuosas, as mulheres amadurecidas que sabiam dar tanto prazer como recebiam. E Hugh tinha razão em uma coisa, ele jamais tinha batido em nenhuma mulher.

Mas se aquela delicada e pequena garota loira tinha obtido que seu corpo voltasse a reagir, nem louco ia permitir que seu único objeto de desejo lhe escorresse entre os dedos.

Ethan prometeu a si mesmo que essa mesma noite a possuiria.

Capítulo 2

Sim, Madeleine Van Rowen ia perder a virgindade fosse do frio leito de um matrimônio de conveniência, ou seria com o gigante da máscara de dominó que levava um momento espiando. Ele estava tentando abrir espaço através da multidão que, igual a ela, tinha ido essa noite à Colméia.

Desde sua atalaia no alto do asoalho, decorada com cisnes e luxuriosos sátiros, Maddy bebeu um segundo copo de ponche e ficou quieta, observando-o. Começava a vê-lo todo um pouco impreciso, seguro que no ponche tinham colocado uma boa quantidade de rum, “o licor da moda”, mas tanto fez. Depois do dia que tinha tido, não seria mal em embebedar um pouquinho.

Essa tarde tinha tido a confirmação de que o homem pelo qual tinha viajado de Paris a Londres, não ia casar-se com ela.

—Não sou dos que se casam — havia dito ele como desculpa—. Sinto muito.

E como queria afogar suas penas em solitário, Maddy tinha se afastado um pouco de suas amigas, as garotas Weyland: Claudia, sua querida amiga da infância, sua irmã Belinda e sua prima Jane. As três primas sempre estavam ansiosas por viver novas aventuras, e supunha que ir à Colméia o seria.

Jane Weyland, a líder de fato do grupo, já tinha advertido a Maddy que não se afastasse. Ao fim, as moças de boa família tinham que cuidar umas das outras se saíam por Londres de noite. A frase ainda o fazia pôr os olhos em branco inclusive agora.

“Por favor”, queria exclamar Maddy displicente. Era certo que o baile estava até os batentes de prostitutas com seus lascivos clientes, de ladrões e de estelionatários, mas nada comparável ao que ela vivia diariamente. A sua vida secreta.

Maddy tinha contado a todo mundo que vivia no respeitado bairro parisiense de St. Roch com sua mãe e seu padrasto, mas em realidade vivia sozinha no imundo bairro de Marais, quer dizer, a resto, onde cada noite dormia com tiroteios e brigas como música de fundo.

Ela era uma trombadinha, uma ladra capaz de roubar um diamante com a mesma facilidade que uma maçã, e que tampouco o fazia ascas a roubar casas. De fato, se as garotas Weyland não fossem suas amigas, fariam muito bem em não baixar guarda com ela.

Depois de ter colocado bem a capa e ajustar a máscara, Maddy se sentou em um banco que

havia no estrado para continuar desfrutando a vista. A cabeça do gigante sobressaía por cima das demais da sala de baile; devia medir mais de dois metros, e suas largas costas com o casaco que usava se ajustava à perfeição a seus musculosos ombros.

Da máscara de dominó pendurava um tecido negro, e o único que Maddy podia ver de seu rosto era sua testa, seus lábios e sua poderosa mandíbula. Tinha um espesso cabelo negro e ela apostaria o que fosse que seus olhos eram escuros e penetrantes.

Era óbvio que estava procurando alguém, pois não parava de girar a cabeça de um lado a outro enquanto percorria a pista com rapidez, afastando a qualquer um que ousasse em se interpor em seu caminho.

Quando uma atrevida o interrompeu o seu passo para chamar sua atenção, ele franziu a testa surpreso ou irritado, Maddy não soube distinguir por qual dos dois motivos.

Sim, daria o que fosse para que sua primeira vez fosse com um homem como aquele. Ao fim, Maddy sempre tinha admirado a beleza masculina. Sua amiga Claudia zombava dela por isso. Pensando, riu por dentro enquanto bebia. Fazer ruborizar os homens atraentes para ver como reagiam era uma das coisas que mais a divertiam.

Mas se o dia que teve era indicativo de sua sorte, seu marido e primeiro amante ia ser o conde Daex, um crápula obscenamente rico que lhe triplicava a idade. O homem era tão antiquado que ainda usava peruca, por todos os santos! Maddy tentou ver o lado positivo: o homem queria casar-se com ela; e tentou também passar por cima do fato de que ele tivesse sobrevivido a suas três anteriores esposas.

Em um último intento desesperado de não ter que casar-se com esse homem, Maddy tinha viajado até Londres para visitar sua amiga da infância, Claudia, e tentar conquistar seu irmão, Quinton Weyland. Por desgraça, Quin, com seu cabelo frisado, sedutores olhos verdes, e saneadas finanças, era contra o casamento, de modo que era hora de repassar suas três opções possíveis.

A primeira, continuar vivendo sozinha em Marais, tal como levava anos fazendo; a segunda, contar toda a verdade aos Weyland, falar de sua horrível e lamentável situação e suplicar que fossem caridosos com ela; e a terceira, casar-se com Daex.

A mera idéia de confessar a Quin e a Claudia todas as mentiras que lhes tinha contado sobre sua vida a enchia de vergonha. Podia imaginar Quin zombando dela com seu olhar depreciativo. Maddy sacudiu a cabeça decidindo que jamais o diria.

Mas se continuava em Marais, teria que saldar a todas suas dívidas e a outro frio e incerto inverno. Outro mais sem suficiente comida, e Maddy odiava passar fome.

Assim escolheu Daex. Que depressão...

Para distrair-se um pouco, Maddy voltou a observar o gigante e viu que já tinha percorrido todo o perímetro do edifício. Ia à busca de sua presa de um modo metódico e sistemático; seus movimentos a tinham fascinada. Por fim, o homem parou e, depois de passar as mãos pelo cabelo, deu meia volta. Maddy sentiu pena que não conseguisse encontrar com sua amada, que ao parecer procurava com tanta urgência, e levantou sua taça para ele para desejar sorte.

Nesse momento, o homem elevou a cabeça para onde ela estava sentada e fixou seus olhos nos seus. De repente, retomou ansioso a marcha para o estrado coberto de cisnes e sátiros.

Desconcertada, Maddy franziu a testa e baixou a taça, ela era a única que estava sentada ali. Ele teria confundido com outra pessoa. Bom, talvez Maddy pudesse aproveitar-se disso e saborear algum de seus beijos. Seria delicioso poder acariciar aqueles musculosos ombros enquanto seus lábios se roçavam.

Ele foi aproximando-se, cativando-a mais a cada passo que dava. O resto do mundo desapareceu; os bêbados se esfumaram, a risada falsa das cortesãs emudeceu.

O gigante acelerou o passo e quando parou em frente à Maddy, esta ficou sem fôlego. Seu olhos fixou em sua entre perna e era impossível ocultar o fato de que estava... muito excitado. Ela levantou devagar a cabeça.

Sem deixar de olhá-la, o homem ofereceu uma mão. Tinha na verdade os olhos escuros, e

Maddy jamais tinham visto olhos tão penetrantes. Tomou fôlego.

O coup de foudre.

Uma flechada. Não, não. “Eu não quero nenhuma flechada!” Maddy sempre tão prática, nunca sonhadora. Não tinha nem idéia de como tinha ocorrido semelhante coisa; ao fim, uma flechada tinha sempre um segundo e muito mais profundo significado.

A urgência por aceitar sua mão era assustadora. Pegou a taça com força com uma das mãos e obrigou à outra a segurar a sua saia.

— Sinto muito, senhor. Não sou quem você acha, eu não sou uma dessas mulheres.

— Eu sei. — Pegou-a pelo cotovelo, com suavidade, mas com firmeza — Se fosse não estaria te procurando. — Tinha um marcado sotaque escocês e uma voz tão profunda e sensual que lhe produziu calafrios.

— Mas não o conheço — disse Maddy sem fôlego.

— Logo me conhecerá, tesouro — respondeu ele.

Ela franziu a testa, mas antes que pudesse dizer nada mais, pegou a taça e a deixou em um lado. Depois a pegou pela mão e a ajudou a descer do soaço.

Maddy tinha dois defeitos que competiam entre si para ver qual dos dois conseguiria arruinar antes a vida: uma curiosidade incontrolável e um orgulho sem limites. Ela imaginava como dois cavalos de corridas aos que às vezes apostava. Nesse mesmo instante, a curiosidade ia ganhando e exigia que seguisse o escocês, apesar dele estar se dirigindo aos quartos que havia na parte de trás do armazém. Maddy levantou uma sobrancelha. Ali era onde as prostitutas agradavam seus clientes.

Ele abriu a primeira porta que encontrou. Dentro, às escuras, uma mulher de joelhos tinha o pênis de um jovem na boca enquanto ele acariciava seus seios.

— Fora — ordenou o escocês em tom ameaçador —. Agora.

A mulher entendeu a ameaça antes que seu cliente, e empurrou o homem, que estava bêbado, para poder se levantar e cobrir-se com o espartilho.

Enquanto aqueles dois saíam do quarto, Ethan olhou para Maddy para ver como reagia diante a cena. Ela se limitou a encolher os ombros. Uma de seus melhores amigas e vizinha de sua escada era uma “garota muito popular”, um eufemismo para prostituta. Onde ela vivia, aqueles tipos de cenas aconteciam diariamente. Em cada esquina se oferecia um vício diferente.

Aos vinte e um anos, Maddy tinha visto quase tudo.

Logo que ficaram a sós, ele fechou a porta e pegou uma cadeira para bloquear a maçaneta. Por que não estava assustada? Onde estava seu famoso instinto de sobrevivência? O quarto estava ocupado por uma enorme cama, com o mínimo de dois metros, com dossel e cortinas de seda cor escarlate. Dali ninguém a ouviria gritar, e se alguém o fizesse, ignoraria-a acreditando que era uma prostituta com muito talento para ser atriz.

Mas por alguma razão, Maddy sabia que aquele homem não ia machuca-la, e ela tinha como instinto em saber como eram as pessoas, em especial os homens; um instinto que em Marais tinha sido muito valioso.

Em qualquer caso, se as coisas se complicassem, não seria a primeira vez que seu joelho entrava em contato com a entre perna de um homem, nem seu punho com o pomo de Adão. Acreditava que ficaria atônito ao ver o quanto sujo era capaz de brigar uma pequena mulher como ela.

Quando ele retornou depois de trancar a porta, parou diante dela, não o bastante longe como se consideraria educado. Maddy teve que levantar a cabeça para olhar.

— Já disse antes, senhor, que não sou uma dessas mulheres. Eu não tenho por que estar aqui, e você não deveria ter... Agido como agiu.

— E eu já te disse, tesouro, que se fosse uma cortesã eu não teria ido a sua busca. Sei que é uma dama. O que não sei é o que faz em um lugar como este.

“Tentando esquecer que logo retornarei ao inferno...”

Maddy sacudiu a cabeça e respondeu:

—Estou aqui com umas amigas. Queríamos viver uma aventura. —Ao menos essa era a intenção das demais. Ela, por sua parte, tinha intenção de esvaziar os bolsos de tudo o que pudesse.

—E com “aventura” quer dizer “romance”? —Parecia irritado—. É uma jovem e aborrecida esposa em busca de um companheiro de cama?

—Absolutamente. Só viemos nos escandalizar um pouco para assim ter algo que escrever em nossos jornais.

—É por isso que me permitiu te arrastar até aqui? Porque acreditava que seria uma boa história para seu jornal?

—Permiti-o porquê sabia que seria inútil resistir — respondeu ela—. Já vi antes esse olhar. Poderia ter te detido?

—Não, nada no mundo — reconheceu ele olhando-a nos olhos.

—Exato. Assim para evitar que me agarrasse e me carregasse sobre seu ombro como um saco de batatas, pensei que seria melhor te seguir tranquilamente até aqui e poder te dizer com calma que não estou interessada.

Ele aproximou ainda mais a ela, obrigando-a a recuar até se chocar com a mesinha que havia diante da parede estofada em seda.

—Minha intenção não era só ficar a sós com você, tesouro. Queria outra coisa... E continuo querendo.

Capítulo 3

Maddy estava surpreendentemente tranqüila, seus olhos azuis não pareciam assustados atrás de sua máscara, como se um escocês de dois metros não estivesse trancado com ela em um quarto, disposto a ter relações sexuais, fosse o mais normal do mundo.

Agora que a tinha perto, Ethan pôde ver que não devia ter mais de vinte anos, que tinha caráter e que era muito mais bonita do que tinha acreditado ao vê-la na rua.

—E o que é que você quer? —perguntou ela.

Diante do escrutínio de Ethan, Maddy tinha acelerado a sua respiração, em especial quando a vista dele se deteve em seus seios.

Ela era muito magra, para o gosto de Ethan, mas tinha um decote generoso que mostrava provocador naquele apertado vestido. Ethan queria arrancar a máscara e deslizar as faces por aquela pele.

—Quero... —“ter a uma mulher debaixo de mim pela primeira vez em três anos” — te beijar.

—Pois será melhor que peça que te “beije”... —ênfaticou a palavra para deixar claro que não acreditava que só quisesse isso — a uma das prostitutas daí de fora.

—Não quero que nenhuma delas me beije. —Minutos antes, quando seu olhar se encontrou com a da jovem através da multidão e ela havia entreaberto os lábios, Ethan, sem compreender o que estava acontecendo, excitou-se como nunca. Agora que estava o bastante perto para cheirar o aroma de seu loiro cabelo ondulado, para lhe acariciar o pescoço, sentiu que seu membro tremia apertado em suas calças. Saboreou o renascer dessa esquecida sensação e teve vontade de gemer ante tão inesperado prazer—. Te vi na rua e te segui até aqui.

—Por quê? —perguntou ela sem disfarces, e Ethan se alegrou de que não fosse uma coquete impertinente.

—Te vi debaixo de uma luz. Eu gostei de seu sorriso.

—E justamente usava uma máscara no bolso? —zombou ela percorrendo a máscara com a ponta dos dedos.

Ethan pegou o seu pulso e o afastou antes de soltar-lhe.

—Quando te vi entrar, tirei a máscara de um sujeito que passava por ali.

O tecido da máscara cobria a parte superior do lábio, e quando viu que as cortesãs da Colméia tentavam chamar sua atenção, Ethan compreendeu que, com ela posta, ninguém podia ver a cicatriz. Em mais de uma ocasião, estava tentado em tirar-lhe para afugentá-las.

—Sério? —Maddy esboçou um enigmático sorriso e Ethan sentiu a imperiosa necessidade de poder ver todo o rosto— Então quer dizer que todo este momento estive me procurando? —Tinha um sotaque pouco comum; inglês de classe alta misturado com o francês mais popular.

—Sim, a você — confirmou ele—. Estava me olhando ali de cima?

—Não podia deixar de fazê-lo — respondeu Maddy optando de novo pela sinceridade e deixando-o outra vez perplexo.

Pensar que ela também se interessou por ele, gostava mais do que podia compreender.

—Não é londrina, não é? —Quando ela negou com a cabeça, acrescentou—: O que está fazendo aqui?

—Quer que te diga a verdade ou uma mentira que não desafine com este baile de máscaras?

—A verdade.

—Vim à Inglaterra para pescar um marido rico.

—Isso é bastante habitual — respondeu ele—. Ao menos tem a coragem de admiti-lo.

—Em casa tenho um pretendente me esperando — prosseguiu ela antes de franzir a testa—. Mas confiava em não ter que recorrer a ele.

—E como vai à pesca?

—Não tão bem como gostaria — respondeu Maddy—. Já desprezei um par de candidatos.

—Descartado? Por quê?

—Porque quando pedi que demonstrassem seu valor pularam para atrás.

—Sério? —perguntou Ethan, e ao vê-la assentir com solenidade sentiu a esquecida necessidade de sorrir—. E como pode um homem te demonstrar seu valor?

—Me dando algo por ele muito valioso, como por exemplo, um anel muito caro, ou um par de potros selvagens, ou algo do tipo.

—Vejo que o tem tudo muito bem pensado.

—Não tenho mais remédio — replicou ela em uma voz tão baixa que ele apenas a ouviu. E depois acrescentou—: Quase consigo apanhar um. Um homem bom de verdade. —Franziu suas loiras sobrelhas ao pensar no homem em questão—: Talvez ainda exista uma pequena possibilidade de acabar o convencendo.

Pela primeira vez em seus trinta e três anos, Ethan sentiu a horrível ardência do ciúme.

“Que diabos me passa?”

—E por que não está com ele esta noite? —perguntou com voz gélida.

—OH, bom — respondeu Maddy piscando—, esta noite ele saiu. Eu sou uma convidada de sua irmã, assim vim aqui com ela.

Na família Weyland só havia um homem de sua idade: Quin. Ethan apertou os dentes. Quin sempre tinha tido muito êxito com as mulheres.

—*Ça Ne fait rien* — suspirou ela—. Não aconteceu nada. —Cada vez soava mais deprimida.

—Não, claro que não aconteceu nada. —E uma merda que ia se casar com o Quin. Se ela se casava com este, Ethan a veria constantemente e, a julgar pelo excitado que estava, acabaria pondo os chifres em um de seus melhores amigos—. Esqueça. Ele não está aqui e eu sim.

Maddy inclinou a cabeça e o olhou.

—Tire a máscara.

—Supõe-se que estamos em um baile de máscaras, não? —Se a tirava, deixaria de olhá-lo com curiosidade e começaria a fazê-lo com repugnância—. Podemos desfrutar o mesmo com máscara que sem ela.

—E o que te faz pensar que vá “desfrutar” comigo? — Uma nota de flerte soou em sua voz, tão sutil que Ethan quase passou por cima. Não estava paquerando, parecia mais bem intrigada e divertida.

Aquela garota estava jogando, fazendo-o bem, mas não tinha nem idéia de com quem estava brincando.

— Não sei, uma sensação. — Deslizou as pontas dos dedos por debaixo da máscara de seda de Madeleine e ela o permitiu—. Acredito que esta noite quer estar com um homem.

Para ouvir isso, ela afastou o olhar.

— Talvez tenha razão, Escocês — disse ela antes de voltar a olhá-lo e acrescentar com voz sensual—: Mas... é você esse homem?

Ethan teve vontade de sorrir. Deus, adorava essa sedução. Esse puxa e solta. Gostava que ela flertasse com ele até sabendo que a jovem não tinha intenção de ir mais à frente. Por que não tinha ido a esses bailes de máscaras ao menos uma maldita vez por semana?

— Sou esse homem. — Agarrou-a pela cintura e a sentou em cima da mesa que havia junto à parede.

— Me solte, Escocês! — gritou ela, mas Ethan diria que gostava, que agora sentia algo mais que curiosidade—. Por que faz isto?

— Quero que estejamos cara a cara na primeira vez que te beije.

Por fim tinha conseguido surpreendê-la.

— Sempre é tão arrogante?

— Sim, sempre. — colocou-se entre as pernas dela.

— Tem que me soltar — disse Maddy sem convencimento enquanto lhe percorria o braço com um dedo, indecisa, como se soubesse que não devia fazê-lo, mas não pudesse evitar—. Não posso perder o tempo com atraentes sedutores cheios de falsas promessas.

Os lábios de Ethan esboçaram um sorriso, e ao lembrar-se de como tirava a pele percebeu de que já não sorria... e de que já não era atraente.

— Como sabe que aspecto tenho? Esta máscara me cobre quase todo o rosto.

— Tem um corpo perfeito, e um sorriso muito sedutor. Além de olhos preciosos — sussurrou ela fazendo-o tremer de excitação—. Antes disse que percebia certas coisas, pois bem, eu sempre soube detectar um homem atraente. É uma espécie de passatempo. Por isso estava te observando antes.

— Sério? — Quando ela assentiu, Ethan disse—: Diga-me como se chama.

— Supõe-se que estamos em um baile de máscaras, não? — respondeu Maddy repetindo as mesmas palavras que ele. Descansou uma enluvada mão em seu peito e a deixou ali, como se hesitasse entre empurrá-lo ou agarrar a camisa para aproximá-lo dela.

Ethan pegou essa mão e, depois de levantar a luva para deixar o seu pulso descoberto, beijou sua sedosa pele.

Madeleine estremeceu e puxou a mão até obter que ele a soltasse.

— Oh, Escocês. É o sedutor com mais talento que jamais conheci.

— Talento? — Ethan levava uma década sem tentar de seduzir ninguém. E antes disso, jamais tinha tido a necessidade de fazê-lo.

Esse beijo tinha sido surto de um impulso incontrollável.

“E a que vinha sentir esse tipo de impulsos?”

— Sim, talento. O beijo que me deu no pulso foi perfeito. A carícia de seus lábios me demonstrou que é um amante carinhoso e sensual. E o modo em que me sugurou a mão indica que é de uma vez forte e decidido.

Carinhoso? Ethan tentou recordar se alguma vez tinha sido carinhoso. Sendo sincero consigo mesmo, tinha que reconhecer que não era precisamente “carinho” o que sentia naquele preciso instante. Queria pegar seus quadris às dela, acariciá-la com a ereção que tremia em sua entre perna, e lhe dar a entender sem disfarces o muito que afetava estar ao seu lado.

— Conheci muitos homens como você — prosseguiu Maddy—. E tem que saber que sou invulnerável.

— Tomarei isso como uma provocação, *aingeal*. Esta noite te possuirei, e quando me rodear a

cintura com suas pernas, recordarei estas palavras.

—OH, Escocês, isso não acontecerá. — Sacudiu a cabeça e vários cachos escaparam do recolhido coque para cair sobre seus ombros.

—Está claro que não é virgem. — O que ainda confundia mais Ethan, pois, ao fim, aquela garota pertencia à alta sociedade. Acreditava que era uma dessas malcriadas aventureiras, igual a Jane Weyland e sua equipe—. Por que não passa a noite comigo?

—Por que acha que não sou virgem?

—Antes, quando entramos aqui e vimos essa cena erótica, parecia a ponto de bocejar. Não conheço muitas virgens que não se alterem ao ver uma prostituta de joelhos diante de um homem.

—Bom, seja ou não seja virgem não tem a menor importância. O único que importa é que vim a procura de um marido, não um amante. E que não tenho tempo para ter uma aventura.

—Busca-o. Se tiver vindo a Londres para pescar marido, talvez não devesse desdenhar com tanta rapidez um solteiro como eu.

Ethan sim que não tinha tempo para aventuras. No dia seguinte mesmo partiria em busca de Grei, e pela primeira vez, a vontade de matar não eram tão forte como o desejo de estar com uma mulher.

Ela riu, e sua sedutora risada só conseguiu que Ethan tivesse mais desejos de beijá-la.

—Você é tão inalcançável que não vou colocá-lo em conta nem sequer como candidato.

—E isso como sabe? —disse ele tenso—. Acabamos de nos conhecer.

Agora Madeleine já não ria.

—Sei, mas estou segura de que não hesitaria nem um segundo em se deitar comigo, depois desaparecerá sem nem sequer olhar para trás. E não o condeno, simplesmente sei que seria assim.

—Seus inocentes olhos azuis eram agora inescrutáveis—. Acredito que você e eu temos muitas coisas em comum.

Capítulo 4

—Em comum? Assim você também morre de vontade de que nos deitemos?

Maddy não pôde evitar sorrir.

—Vê? Basta uma frase para derrubar minhas defesas. —Havia algo na dureza que encerrava seu olhar que a atraía sem remédio. A quem queria enganar? Tudo nele a atraía, desde seu marcado sotaque, passando por seu musculoso corpo e acabando com essa estranha fixação que ao parecer tinha com ela.

—Quero fazer algo mais que derrubar suas defesas.

O sorriso de Maddy se apagou. O Escocês não se dava por vencido e ela começava a lamentar em ter seguido o jogo. Estava tonteando, como qualquer garota de vinte e um anos, mas ela não podia permitir-se tal luxo. A sempre prática Maddy voltou a levantar suas muralhas.

—Acredito que minhas amigas estarão preocupadas. Tenho que procurá-las.

Ethan franziu a testa.

—De verdade vai... ir ? —Parecia surpreso, como se não soubesse como reagir.

—Não está acostumado que o rejeite, não é?

—Não estou acostumado a fazer o que estive fazendo.

—Alguma vez corteja alguma mulher? —perguntou ela incrédula.

—Nunca.

—E eu fui a afortunada a que escolheu para começar a fazê-lo?

Em circunstâncias normais, Maddy não acreditaria em tal comentário, e o interpretaria como um intento a mais para se meter sob suas saias. Mas houve algo no modo em que o Escocês

pronunciou essas palavras, como se fossem importantes, como se fossem certas e ele mesmo não estivesse muito contente de que fosse assim.

Como se de algum modo culpasse ela.

— Sim — suspirou —. É a primeira.

— É uma pena que seu primeiro intento tenha falhado.

— E você me chama de arrogante? — Entrecerrou seus escuros olhos —. O que te faz acreditar que vai recusar-me?

— Porque é você quem me pediu isso e eu...

— E eu sei que não me enganei com você. — Ethan apoiou as mãos contra a parede, uma a cada lado do rosto dela, e depois se abaixou como se fosse beijá-la —. Esta noite, você e eu iremos sair daqui juntos.

Apesar de que Maddy morria de vontade de descobrir o sabor de seus lábios, empurrou-o para trás esforçando-se por ignorar o quanto fortes eram seus músculos.

— Nem em sonho, Escocês. Nem louca vou sair daqui com você... — Ao ver que ele voltava a aproximar-se, ficou sem fala. “vai beijar-me!”. Maddy a sua respiração acelerar, e quando sentiu o limpo cheiro dele envolvendo-a, junto com o calor que emanava de seu corpo, fechou os olhos de prazer.

Lambeu o lábio inferior e, ao vê-lo, Ethan sorriu e se aproximou ainda mais. Maddy não pôde evitar suspirar. Apitos rasgaram o ar.

Maddy ficou gelada.

— São apitos da polícia? — sussurrou a poucos centímetros dos lábios de Ethan.

— Sim — confirmou ele —. Acredito que agora já não te parece tão mal que vamos sair juntos.

Quando a multidão ali reunida começou a fugir, o edifício inteiro sacudiu. A mesa em que Maddy estava sentada começou a vibrar e o feitiço se desvaneceu. “Tem que pensar em você, Maddy!”

— Tenho que ir! — disse, e escapou por debaixo de um dos braços de Ethan saltando logo depois da mesa para correr para a porta. Afastou a cadeira que a bloqueava, mas quando estava a ponto de sair, ele a pegou pela saia e a fez dar a volta —. Me solte! — exigiu a gritos.

— Acaso não ouve o que está acontecendo aí fora? Não tem nenhuma possibilidade de escapar da polícia, e o mais provável será que termine esmagada em algum canto.

— Mas minhas amigas estão aí! — disse Maddy olhando-o.

— Estarão bem. Dois dos meus amigos estão também aqui esta noite e já notaram elas antes que eu me aproximasse de você. Acredito que as acompanharão até em casa.

— Mas...

— Meus dois amigos são muito mais capazes que eu, e um milhão de vezes mais honoráveis. — Olhou-a aos olhos —. Preocupa-se por você, tesouro.

Maddy mordeu o lábio inferior e disse:

— Ao chegar, notei que havia uma porta traseira.

Maddy era cautelosa por natureza e, além disso, graças à força do costume, ao entrar em qualquer lugar sempre procurava uma via de escape. Quando ela e suas amigas chegaram à festa, percebeu que um casal se estava colocando os casacos em um canto para logo ir-se por ali.

— Pode me ajudar a sair daqui?

— Acredito recordar que me disse que nem louca iria comigo. — Ethan se recostou contra a parede e, sem soltar a saia, levantou um joelho —. Acredito que suas palavras exatas foram “Nem o sonho, Escocês” — acrescentou sorrindo, mas o sorriso foi imediatamente reprimido.

Maddy tinha visto esse gesto em pessoas que faltavam dentes, entretanto ele tinha um sorriso perfeito e luminoso. Tudo nele era perfeito. Exceto sua arrogância.

— Se não vai me ajudar, então me solte.

— Tirarei-te daqui... em troca do beijo que estive a ponto de te arrebatá-lo.

Maddy morria de vontade de beijá-lo, embora, para variar, seu instinto de sobrevivência estava

em conflito com seus desejos, entretanto, não tinham tempo a perder. Suspirou resignada e respondeu:

— De acordo. Mas antes me leve a um lugar seguro.

Ele não parecia preocupado pelo que estava acontecendo fora daquele quarto.

— Ou me dá um beijo agora ou muitos mais tarde. Vamos, o que tem de mau um beijo?

— E o que tem de bom? — respondeu ela, mas ele seguiu imóvel —. OH, está certo.

Maddy ficou nas pontas dos pés, entrelaçou os dedos atrás da nuca do Escocês e puxou ele para baixo depositando um casto beijo na comissura de seus lábios.

Ele voltou a erguer-se.

— Ah, *aingeal* — disse —, foi um beijo muito doce, disso não há dúvida, mas não era isso exatamente o que tinha em mente. — Deslizou sua áspera mão para a nuca de Maddy —. Quero um beijo profundo, úmido. Quero que me beije até ficar sem fôlego.

— Até ficar sem fôlego? — murmurou ela —. Sério? — Deus, soava interessante.

Ethan levou sua outra mão ao rosto de Maddy e lhe acariciou o lábio inferior com o polegar.

— Será melhor que demonstre isso...

Os apitos voltaram a interrompê-los e os gritos do exterior subiram de volume.

— Estão-se aproximando... não temos tempo!

Ethan deu de ombros.

— Então, se prepare para mais depois.

— Esclareça! O que quer dizer mais?

Ethan jogou a cabeça para trás; jamais tivesse imaginado que ela pudesse estar de acordo.

— Quero te possuir.

— Impossível.

— Então te beijarei... — devagar, percorreu-lhe os seios com as pontas dos dedos — aqui.

Maddy cruzou os braços para afastá-lo, mas teve que morder a língua para não gemer de prazer.

— Não e mil vezes não. — Maddy se perguntou se ele estava imaginando a si mesmo levando em prática esses beijos e ruborizou — Conhece esse refrão que diz que “antes de permitir que um escocês te beije os seios trate de fugir da polícia”?

Ele riu ou tossiu, Maddy não estava segura; continuando, depois franziu a testa e a olhou como se fora uma coisa estranha.

— Sabe que é muito graciosa, tesouro?

— E você sabe o que está acontecendo?

Maddy abriu a porta para sair, e se Ethan não a tivesse puxado para trás, teria morrido esmagada.

— Uma garota miúda como você — disse ele batendo a porta —, não tem mínima possibilidade de sair daqui com vida.

— Eu não sou miúda. — Media quase um metro e sessenta!

— Sim, e também teimosa. Mas não vou permitir que se lance a uma morte segura.

— Certo, aceito suas condições. — “Sempre posso pular para trás”, pensou —. Pode, por favor, me levar a um lugar seguro?

— Muito tarde. As condições mudaram. — Ethan viu que ela mordida a língua, e acrescentou —: Quero que me deixe te tocar onde eu queira e que você me toque.

— É um desalmado por se aproveitar assim de mim!

— Não sabe até que ponto — disse ele sem hesitar e com uma advertência nos olhos —. O que acha que te ocorrerá se acabar esta noite na prisão? Eu sou o menor dos dois maus. Aproveita-o, porque não estou acostumado a me comportar assim muito frequentemente.

Se for para a prisão, Quin teria que ir tirá-la dali. Muita humilhação!

— Sim, sim. De acordo — aceitou ela, decidida a fugir do Escocês logo que ele a tirasse dali.

— Perfeito. Não me solte a mão. — Ethan tinha a mão quente e rodeou por completo a de

Maddy ao agarrá-la. Ambos olharam para baixo, e quando levantaram a vista, sem afastar os olhos um do outro, Ethan comentou—: Miúda, disse. Mas eu gosto.

Ele abriu a porta, e Maddy não teve tempo de replicar que, comparado com ele, tudo parecia miúdo.

—Fique atrás de mim — ele ordenou, levantando o tom de voz para que pudesse ouvi-lo por cima dos gritos da multidão.

—Pode conseguir chegar a esse canto? —perguntou ela, assinalando o lugar que tinha visto antes.

—Sim, mas aí não há nenhuma saída. Por isso todo mundo corre pra lá.

—Vá por ali! Por favor. Eu sempre sei onde estão as saídas!

Ethan entreceitou os olhos e, depois de olhá-la fixamente, decidiu fazer o que ela pedia. Derrubou a tudo o que se cruzou em seu caminho e Maddy o seguiu sem dificuldade. Um homem menos decidido não teria conseguido jamais esquivar aquela multidão assustada e alcançar seu objetivo, mas ele o fez. Uma vez no canto, colocou seu corpo como muro de defesa e mediu até dar com um corredor vazio.

—Sim! —exclamou Maddy—. Por aqui!

Ethan seguiu suas instruções, e ao final do passadiço toparam com uma porta.

Uma porta com um cadeado enorme e em perfeito estado.

Ethan arqueou as sobrancelhas e a olhou. Maddy se limitou a encolher os ombros, continuando a dar meia volta em busca de outra saída. Estavam apanhados, como em uma ratoeira...

Ouviu um golpe a suas costas. Voltou-se de novo e viu o Escocês dar um chute à porta, justo por debaixo do cadeado. As lascas saíam voando pelos ares. Outro chute e, diante sua surpresa, a porta cedeu.

Aquele homem era magnífico! E isso por que Maddy tinha visto muitos homens ao longo de sua vida. Quando se dispôs a sair, ele a deteve agarrando-a pelo ombro.

—Ainda não, *aingeal*. Fique atrás de mim.

Ela assentiu e o olhou sem tentar ocultar a admiração que sentia.

Ethan levantou o pescoço do casaco e grunhiu:

—Não me olhe assim.

—Como? —perguntou ela.

—Como se eu fosse algo que não sou.

—Não te entendo...

De repente, diante deles apareceram dois policiais, e o Escocês se limitou a afastá-los de seu caminho. A um golpeou com o cotovelo e ao outro com o punho, deixando o primeiro com o nariz amassado e ao outro fora de combate.

Quando voltou a pegar Maddy pela mão para seguir adiante, esta gritou:

—Acaba de bater em dois policiais!

—Interpunham-se em meu caminho — limitou a responder ele.

Embora a maioria dos guardas do bairro de Maddy em Paris fossem honestos, alguns não o eram absolutamente e ela tinha desejado golpear alguns em mais de uma ocasião.

—Mas...

—Eu disse que te levaria a um lugar seguro. —deteve-se um instante para olhá-la—. E estou disposto a mover montanhas se eu não conseguir obter minha recompensa.

Magnífico? O que será glorioso. Maddy sabia que o estava olhando como se fosse uma idiota, como uma tola boquiaberta. Todas as garotas do mundo sonham com um valente mascarado que as proteja dos vilões, ou com um ladrão mascarado disposto a roubar tanto as jóias como a virtude. Maddy não era uma exceção, e começava a perguntar se seria capaz de fugir antes de entregar sua recompensa.

Pois claro que sim! A única coisa que acontecia era que tinha a cabeça cheia de todas essas histórias sobre lhe beijar os seios e tocar-se mutuamente. E se a isso acrescentava a extraordinária

demonstração de poder masculino que acabava de presenciar, era natural que hesitasse um pouco.

Ninguém tinha brigado por ela antes... Jamais; apesar do muito que o tinha necessitado.

De novo, o Escocês pareceu se incomodar que Maddy o olhasse desse modo.

—Tenta acelerar o passo — disse ele rude, e depois voltou a olhar para frente e puxá-la, afastando dos apitos da polícia. A cada momento virava a cabeça para assegurar-se de que ela estava bem, como se o surpreendesse que ainda pudesse seguir seus passos. Mas Maddy podia percorrer quilômetros sem cansar-se.

Quando por fim pararam, Ethan soltou sua a mão e parou uma carruagem. Então Maddy teve a oportunidade de fugir, mas se viu incapaz de abandoná-lo; como se uma força invisível a mantivesse pregada a ele.

Por que hesitava? Tinha que escapar e não continuar ali, embevecida, perguntando-se como seria o tato de sua pele...

Maddy adorava tocar; a suave seda, o agradável veludo, a delicadeza das luvas... e ele a tinha convidado a tocar seu corpo. Ela via diariamente a mulheres acariciando homens, mas nunca tinha imaginado o que sentiria ao ter um duro corpo masculino sob suas mãos. Maddy adorava os homens atraentes e adorava tocar, e o Escocês estava oferecendo à possibilidade de desfrutar de ambas as coisas.

—Não parece muito assustada — disse ele sem olhá-la.

—Preciso muito mais que isto para me assustar. — O que aconteceu essa noite não era nada comparado com sua vida na França. Aos onze anos, Maddy tinha sobrevivido a um incêndio, depois tinha superado duas epidemias de cólera, e agora residia em Marais, onde a violência era o pão de cada dia.

Além disso, com o Escocês se sentia segura.

—Valente além de preciosa? —murmurou ele com aquela voz que lhe arrepiava a pele.

E com esse tom grave e masculino, as intenções de Maddy de rejeitar a sua recompensa, se foram ao vento.

Capítulo 5

Logo que a carruagem se pôs em movimento, o Escocês fechou as cortinas de seu lado e se aproximou de Maddy para fazer o mesmo com as do dela. Assim que ficaram às escuras, pegou-a pela cintura e a sentou em seu colo.

—Espera! O que está...? Não pode... —Mas então ele lambeu o lóbulo de sua orelha, e uma onda de prazer lhe percorreu todo o corpo fazendo esquecer o motivo pelo que queria afastar-se dele. Suspirou—. Ohhh...

—Eu cumpro com minha parte do trato — disse ele com voz entrecortada—. Agora toca a você cumprir a sua

—Aonde me leva?

—A minha casa.

—A sua casa? —Maddy sacudiu a cabeça para limpá-la— Embora eu adorasse em aumentar a lista de conquistas às que leva a seus aposentos...

—Seria a primeira também nisto — interrompeu ele.

—E supõe que tenho que acreditar nisso?

—Acha que isso ou não, é a verdade.

—E o que tenho eu que consegue te fazer tantas coisas que não tem feito nenhuma vez antes?

Ele se jogou para trás um pouco zangado. Com ela ou com a situação?

—Deus, se eu soubesse.

Maddy viu que o Escocês não estava fingindo. Talvez ele sentisse o mesmo que ela; o mesmo assombro por ter encontrado um ao outro. Ela tinha se sentido atraída por ele; e era uma atração irresistível, como se uma locomotiva passasse por cima dela.

Ele podia sentir o mesmo?

Tudo aquilo era uma loucura... nem sequer tinha visto seu rosto.

— Se te servir de consolo, Escocês, eu tampouco estou acostumada a me comportar assim.

— Então, o que te parece se tentamos descobrir aonde nos leva isto? — Acariciou-lhe o queixo com os dedos —. Já não há nenhum motivo pelo que não possa passar o resto da noite te beijando até te fazer perder o sentido.

Até lhe fazer perder o sentido? Uma parte dela queria que ele fizesse precisamente isso, mas outra ainda não dava crédito ao que estava acontecendo. Ao ver que se aproximava mais, Maddy fechou os olhos devagar.

Os lábios do Escocês, quentes e firmes, cobriram os seus, e esse mero contato a abraçou. Quando Maddy separou os lábios, ele deslizou a língua em seu interior para acariciar a sua com suavidade. Maddy jamais havia sentido nada tão erótico como aquela língua lambendo e atormentando a sua.

Nunca tinha percebido um beijo como um prelúdio tão claro do ato sexual.

Ela começou também a lambê-lo, o que multiplicou o efeito daquelas carícias. Ethan a abraçou com força e gemeu entre os beijos que lhe dava, e que se transformavam cada vez mais profundos. Maddy apertou os ombros dele e desfrutou ao sentir seus músculos. Ansiava estar com ele, notar sua força, experimentar o que seria quando ele a tivesse entre seus braços. Suas línguas dançaram uma e outra vez, fazendo que Maddy sentisse um desespero como jamais tivesse imaginado. Ele também devia senti-la, porque a moveu em cima de seu colo e gemeu quando sua ereção entrou em contato com as nádegas dela. Maddy sentiu o calor que desprendia, apesar de que ambos estivessem vestidos, e desejou poder acariciá-lo. Em nenhuma de suas fantasias imaginou que um membro masculino desprendesse tal ardor. Moveu-se em cima dele... Ethan se afastou e a olhou surpreso, com os lábios entre abertos e a respiração entrecortada.

— Eu... a mim... eu não gostava que me beijassem — sussurrou ela, consciente de que também estava sem fôlego.

— A mim tampouco — respondeu ele franzindo a testa.

Maddy gemeu ansiosa, ofegante. Ethan soltou uma palavra vulgar. E voltaram a beijar-se.

Ele a empurrou para trás, recostando-a em seu outro braço para poder assim acariciá-la com mais liberdade. Queria lhe percorrer o corpo até derretê-la, até derrubar todas suas defesas. Até fazê-la perder o sentido... Ela gemeu contra seus lábios. Mas ele voltou a afastar-se e disse com voz insegura:

— Isto... isto foi... — Entrecerrou os olhos —: Se continuar me beijando assim, a noite terminará antes de começar.

Era óbvio que ele era um homem de mundo e que tinha muita experiência, mas ao parecer, isso ele gostava. Ethan voltou a concentrar-se em beijá-la. Maddy estava excitada e, por alguma estranha razão, mais feliz do que o tinha estado em meses.

— Escocês — murmurou, afundando os dedos em seu cabelo —, me alegro de ter fugido com você.

— E eu me alegro de que o tenha feito.

De repente, para Maddy pareceu muito injusto não poder casar-se com um homem como aquele deus, que acendia sua paixão somente em acariciá-la, e cujos beijos a faziam enlouquecer. Mas... e se sim pudesse casar-se com ele? Bom, era verdade que ainda não tinha visto o seu rosto, e nem sequer sabia seu nome. Mas achava que o Escocês não tinha enviuvado três vezes. E, por outra parte, o conde sim tinha visto a cara. Entre os selvagens beijos do Escocês, a incontrollável atração que sentia por ele... e a quantidade considerável de ponche que tinha tomado, para Maddy pareceu uma brilhante idéia perguntar:

— Escocês, não estará por acaso forrado e ansioso por se casar?

— Acertou em uma das duas coisas. Eu jamais me casarei.

— Nunca? Ou quer dizer que não se casará até que tenha se fartado de seu celibato?

—Jamais. —Foi enfático; parecia inclusive ofendido pela mera menção do assunto.

—OH, bom, realmente não posso ir para sua casa com você — disse ela justo quando a carruagem parava. Ele a depositou no banco que tinha em frente e abriu a porta diante uma impressionante mansão de tijolo avermelhado.

—Onde estamos? —perguntou ela confusa.

—Em Grosvenor Square.

—Esta é sua casa? —perguntou ela sem afastar o olhar. Era inclusive mais impressionante que a de Quin! Os lances de escada de mármore estavam flanqueados por colunas brancas que se erguiam como orgulhosos sentinelas. Ocultos faróis de gás iluminavam os antigos jardins que a rodeavam.

—Sim, esta é minha casa.

Maddy arqueou uma sobancelha. Podia imaginar-se vivendo ali. Não reagiu até que ele a pegou pela mão.

—Espera! Não posso entrar aí com você! — Apesar de morrer de vontade de ver o interior.

—Temos um acordo.

—Mas não disse nada de que tivesse que ir a sua casa com você!

A mansão dos Weyland não estava muito longe dali. O que aconteceria se alguém a visse?

—De verdade se preocupa tanto? —Ao vê-la assentir, Ethan voltou a entrar com ela no carro e antes de fechar a porta, gritou ao chofer—: Em frente! —A carruagem voltou a empreender a marcha—. Não importa. Posso te possuir aqui tão bem como em minha cama.

—Possuir? —Abriu os olhos como pratos—. Acreditava que tínhamos concordado em só nos tocar.

Ethan voltou a sentá-la em seu colo e descansou suas grandes mãos em sua cintura com grande familiaridade.

—Confia em mim. Você gostará. Terá muitas coisas que escrever em seu jornal — disse Ethan com um sorriso.

—Se quer me possuir, Escocês, poderá fazê-lo depois de amanhã ao meio dia. A essa hora, já terei averiguado o estado de suas finanças e você poderá obter uma licença para nos casar. Podemos contrair matrimônio antes da hora do almoço.

Ele a segurou pelo queixo.

—Entende uma coisa, tesouro, não há nada no mundo que possa me convencer de que me case. Nada.

Quando Maddy se deu conta de que o Escocês era igual a Quin, seu coração parou de bater.

—Entendo.

E por desgraça, o entendia. Entendia-o perfeitamente. Era a segunda vez que escutava essa mesma frase em menos de vinte e quatro horas. A segunda vez que alguém a rejeitava. Alguns homens não foram feitos para se casar, apesar de ser exatamente o tipo de homem que deveria fazê-lo.

O que significava que as garotas como ela tinham que conformar-se com os velhos condes que ninguém queria.

—Tenta não esquecer-lo — disse ele sem ocultar a advertência que havia em suas palavras.

Maddy assentiu. Tudo o que estava acontecendo naquela noite confirmava, uma e outra vez, que tinha que se casar com Daex, mas tremia só de pensar que aquele homem fosse quem lhe arrebatasse a virgindade. Ela, a que deleitava tanto contemplar a homens atraentes, não ia jamais deitar-se com um. Era injusto, e de repente, por culpa do licor e dos beijos do Escocês, sentia-o também como intolerável.

Maddy tinha agüentado estoicamente todas as desgraças que lhe tinham acontecido da morte de seu pai em um duelo. Toda sua vida tinha sido um desastre de dimensões cósmicas. E, como um animal apanhado em uma armadilha, quanto mais lutava por escapar, mais machucava a si mesma. Já esperava muito pouco da vida, mas aquilo não ia suportar; seria ela quem escolhesse ao

homem com que fizesse amor pela primeira vez. E todos seus instintos diziam a gritos que podia confiar naquele misterioso desconhecido. Mordeu o lábio inferior. Encontraria um modo de enganar Daex e de fazer com que ele acreditasse que ainda era virgem. A caseira de Maddy, além de ser sua melhor amiga em Paris, casou-se virgem três vezes...

O Escocês disse que essa noite ia possuí-la. E nesse instante soube que tinha razão.

— Certo.

— Certo o que?

— Se quiser algo mais... — Maddy sentiu como ele se excitava ainda mais sob suas nádegas.

— Quer... quer que te possua — gemeu ele, mas pareceu mais uma pergunta que uma afirmação.

— Sim. Quero mais do que pactuamos antes — murmurou Maddy—. Quero você. — “Quero que você seja... quero que me dê uma noite para recordar em segredo.”

— O que a fez mudar de opinião?

— Isso é meu assunto, Escocês — suspirou —. E não acredito que se importe muito.

Ethan sorriu, mostrando seus dentes brancos.

— Tem razão.

— Assim..., agora que..., não acha que poderíamos tirar as máscaras? — perguntou ela.

— Eu acredito que isso acrescenta um toque especial de noite, você não? — respondeu ele percorrendo com os dedos a parte da bochecha que ocultava a máscara.

Maddy não era tímida, mas era a primeira vez que fazia algo assim, e tinha medo de não parecer atraente. Dito de outro modo, tinha os seios pequenos. A máscara a ajudaria a ocultar o rubor. E como supunha que sua aventura ia durar só uma noite, uma única noite de mistério e desejo, manter suas identidades ocultas lhe parecia adequado.

— Sim, suponho que sim.

Mas ele já não a estava escutando, parecia fascinado com a pele da mandíbula dela, que ia percorrendo com os nódulos dos dedos.

— É tão delicada... — disse ausente, como sem dar conta de que o havia dito em voz alta. E Maddy soube então que para ele aquilo não era outra sedução a mais. Estava-a explorando com olhos ávidos de curiosidade—. Jamais estive com uma mulher como você.

— Como eu?

— Tão delicada. — Desenhrou-lhe o lóbulo da orelha fazendo-a estremecer—. Quase tenho medo de te tocar.

— OH, não diga isso.

— Eu disse “quase”. Nada poderá evitar que esta noite seja minha.

Deslizou os dedos para a clavícula dela. À medida que foram descendo, a respiração de Maddy ia acelerando e seus seios subiam e desciam procurando ansiosos suas carícias. Quando Ethan alcançou seu decote, afundou os dedos nele com mestria. Devagar, acariciando mais e mais... até que com a ponta do dedo indicador alcançou seu objetivo.

— OH, Meu Deus — gemeu Maddy segurando sua nuca com ambas as mãos.

— Delicada e... sensível. — Acariciou-lhe o seio com lentidão, percorrendo cada centímetro—. Você gosta?

Maddy apertou os olhos com força e assentiu.

Ao notar que ele retirava a mão quase protestou, mas tranqüilizou-se ao ver que ele começava a soltar as cintas do espartilho. O problema era que estavam muito apertadas e que inclusive era difícil de desfazê-las. Depois de tentar sem êxito durante alguns segundos, Ethan se deu por vencido e, gemendo, voltou a deslizar os dedos por debaixo do tecido.

Quando viu as intenções dele de rasgá-lo, Maddy abriu a boca para negar, tinha contraído muitas dívidas para poder comprar aquele vestido, mas de repente ele a soltou. O Escocês bufou e, franzindo o cenho, voltou a dedicar-se às cintas.

Esse gesto enterneceu Maddy... ainda mais.

—Deixa que o eu faça, Escocês — disse afastando as mãos dele com um beijo em cada uma.

Ao longo de toda a noite, Maddy tinha se dado conta de que ele às vezes duvidava de seus próprios atos, e se retraía durante breves momentos, como se tivesse que pensar. Agora havia tornado a fazê-lo. Maddy começou a perguntar a si mesma se estava fazendo algo errado — ao final, aquela era sua primeira aventura—, ou se o que estava acontecendo entre os dois era realmente diferente a tudo o que ele tinha feito antes. Maddy supôs que o segundo tinha mais probabilidades.

Quando por fim conseguiu desfazer os laços, ele abriu o espartilho. Maddy engoliu saliva ao notar como ele ia despindo-a devagar. “Está escuro. Não pode olhar-me...” Sentiu o frio ar sobre a pele de seus seios e teve que esforçar-se para não cobrir-se com as mãos.

Ele falou algo entre os dentes, palavras em outra língua, certamente gaélico.

—O que disse? —perguntou ela nervosa.

— Eu disse que vou passar a noite inteira beijando-os. —Acariciou-lhe os seios com os nódulos dos dedos olhando-a aos olhos, ansioso por ver sua reação.

Ela respirou fundo e sentiu como se excitava ainda mais ante o seu olhar.

Então, o Escocês pôs sobre seus seios suas ásperas mãos.

—Não sei como pode ter a pele tão suave.

Com suas palmas, cobriu os pequenos seios por completo e os acariciou até que ela sentiu que entre as suas pernas se umedecia e que ela se sentia toda arder. Como tinha conseguido viver até então sem suas carícias? Ethan deixou de tocá-la durante alguns segundos para poder tirar o seu casaco e Maddy se arqueou buscando-o. O som que saiu da garganta de Ethan ao ver isso, bem que poderia ter sido uma leve risada.

—Impaciente — constatou ele contente, e voltou a acariciá-la—. Se não quer que eu volte a me afastar, terá que ser você a desabotoar a minha camisa.

Talvez se estivesse zombando dela, pensou Maddy, mas não importou. O desejo que sentia a impulsionou a fazer o que ele dizia. Enquanto ela se dedicava aos seus botões, ele se abaixou para atormentar seus seios, acariciando-lhe com seu quente fôlego sem chegar, entretanto a beijá-los, para assim torturá-la e obter que ela se movesse em cima de seu colo e de sua poderosa ereção.

Por fim, deslizou um seio entre seus sensuais lábios.

—OH, Meu Deus — sussurrou ela enquanto ele percorria o mamilo com a língua, mas quando sentiu a mão dele deslizando-se por debaixo de sua saia e subindo pela perna, pediu-lhe—: Escocês, eu... por favor... vá devagar. Desejo-te. OH, Deus! —gritou Maddy quando ele sugou com força—. Não podemos ir mais devagar?

Ethan se afastou um pouco.

—Por quê? —perguntou confuso.

—É que... acredito que assim... eu estaria mais cômoda.

—Faz muito tempo que não estou com uma mulher — explicou ele levantando-a de seu colo para depositá-la no banco a frente—. Te prometo que depois irei o quanto devagar que você queira. —Dobrou seu casaco e o colocou atrás dela—. Mas agora, preciso estar dentro de você. — Jogou-a para trás e dedicou ao mamilo que até então tinha sido abandonado.

—OH, Deus... eu gosto do que faz. —Ele a tocava como se fosse dele, como se estivesse desesperado por marcá-la... e Maddy não entendia por que pensar nisso a excitava tanto—. Mas, escuta..., Escocês...

Ele se afastou e a olhou aos olhos.

—O que aconteceu?

Tinha a camisa aberta, deixando descoberto seu magnífico torso, e Maddy se esqueceu do que ia dizer. Podia tocá-lo. Ela tinha sonhado com isso, e tinha imaginado milhares de vezes. Desesperava-se por acariciá-lo tirou suas restritivas luvas. Quando sentiu como os músculos dele reagiam sob suas carícias, Maddy suspirou de prazer. Era como se ambos tivessem praticado durante anos aqueles movimentos. Maddy colocou as palmas sobre o peito de Ethan e percorreu

cada curva, cada plano, deleitando-se nas maravilhosas sensações de descobrir novas texturas; sua força, sua pele suave, o pêlo que o cobria até ocultar-se sob a cintura da calça. Saboreou cada reação do Escocês; cada vez que ele fechava os olhos transtornados, cada vez que apertava a mandíbula. Embriagada por tanto prazer, Maddy não se deu conta de que ele tinha levantado a saia até a cintura.

Capítulo 6

Ethan estava desesperado. Depois de tanto tempo, por fim desejava uma mulher. Mas jamais tinha sido assim antes. Queria estar com ela toda a noite, queria possuí-la uma e outra vez. Queria beijar cada centímetro de seu delicioso corpo... antes de perdê-la para sempre.

—OH, minha mãe — murmurou ela fascinada.

Seus dedos acariciavam como se ele fosse algo precioso. Ethan não sabia o que era a ternura, e isso era algo estranho, mas era incapaz de pedir que ela parasse.

—Seu coração pulsa muito depressa — disse ela ao colocar a mão no centro de seu peito—. Está nervoso?

—Não estou nervoso — mentiu Ethan a meia voz.

Fazia tanto tempo que não tinha relações, que temia chegar ao clímax muito rápido. E pela primeira vez em toda sua vida importava o que uma mulher pudesse pensar. Não só queria lhe dar prazer, também queria impressioná-la. Queria ser o melhor amante que jamais tivesse tido.

—Disse que fazia muito tempo que não estava com uma mulher. Quanto? — perguntou Maddy.

—Muito, muito tempo — respondeu ele, surpreso de estar contando a verdade.

—Bom, acredito que entre nós dois conseguiremos — sussurrou ela com aparente calma apesar de estar tremendo.

Ele não era o único que estava nervoso. Mas quando os dedos de Ethan percorreram as suas coxas até chegar entre as suas pernas, Maddy tranqüilizou um pouco. A primeira vez que Ethan acariciou sua parte mais íntima, foi ele quem se estremeceu de prazer.

—Deseja-me — ofegou, excitado como nunca ao comprovar o quanto ela estava úmida.

Com uma mão, acariciou-lhe o mamilo e com a outra percorreu os lábios de seu sexo usando sua umidade para atormentar o clitóris. Maddy gemeu arqueando as costas. Não demorou em ondular os quadris, ansiosa, ficando mais atrevida a cada uma das carícias de Ethan. Ele queria beijá-la ali, queria afundar seus dedos dentro dela, mas sabia que se o fizesse, não poderia conter-se mais e gozaria imediatamente. Deu conta de que, apenas duas horas antes, tinha acreditado que jamais voltaria a sentir desejo, entretanto agora, com ela... Ethan estava a ponto de gozar a qualquer momento, como um menino inexperiente. Tinha que possuí-la antes que fosse muito tarde. Ao afastar a mão para tirar a roupa íntima, Maddy trocou de posição para que seus seios voltassem a ficar sob as peritas mãos do Ethan.

“Meu Deus, é tão sensual...” Era incapaz de imaginar o que sentiria ao deitar-se com ela. Sem a roupa íntima e com a saia enrolada ao redor da cintura, Maddy tremeu e gemeu com abandono. Acariciou uma perna com suavidade e isso bastou para que ela as separasse. Ethan começou a perguntar se o fato de que respondesse com tanta inocência e candura era porque realmente era uma garota inocente? Ele não esteve jamais com uma virgem e não queria começar a fazê-lo essa noite. Não, seus beijos eram sensuais e úmidos como os de uma cortesã. Mas para assegurar-se, Ethan desabotoou a calça e liberou seu excitado membro de sua prisão.

—Quero que me toque — Acreditando que se ela fosse virgem não se atreveria a fazê-lo.

Maddy assentiu e o acariciou com a palma da mão. Ao sentir essa primeira carícia depois de tanto tempo, Ethan não pôde evitar em levantar os quadris para que ela rodeasse seu pênis por completo.

Maddy franziu a testa e deslizou a outra mão para baixo para acariciar as genitálias dele com habilidade. Quando, devagar, percorreu a úmida ponta de sua ereção, Ethan quase perdeu o

sentido. Tendo dissipado todas as dúvidas que tinha, gemeu entre os dentes:

—Pará. Se não parar gozarei aqui mesmo.

Continuando, teve que controlar um gemido ao ver como ela mordia o lábio inferior ao imaginar a cena.

—E isso te envergonharia?

—Absolutamente. De fato, quero que mais tarde me veja fazê-lo.

—Acredito que é na verdade muito perigoso.

—Na cama sim. Há poucas coisas que não faria a uma mulher e ainda menos que não deixaria que uma mulher me fizesse.

Maddy percorreu o sexo com uma unha e ele moveu em busca de mais carícias.

—É muito... grande.

—Mas você gostará, prometo isso.

Ethan acomodou entre as pernas de Maddy e aproximou a cabeça de seu pescoço. O aroma de seu cabelo, sentir o tato de seus seios contra seu peito, estava deixando-o louco. Os beijos que tinham compartilhado tinham o levado ao limite, e as carícias dela o tinham excitado como nunca antes em toda sua vida. Tinha chegado a um ponto em que sentia o palpitar do sangue em seu membro, e seu único pensamento era em afundar-se dentro dela e aliviar por fim essa ânsia que o consumia.

—Deixa que termine com isto. —Não recordava em ter se sentido assim antes—. E te prometo que logo te possuirei com suavidade.

As pálpebras de Maddy pesavam de desejo, mas conseguiu manter o olhar fixo em Ethan enquanto ele separava os seus joelhos com os seus. Ele levou seu sexo entre as úmidas dobras do dela e o acariciou acima e abaixo com a ponta, lutando contra a necessidade de penetrá-la.

Quando Maddy começou a arquear-se, Ethan empurrou um pouco para frente e pouco a pouco entrou dentro dela. O calor que o envolveu foi tão perfeito, tão quente, que esteve a ponto de ter um orgasmo ali mesmo.

—É incrível, tesouro — balbuciou ele.

Moveu os quadris de novo e a penetrou mais, sentindo como o interior de Maddy o capturava por completo; era como se nunca tivesse existido nenhuma mulher antes dela. Senti-la em contato com seu corpo, notar como seus seios se excitavam sob suas mãos... Ethan jamais havia sentido tanto prazer... jamais.

—OH, Deus! —gritou Maddy—. É... é... muito...

—Sei — gemeu Ethan.

Ethan voltou a empurrar e estremeceu com força. Foi recuar um pouco, mas ao fazê-lo ela pareceu segura-lo em seu interior. Estava a ponto de explodir. Fazia tanto tempo... Empurrou de novo com intenção de penetrá-la até o mais fundo, moveu-se em cima dela procurando uma união mais completa... quando Maddy segurou com as mãos os quadris de Ethan.

—N... não!

Ethan sacudiu a cabeça e a olhou confuso.

—O que aconteceu? O que fiz?

—Tem que parar!

—Parar? —repetiu ele incrédulo—. Parar com isto? —Era impossível que pudesse sair do corpo mais sensual que havia possuído, e mais ainda depois de três anos de celibato—. É muito perfeita... tão apertada.

Maddy continuava tentando afastar-se dele com todas suas forças.

—Por... por favor... Dói muito. — escapou um soluço.

Ethan se deteve imediatamente.

—Está... está chorando?

Ao ver que ela não respondia e que limitava em afastar o olhar, Ethan apertou os dentes e soltou um impropério. Parecia uma confusão, mas mesmo assim começou a retroceder. Centímetro

a centímetro lutou contra o prazer que sentia ao deslizar seu sexo pelo dela, cujo corpo, ao parecer, resistia a deixá-lo partir. Ethan tinha que obter que seu próprio corpo entendesse que não podia seguir empurrando e satisfazer assim as ânsias que o dominavam. Que tinha que resignar-se a interromper um prazer tão absoluto. Muito tarde. Logo que saiu do interior de Maddy, Ethan gritou e começou a ejacular em cima dela. Ajudou-se com a mão enquanto apoiava a testa no seio de Maddy, com os lábios muito perto de um de seus mamilos como para não sugá-lo enquanto alcançava o orgasmo. Ejaculou em cima da coxa dela, frente ao seu sexo, tremendo e estremecendo-se como jamais tinha ocorrido em toda sua vida.

Quando por fim finalizou, ficou alguns segundos imóvel em cima dela, tentando recuperar a respiração e de uma vez entender o que acabava de acontecer. Ao penetrá-la, Ethan tinha notado um ligeiro ardor no pênis, e que ela estava muito apertada, mas agora recordava haver sentido um pequeno obstáculo, algo que retrocedeu a seu passo. Ela era — ou o tinha sido até então — virgem.

Por que teria feito isso? Por que tinha entregado a ele esse presente?

Apesar do abrupto final, possui-la tinha sido incrível. Ethan se sentia relaxado, eufórico, como se descobrisse pela primeira vez o significado da palavra “satisfação”. Deus, estava realmente satisfeito, como se tivesse feito por fim aquilo que se supunha que tinha que fazer e alguém o estivesse recompensando por isso à mãos cheias. E a próxima vez seria ainda melhor.

Acomodou-se sobre os cotovelos.

— Tesouro, por que não me disse isso? — Acariciou-lhe a face com o polegar e sentiu a umidade das lágrimas—. Por favor, não chore — suplicou ele afastando o cabelo da testa—. Eu não sabia.

Maddy piscou para eliminar as lágrimas, e viu como o olhar de Ethan passava da quase felicidade há um pouco parecido ao receio. Ele se sentou por fim e ela saiu debaixo de seu corpo. O movimento a fez gemer de dor, e começou a chorar de novo. Enquanto ele fechava as calças, ela abaixou a saia. Não podia deixar de tremer ao recordar que, ignorando suas súplicas, ele tinha seguido adiante. Tinha pedido que parasse no mínimo três vezes, e o único que ele tinha feito, era ter fechado os olhos e seguir como se não a tivesse ouvido, como se tivesse perdido completamente o controle de seus atos. Se ela não o tivesse detido empurrando-o pelos quadris... estremecia-se só de pensá-lo.

— Por que não me disse?

Maddy podia sentir que o aborrecimento do Escocês estava aumentando. Sim, deveria dizer que esteve a ponto de fazê-lo, mas tinha se distraído olhando seu torso. Ficou embevecida ao sentir pela primeira vez o corpo de um homem. Com mãos trementes cobriu com a capa, e depois se agachou para recolher sua roupa interior e as luvas.

— Eu ia fazê-lo...

— Tinha intenção de me prender?

— Te prender? Do que está falando?

— “Isso é meu assunto”, acredito que disse — a interrompeu ele —, justo depois de ver minha casa.

— Não!

— Pois escolheu o homem errado, *aingeal* — prosseguiu ele com cruel sarcasmo—. Porque não me importa o mínimo em ter destuído sua reputação.

“O que era o que não importava o mínimo? Que reputação?”

— Não permitirei que me manipule nem que me engane, e muito menos vou recompensar-te por isso. Com nada obterá que me case contigo.

— Eu não tentava... — sussurrou ela chorando abertamente.

— Maldição, então por que mudou de opinião? Estava me custando horrores em te convencer de que eu pudesse te beijar e, de repente me entrega sua virgindade em uma carruagem? Depois de me dizer que queria pescar a um marido rico?

Maddy secou as lágrimas, envergonhada.

— Decidi seguir adiante depois de assumir que vou ter que me casar com outro homem.

—Que diabos significa isso?

—Já te disse que tenho uma espécie de noivo. Depois de ser obrigada a escutar como outro homem atraente me dizia que não queria se casar comigo, compreendi que não restava mais remédio que aceitar o único homem que sim quer fazê-lo. Mas antes de contrair matrimônio com alguém a quem não desejo, queria saber o que é sentir fazer amor com alguém a quem se deseja.

—Ah, ao parecer me apropriei de algo que pertence a outro homem. —Ethan riu com amargura—. Assim tem intenção de enganar a seu prometido e lhe fazer acreditar que continua sendo virgem? Pos os chifres antes do casamento?

—Pela primeira vez desde que tenha usado a razão decidi fazer o que eu desejava.

—Reconhece que tinha tudo planejado? Não posso acreditar que por um momento eu pensei que você fosse diferente, às demais mulheres que conheci. É igual traidora e manipuladora como todas.

—Como se atreve! Não te enganei. Tanto te custa acreditar que simplesmente te desejava? — Ferida e atônita pelo que acabava de acontecer, Maddy acrescentou, espontânea—: Embora agora não entenda por que te desejava tanto.

—Mas o fato, é que feito está. Agora não pode voltar atrás, não pode recuperar sua virgindade, por muito que lamente tê-la entregue a um homem nada merecedor dela.

Ethan tirou a máscara, atirou-a no chão, e ficou ali quieto, sentado, mostrando unicamente um perfil do rosto. Na escuridão, Maddy pôde ver que tinha feições duras e marcadas. A besta que acabava de possuí-la era, ao menos em seu aspecto externo, um homem perfeito. Ele permaneceu em silêncio, e parecia que não se atrevesse a olhá-la, como se estivesse decidindo o que fazer.

—Dispõe da carruagem — disse finalmente e, a modo de despedida, jogou algumas notas sobre o banco que havia entre os dois.

Ao escutar suas palavras, Maddy ficou gelada. Aquilo não podia estar acontecendo. Tinha guardado sua virgindade durante anos, tinha-a defendido com unhas e dentes, e, de repente, em um momento de loucura, a tinha entregue para aquele animal, para aquele bruto insensível, que o único que tinha dado em troca tinha sido dor e uma absoluta humilhação. Desta vez, seus instintos tinham lhe falhado.

Ethan golpeou o teto da carruagem. Quando os cavalos pararam se voltou um pouco para onde ela estava.

—Estarei fora uma semana ou duas. Mas logo, quando eu retornar, decidirei o que fazer com você.

Maddy ficou boquiaberta.

—“O que fazer comigo?”

E como pensava encontrar com ela? Ela continuava usando a máscara e não havia dito seu nome. Por outro lado, assegurar-se de estar bem longe de Londres para quando ele retornasse. Pensar em que não voltaria a lhe ver jamais era a única coisa que conseguia manter suas lágrimas sob controle. O conde teria sido melhor amante que o Escocês. Nada podia ser pior que aquilo. Maddy correria para Daex... agradecida.

—E, *aingeal*— acrescentou o Escocês lendo a sua mente—, nem te ocorra em se casar com outro enquanto eu não houver retornado.

Depois dessas palavras saiu da carruagem e antes de fechar a porta, Maddy acreditou ouvi-lo dizer:

—Ou eu me encarregarei de que fique viúva.

Capítulo 7

Ele cavalgava de retorno para casa, Ethan não podia deixar de pensar. E todos seus

pensamentos giravam ao redor daquela garota. Era consciente de que, quando tivesse acabado com Grei, ela já podia ter se casado com esse pretendente que tinha “esperando-a” em casa. E se perguntasse a si mesmo por que isso lhe incomodava tanto — ao fim, ele sempre tinha preferido ter relações com mulheres casadas —, era incapaz de responder. A única explicação que ocorria para justificar sua reação era que a queria só para ele, e se Maddy se casava, unicamente poderia estar com o Ethan quando tivesse completo seu dever com seu marido. E isso era intolerável. Ethan disse a si mesmo então que se sentia tão possessivo com ela, era porque tinha tirado a virgindade, fazendo-a sua como nunca antes o tinha sido nenhuma mulher. Aquela noite, ela tinha se transformado em mulher, e a um nível primitivo, Ethan estava orgulhoso de ter sido ele quem o fizesse. Não queria que nenhum outro homem gozasse dela enquanto ele não estivesse. Mas só havia duas maneiras de não ter que compartilhá-la: ou a transformaria em sua esposa ou em sua amante. A primeira opção era impossível, e a segunda implicava um compromisso muito grande.

“Esquece-a.”

Aquele não era o melhor momento para obcecar-se com uma mulher. Se nos próximos dias Ethan não estivesse em plena posse de todas suas faculdades, só conseguiria que o matassem. Antes que a enfermidade o transtornasse, o instinto de Grei era infalível. E inclusive agora, viciado no ópio e com sua capacidade diminuída, Grei tinha conseguido sair com vida do atentado suicida que Edward Weyland tinha organizado contra ele fazia seis meses. E, por isso ele sabia, Grei era o bastante forte para vingar-se disso. Ethan tinha assegurado a Quin e a Hugh que podia dar conta dele e eliminá-lo. Embora essa mesma noite, Ethan pode observar a reação de Hugh ao encontrar com a Jane depois de tantos anos afastado dela, e, frustrado, tinha visto como os sentimentos de seu irmão não se murcharam a pesar do tempo transcorrido. Isso não podia continuar assim. Teria que tomar atitudes sobre o assunto... outra vez. Ethan era consciente de seus defeitos, e não os escondia; era egoísta, insensível, mal educado e matava com facilidade; sua única qualidade redentora era que seria capaz de morrer por seus irmãos, e que queria que estes fossem felizes. Mas por algum estranho motivo, tanto Hugh como Court sempre queriam — necessitavam — mais. Eles não se conformavam com menos que os homens normais, e Ethan enlouquecia em pensar o quanto desgraçados ambos se sentiam. Tal como tinha feito anos atrás, teria que recordar a Hugh os motivos que ele não podia ter a Jane. Odiava ter que fazê-lo, já que isso aumentaria o distanciamento que já existia entre ele e seu irmão. Mas faria outra vez, recorrer ao livro que sentenciava a toda sua família. Ao chegar a sua casa, Ethan foi direto a sua biblioteca para pegar o *Teabhar nan Süil-radharc*, o Livro do Destino. Muito tempo atrás, o bruxo do clã predisse o destino de dez gerações de MacCarrick, e o deixou escrito no *Leabhar*. Todo o anunciado nesse livro tinha cumprindo-se.

O volume tinha vários séculos de antigüidade, mas estava bem conservado, e a coberta parecia nova. A única coisa que tinham deixado era o rastro de sangue que manchava a última página; a página dedicada ao seu pai...

Para o décimo Carrick:

Sua bela esposa, três filhos escuros te dará.

E até o dia que esta maldição te encherá de felicidade.

Quando seus olhos se encontrem com estas palavras, sua vida terminará.

Morrerá sabendo que seus três filhos malditos estão.

Sentenciados a caminhar com a morte ou a caminhar com a solidão.

Nunca se casarão, não saberão o que é amar, se o fizerem, a seu destino se deverão resignar.

Sua família contigo desaparecerá, futuras gerações não haverá de novo jamais.

A morte e a desgraça os apanharão.

As três últimas linhas estavam ocultas sob a mancha indelével de sangue.

Tanto Ethan como seus irmãos acreditavam com convicção na maldição e atuavam em

consequência. Os três fizeram de suas vidas o que livro tinha disposto, e Ethan tinha garantido que assim fosse. Mas a relação que ele tinha com a maldição era algo mais... complicada. Ethan sabia que se tratava de um livro poderoso, isso era mais que evidente, e o exemplar mesmo era manifestamente indestrutível. Além disso, havia um montão de provas que demonstravam que as predições que continha eram certas: nem ele nem nenhum de seus irmãos tinha gerado jamais um filho, todos tinham escolhido a morte como profissão e caminhavam junto a ela diariamente; por outro lado, as duas vezes que algum deles tinha tido intenção de casar-se, em uma das ocasiões, a garota tinha morrido, e na outra esteve a ponto. E, tal como dizia a maldição, seu querido pai, Leith, tinha morrido à manhã seguinte depois de ler as linhas a ele dedicadas.

Talvez se pudesse interpretar que algumas coisas eram só fruto da casualidade. E possivelmente uma desconhecida enfermidade infantil justificasse por que nenhum dos três irmãos tinha recebido jamais uma reclamação de paternidade... apesar do muito que os três o tinham desejado. De fato, Court tinha perguntado a Ethan uma vez se ele deitava com tantas mulheres precisamente para obter que isso acontecesse. Diabos, talvez Court tivesse razão, talvez o que de verdade queria Ethan era que alguma de todas aquelas mulheres houvesse ficado grávida. E como explicar a morte da noiva de Ethan justo na noite anterior à cerimônia? De dar crédito aos rumores que circulavam, ele a teria encurralado no telhado de Carrickcliffe, a mansão familiar, e a teria empurrado a sua própria morte... Mas Ethan não acreditava às cegas na maldição, nem tampouco que tudo ali escrito estava certo; ele e seus irmãos tinham feito numerosos méritos para acabar malditos, sem necessidade de que o Leabhar os ajudasse. Ethan era um homem razoável, e o sentido comum lhe dizia que, com maldição ou sem ela, os assassinos e os mercenários não tinham que misturar-se com gente inocente. Se isso era assim, por que diabos estava pensando em ir ao dia seguinte mesmo em busca daquela garota?

“Tanto te custa acreditar que simplesmente te desejava?”

Ethan passou as horas que faltavam até o amanhecer deitado na cama, olhando o teto e repassando os acontecimentos da noite anterior. Aquele inexplicável anseio de estar com ela continuava atormentando-o. Uma parte dele queria enterrar esse sentimento no mais fundo de sua mente, mas outra queria derrubar a porta da mansão de Quin e levá-la dali em seus braços. A necessidade de estar com ela, de possuí-la, não deixava de obcecá-lo nem um instante. Necessitava-a e a desejava como jamais tinha desejado nenhuma mulher. Ethan recordou como, quando uma exuberante prostituta tinha mostrado seus encantos naquela mesma noite e não havia sentido nada. Entretanto só de pensar nos suaves seios daquela jovem sob suas mãos se excitava de novo até o limite. Sim, acabava de possuí-la, ainda recordava o prazer que havia sentido, mas era sua reação a respeito que ainda o tinha desconcertado. E se ela fosse a única capaz de despertar nele essa luxúria? Apesar do abrupto final, tomar seu corpo tinha sido... incrível, para perder o sentido. Só tocando aquela garota... E se não sentia jamais esse incontrolável desejo por ninguém, a não ser por ela? Essa jovem pequena estava rodeada de mistérios e Ethan queria saber as respostas. Se era virgem, por que não a tinha escandalizado no que tinha visto no baile de máscaras? E como diabos podia acariciá-lo com tal destreza? Mas o mais importante, por que tinha acreditado que ele era o suficientemente honorável para pedir ela em casamento depois do que tinham feito? E Ethan tampouco importaria que alguém explicasse a ele por que motivo se sentia tão desgraçado e nervoso depois de tê-la abandonado na carruagem. Deslizou a mão entre suas pernas com intenção de masturbar-se, mas se deteve em seguida soltando uma maldição. Por que tinha que satisfazer-se ele mesmo se podia voltar a estar com ela? Não restavam dúvidas.

Ethan pediria que ela fosse sua amante. Decidido a dar os passos necessários nessa mesma manhã, Ethan suspirou resignado e se levantou para lavar-se e vestir-se. Mas enquanto se barbeava, deu-se conta de que seu plano tinha alguns pontos fracos. Primeiro: se realmente ela não queria enganá-lo para pescá-lo, a essas alturas devia estar muito zangada por suas acusações, e acreditava que não iria aceitar sua proposta.

Segundo: ele tinha feito mal a ela. Ethan recordou como seu pequeno corpo tinha respondido a

suas carícias; primeiro com prazer... depois com dor.

Agora que via tudo um pouco mais claro, compreendia o bruto que tinha sido. Ela tinha pedido que fosse devagar, mas ele não tomou o tempo necessário para prepará-la. Dominado pela luxúria, só tinha pensado em seu próprio prazer. Havia possuído com dureza, tratando-a sem olhar o quanto ela era tão pequena e delicada. Maldição, ele não pretendia lhe machucar, não pretendia fazê-la... chorar. As lágrimas das mulheres não o afetavam; isso era assim desde que era um adolescente, e para muitos era uma prova mais do frio bastardo que era. Mas se isso era certo, por que as dela o transtornavam desse modo? Por um instante, Ethan teria prometido algo para assim fazer com que ela deixasse de chorar.

Barbeou a zona da cicatriz com a cautela adquirida a base dos anos. Outro ponto fraco? Talvez Quin sentisse algo pela garota. Ou talvez Edward Weyland, o superior de Ethan, tomasse rédeas no assunto. Acreditava que os pais da garota, sendo como ao parecer eram amigos dos Weyland, seriam nobres com título embora carecessem de fortuna. E apesar de que ninguém conseguiria obrigar a Ethan que se casasse, poderiam lhe fazer da vida muito difícil. Mas bom, todo mundo tinha um preço; ela queria casar-se com um homem rico por algum motivo, e Ethan tinha arrebatado sua virgindade. Talvez a família estivesse afogada pelas dívidas, ou suas irmãs necessitassem de um dote. Ethan estava disposto a pagar uma verdadeira fortuna em troca de que ela fosse sua amante; assim poderia saciar-se e obter por fim esquecê-la. Instalaria-a em uma casa perto da sua, em algum lugar que fosse conveniente, e em troca, faria cargo de todos os problemas de sua família. Voltou a deslizar a navalha por sua bochecha e, ao olhar-se ao espelho, viu o ponto mais fraco de seu plano. “A próxima vez que eu a ver, não estarei usando a máscara.” Ethan estudou seu reflexo com atenção pela primeira vez em muito tempo. A cicatriz era profunda e percorria toda a face direita descrevendo um giro na maçã do rosto. Os pontos tinham deixado marcas nos extremos, e com cada gesto de seu rosto, a cicatriz se deformava e empalidecia. Brymer fez um bom trabalho. Aquela noite, quando Van Rowen se deu conta do engano que tinha cometido, correu para o estábulo e vomitou ao ver a ferida de Ethan. Consternado, o homem ofereceu sofrer ele mesmo o dano, mas Ethan tinha outros planos para ele e sua esposa; e também para o Brymer. Depois que o soltaram, Ethan apertou os dentes para reprimir a dor e, sem plena consciência disso, montou em seu cavalo. Fazendo provisão das poucas forças que ficavam, conseguiu sair do imóvel de Van Rowen, só para cair desacordado em uma sarjeta no caminho, em que passou dois dias.

Meses mais tarde, antes que Ethan tivesse finalizado sua vingança, Van Rowen desafiou um bêbado a um duelo. No justo momento, quando deu a volta para seu competidor e sem perceber morreu no que se conhecia como “o suicido do cavalheiro”. Quanto a Sylvie, Ethan a arruinou deixando-a sem um centavo, na mais absoluta miséria. Por algum estranho motivo, Ethan decidiu perdoar a vida de Tully. Mas este ficou tão afetado pelo o que aconteceu naquela noite que desapareceu do local e provavelmente ainda devia viver morto de medo em alguma parte. E Brymer? Ethan degolou-o; a última coisa que viu aquele inseto antes de morrer foi a cicatriz do rosto de Ethan. Antes que o marcassem como a um animal, Ethan teria feito um bom par com a jovem, mas agora o mais provável era que ela zombasse dele. Acaso ela mesma não havia dito que gostava dos homens atraentes? Ethan tratou de sorrir, mas o gesto resultou a ele incômodo, e a visão de seu reflexo repulsiva, inclusive para si mesmo. Naquele momento, o ódio por Van Rowen renasceu dentro dele, e lançou a navalha contra a bacia cheia de água.

Capítulo 8

Uma, hora mais tarde, depois de ver Hugh e manter sua fraternal briga diária com ele, Ethan se dirigiu a casa de Quin. Essa manhã, Ethan era mais consciente de como os transeuntes o

observavam. Ele os encarou com seu olhar mais fulminante. Ao chegar à mansão, Ethan se deu conta de que estava nervoso. Diabos, depois de seu comportamento da noite anterior, acreditava que ela o insultaria. Mas se conseguisse o que queria, estava disposto a suportar o que fosse. Sem esperar que o convidassem a entrar, ou a que o anunciassem, Ethan entrou no escritório de Quin.

— Genial, outro MacCarrick com o que discutir. Esta manhã já tive que evitar que seu irmão brigasse com um amigo de Jane.

— Acabo de ver Hugh e não ele não me disse nada de nenhuma briga. — “Isso não é amá-la em segredo e a distância, Hugh.”

— Bom, eu não o chamaria briga, pois isso implicaria que havia dois competidores — corrigiu Quin—. Não é preciso dizer que, depois de ver Hugh desse modo, Jane não tem muita vontade de estar perto dele, e muito menos de ir com ele a alguma parte.

“Ir com ele.” Precisamente esse tinha sido o assunto da discussão que tinha tido com seu irmão. Hugh tinha decidido levar Jane da cidade... os dois sozinhos. Seria um desastre...

— O que está fazendo aqui? — perguntou Quin—. Acreditava que estava procurando Grei.

— Ontem de noite fui ao seu esconderijo. Não acredito que tenha chegado ainda em Londres.

— Então, o que quer?

— Quero falar da garota que está hospedada há alguns dias com suas irmãs.

— Madeleine? Tem algo que a ver com Grei? Como pode estar ela envolvida em tudo isto?

Madeleine. Ethan gostou do nome. Mas ao recordá-la voltou a franzir a testa.

— Não tem nada que ver com Grei. É... pessoal.

— E que diabos quer você dela? Desde quando a conhece?

— Conheci-a ontem à noite, no baile de máscaras.

— Perguntava-me o que tinha acontecido para que retornasse tão assustada! — Quin levantou e se aproximou da janela—. Deveria ter imaginado que, em toda Londres, o único homem capaz de assustar desse modo tinha que ser você.

— Assustá-la? OH, tá, ela é tão doce e inocente... Sabia que tinha intenção de te enrolar para que se casasse com ela?

Quin deu a volta.

— Puxa, deveria ter suspeitado algo quando ela me disse que desde pequena sonhava se casando comigo, ou quando me perguntou se queria me casar com ela. Ela é muito traidora; pergunto-me como sua consciência a deixa dormir pelas noites.

“Sonhava se casando com Quin.” Ethan apertou os dentes e sentiu vontade de golpear o imaculado rosto de seu amigo.

— Me escute bem, MacCarrick, a verdade é que estive tentado de fazê-lo. Madeleine é uma pessoa com segredos, inclusive às vezes pouco honesta, e anormalmente preocupada com o dinheiro, mas também é doce, vivida e inteligente. Qualquer homem estaria orgulhoso de transforma-la em sua esposa.

— E por que não o fez?

— Já sabe por que. — O papel que Quin desempenhava na Rede às vezes o obrigava a ter que seduzir a alguma mulher, e em ocasiões a percorrer meio mundo para fazê-lo—. Além disso, ela tem uma espécie de noivo esperando-a em casa — prosseguiu Quin retornando a seu escritório—. Acredito que aceitará casar-se com ele logo que retorne.

Disso nem pensar.

— Quem é?

— Não acreditará a sério que vou lhe dizer isso?

— Sabe que antes que termine o dia o terei descoberto.

O trabalho de Ethan consistia não só em aceitar as missões que ninguém mais queria, mas também em obter todo tipo de informação.

— E por que está tão interessado nela? Madeleine é uma dama, e virgem, não se parece absolutamente às voluptuosas atrevidas que insiste em gostar.

— Está procurando briga?

— Mantém afastado dela, MacCarrick. Não sei o que aconteceu no baile, ela se negou em contar, inclusive a Claudia, mas quando a vi esta manhã parecia que passou toda a noite chorando.

Passou toda a noite chorando? Tão mal tinha acontecido tudo?

— Olhe, Quin, entre ela e eu aconteceu algo. Tentou me enganar para que me casasse com ela, é obvio não o conseguiu.

— Que ela tentou o que? — Quin soltou uma gargalhada—. Terá cara dura! Essa garota é extremamente adorável. Se o que diz é certo, por que ela se foi para Londres esta mesma manhã?

Ethan ficou gelado.

— O que disse?

— Que se foi. A verdade é que parecia desesperada para afastar-se daqui.

Maldição! Ethan ainda tinha que matar Grei antes de poder ir atrás dela.

— Me diga como se chama e onde posso encontrá-la — exigiu Ethan aproximando-se furioso ao escritório.

Quin se levantou imediatamente.

— E deixá-la a mercê de um lobo sanguinário como você? Não sei por que de repente se interessa tanto uma garota de boa família, e muito menos uma que é amiga de minha irmã, mas de mim não obterá mais informação.

— Depois do de ontem à noite, para ela já é muito tarde; entregou-me sua virgindade.

Quin abriu os olhos arregalados e se jogou sobre Ethan com o punho a ponto de golpeá-lo. Ethan interceptou o murro e apertou a mão com força dentro da sua.

— Não me chateie, Quin. Minha paciência tem um limite.

O outro apertou a mandíbula para suportar a dor.

— Ethan, já sei que sua consciência é, mas bem inexistente. Mas não acreditava que fosse capaz de se aproveitar de uma garota inocente mais de dez anos mais jovem que você. — Quando Ethan o soltou, Quin se sentou em sua cadeira e sacudiu a mão para recuperar a sensibilidade—. Meu Deus, destruí-lhe a vida. Sei de sobra que jamais te levará como é devido, e por outro lado, seu noivo agora já não querará casar-se. Tenho que ir procurar e transforma-la em minha esposa em seguida.

— Mantém se afastado dela — grunhiu Ethan—. Ela me pertence. — Ao ver que Quin o olhava com intenção de seguir discutindo, Ethan acrescentou—: Se você se casar com ela, matarei-te.

— Nem sequer sabe quem é! — replicou Quin—. E além do mais, você não quer se casar!

— Não, não quero.

— Então, porque veio? O que é o que pretende?

— Já pensarei quando tiver acabado com Grei. Olhe, agora vou estar muito ocupado tentando salvar a vida de sua prima, e sabe que não tenho tempo a perder. — Ethan não importava com Jane absolutamente, mas sabia que se ela morresse, seu irmão ficaria destrozado, que Hugh jamais se recuperaria de ter perdido à mulher a que amava com loucura—. Quanto antes me concentre em minha missão, melhor para todos. Assim me diga como se chama e depois me conte tudo o que saiba desse noivo.

Quin estudou ao Ethan um momento e de repente entendeu tudo.

— A pequena Madeleine te físgou, não é assim? Sim, suponho que é capaz. Eu estava preparado, mas suponho que te agarrou despreparado. — Quin assentiu e sorriu—. Vou te dar essa informação porque temos que deter Grei custe o que custar, e por desgraça você é nosso melhor agente. Mas te confesso que também direi isso porque sei que não tem nenhuma possibilidade de sair ganhando nisso. Madeleine te terá comendo em sua mão em dois dias.

Ethan riu sem vontade.

— Sêrio?

Quin o olhou nos olhos assentindo.

— Quase sinto pena por você.

- Se limite a me dizer seu maldito nome.
—Muito bem. Chama-se Madeleine Van Rowen.

Capítulo 9

Disparos, gritos, o ruído de alguns vidros quebrando-se. Maddy suspirou quando finalmente chegou a Marais. Lar doce lar... Apesar de que a distância entre Dover e Calais era tão somente de vinte milhas, cruzar o canal era sempre exaustivo. E dessa vez não tinha sido nenhuma exceção. O pequeno navio, uma banheira flutuante cheia de gente vomitando e que cuspia fumaça de carvão, cruzou com muita dificuldade o estreito através do temporal e os impressionantes cheiros. Mais tarde, no vagão de terceira do trem que ia de Calais a Paris, tanto mineiros como homens elegantes tinham insinuado, chegando quase a assaltá-la. Por algum motivo, cada vez que subia a um trem, Maddy tinha que fazer grandes esforços para não dormir imediatamente. Apesar de saber que corria perigo de que seus companheiros de viagem e que lhe roubassem, Maddy tinha começado a sentir essa familiar fechar das pálpebras e a sacudir a cabeça para despertar-se. Mas era como se um mago do *théâtre* lhe sussurrasse ao ouvido que dormisse. Por sorte, conseguiu sair bem, embora passou todo o trajeto aturdida e em um estado próximo à letargia. E depois de tão árdua viagem, sua recompensa foi... Marais. A carruagem se deteve frente ao velho edifício no que tinha um lugar alugado. Séculos atrás aquela zona era o parque de recreio dos reis, e sua moradia, com telhado de mármore e arquitetura gótica, provavelmente tinha sido a mansão de algum nobre. Mas desde que o tinham transformado em pequenos apartamentos baratos, mesmo o resto de construções do bairro, o tempo e o abandono tinham danificado ele. Logo que Maddy saiu da carruagem escutou o inconfundível sotaque inglês de suas duas nêmesis; as irmãs Odette e Berthé Crenate.

—Olhe por onde, sua alteza real já voltou — soltou Odette detendo-se no outro extremo da rua—: E nada menos que em uma carruagem. Claro, Madeleine não se rebaixa a pegar o ônibus.

Quando o chofer desceu no chão o baú de Maddy, Berthé acrescentou:

—Ande com olho aberto, senhor, ou ela pedirá que suba as suas coisas ao seu andar... que vive no sexto.

Maddy fulminou às irmãs com o olhar. Adoravam zombar-se disso. Em Paris, os prédios estavam habitados pelas pessoas mais pobres; e o edifício de Maddy só tinha seis andares.

—Ao sexto? —repetiu o homem estendendo uma mão para que lhe pagasse. E depois de que Maddy deu o dinheiro, ele deu meia volta sem pestanejar.

Fantástico. Agora o que tinha que fazer era subir aquele baú cento e dois degraus. Por uma escada estreita e às escuras.

—Parece que a *gamine* tem um trabalho a sua medida — acrescentou Odette zombadora.

Maddy ergueu as costas apertando os punhos. *Gamine* significava “travessa” ou “pícara”, mas também “filhos da rua”, e Maddy odiava que a chamassem assim.

Justo quando ia responder aos insultos, Maddy ouviu uma voz a suas costas.

—Berthé, Odette, *fermez* você *bouches*.

Deu meia volta e viu sua amiga Corrine sair do edifício. Corrine era uma compatriota inglesa, também expatriada, que era como se fosse mãe de Maddy. Anos atrás, quando não tinha aonde ir, Corrine a tinha acolhido em sua casa. Corrine pegou uma alça do baú e, levantando as sobancelhas, indicou a Maddy que fizesse o mesmo. Ela tomou fôlego e juntas esquivaram dos bêbados que estavam dormindo na entrada. Uma vez na escada ambas enfrentaram à diabólica tarefa. Maddy tinha subido aqueles degraus às escuras tantas vezes que nem sequer tinha dificuldades de guiar-se com a corda que utilizavam como corrimão. Quando por fim chegaram a seu patamar e soltaram o baú, a porta do apartamento que havia frente ao de Maddy se abriu e

apareceram os brilhantes olhos azuis de Beatrix. Cada vez que B ouvia chiar a porta de Maddy, corria a abrir a sua com a esperança de que ela ou Corrine trouxessem provisões do exterior; qualquer dos três “C” que necessitava para sobreviver; café, croissant ou cigarros. Assim economizava ter que subir e descer aquela horrível escada mais vezes do que o necessário. B era uma prostituta e em todo A Marais a conheciam como “B a Puta”. Para Maddy o nome parecia ofensivo além de injusto, dado que a maioria das mulheres que viviam naquela zona, incluídas Berthé e Odette, eram prostitutas. Maddy tinha começado a chamá-la “B Olhos Azuis”, pois ela tinha preciosos olhos dessa cor. Mas o apelido tinha resultado ser um mau presságio, pois Maurice, o homem de que B se apaixonou, tinha a mania de deixar os olhos arroxeados, ou azuis, como estavam acostumados a dizer em Marais. Precisamente nesse instante, Maddy viu que o tal Maurice a tinha presenteado com um nessa mesma manhã.

— Como foi Maddée? — perguntou B sem fôlego —. Tiveste êxito?

Maddy se encontrava desalinhada, estava exausta... e tinha retornado. Era evidente que não, que não teve êxito. B às vezes era um pouco limitada.

— Não. Já lhes disse que esse homem era inalcançável. — passou-se pela cabeça a fita em que estava acostumada a ter pendurada a chave e abriu a porta de seu colorido apartamento. Dirigiu-se diretamente para a cama e se deitou nela —. Tudo foi um completo desastre — murmurou contra a puída colcha.

Corrine se sentou a seu lado e deu alguns tapinhas no ombro.

— Prepararei um pouco de chá — disse —, e assim nos conta isso tudo.

Que lhes contasse o fiasco de sua viagem? Bom, que dano podia lhe fazer isso? Era impossível que pudesse sentir-se pior.

— Muito bem. Prepara chá. Litros e litros de chá.

Enquanto fervia a água e suas amigas a ajudavam a pendurar aqueles vestidos que ia ter que vender sem demora, Maddy correu as cortinas de pano escarlate e abriu a janela. Estava orgulhosa de sua casa, satisfeita do que tinha conseguido com seus limitados recursos. Tinha oculto as manchas da parede sob um *collage* de coloridos folhetos de propaganda de teatros, e o outro extremo estava coberto com pôsteres de ópera. A sua sala inteira estava alagada de tecidos de cores, graças a uma amiga que trabalhava no teatro e avisava a Maddy sempre que iam desfazer-se de algo. Ela sempre chegava ali antes que os habituais ladrões. Em seu diminuto balcão tinha algumas latas que cresciam trepadeiras e petúnias. *Chat Noir*, um gato de ruas sem dono, descansava deitado no chão, tomando o sol, e a suave brisa do verão acariciou o rosto de Maddy. Ela não vivia no sexto andar devido só a sua pobreza, mas também porque ali não chegavam os maus aromas da rua e, desde aquela altura, podia ver Montmartre por cima das chaminés da cidade. Maddy voltou de novo para dentro e o sol iluminou o rosto de B.

— Foi Maurice ou um cliente? — perguntou assinalando o olho inchado de sua amiga.

B suspirou.

— Maurice. Fica tão furioso... — E com voz ausente, acrescentou —: Se conseguisse não fazer que ele se zangasse tanto.

Os estalos de língua de Corrine e Maddy deixaram claro seu descontentamento e Maddy incluso se abaixou para atirar uma de suas sapatilhas. Não sabia como convencer a B de que merecia algo melhor, tinha tentado já quase tudo. Apesar de ser bonita e boa pessoa, B estava convencida de que Maurice era o melhor ao que podia aspirar. A Marais tinha sempre esse efeito em seus habitantes. O lema não oficial do bairro era de mal a pior. Todos estavam convencidos de que por muito mal que fossem as coisas, sempre podiam piorar. Em especial se alguém se atrevia a desejar algo mais da vida.

— É melhor aceitar a situação — diziam.

Ao que Maddy sempre respondia:

— A fortuna sorri aos atrevidos.

Mas desta vez não tinha sido assim para ela... Quando o chá ficou pronto, as três garotas

saíram a sacada e, sentadas sobre velhas caixas de leite, beberam em xícaras cada uma de um jogo. *Chat Noir* decidiu que Maddy ia ser muito afortunada se o tivesse em seu colo, e se acomodou sobre suas pernas. Ela não pôde evitar sorrir ao notar como opêlo do animal estava quente.

— Acreditava que estava zangado com você — comentou B assinalando ao enorme gato.

— Estava. Teve me abandonado durante semanas. — A única coisa que Maddy fazia tinha sido lhe dizer que não convinha ficar com ela. *Chat Noir* podia encontrar algo melhor, talvez inclusive alguém que pudesse permitir em lhe dar de comer, mais do que restos de maçãs. Maddy estirou as pernas sentindo-se a vontade e se deu conta do muito que tinha sentido falta da camaradagem que existia entre aquelas mulheres e ela. Gostava muito de estar com a Claudia e com as garotas Weyland, mas agora tinha muito pouco em comum com elas. B, Corrine e Maddy em troca eram muito similares: todas tinham segredos e um trágico passado que ocultar. B, igual a Maddy, tinha ido parar a Marais muito jovem. Sua mãe se casou com um soldado pobre e, carregando a pequena B, tinha decidido seguir a seu regimento por todo mundo. Ainda então, B despertava sobressaltada se ouvisse o repicar dos tambores. A comida e a segurança, tanto de B como de sua mãe, dependiam de que esse soldado seguisse com vida. E assim foi até que B fez doze anos; depois perderam tudo. Aos dezesseis, Corrine, educada e filha de um pastor inglês, casou-se com um alfaiate francês que conheceu em seu povoado.

— Sou alfaiate e tenho minha própria loja — contou ele, mas o que em realidade queria dizer era —: “Vivo em um miserável apartamento há quatro andares acima da loja. Costuro recortes para viver mal, e gasto tudo o que ganho em genebra”. Após isso, Corrine tinha se casado duas vezes mais, e em cada ocasião, o noivo tinha sido mais aborrecido e vago que o anterior. Corrine podia tolerar o aborrecimento, mas não a vacância. Sua laboriosidade era conhecida por todos. Apesar de que Corrine cobrava aluguel só pelo sexto andar e recebia uma pequena pensão, cuidava daquele edifício como se fosse dela. Mas estava perdendo a batalha. Sua vassoura e seus esfregões podiam enfrentar-se ao tempo e ao descuido.

— Está acordada, Maddée? — perguntou B —. Por que não nos contas como saiu com o inglês?

Maddy só tinha bebido meia xícara de chá, assim optou pela versão resumida.

— Cheguei a Londres. Flertei com ele e fiz minhas insinuações, mas ele me disse que não queria casar-se, e muito menos comigo. Tal como já suspeitava — acrescentou ela, recordando a suas amigas que tinha feito essa viagem só porque elas tinham insistido muito nisso. Maddy sabia que não ia conseguir nada de Quin. E não “porque acreditasse no de mal a pior», disse a si mesma, mas sim porque se tratava de uma simples questão de lógica. Quin era um jovem rico e educado, e ela uma órfã sem educação que vivia quase na miséria. Não tinham nada em comum —. Disse-me que ele não é dos que se casam.

— Odeio que digam isso — murmurou B, e Corrine assentiu com a cabeça lhe dando a razão.

Maddy tinha a lembrança do Escocês ainda à flor da pele, e acreditava que seria muito doloroso falar dele, mas, entretanto o fez:

— Conheci outro homem...

— E? — perguntou Corrine ansiosa.

— Conheci-o em um baile de máscaras. Era escocês, alto e misterioso. Entre ele e eu havia..., *je ne sais quoi*, uma conexão especial. Ou isso eu acreditei. — Apesar de que o tinha tentado, desde essa noite Maddy não podia deixar de pensar nele em nenhum momento —. E nem sequer sei seu nome.

— O *coup de foudre* — disse B assentindo entusiasmada.

— Uma flechada? — Maddy riu sem vontade —. Eu também pensei. E depois de que me beijasse estava convencida disso.

B abriu os olhos arregalados.

— OH, Maddée, por fim achou um amante, egano-me?

Maddy suspirou e contou tudo o que tinha acontecido:

— ... e depois de tudo isso, deu-me dinheiro e me deixou na carruagem como se incomodasse

em estar comigo.

—A próxima vez não notará tanto dor — tranqüilizou B—. Quando se é virgem sempre é pior, sobre tudo se ele era como... três homens viris.

Maddy sabia que o que dizia era certo, mas mesmo assim tinha medo de uma segunda vez... embora estava segura de que jamais encontraria a outro que fosse tão viril como o Escocês.

—Durante a viagem de volta, cheguei à conclusão de que não tenho nenhuma pressa por voltar a repetir a experiência. —Fingindo indiferença, Maddy levantou o rosto para o sol, correndo o risco de que este fizesse sair mais sardas—. Dá igual, ao final resultou ser um cretino. Não me casaria com ele embora me suplicasse isso de joelhos.

—E o que dizia seu instinto? —perguntou Corrine—. Não te advertiu que se afastasse dele?

—A verdade é que, ao contrário, todos meus instintos me repetiam que ele era... boa pessoa.

Maddy não passou despercebido o olhar que trocaram Corrine e B. Corrine não alugava jamais um apartamento a ninguém a quem Maddy não tivesse dado antes sua aprovação.

—Por que não contou a suas amigas inglesas, o que te aconteceu? —quis saber Corrine.

—Pensei, e imaginei lhes contando toda a verdade na hora do chá. Começaria dizendo: Bom, a verdade é que... Depois de que papai morrera, mamãe e eu não mudamos a Paris porque ela sentisse falta de sua cidade natal, mas sim fomos ali em plena noite para fugir de nossos credores. Depois de nos passar um ano em uma pocilga, mamãe se casou com um homem rico chamado Guillaume, e durante um tempo vivemos em um dos melhores bairros de Paris, esse no que vocês ainda acham que continuo vivendo. Mas não! A verdade é que pago a uma das faxineiras para que me guarde o correio, e para que, se alguém for me buscar ali, diga-lhe que estou de viagem.

“Logo viria a grande revelação”: Sylvie morreu faz anos, e o miserável do Guillaume me jogou na rua. Agora vivo em uma favela imunda. A verdade é que sou órfã, mas não no excitante sentido de quem é uma rica herdeira, a não ser no sentido de que não tenho nem um centavo em meu nome. E como não pude roubar o suficiente para comprar os vestidos e as jóias falsas necessárias para agarrar Quin, tive que pedir dinheiro emprestado a um agiota que me romperá os braços se não o devolvo dentro do prazo estabelecido.

—Bom — interrompeu Corrine mordendo o lábio inferior— ... Dito assim.

—OH, Maddée — acrescentou B—, c'est déplorable!

Chat Noir, aborrecido do drama de Maddy, saltou bocejando de seu colo. Passeou pelo corrimão e algo na rua captou a atenção da garota. Dois tipos enormes se aproximavam do edifício.

—São esses os homens de Toumard? —perguntou Maddy sem olhar a suas amigas—. Acaso se pode ser mais tola? Como me ocorreria pedir dinheiro emprestado a Toumard?

Maddy tinha se endividado muito. Por muito mais do que podia ganhar em um ano de trabalhos esporádicos como vendedora de cigarros, servindo cafés ou roubando a turistas. Quando voltou a olhar a suas duas companheiras de penúrias as viram preocupadas.

—O que acontece? —perguntou Maddy—. Digam-me isso. Minha vida já não pode piorar.

—Vamos, entremos para que não nos vejam — aconselhou Corrine antes de entrar—. Maddy, querida, esses valentões já estiveram aqui ontem. Estavam-lhe procurando, e exigiram entrar no edifício. Não interesse que te diga que o temos fechado há todas as horas.

—E eu só recebo os clientes habituais! —acrescentou B.

—Já estiveram aqui? —Maddy esfregou a têmpora—. Mas se ainda não me atrasei no pagamento.

—Disseram que Toumard tinha subido os interesses. Cada semana que passa lhe deve mais.

Maddy se sentou de novo na cama.

—Mas por que?

—Já sabe o rápido que correm as intrigas neste bairro — respondeu Corrine—. Você pediu dinheiro e logo comprou um guarda-roupa inteiro e saiu da cidade. Todo mundo pensou que estava planejando uma fraude. Berthé e Odette também, e o disseram a Toumard, que acreditou

que teria êxito e quer aproveitar-se. Corrine contava tudo isso sem levantar a vista de suas mãos danificadas pelo alvejante, enquanto Beatrix parecia estar estudando com atenção todos os trincados que tinha sua xícara.

—Que mais? —Maddy obrigou a sorrir—. Posso suportá-lo. —Fosse o que fosse, conseguiria seguir adiante. Ela sempre o conseguia.

—Toumard já não quer dinheiro — prosseguiu Corrine indecisa—, parece-me que agora tem outras intenções.

Maddy engoliu saliva. Havia rumores de que assim foi como Berthé e Odette tinham começado em seu ofício. Antes de dever dinheiro a Toumard, as irmãs trabalhavam como garçonetes, mas antes que acabar com os braços quebrados, tinham chegado a um acordo muito mais benéfico para os três. Acordo que o mesmo Toumard administrava e controlava.

Corrine deixou a xícara de lado.

—Se não podermos reunir o dinheiro...

—Maddée terá que ir daqui —acabou B a frase com os olhos cheios de lágrimas.

—Não, B, não — tranqüilizou Madeleine—, Maddée não irá a nenhuma parte. Tenho tudo sob controle. Casarei-me com o conde.

Daex era o único legado que tinha deixado sua mãe; ela tinha arrumado esse casamento de conveniência antes de morrer. Supunha-se que Maddy tinha que casar-se com o conde ao fazer quatorze anos, mas sua mãe morreu justo nessa época, e Maddy se tornou atrás. E então foi quando Guillaume a jogou de sua casa.

—Mas me disse que Daex é um mau homem — disse Corrine—. E já sabe o que se diz sobre ele...

Maddy se estremeceu só de pensá-lo.

—Não, não. Eu serei mais esperta que ele, sobreviverei e herdarei sua fortuna. —Maddy sabia que suas três anteriores esposas tinham tido essas mesmas intenções antes de morrer em estranhas circunstâncias—. Nos ficaremos ricas e iremos de Marais para sempre. Tudo sairá bem. Já no verão.

Capítulo 10

Maddy vivia em um mundo cruel. Crescer em Marais a tinha mudado, e ela tinha aprendido a analisar com detalhe tudo o que a rodeava. Não demorou para compreender que a decência e a ética tinham fugindo daquele bairro e que nele só ficava a busca por satisfazer as necessidades básicas; comida, bebida e sexo, e o instinto de evitar a morte e a dor a qualquer preço. Isso último era precisamente o que tinha impulsionado Maddy a usar seu último vestido apresentável e descer os cento e dois degraus para ir visitar Daex. Como não podia permitir pagar o bilhete do ônibus, foi a pé, embora Maddy não convinha caminhar; fazia só uma semana que tinha retornado e já tinha perdido tanto peso que tinha tido que arrumar toda sua roupa para que lhe sentasse bem, incluído o vestido que tinha posto nesse preciso instante. Cada dia que passava em Marais, Maddy corria mais risco e cada decisão que tomava podia levá-la diretamente ao êxito... ou à desgraça mais absoluta. De noite, antes de deitar-se, repassava o que tinha feito durante o dia e classificava os acontecimentos em duas grandes categorias; fraquezas e situações perigosas. Para isso se perguntava: “Fiz hoje algo que tenha piorado minha situação?”. Casar-se com um homem como Daex era uma decisão muito arriscada, mas se queria evitar as represálias, ou “a tutela”, de Toumard não tinha mais remédio que fazê-lo. Maddy tinha vendido outros vestidos e todas as jóias falsas, mas mesmo assim não tinha conseguido reunir todo o dinheiro que devia, e seus valentões a assediavam cada vez mais. De caminho à mansão de Daex, Maddy cruzou com as prostitutas de sempre em seus lugares de trabalho, quer dizer, em meio da rua ajoelhadas atendendo a seus clientes. A expressão dos rostos daqueles homens sempre a tinha fascinado. Os mais jovens estavam acostumadas ser soldados e suplicavam às mulheres que

parassem um pouco. Os mais velhos exigiam que não o fizessem. Maddy sempre se perguntou o que podia ser o prazer maior que tanto uns como os outros temiam não chegar até o final. O Escocês tinha usado sua própria mão para alcançar esse objetivo. Maddy tropeçou com o vestido. Com o Escocês, Maddy tinha saboreado pela primeira vez a paixão e agora entendia um pouco mais as cenas que a rodeavam. De noite, só na cama, Maddy se lembrava do gozo que ele a tinha feito sentir... antes de machucar. Mas apesar da dor que ele tinha infligido, Maddy continuava pensando muito mais nele que no Quin; e isso que com este último tinha desejado casar-se. À medida que a rua se levantava, e em consequência o bairro se encarecia, Maddy se aproximava mais a *boulangerie* que se transformou no desejo de sua existência. Como de costume, ao chegar ali parou e ficou embevecida olhando o vitral. As estantes estavam repletas de bolos lustrados que pediam a gritos que alguém os comesse. Dentro, atrás do mostrador, estava o refrigerador último modelo onde se via um montão de sorvetes. Deus, se alguma vez soubesse como roubá-los sem que se derretessem, faria-o sem hesitar. Olhar aqueles doces era só um aperitivo de frustração para suportar o que de verdade obcecava a Maddy: as jovens esposas que estavam sentadas no interior. Nesse instante, Maddy deslizou a vista para elas. Todas tinham mais ou menos sua idade, e estavam ali, tão felizes, cochichando e deixando pratos cheios de comida intacta. Algumas balançavam carrinhos de rodas chapeadas nos que descansava um bebê, e acreditava que todas tinham em casa maridos respeitáveis; homens que as adoravam e aos que elas correspondiam, maridos que as protegiam tanto a elas como a seus filhos. A inveja que sentia Maddy era tão grande que enchiam os olhos de lágrimas e chegava inclusive em ter vontade de vomitar. “Daria o que fosse por ser uma dessas mulheres. O que fosse.” Invejava tudo o que tinham. Maddy desejava um bebê gordinho ao que poder amar e cuidar, não como sua egoísta mãe tinha feito com ela. Queria usar um relógio pendurado no vestido e comprovar se tinha chegado a hora de reunir-se com seu marido em seu acolhedor e feliz lar. Queria ler revistas de moda e decidir o que ia comprar em vez de ter só que sonhá-lo. Ela queria casar-se com um homem rico, mas não pelos motivos que todo mundo acreditava. É obvio, não lhe faria asco às jóias nem aos presentes caros, mas isso era o de menos. O que de verdade queria Maddy era a segurança que suporta ter dinheiro, e a família que poderia ter vivendo tranqüila e feliz. Tinha concentrado seus esforços em homens muito ricos porque esses tinham menos probabilidades de perdê-lo tudo, tal como lhe tinha passado a seu pai. Este era a pessoa a que Maddy mais tinha querido, pois ele sempre tratava de compensá-la pela falta de afeto de sua mãe, mas, de uma vez, Maddy não podia esquecer que a tinha deixado sozinha e indefesa no mundo. Em um mundo que parecia disposto a castigá-la por cada passo equivocado que dava. O velho encarregado da *boulangerie* olhou para Maddy através do vidro. Apesar de estar vestida com seu melhor vestido, reconheceu-a e ameaçou com os olhos. O homem adotava uma expressão de avô bondoso ante seus clientes, mas a ela estava acostumado em insultá-la, e em alguma ocasião tinha chegado inclusive a persegui-la pela rua com uma vassoura. Maddy fez um gesto grosseiro, e dando meia volta seguiu seu caminho. Uma mulher que vivia sozinha em Marais sonhasse tendo um marido decente e uma casa nos subúrbios cheia de crianças era mais que ridículo, era impossível. Mas Maddy não parava por aí, ela ainda acreditava além do... amor. Inclusive depois de ter sido testemunha do casamento entre seus pais, mais parecido à relação entre um avô e uma neta, e depois de todas as perversas relações que tinha visto em seu bairro, Maddy continuava desejando encontrar um homem que a amasse. Em um mundo cruel como o dela, os sonhos como esse não eram mais que uma carga, e Maddy tinha decidido renunciar a eles e casar-se com Daex, evitando desse modo que quebrassem os seus braços.

Ethan olhou ao delator cujo pescoço ainda segurava com força entre suas mãos e sentiu dó. Afrouxou um pouco os dedos para que pudesse respirar um instante e depois voltou a apertar com força.

— Está seguro de que isso é tudo o que sabe sobre Grei?

O pobre indivíduo assentiu como pôde e Ethan por fim o soltou e o deixou ali atirado, no meio do beco. Logo retornou ao botequim de Lake District de onde tinha tirado o tipo a rastros fazia apenas um momento. Mas desta vez se sentou a uma mesa do fundo e se escondeu entre as sombras para repassar tudo o que tinha averiguado durante a última semana. Em sua incansável caçada, Ethan tinha cavalgado milhares de quilômetros e tinha apertado tantos gogós que até lhe doíam os dedos. Agora sabia com certeza que Grei era viciado no ópio mas que nem por indício estava louco; Grei tinha conseguido retornar a Inglaterra pegando a todos em surpresa. Entretanto, por sorte para eles, Grei tinha cometido um engano ao degolar uma das mulheres que trabalhava como informante para a Rede. A arma preferida de Grei era a faca, e a brutalidade de seus assassinatos tinha proporcionado a Ethan uma pista sobre seu paradeiro. Grei estava seguindo Hugh. Ethan tinha que ser mais rápido e melhor que Grei. Sempre no passado o tinha conseguido, apesar de que o traidor era um adversário a sua altura, mas cada um tinha seu estilo. Grei preferia a técnica; Ethan a força bruta. Grei falava quatro idiomas com fluidez e com sotaque nativo e era brilhante em assuntos de estratégia, não obstante, havia um motivo pelo que preferia a navalha à pistola: Grei era incapaz de mirar. Ethan em troca preferia mil vezes saber mover-se nas ruas e ter boa pontaria. Weyland dizia que Grei era um assassino nato, o melhor que tinha conhecido jamais; e de Ethan que era o mais tenaz e incansável. Este último sabia que estava aproximando de sua presa, mas como não obtinha que Grei saísse de seu esconderijo, tinha decidido antecipar-se ao seus movimentos. Hugh tinha levado Jane à casa que Ethan tinha junto a um lago a escassos quilômetros daquele botequim. Tinham previsto ficar ali alguns dias antes de irem a Escócia. Estava seguro que a essas alturas Grei já teria averiguado o paradeiro da casa, e o modo mais rápido de chegar a ela era tomando o ferry que saía do botequim. A outra opção era muito trabalhosa: terei que cavalgar por volta do norte durante dias para poder chegar ao imóvel pela parte de atrás. Aquele botequim era o portal, e Ethan seria seu sentinela. Esperaria ali até que Grei aparecesse. A armadilha estava preparada, e Ethan sentia como sua presa se estava aproximando. Como se matar a Grei não supusera já bastante pressão, Edward Weyland tinha exigido que Hugh e Jane contraíssem um matrimônio de conveniência antes que permitissem em viajar juntos por todo o país. Dez anos atrás, quando Hugh teve que renunciar a Jane, não aceitou o fato muito bem. Agora, depois de passar dia e noite com ela, e além disso sendo sua esposa... voltaria a ficar louco quando tivesse que voltar a deixá-la. Hugh tinha intenção de passar alguns dias na casa do lago e depois dirigir-se à ruínosa propriedade que Court tinha em Escócia. Se por algum motivo Ethan não conseguia apanhar ou matar Grei, ao menos devia tentar lhe dar mais tempo a seu irmão para poder escapar com a Jane. Hugh tinha que atravessar as montanhas a cavalo, embora era um franco-atirador perito e um grande caçador, e sua natureza segundo lar...Ethan saiu de seus pensamentos ao ver entrar Arthur MacReedy e a seu imberbe filho no botequim. As últimas pessoas do mundo às que esperava encontrar. Recordou então que a família MacReedy tinha uma cabana de caça no Lake District e que passavam largas temporadas no local. Ethan sabia muitas coisas dos MacReedy, ao fim, quase tinha chegado a casar-se com a filha do Arthur, Sarah. Vê-los trouxe para o Ethan à memória das lembranças de uma época em que tentou ignorar a maldição e levar uma vida normal; casar-se, ter filhos. E esquecer o que tinha passado. Ethan e Sarah não estavam apaixonados, de fato, até uns dias antes da cerimônia nem sequer se conheciam, mas sua união tinha sentido. Sarah era uma beleza, e Ethan era um rico lord. Tudo estava a pronto, até que a noite antes, Sarah subiu ao alto da torre da velha mansão familiar, olhou-o nos olhos e percorreu a ainda recente cicatriz com repulsão e pena ao mesmo tempo. Ethan estendeu a mão e lhe disse:

—Sarah, não tem por que se casar comigo...

—Kavanagh — interrompeu seus pensamentos o ancião MacReedy saudando-o com o respeito que se supunha devia ter.

Ethan respondeu com o olhar fulminante que se esperava dele. MacReedy e seu filho se afastaram dali em seguida. Quando a garçonete se aproximou da mesa de Ethan para lhe perguntar o que queria, não o olhou nos olhos nem um instante, temerosa de que, se o fizesse, ele

pudesse lhe pedir algo mais que bebidas. Bom, era lógico que acreditasse que um homem com um rosto como o seu tinha que pagar para que uma mulher se deitasse com ele. Ethan estava farto de que o olhassem às escondidas, farto de que as mulheres o contemplassem horrorizadas. Daria tudo o que tinha em troca de que uma mulher o olhasse à cara com naturalidade, e que inclusive se atrevesse a lhe perguntar: “Como fez essa cicatriz?”. Não diria a verdade, claro, mas queria saber o que se sentia ao falar do assunto. A garçonete perguntou se queria comer ou beber algo. Ethan recusou o oferecimento e esteve tentado em lhe dizer: “E pensar que quero me deitar com você, deixa que te diga que faz cinco noites que estive com uma mulher e que não chega nem à sola dos seus sapatos”. E assim, sem perceber, voltou a pensar em Madeleine de novo. Madeleine Van Rowen. Quando Quin revelou a identidade da garota, Ethan não pôde dissimular a surpresa, mas logo, pensando-o bem, fazia sentido que ambas as famílias se conhecessem, pois os Weyland tinham uma casa perto de Iveley Hall, a antiga propriedade de Van Rowen. Mansão que Ethan se apoderou ao morrer Van Rowen. Ethan ainda custava acreditar que se deitou com ela. A garota que tinham mencionado aquela horrível noite, a Maddy cujo nome tinha ouvido o dia que o destino do Ethan ficou destruído para sempre. Depois de descobrir a identidade de Madeleine, Ethan repassou todo o acontecido no baile de máscaras. Antes de saber quem era, Ethan quase se convenceu de que a garota era inocente, mas uma vez soube que era a filha de duas das pessoas mais malvadas do mundo, estava claro que tudo tinha sido um plano friamente calculado. Ethan sempre tinha ouvido dizer que gente desesperada faz coisas imprevisíveis. Mas no caso de Van Rowen isso não tinha sido assim. De fato, foi tão fácil manipulá-los que Ethan quase sentiu que a vingança seria pouco. Van Rowen tinha problemas econômicos. Tinha contribuído suas terras e investimentos como garantia para conseguir empréstimos destinados a satisfazer os caprichos de sua jovem esposa e deixá-la contente. Ethan conseguiu comprar as dívidas de Van Rowen e fez o propósito de esperar. A verdade é que Ethan teve que fazer verdadeiros esforços para reprimir a vontade que tinha das executar. Jamais permitiu que o homem soubesse que ele era o artífice de sua ruína, e ninguém suspeitou nunca que um jovem escocês fosse capaz de chegar a destruir a um nobre inglês. Muita gente acusava Ethan de não ter sentimentos, mas o certo era que tinha muitos. E sempre tinha sido assim. O ódio que Ethan sentia por Van Rowen impregnava todos os aspectos de sua vida. Ao finalizar a vingança, tentou esquecer-se de tudo; Van Rowen e Brymer estavam mortos, e Sylvie arruinada. Ethan estava convencido de que com o fato tinha conseguido mitigar a raiva que sentia, entretanto, depois de seu encontro com a Madeleine se deu conta de que esse ódio continuava queimando-o por dentro. Agora entendia por que ela tinha sotaque francês. As últimas informações que tinha recebido sobre Sylvie e sua filha anos atrás diziam que ambas viviam no imundo bairro de Marais. Depois de investigar um pouco mais, Ethan descobriu que Sylvie em realidade tinha nascido ali, e alegrou em saber que tinha tido que retornar com o rabo entre as pernas. Sylvie merecia morrer em um lugar horrível e sujo, e qualquer filho dela e de Van Rowen merecia o mesmo destino. Ao menos assim acreditava Ethan. Mas em vez disso, a recente viúva se casou com um rico parisiense. O endereço que Quin lhe deu de Madeleine estava no rico bairro de St. Roch. Se Sylvie vivia ali e tinha ensinado suas más artes a sua filha, sinal de que não a tinha castigado o bastante. Essa mulher tinha tido a desfaçatez de mandar a sua Maddy a Inglaterra para que tentasse casar-se com Quin enquanto guardavam outra proposta de casamento na antecâmara. O conde Daex era inclusive mais rico que Ethan, e isso que a fortuna deste era mais que considerável. Ethan sentia náuseas só de pensar no que esse casamento poderia beneficiar a Sylvie.

Mas era muito pior imaginar a Daex com a Madeleine. Ethan apertou os punhos. Inspirou fundo e obrigou a tranquilizar-se. Antes de partir de Londres, Ethan se assegurou de que Daex descobrisse o que sua prometida esteve fazendo na cidade, e, em especial, o que tinha acontecido em uma noite em concreto. Ethan era um professor nesse tipo de ardis, e tinha muitos contatos em Paris. As avaras Van Rowen não conseguiriam aproveitar-se com a fortuna de Daex. Mas até sabendo que tipo de sangue corria pelas veias de Madeleine, Ethan não podia deixar de desejá-la.

Justamente o contrário, cada dia ansiava mais estar com ela. Estava confuso e feito uma confusão. Maldição, tinha que concentrar-se, já decidiria mais tarde sobre esse assunto. Levantou-se da mesa e saiu fora do botequim para tomar ar.

Dois meninos passaram junto a ele e ficaram aterrados ao vê-lo, de modo que Ethan fez uma careta e saíram dali correndo. “Madeleine reagirá igual.” Com a extremidade do olho, viu algo que se movia.

Davis Grei estava em um balcão do outro lado da rua. Em seu rosto desenhava um retorcido sorriso e tinha as sobrancelhas levantadas, como se não pudesse acreditar que Ethan tivesse sido tão descuidado. Estava lhe apontando com uma pistola já em mira. “Mas o que fiz...?” Ethan estava furioso e desencapou sua arma para disparar. Muito tarde. Uma horrível dor estalou dentro de seu peito. Grei tinha acertado a mira.

Capítulo 11

—Estou perdida — sussurrou Maddy para si mesma de retorno a Marais.

Mas bom, o que estava pensando? Ela sempre estava perdida, o único que mudava era a gravidade da situação. Como se atreveu em pensar que o destino ia ser benévolo com ela? Ou que, pela primeira vez, ia ter um pouco de sorte?

—Estou mais perdida que de costume — corrigiu a si mesma.

Os valentões de Toumard a esperavam no beco que havia junto a sua casa, assim que se viu obrigada a vagar pelas ruas com aquele vestido de seda durante horas. Estava endividada até o pescoço, e não tinha nem idéia de como pagar; por outra parte, a única coisa que possuía de valor —sua virtude— a tinha entregue em troca de nada. E agora, essa noite selvagem estava lhe cobrando. Um dos contatos que o conde tinha em Londres havia dito que tinha ouvido dizer através de não sei quem que sua futura noiva se comportou como uma qualquer em sua visita à capital britânica. O muito hipócrita do conde tinha exigido que se submetesse a um exame médico para determinar se ainda era virgem ou se existia a possibilidade de que levasse o filho de outro homem em seu ventre! Como se ainda estivessem em plena Idade Média! Maddy acreditava que já não se faziam essas coisas e estava tentada em dizer: “Mas eu tinha posto o cinturão de castidade!”. Em vez disso, optou por negar-se a tal exame e se esforçou por parecer ofendida e absolutamente desconcertada..., mas o conde acabou por retirar sua proposta de casamento. Também ele a tinha rejeitado, e isso foi como receber uma bofetada. Mas o pior era que Maddy tinha permitido que isso acontecesse. Levava anos tratando com homens, podia encontrar o modo de voltar a situação a seu favor; poderia acabar conseguindo o que queria. Poderia ter posto a chorar e fingir que a decisão do conde a superava. E se essa tática falhava, sempre ficava a opção de lhe seduzir, ou assegurar-se de que o médico que a examinasse fosse dos que aceitam subornos. E apesar de tudo... não tinha feito nada. “Fiz hoje algo que tenha piorado minha situação?”, perguntaria-se de noite.

“Pois sim”, deveria responder-se. Diante do conde, como se estivesse flutuando fora de seu corpo, Maddy ouviu quase incrédula as palavras que saíram de seus próprios lábios.

—De qualquer modo, eu não queria me casar com você! E sua peruca velha.

Tinha estragado sua última opção. Por que? Ela jamais fazia tolices, exceto com o Escocês, claro.

Não deveria ter ido nunca a Inglaterra. Retornar a sua terra natal depois de tantos anos no exílio só tinha conseguido que o seu destino brincasse com ela. Ali tinha se comportado de maneira arrogante e atrevida, e ao parecer não tinha deixado esses traços em Londres para trás assim que voltou para Paris.

—OH, por favor, só quero ter um pouco de sorte — sussurrou desesperada olhando ao céu. E, como em resposta, umas espessas nuvens ocultaram as estrelas. Aonde iria se começava a chover?

Nem todos os bêbados perambulavam pelas ruas eram tão comedidos como os de seu edifício. Alguns inclusive podiam ser muito agressivos se estava em jogo a defesa de seu território. O ar estava carregado e úmido e pressunha uma tempestade, e Maddy odiava as tempestades. Todas as tragédias de sua vida tinham ido acompanhadas de chuvas torrenciais. A manhã do duelo, quando o amigo de seu pai apareceu em sua casa para anunciar a morte de seu progenitor, relâmpagos tinham sublinhado cada uma de suas palavras. O dia do funeral de seu pai tinha chovido muito. Quando Maddy e sua mãe retornaram do enterro, Iveley Hall estava até os batentes de credores. E como se considerava de mau gosto levar jóias a um enterro, Maddy e sua mãe tiveram que fugir dali com o que usavam, apesar de que um broche ou um anel teriam bastado para as mantê-las durante anos. À medida que a carruagem se afastava dali, Maddy observava a mansão pela janela molhada pela chuva, e soube com toda certeza que jamais conseguiria retornar a seu lar... O incêndio que quase a matou quando tinha onze anos tinha sido causado pelos fortes ventos de uma tempestade, enquanto que as poucas gotas que esta deixou, não bastaram para apagá-lo. Maddy ficou presa no pequeno apartamento onde vivia com sua mãe e, inclusive antes que caísse em cima uma viga ardendo que quebrou o seu braço, estava convencida de que ia morrer. Quando conseguiu fugir entre as chamas e chegar a uma janela, Maddy teve que piscar várias vezes para convencer-se de que o que via era certo: ali fora, na metade da rua, estava sua mãe. Era óbvio que tinha sido uma das primeiras em sair. Nesse momento, presa no pânico e das chamas, Maddy pensou que mais valia estar sozinha. Ainda tinha pesadelos em que o fogo a consumia sem que ela deixasse de repetir o só e indefesa que estava. O céu retumbou, e Maddy, assustada, levantou a cabeça. A chuva começou a cair com força e ela correu ao refúgio mais próximo: uma castanheira. Logo riu de si mesma até que a risada se transformou em pranto ao ver como as folhas da árvore caíam sobre ela em turba.

Ethan se arrastou pelos paralelepípedos até cair em um atoleiro de seu próprio sangue. A ferida do peito não deixava de sangrar. Abriu os olhos e deu conta de que, ao cair, tinha soltado a arma. Ouviu as pisadas de Grei aproximando-se, assim como as de gente que entrava e saía do botequim. Apertou os dentes e alargou o braço para a pistola. Estirou a mão, todos e cada um dos dedos, quase podia roçar a culatra, quase... Muito tarde. Levantou a vista e viu Grei chegar ao beco e apontando de novo. Este se aproximou de Ethan com toda a calma do mundo. Com a mão que tinha livre e sem deixar de sorrir, Grei brincou com um buraco fumegante que tinha na camisa e no casaco. A bala de Ethan só tinha furado um de seus elegantes trajes.

— E todos diziam que era melhor que eu — comentou Grei fanfarroneando.

“E assim foi durante dez anos...” Ethan sentia o sabor do sangue nos lábios e sabia que, embora Grei não voltasse a disparar, de qualquer jeito ia morrer.

— Hugh te destruirá — disse Ethan, engasgando-se com cada palavra.

O outro deu de ombros.

— Isso todo mundo diz e acredita. Por outro lado, eu sempre acreditei que acabaria sendo você quem o fizesse.

A porta do botequim se abriu de novo, a música e a luz iluminaram o beco. Grei elevou a vista, olhou para Ethan uma vez mais, e ocultou a pistola.

— Ambos sabemos que o disparo é mortal, velho amigo. — E por estranho que parecesse, Grei olhou para Ethan com pena—. Quando te vi, parecia que estivesse pensando em uma mulher. — deu meia volta e dispôs a afastar-se dali, mas antes acrescentou—: Espero que valesse a pena.

Ethan, reprimindo um grito de dor, rodou de um lado em busca de sua arma, mas Grei já tinha desaparecido. Ethan não podia ver quem tinham saído pela porta traseira do botequim, mas sim podia ouvi-los. Olhando o nublado céu dessa noite, Ethan escutou os discutir MacReedy sobre se deviam ou não o ajudar:

— Não quero me colocar em confusões.

— Não lhe devemos nada.

— Transformou-se em um canalha.

— Acha que talvez merecia que atirassem nele?

— Avisem meu irmão — suplicou Ethan cuspiendo sangue pela boca, mas ambos o ignoraram. Começava a ter calafrios—. Me escutem... — Não o fizeram.

Ele tinha falhado ao Hugh. Em toda sua vida Ethan jamais tinha sido tão descuidado. Como tinha ocorrido sair à rua sem inspecionar antes o local. Estava morrendo e só podia pensar em duas coisas: advertir a seu irmão... e em que já não voltaria a ver aquela pequena bruxa. Ethan sentiu que algumas mãos o seguravam por debaixo dos braços e se preparou para suportar a dor que sentiria quando o levantassem, mas não conseguiu e desmaiou. Não soube quanto tempo permaneceu inconsciente, mas quando despertou estava em uma cama, com um cirurgião que tinha um pulso tremulo em cima dele tentando tirar a bala enquanto outros homens o seguravam. Ethan gritou de dor quando o embriagado médico extraiu a parte de metal e depois limpou a ferida com uma generosa quantidade de uísque.

Antes que começasse a lhe costurar, o cirurgião colocou a garrafa pela sua garganta o obrigando a beber mais da metade de seu conteúdo.

— Fiz tudo o que pude — disse antes de terminar sua tarefa.

— Viverá? — perguntou MacReedy.

Antes de voltar a perder a consciência, Ethan pôde ouvir a resposta do doutor.

— Digamos que se ele recuperar de uma ferida como esta... eu deixo a bebida.

Capítulo 12

— Perco meu tempo a me perguntar se alguém se deu conta de que este canalha desapareceu — disse o velho MacReedy—. Pode que ninguém venha por ele?

— Certo — repôs seu filho com tom distraído.

— Que se dane, velho bode! — grunhiu Ethan.

Depois de cinco semanas trancado na casa dos MacReedy, Ethan estava a ponto de subir por aquelas paredes tão alegremente decoradas.

— Acham que não os ouço?

Claro que os ouvia. Prostrado na cama em que se recuperava lentamente, Ethan podia escutar cada dia os sons de sua tranqüila vida: o roçar das cartas ao em baralhar, os golpes que o velho MacReedy dava em seu cachimbo para esvaziá-lo ou os estalos das fichas de dominó ao cair sobre a mesa.

Tap... tap... tap... todo o maldito dia. Ethan começava a acreditar que ficaria louco.

“Por que ninguém veio me tirar daqui?” sentia-se como um cão abandonado, amarrado em uma árvore e depois esquecida.

— Vá para inferno, MacCarrick! — respondeu o jovem MacReedy.

— E onde caralho, acha que estou?

Espremendo os lençóis com os punhos, observou “seu” cômodo. A maior parte dos armários estavam repletos.

— Acha-se muito valente, mas juro que quando puder ficar em pé de novo vou fazer que engula os dentes.

Pouco depois, MacReedy pai entrou no quartinho de Ethan e se dirigiu para ele com um olhar sério.

— Filho, não quero voltar a te recordar que eu não gosto do tipo de linguagem que emprega.

A primeira vez que o velho abriu um rolo a respeito de como devia falar foi quando a senhora MacReedy tentou ler uns salmos. Ethan se negou a isso usando uma linguagem tão grosseira que pareceu ouvir uma explosão dentro do cérebro da pobre senhora antes que esta se escapasse da

casa e desmaiasse.

— Com dívida ou sem ela, continuarei te enjoando — disse MacReedy com calma antes de sair do quarto uma vez mais.

A famosa dívida. Sempre tentavam reluzir o assunto. Sabiam que deviam a Ethan por ter inventado a incrível mentira de que Sarah não tinha saltado, mas sim tinha escorregado. Desse modo, conseguiu que sua memória não fosse desprezada pelo estigma do suicídio e que pudessem celebrar um enterro católico. Entretanto, deste modo, Ethan fez recair sobre si mesmo os rumores de que tinha sido ele quem a tinha empurrado e matado, que lhe seguiriam durante mais de uma década. MacReedy sabia que Ethan não tinha mentido para preservar a memória de Sarah diante sua família; de fato, MacCarrick os culpava de havê-la forçado a se casar. E tinha assegurado de fazer com que soubessem cada vez que os via o que, por sorte, não acontecia muito freqüentemente. E se não bastasse, Ethan estava agora preso na casa dos MacReedy. Quando despertou após duas semanas de delírio, tentou sair da cama imediatamente. Estava como louco por sair dali e descobrir as conseqüências de suas atropeladas ações. Estaria seu irmão a salvo ou Grei o teria capturado também? Mas a ferida de Ethan voltou a abrir em seguida e ele voltou a ficar inconsciente. Aquele tremulo doutor teve que lhe dar pontos de novo e isso custou a Ethan outra semana de febre. Estava inclusive mais fraco do que quando chegou. Cada maldita vez que tentava ficar em pé e escapar dali, abriam os pontos e desmaiava. Tendo em conta sua altura e o tamanho do quartinho, sempre que repetia o processo batia a cabeça ao cair, o que acrescentava ainda mais dias a seu já comprido mês de convalescença. Viu-se obrigado a pedir a MacReedy que fosse ele quem investigasse se Hugh e Jane partiram para Escócia. Também teve que dar dinheiro ao seu filho para que telegrafasse a Londres informando de sua situação. MacReedy pai conseguiu descobrir que Hugh tinha abandonado a casa do lago na mesma noite em que dispararam em Ethan. Ao menos tinha conseguido algo positivo ao receber a bala: o fato de que Grei estivesse esperando para matar ele, tinha permitido que Hugh iniciasse sua viagem para o norte, para as Highlands, onde se encontraria em seu elemento natural. Ethan estava convencido de que nesse momento seu irmão estava a salvo. O problema era que estaria trancado na mansão de Court com a mulher a que amava mais que tudo no mundo, e que acima de tudo agora era sua esposa, apesar de que fosse só temporalmente. E o que era ainda pior, a maldição era real, com o que Hugh estaria pondo a Jane em perigo de morte. Por outro lado, Hugh era um assassino arisco e de trato difícil, um marido absolutamente inapropriado para aquela beleza que adorava relacionar-se com pessoas. Tudo isso sem mencionar o fato de que Hugh recebia as ordens sobre quem devia matar do mesmo pai de Jane... Mas tendo em conta em que condições se encontrava Ethan, não podia fazer nada para ajudar seu irmão. Entretanto a inatividade o estava consumindo. Morria de impaciência. Não tinha nada mais que fazer exceto pensar, assim dava voltas na cabeça continuamente. Tão logo pensava em seu fracasso com Madeleine. Apesar de que Ethan tinha arruinado qualquer possibilidade de que ela estivesse com Daex, não podia estar seguro de que, depois de tantas semanas, não tivesse encontrado já a outro. Era muito atraente, e se lhe proporcionavam a um dote adequado, algum homem poderia sentir a tentação de ignorar que já não era virgem. Ethan tinha tido uma vez piedade de Grei e aquelas eram as conseqüências, mas não tropeçaria duas vezes com a mesma pedra: não deixaria que Sylvie escapasse ilesa. Quando tivesse acabado com Grei, Ethan enrolaria a Madeleine lhe oferecendo a segurança de uma união conveniente para ambos, e a levaria para longe de Sylvie, a uma de suas mais longínquas mansões. Se ela resistisse, estava disposto até a lhe propor casamento, embora não tinha nenhuma intenção de cumprir sua palavra. Perguntava se seus pais a teriam prevenido contra um escocês moreno e com uma enorme cicatriz na face, mas duvidava. Sylvie não tinha suficiente imaginação para estabelecer a conexão, e Van Rowen se deixou consumir pela vergonha e a culpa que aquele incidente tinha provocado. Provavelmente não teria falado do assunto antes de sua morte, seis meses mais tarde da horrível noite. Em qualquer caso, não importava se tinham advertido ou não à garota, Ethan a levaria fosse como fosse. Desfiguraram-lhe a face: possuir sua preciosa filha

acalmaria sua ira. Uma vez que a tivesse em seu poder, a usaria até se cansar dela.

Então, jogaria de lá, com sua reputação completamente arruinada, e sem um centavo. Seria uma maneira de salvar a muitos tolos aristocratas das garras de Sylvie. Madeleine o tinha acusado de aproveitar-se das pessoas e não dar nada em troca. A senhorita Van Rowen ainda não tinha visto nada.

Capítulo 13

No dia seguinte, quando Ethan ouviu o som de uma carruagem no caminho da entrada pensou: “Pelo amor de Deus, que seja alguém que venha por mim!”.

Suspirou de alívio ao reconhecer a voz de Hugh no salão. Apesar de que seu irmão era habitualmente uma pessoa muito silenciosa, Ethan pôde distinguir com clareza seus esforços por manter uma conversa educada com os MacReedy. Não era muito hábil, mas parecia estar levando adiante seus tolos intentos sem grande esforço. Quando Hugh entrou no quarto, Ethan notou que seu irmão tinha um aspecto saudável e... feliz?

—Ethan, me alegro em te ver! —exclamou de uma vez em que este fazia uma dolorosa tentativa de acomodar-se na cama—. Grei me disse que te tinha matado.

Ethan arqueou as sobrancelhas.

—Assim agora fala com Grei?

—Não, claro que não —riu. Essas foram as últimas palavras de Hugh.

—Há... matou-o? —Grei estava morto em fim—. Como?

Depois de todo esse tempo, não tinha sido Ethan quem tinha acabado com Grei.

—Bom, não o matei eu, exatamente. —Hugh afrouxou o pescoço da camisa—. Mas bem o fizemos Jane e eu, juntos. É uma longa história, contarei isso no caminho de casa. Está preparado para partir?

—Você o que acha? Já era hora de que alguém me tirasse daqui. Enviei-lhes um telegrama faz semanas.

—Não recebemos nenhum telegrama, estive te procurando por toda parte. Inclusive houve gente rastreando as terras a pé. Foi assim como o localizamos.

—Como não receberam nenhum telegrama? —gritou.

Então escutou o jovem MacReedy escapar atendo uma porta. Por isso estive ali trancado durante todo aquele tempo? Porque aquele canalha ficou com o dinheiro que lhe deu para telegrafar a Londres?

—Vou matar a esse adoentado bastardo.

—Faça-o em outro momento, agora tenho que retornar a Londres. Precisa ajuda para se vestir?

Quando Ethan afirmou com a cabeça resistente, Hugh o ajudou a sentar-se na cama.

—Me deixe ver a ferida. —Lançou um assobio ao vê-la—. Ficou a um milímetro...

—Assim não teria passado cinco semanas aqui trancado.

—Uma ferida de bala. Como é que foi tão lento para que Grei pudesse te dar um tiro? —perguntou Hugh.

Os punhos de Ethan se fecharam e não respondeu.

—Está cicatrizando bem —prosseguiu Hugh—. Os pontos só necessitarão poucas semanas há mais se você se cuidar. —Franzindo a testa acrescentou—: por que está ainda tão fraco?

—Porque aqui a comida é asquerosa —respondeu Ethan.

Devia ter perdido uns sete quilos.

—Pode que assim seja, mas igualmente terá que dizer obrigado.

—E uma merda!

Hugh baixou a voz.

—Se não o fizer, não te contarei como morreu Grei. Inclusive posso te deixar aqui, morto de asco...

Vinte minutos mais tarde, Hugh e seu chofer tentavam levantar Ethan e colocá-lo na carruagem.

—Não foi tão horrível, não é? —balbuciou Hugh enquanto dava um último empurrão.

Ethan apertou os dentes e caiu de repente sobre o fofo assento traseiro.

—Me deixe em paz, Hugh.

A ferida doía, a cabeça dava voltas, e mesmo assim, depois de que Hugh o chantageasse para que murmurasse as palavras de agradecimento a aquela família, sentia-se realmente excitado. Porque Ethan se deu conta de que a morte de Grei significava que o trabalho estava concluído, e que era livre para ir a Paris assim que pudesse.

De repente estava eufórico.

—Me conte já como demônios morreu Grei — exigiu saber assim que a carruagem começou a deslizar pelo caminho.

Hugh esquadrinhou a paisagem através da janela enquanto respondia.

—Bom, Jane lhe lançou várias flechas e eu... dei-lhe uma rasteira.

Ethan ficou rígido.

—Grei morreu porque lhe deu uma rasteira? — Isso era muito humilhante.

—Bom, na realidade, foi pior do que parece — repôs Hugh rapidamente, olhando de novo Ethan no rosto—. Foi horripilante. Horrível, seriamente. Mas me diga, como conseguiu Grei te pegar?

—Fui descuidado e paguei por isso. —Ethan encolheu os ombros, incômodo com aquele assunto de conversa—. Que mais aconteceu durante estas cinco semanas? Já anulou seu casamento?

—Não, não fiz.

Ethan suspirou.

—Acaba de me dizer que Grei morreu faz semanas e ainda não o anulou?

—Não... vou fazê-lo. Agora Jane me pertence.

—Mas e a maldição? —inquiriu Ethan franzindo a testa diante semelhante absurdo—. Seu passado...

—Ela sabe sobre o meu passado, o de seu pai... sabe tudo. Grei se assegurou de contar-lhe. E o da maldição... Não é como nós pensávamos, irmãozinho. Court se casou com a Annalía e, bom, vai ser pai.

—Isso não é possível. —Ethan começou a sentir-se enjoado. Nenhuma semente arraigará...

Hugh assentiu.

—É certo. Annalía está grávida, eu mesmo vi.

—O bebê não é dele.

—Isso é o que todo mundo acreditava que diria. Annalía é uma boa garota, mas para sua tranqüilidade, direi-te que Court foi o primeiro e o único homem com o que ela esteve, e ficaram semanas juntos e sozinhos.

Ethan conhecia Annalía e sabia que não seria capaz de mentir sobre quem era o pai de seu filho, nem muito menos de ter um amante que não fosse Court. Mas mesmo assim, esse único feito refutava tudo o que tinham acreditado firmemente durante tantos anos?

—Então, como explica que Court não tenha tido um filho com nenhuma outra mulher antes e entretanto ela tenha concebido tão rápido?

—Todos os que sabem algo do livro e conhecem o que aconteceu estão de acordo em que as duas últimas linhas da predição, as que não se lêem, devem dizer algo a respeito de que cada um dos filhos encontrará à mulher apropriada para ele.

Isso era exatamente o que mais aterrorizava Ethan, que mais tarde seus irmãos fizessem

ilusões. Mas fosse como fosse, Ethan não podia rebater os argumentos de Hugh. Ele mesmo tinha pensado nisso mesmo muitas vezes.

— Você acha isso?

— Sim, Ethan. E espero que você também.

— Então pensa que posso me casar e ter filhos?

Ethan se sentiu incrivelmente esgotado por ouvir todas essas notícias, como se estivesse fora dali só presenciando a conversa, em vez de tomando parte nela.

— Sim, se encontrar à moça adequada. Então poderá retomar a vida que te corresponde levar.

— Já levo...

— Não, não o faz — interrompeu Hugh—. É o conde de Kavanagh. Tem responsabilidades, terras e gente a quem atender. Tem um título que legar.

— Possivelmente me satisfaça mais o meu trabalho atual.

— Não é a vida que nosso pai queria para você, que matasse e que atirassem em você. E tampouco queria que passasse sozinho quase cada maldita noite de sua vida — resmungou Hugh.

— O fato de que Court e você tenham sentado a cabeça de repente não quer dizer que eu tenha as mesmas necessidades que vocês. Eu gosto de meu trabalho, eu gosto do perigo.

— Mas até quando, Ethan? Já não tem tantos reflexos. Droga! Grei te pegou!

Isso tinha sido um golpe baixo, e ambos sabiam. Ethan entreteceu os olhos.

— Então pensa que pode deixar o trabalho sem mais, sem nem sequer olhar para trás?

— Sim, porque agora tenho algo que me ilude.

— Expus-se alguma vez que não deveria estar com a Jane por razões diferentes à maldição ou seu passado? — perguntou Ethan—. É uma questão de um chato sentido comum, algo do que parece meus irmãos carecem, especialmente quando se trata de escolher uma esposa.

De repente, ocorreu uma coisa.

— Jane está grávida, não é isso? Por isso se vê que para os MacCarrick ultimamente reproduzir-se é muito fácil. Por isso é que não anulará o casamento, claro, e por isso ela tem que aceitá-lo.

— Não, não está grávida. Queremos esperar um tempo. — Ao ver o olhar de Ethan, Hugh acrescentou rapidamente —: Mas não com abstinência.

— Querem esperar — repetiu Ethan assentindo—. Então meu irmão o mercenário deixou seu trabalho, casou-se com a herdeira de uma enorme fortuna e vai ter um filho com ela, e meu outro irmão pratica a contracepção como um radical. Deixe-me adivinhar, foi idéia dela?

— Idéia dos dois. Pensei muito a respeito de meu casamento, Ethan. Durante semanas estive pensando se continuar casado com Jane ou não. Cada vez que conto a alguém que me casei com a Jane Weyland, riem acreditando que é uma brincadeira. — Hugh franziu a testa e sussurrou —: Já me cansei disso.

— É que é para rir — replicou Ethan com sua habitual falta de delicadeza—. Jane é famosa por sua beleza e seu engenho, e tem uma família enorme e muito influente. Você em troca quase não pode suportar estar rodeado de pessoas, e raramente fala com outros.

— Sim, sei. Mas ela é feliz sendo minha mulher. Resulta que queria casar-se comigo desde que era uma menina. — Hugh parecia muito orgulhoso. Ethan teve que reconhecer que nunca teria imaginado que Jane tivesse esse desejo.

— E estou me esforçando muito por ela.

— Um homem não pode ir contra sua própria natureza — sentenciou Ethan.

— Não, não está acostumado a ser o habitual — conveio Hugh—. Mas acredito que quando homens como nós o fazem, a mudança é profunda.

— O que se supõe que quer dizer isso?

— Olhe para Court. Era quase tão egoísta como você, e entretanto agora mudou.

Ethan não se preocupou em negar seu egoísmo, mas disse:

— Sim, olhe para Court. Outro exemplo de um casamento absurdo. Annalía é uma rica herdeira, mas Court não vale nem um centavo. Além disso, é um sanguinário mercenário,

enquanto que ela não poderia ser mais delicada. Como vai mantê-la? Deixará ela em casa com seu filho enquanto ele vai à guerra por dinheiro?

—Deixou.

Ethan riu sem vontade.

—Pois então morrerão de fome em seu ruinoso imóvel das Highlands... a não ser que ela seja quem o mantenha. —Arqueou muito as sobrancelhas—. Merda, isso é o que vão fazer. Darei-lhe dinheiro antes de que se transforme no primeiro MacCarrick ao que tem que manter sua mulher.

—Não, quando Court voltou de sua última campanha, eu investi por ele o dinheiro que tinha ganho —explicou Hugh—. Na realidade, Court está em uma boa posição econômica e, além disso, quando Jane e eu estivemos escondidos no imóvel, esperando que você matasse Grei, aborrecíamos-nos, assim que nos dedicamos a reformar a casa. Olha-o desta maneira: a única forma em que era possível tirar as mãos de cima de Jane era as tendo ocupadas. Mas acredite, a casa de Court é agora um lugar digno de ver-se, e a Annalía adora viver ali.

—E quanto tempo durará isso? Melhor dizendo, quanto tempo pode durar? Realmente, Court e você me desconcertam, pensava que meus irmãos tinham um pouco mais de sentido comum.

—Se o que tiver agora é consequência de minha falta de sentido comum, não quero recuperá-lo nunca. —Hugh se recostou em seu assento, como dando por perdida qualquer esperança de convencer Ethan—. Não o entenderá, não poderá compreendê-lo até que você o sinta também. É como tentar explicar a uma virgem como é o sexo.

Essas palavras foram suficientes para que os pensamentos de Ethan voltassem a concentrar-se em Madeleine. Maldição, estava fazendo tão bem... Tinham passado pelo menos dez minutos da última vez que tinha pensado nela.

Ethan entreabriu os olhos.

—Odeio esse tipo tão estúpido de raciocínio. É como quando nossa mãe nos disse que não entenderíamos seu comportamento depois da morte de nosso pai até que nos apaixonássemos.

Quando lhes disse isso, Ethan tinha respondido:

—Maldição, não preciso saltar de uma maldita ponte para entender que a aterrissagem não será muito agradável.

Ethan nunca tinha perdoado a sua mãe e sua atitude. Não havia desculpa para que ela culpasse a seus filhos da morte de Leith, não havia desculpa que justificasse uma reação tão irracional. Pôs-se como louca, tinha gritado coisas que nunca poderiam esquecer...

—Não, Ethan. Tinha razão.

—Claro, agora está de acordo com ela, agora que iniciaram no misterioso culto do casamento. Não saberia dizer se tudo isto me diverte ou me enoja.

Hugh olhou pela janela e começou a falar com um tom mais sério.

—Se... se perdesse Jane, não sei como reagiria, e, certamente, minha última preocupação seria o que dizia ou deixava de dizer.

—Agora já o deixo claro: enoja-me.

—Alguma vez pensou em se casar?

—Não, nunca. Supõe-se que nós não deveríamos fazê-lo, e a verdade, não acredito que faça falta dizer que minha personalidade tampouco encaixa muito com esse estado. —Ethan o tinha afirmado muito seguro, mas agora, pela primeira vez em sua vida, algumas pequenas dúvidas ao respeito tinham começado a instalar-se em sua mente. Seus dois irmãos se casaram e eram felizes; além disso, conforme parecia, a maldição não era exatamente como eles tinham acreditado. Ethan tinha ouvido dizer que a vida de um homem passava por diante de seus olhos durante os momentos anteriores a sua morte. Embora ele esteve a ponto de morrer, não lhe tinha ocorrido nada disso. Entretanto, pouco depois teve várias revelações importantes a respeito de sua vida adulta. Ele nunca teve amizades como as que Court mantinha com seu bando de mercenários. Ethan nunca havia sentido um amor tão desinteressado como o que Hugh tinha demonstrado por volta de Jane durante anos. Aquela noite no beco, quando Ethan acreditou que ia morrer, deu-se

conta de quão inútil tinha sido sua vida. E, por alguma estranha razão, naquele momento tão crítico, seus pensamentos se dirigiram para aquela moça... Depois de quinze minutos de absoluto silêncio entre os dois irmãos, Hugh disse:

—O que fará quando chegarmos à cidade?

—Partirei a Paris.

Desgraçadamente, teria que passar antes alguns dias em Londres. Alimentaria-se bem e recuperaria forças, enquanto ia fazendo os preparativos de sua viagem.

—O que perdeu em Paris?

—Madeleine Van Rowen.

—Ainda pensa nela? —Hugh elevou as sobrancelhas—. Isto me parece muito interessante.

Ethan encolheu os ombros.

—“Isto” não significa nada.

—Sua viagem já não tem nada a ver com sua vingança, não é verdade?

—E o que tem se ainda fosse assim? —Queria completar de uma vez seu castigo, fazer sofrer a Sylvie como se merecia. O fato de que, de passagem, pudesse desfrutar de Madeleine, não tinha nada há ver com seu principal objetivo.

Mesmo assim, enquanto tentava convencer a si mesmo disso, uma parte de sua mente sussurrava: “Usa sua vingança como pretexto para ir até ela”.

—Porque ela não pode pagar pelo que fizeram seus pais. —E Hugh acrescentou em voz baixa— : E se fosse ela?

Ethan deu um pulo.

—O que? Deve estar brincando.

—Alguma vez pensou tanto em uma mulher como nesta?

Não, nunca o tinha feito. Desde que teve memória, nenhuma mulher o tinha fascinado ou frustrado tanto.

—Inclusive se estivesse convencido de que tem razão sobre a maldição, que não estou, o resultado seria o mesmo. Não poderia existir uma união menos afortunada; o simples feito de expor-lhe já é absurdo.

—De verdade tem intenções de desonrar uma garota inocente para levar adiante sua vingança? —Hugh parecia esperar ofegante que Ethan respondesse que não, que seu irmão não fosse tão desalmado como se temia. Mas o era.

—Não. —Ethan guardou silêncio e deixou que Hugh se tranqüilizasse justo antes de acrescentar—: Já a desonrei. Perdeu a virgindade na noite do baile de máscaras.

—Não pode ter sido capaz disso. —Hugh o olhou horrorizado—. Tem que se casar com ela.

—Não o farei.

—É amiga de minha esposa. Ethan te advirto que tomarei frente no assunto.

Este esboçou um sorriso ameaçador.

—Acha que poderá evitar que a possua? Nada poderá evitá-lo, não ao menos nenhum de vocês.

Hugh observou a expressão de seu irmão e arqueou as sobrancelhas.

—Droga. Cada vez o vejo mais claro.

—O que você quer dizer com isso?

—Analisa os fatos: Madeleine é a primeira mulher com a que se deita há Deus sabe quanto e não pode deixar de pensar nela. Depois de anos desejando matar Grei, já não poderá fazê-lo, coisa que, em condições normais, teria te deixado louco. O fato de que Grei te venceu deveria ter te deixado furioso mais que tudo no mundo, mais inclusive que Jane fosse capaz de atirar nele e você não. Faz alguns anos, teria tentado lhe dar uma surra esse canalha dos MacReedy por não mandar o telegrama, embora tivesse tido que te arrastar pelo chão para consegui-lo, mas agora nada disso te incomoda porque a única coisa que quer é voltar para ela.

Ethan ignorou a provocação e disse:

— Só quero desfrutar dela umas semanas, nada mais.
— Pois te desejo toda a sorte do mundo, irmão — disse Hugh.
E, continuando, Ethan acreditou ouvir murmurar:
— Bem-vindo ao clube.

Capítulo 14

Era ali onde vivia Madeleine Van Rowen? Ethan olhou o edifício de seis andares que se elevava diante dele. Tempo atrás, aquela desmantelada estrutura devia ter sido uma grande mansão, mas agora parecia que toda ela cairia só com que Ethan apoiasse um ombro contra seus muros e empurrasse. O mais surpreendente de tudo era que o edifício estava situado no centro de Marais, um dos piores bairros de Paris. Pelo que sabia, Madeleine vivia no último andar, a que habitualmente ocupam os inquilinos mais pobres, tendo que conduzir água e comida pela escada é exaustivo. Ethan subiu os degraus da entrada até alcançar o portal, onde teve que desviar dos corpos de vários bêbados pulverizados pelo chão em diversos estádos de nível de consciência. Mas a porta estava fechada com chave, teria que esperar fora ou penetrar quando algum outro inquilino saísse. Voltou a descer os degraus e se escondeu depois da esquina mais próxima. Apoiou-se na parede, dobrou um joelho e pôs um pé no muro, disposto a examinar o ambiente no que vivia Madeleine. Os homens se pavoneavam, com seus facões ou seus revólveres bem visíveis em seus cinturões. As prostitutas exerciam livremente seu trabalho em cada beco. Os meninos corriam nus e sujos pelas ruas. O ambiente recordava os subúrbios de Londres, só que ali o caos era ainda maior. Se realmente aquele era o bairro de Madeleine, tudo aquilo devia formar parte de seu dia a dia. Tentou imaginá-la com seu elegante e delicado vestido azul entre aquela gente, mas não pôde. Não podia acreditar que Madeleine tivesse escolhido viver naquele lugar em vez da luxuosa zona de St. Roch. Pelo contrário, sim podia imaginar que Sylvie tivesse jogado a sua filha de casa depois de saber que esta não tinha conseguido caçar nem Quin nem o conde. Mas, então, por que não encontrou Madeleine golpeando na porta de St. Roch e rogando que a deixassem entrar?

Ethan tinha chegado a Paris essa manhã, dez dias depois de ter abandonado a casa dos MacReedy. Assim que se teve registrado no hotel, foi a St. Roch em busca de Madeleine, o endereço que Quin tinha dado. Ethan não queria que Sylvie o visse, de modo que tinha tentado descobrir na vizinhança se Madeleine estava ainda na cidade e quais eram os lugares que estava acostumado a frequentar. Ninguém tinha nem idéia de sobre quem estava falando até que descreveu fisicamente a jovem.

Um jardineiro comentou que acreditava que Madeleine passava pela casa algumas vezes ao mês. Um moço que vivia na mesma quadra tinha pego a mesma carruagem que ela na semana anterior e disse que ela não desceu antes dos subúrbios, e que tinha parecido estranho que uma mulher como ela continuasse por aquela zona. Ethan se lembrou de que a antiga casa de Sylvie ficava em Marais e, de repente, compreendeu que essa devia ser o endereço atual de Madeleine. Seguir sua pista até ali tinha sido fácil. Conforme parecia, todo mundo em Marais conhecia “Maddy a *Inglesa*” ou “Maddy a *Gamine*” e, além disso, estava claro que todos haviam avaliado-o, porque todos mantiveram a boca fechada diante as perguntas que fez sobre ela. Um grupo de mulheres mais velhas, que estavam sentadas em um portal diretamente o tinham ignorado; tinham continuado fumando em cachimbos e conversando... até que ele permitiu vislumbrar o anel de diamantes que levou se por acaso Madeleine se mostrasse... resistente. Quando ele disse que ia casar-se com ela, pareceu como se nenhuma indicação fosse o suficientemente rápida para que ele chegasse ao edifício. Pediram a Ethan que recordasse seus nomes para que Maddy pudesse *passeez o gras* ou “passar a graxa”, quer dizer, para que tivesse em conta a aquelas que tinham contribuído a

sua boa sorte. Enquanto Ethan esperava, convenceu-se de que Madeleine ficaria encantada de ir com ele, inclusive depois de ver sua cicatriz. Acreditava que ela morria de vontade de sair daquele lugar. “Madeleine Van Rowen estará em dívida comigo.” Ele idéia gostava. Quando viu que a porta do edifício se abria, Ethan ficou em alerta. Do escuro interior, surgiu uma mulher alta, de cabelo grisalho e com um caixa na mão. Distraidamente, deu alguns passos para saltar os bêbados do portal e se dirigiu para uma fonte próxima. A porta ia se fechando lentamente. Ethan temia que Madeleine tivesse advertido seus vizinhos da presença de um perigoso escocês, de modo que se precipitou rapidamente a entrada e penetrou no interior do portal. Dentro, procurou provas do início da escada; e logo se viu forçado a usar a corda que fazia as vezes de corrimão enquanto subia às cegas na escuridão. Os degraus rangiam sob seus pés e a escada era tão estreita, que se via obrigado a avançar de meio lado. E o que aconteceria se, depois de tudo, ela estivesse no final da escada? Poderia vê-la ao cabo de uns poucos segundos... Quando por fim alcançou o patamar do sexto andar, uma tabua rangeu sob seus pés e uma mulher vestida com roupas puídas saiu disparada de seu apartamento. A julgar pela quantidade de maquiagem que usava, devia ser uma prostituta. Com um olhar à estadia que havia atrás dela, Ethan confirmou suas suspeitas: apesar da nuvem de fumaça que envolvia a habitação, pôde distinguir a um homem amarrado à cama e com os olhos enfaixados, que movia a cabeça quando ouvia algum ruído.

Dez minutos na vizinhança, por não falar do edifício de Madeleine, tinham sido suficientes para que Ethan entendesse por que ela o tinha acariciado com tanta destreza. Devia ter feito com um homem a cada hora.

—Procuro Madeleine Van Rowen — disse à mulher.

—E você quem é? —perguntou ela piscando os olhos.

Genial, aquela mulher falava inglês. Ethan sabia falar francês, mas preferia não fazê-lo, a não ser que fosse sob ameaça de morte.

—É esse o homem de Londres?

É que acaso Madeleine tinha falado dele? Se era assim, não podia imaginar o que teria lhe contado. Em qualquer caso, aproveitou a oportunidade.

—Sim.

—Qual deles? O primeiro ou o segundo?

Ante o assombrado olhar do Ethan, a mulher acrescentou:

—O inglês ou o escocês?

Madeleine devia ter falado sobre Quin. Ainda pensava naquele bode.

—O... escocês.

A mulher fechou a porta atrás dela, sem fazer caso dos protestos do homem lá dentro; juntou as mãos, emocionada e iluminou o rosto.

—Maddée falou com Corrine e a mim sobre você! É o do baile de máscaras, *n'est-ce pas?*—A mulher agitou um dedo admonitório diante de sua cara—. Foi *très mauvais* com nossa Maddée. Mas por fim veio por ela!

“Madeleine contou tudo o que passou comigo a suas amigas?” Não podia imaginar o que teria sido isso ou o que era o que elas consideravam *très mauvais*.

A mulher se inclinou para ele e disse com tom conspirativo:

—Chegou bem a tempo, justo quando suas dívidas estão a ponto de vencer.

—Que dívidas?

—Meu nome é B.

Ethan se deu conta em seguida de que B era um pouco ingênua. Amável e ingênua.

—Sou uma boa amiga de Maddée.

—Claro, B. — Ethan fingiu havê-la reconhecido—. Ela me falou muito de você.

A mulher passou as mãos pelo cabelo, satisfeita. Então franziu a testa e assinalou diretamente a cicatriz de sua cara.

—Maddée não mencionou que tinha cicatrizes de guerra. É da guerra da Crimeia, não é?

—Não, não exatamente... —Ethan interrompeu, porque ela já tinha encolhido os ombros e se dirigia para a porta de outro apartamento.

—Maddée não está em casa, saiu para trabalhar. —Rebuscou debaixo de sua camisola até encontrar um laço com chaves que tinha pendurado no pescoço—. Mas pode entrar e esperá-la.

—Talvez poderia me dizer onde trabalha.

—E quem pode sabê-lo? Estará na ponte ou na esquina. Em qualquer botequim ou cafeteria, não tenho nem idéia.

Ethan sentiu como sua cara se esticava.

—E o que faz exatamente?

Tendo em conta que desde que ele a tinha conhecido, sete semanas antes, Madeleine tinha se transformado virtualmente em uma indigente, quem podia saber se não estaria dedicando ao mesmo ofício que sua vizinha?

Ao ver sua cara, B gritou:

—OH, não, Maddée é garçonne, e algumas vezes vende tabaco. —Logo, acrescentou com orgulho—: Tabaco turco. —Então, com tom de recriminação, continuou—: Nossa Maddée é uma boa garota, não se dedica a isso.

—É obvio — Repôs ele com alívio—. Só é que eu não gosto que ela tenha que trabalhar.

Os olhos de B se acenderam:

—*Exactement!* —exclamou enquanto trabalhava em excesso por abrir — Esta porta é sua casa — sorriu enquanto o acompanhava para dentro.

Ethan jogou a cabeça para trás, surpreso diante do que via.

—Surpreendente, *n'est-ce pas?*

B tinha motivos para sentir-se orgulhosa. Embora o apartamento de Madeleine era parte de uma cobertura com teto de enormes vigas e tão inclinado que Ethan não podia manter-se erguido nem sequer na parte mais alta, Madeleine o tinha transformado em um espaço maravilhoso. O piso superior de uma velha mansão como aquela deveria ter servido para alojar à servidão ou, talvez, classes de aulas para crianças. Ficavam alguns restos daquela boa época: formosos frisos dourados decoravam aquele espaço comprido e estreito; em cima destes, naqueles locais nas que a parede estava em pior estado, Madeleine tinha pendurado alegres pôsteres. Duas enormes janelas presidiam o que parecia ser seu quarto. Estavam cobertas por cortinas vermelhas e, depois delas, adivinhava-se uma pequena sacada repleto de novelos e de pequenas máquinas de moer de vento de madeira. Ao olhar através dos vidros, Ethan se deu conta de que dali podia contemplar uma maravilhosa vista de Montmartre.

—Maddée adora sentar-se aqui fora.

Ele assentiu e depois perguntou:

—Não deveria voltar com seu... amigo?

—Não vai a nenhuma parte — respondeu B com um gesto indiferente da mão—. Bom, venha, as abra.

Ethan afastou a portinha de uma das janelas e abriu as folhas da mesma de par em par. Soprava uma cálida brisa imprópria daquela estação e as máquinas de moer começaram a mover-se enquanto as cortinas ondeavam no interior. Um gato negro saltou ao balcão, roçou com as patas as calças de Ethan e depois começou a esfregar-se com suas pernas.

—É seu mascote?

—*Non*, Maddée não pode criar *Chat Noir*. Normalmente, o gato não pega afeição às pessoas tão rapidamente, isso é um bom sinal.

Ethan encolheu os ombros. Tendo em conta que a maior parte das pessoas estavam acostumadas em aborrecê-lo, o fato de que alguns animais precisavam de carinho sempre o surpreendia. Normalmente, estes o odiavam de morte ou o adoravam. Voltou a centrar sua atenção na casa de Madeleine e se aproximou da segunda janela. Quando viu uma caixa que pendurava dela, compreendeu que Madeleine não conduzia água e comida pela levantada escada.

Subia-as, bastante facilmente conforme parecia, com duas polias que aliviavam a carga. Garota esperta. Além da janela, uma cortina de veludo ocultava uma banheira ridiculamente pequena, mas a verdade era que Madeleine tampouco era muito grande. Sobre uma singela cama de madeira se estendia uma colcha que parecia ser feita com tecidos caros, mas fina em extremo. A Ethan tinha ocorrido que talvez Sylvie tivesse jogado Madeleine de casa quando esta não conseguiu caçar o conde, mas naquela realidade parecia ser o lar de Madeleine; de fato, Ethan pensou que o era há muito tempo. Embora nesse momento, com o sol do meio-dia, era bastante agradável, provavelmente, no inverno, o apartamento devia ser gelado; o teto tinha goteiras e muitos dos pequenos vidros que compunham as folhas das janelas tinham sido substituídos por um fino tecido. Mas essa veia artística não manteria Madeleine quente nos meses mais frios. Também se deu conta de que, embora contava com um fogão e uma chaleira, na casa não havia nada comestível, excetuando uma maçã. Um estranho e preocupante sentimento lhe oprimiu o peito. Quando ele a conheceu já tinha notado aquele ar de cansaço nela, e essa tinha sido uma das coisas que mais o tinham atraído. E ela mesma havia dito que estava tentando caçar um marido rico. Mas por que viveria naquela pobreza quando tinha um padrasto rico e amigos ainda mais ricos?

— Por que não vive com sua mãe?

B piscou os olhos os de novo.

— Não lhe contou isso?

— Me contar o que?

Do oco da escada chegou a voz de uma mulher.

— B, é você?

— *Oui!* — gritou ela junto ao ouvido de Ethan —. *C'est moi!*

— Os bêbados me disse que um homem penetrou no edifício, é um de seus clientes habituais?

— *Non!* Não vi ninguém.

B se voltou para o Ethan e sussurrou:

— Tenho que ir, Corrine se incomodaria muito se soubesse que está aqui. — Suspirou —. Mas isso é porque não entende *l'amour* como eu.

Em voz baixa, Ethan perguntou:

— Quando voltará Maddy?

— Não sei, será melhor que fique cômodo. Bate na porta que há do outro lado do corredor se precisar de algo. — E partiu.

Sozinho, exceto pela companhia do gato, que não parava de brincar entre suas pernas, Ethan registrou os escassos pertences de Madeleine. Tinha vários vestidos, todos eles estragados, embora de cores e desenhos atrevidos, o que os fazia parecer modernos. Entretanto não encontrou nenhum objeto que ela usou em Londres, provavelmente porque Madeleine teria tido que vendê-los. Teria vendido também aquele vestido de seda azul que tinha posto a noite em que se conheceram? Em uma cômoda, em que só ficavam duas das quatro gavetas, sua roupa interior estava escrupulosamente dobrada e remendada. Dentro do oco deixado por uma prateleira desprendida, encontrou um pequeno contrabando. Um lenço de seda envolvia dois pregadores de segurar dinheiro gravados em prata que, sem dúvida, guardava para algum momento de crise. No oco havia também um pequeno livro de apostas e no mesmo havia mais sinais positivos que negativos. Cuidadosamente empilhados dentro do livro, encontrou também cupons trocáveis por carvão e fruta com data de junho passado. “Fascinante.” Era uma ladra, jogava, e além disso comprava no verão cupons trocáveis por mercadorias muito necessárias durante o inverno. Depois de devolver tudo a seu lugar, observou que junto à cama havia uma caixa de madeira. Sobre ela se empilhavam publicações de moda: *O Moniteur da Mode* e *Os Modes Parisiennes*, e um livro, *Cenas da vida boêmia*. Recordou ter ouvido falar desse livro e franziu a testa. Continha descrições de como os “boêmios”, os artistas pobres, tentavam sobreviver conseguindo como comida, bebida e sexo. Consideraria Madeleine um desses artistas? Sem dúvida tinha talento, dado que tinha

conseguido arrumar aquele lugar. Ethan soltou o ar de seus pulmões enquanto se sentava na pequena cama de Madeleine. O gato o seguiu rapidamente, e, embora Ethan sabia que estava sozinho, olhou a seu redor antes de acariciá-lo. MacCarrick não teve mais remédio que admitir que seu plano de vingança parecia bastante mal organizado quando começou a perguntar se Sylvie importaria se levava a sua filha com ele sem desposá-la. A idéia de afastar Madeleine de sua mãe para que esta não pudesse usá-la para enriquecer-se tinha deixado de ter sentido. Em realidade, Madeleine já estava afastada dela.

Talvez devesse partir sem mais. Agarrou o travesseiro e a aproximou para procurar seu aroma; seus olhos se fecharam de prazer. Não, não partiria até que voltasse a possuí-la. Além disso, gostava de resolver enigmas, e se a vida de Madeleine não era um mistério... Uma vez decidido, ficou em pé e começou a passear de um lado a outro como se estivesse... nervoso. Um homem tão experiente como ele, tão cínico e desdenhoso, sentia-se nervoso por voltar a ver aquela jovem impertinente. Porque agora ela veria a sua face. Cruzou a sala e se colocou em frente do espelho quebrado que pendurava da parede, em cima da cômoda. Cada vez que Madeleine se olhasse naquele espelho, veria nele a beleza. Ethan soltou uma áspera gargalhada ao ver seu próprio reflexo, quase desumano: a bela e a fera.

“Mas esta fera tem dinheiro — recordou a si mesmo —, coisa que evidentemente lhe faz falta”.

O fim do dia ia se aproximando, assim saiu a sacada com a esperança de vê-la aparecer antes que o sol desaparecesse de todo. Observou que dois homens enormes, um par de valentões, estavam montando guarda na porta do edifício. B havia dito algo a respeito de umas dívidas. Estariam esperando Madeleine? Ethan moveu os ombros para comprovar como tinha os pontos que ainda levava no peito. Se tinha que enfrentar dois valentões, seria melhor não forçar muito a ferida. A escada rangeu. Todo seu corpo ficou tenso antecipando o encontro, e então se precipitou para a porta abrindo-a de par em par. Olhou fixamente a B, que também acabava de abrir sua própria porta. Ambos, cada um a um lado do patamar, franziram a testa. A mulher a que tinha visto antes carregando a caixa estava no último degrau, mas agora levava uma vassoura. Apesar de seu cabelo grisalho, não tinha nenhuma só ruga no rosto, o que fazia difícil determinar sua idade.

—O que faz na casa de Maddy? Quem é? — perguntou —. Quem te deixou entrar?

Fora da vista da mulher, B sacudia a cabeça negando como uma louca e agitava os braços.

— Vim por Madeleine, estou esperando-a... exceto se você possa me dizer onde está.

— Você é o escocês? Que fez tanto mal a minha Maddy! — Segurou com força a vassoura e a levantou por cima de sua cabeça —. Preferiria que me partisse um raio antes de dizer-lhe. Vamos desfazer-nos de você antes que ela volte; sua vida já é bastante dura tal como está.

Finalmente, B deu um passo adiante.

— Corrine, talvez deveríamos esperar. Maddée disse que este era o que realmente gostava. Na verdade...

— Se cale, B!

“Que eu gostava?”

Primeiro Ethan pensou e depois se recriminou por ter feito. Como se importasse com algo.

Mas B insistia, murmurando:

— Maddée disse que o escocês era o que ela...

— Isso foi antes que lhe desse dinheiro e a tratasse como a uma puta. — Olhou com fixidez para Ethan, depois se voltou para B e disse —: Sem querer ofender.

B olhou para Corrine como se não entendesse muito bem a que se referia. Era assim como Madeleine tinha interpretado o dinheiro que Ethan tinha deixado sobre o banco? Ele só queria pagar a carruagem.

— Eu gostaria de reparar o dano que lhe fiz — disse —. E esclarecer uns quantos mal-entendidos.

Corrine o examinou de cima abaixo. Com um único olhar provavelmente a mulher teria cifrado

seu valor em umas quinhentas libras. Curiosamente, tão somente olhou sua cicatriz rapidamente.

—Só quero falar com ela — insistiu Ethan ao notar que ela vacilava—. Se me dissesse onde está... —E para assegurar-se, acrescentou—: Eu também gosto dela.

—Vê? —gritou B.

Ao cabo de um momento, Corrine baixou a vassoura e a apoiou contra a parede.

—Exceto que tenha vindo para pedir a Maddy que se case com você, aqui não tem nada que fazer.

—Isso é precisamente ao que vim — disse Ethan.

Corrine suspirou com alívio. E tratando de fazer ouvir sobre os emocionados aplausos de B, disse:

—Nesse caso, Maddy me disse que ia tentar conseguir trabalho no Silken Purse, em Montmartre.

Ele assentiu.

—Excelente, irei diretamente ali.

—Está colina acima — gorjeou B sorrindo—. Procura-a na ponta, na parte de trás.

De repente, a expressão da mulher ficou sombria e deu meia volta para a Corrine.

—No Silken Purse? Está segura?

Quando Corrine afirmou com um movimento de cabeça, B começou a falar em francês tão rápido que Ethan não pôde compreender quase nada. A única coisa que entendeu foi “ela disse que ele disse”, “então sua prima ouviu”, “ele disse” e, no final, “Berthé”.

Corrine empalideceu.

—O que? —perguntou Ethan impaciente—. O que quer dizer tudo isso?

—Quer dizer que tem que ter pressa. Estão a ponto de atacar Maddy.

Capítulo 15

Qualquer possível dúvida a respeito se sentiria de novo atraído por Madeleine, se dissipou quando a viu ao longe, na porta do botequim. Apoiou-se em um canto próximo, e a olhou enquanto esperava. À luz das ruas, pareceu ainda mais atraente do que tinha imaginado. Com a máscara posta, Ethan pode ver seus brilhantes olhos azuis, seus lábios carnudos e seu firme queixo, mas o resto de seus delicados traços tinham permanecido ocultos. Agora podia comprovar que seu nariz era fino e elegante; seus maçãs do rosto, pronunciadas e aristocráticas. “Impressionante.” Mas inclusive com aqueles olhos azuis e ingênuos, não parecia uma garota inocente. Mas justamente o contrário. Usava a blusa aberta, para deixar entrever um bonito decote que Ethan não recordava que tivesse. Pôs-se uma gargantilha de seda negra ao redor do pescoço e, embora tinha amarrado uma parte do cabelo sobre a cabeça em forma de dourada coroa, o resto de seus cachos caíam compridos e soltos sobre suas costas. Tinha aplicado cor em suas faces e sua saia tinha uma forma estranha: não tinha vôo da cintura, como era habitual, mas sim se ajustava a seus quadris e em seu traseiro. Madeleine parecia maior e um pouco... lasciva, como se estivesse disposta que transassem com ela; Ethan sentiu um súbito calor que já nem sequer deveria deixá-lo surpreso.

Madeleine fulminava com o olhar às outras mulheres do canto enquanto examinava a situação. Ethan recordou a um animal, frio e calculista, planejando com cuidado seu seguinte movimento.

Quando o taberneiro, embelezado com um avental, abriu a porta, todas centraram sua atenção nele. O homem começou a falar em francês e disse algo a respeito de pegar somente duas garotas

há mais para trabalhar naquela noite. Depois, se visse qualquer delas pelos arredores, faria que a detivessem por malfeitora. Imediatamente, todas começaram a competir por conseguir as melhores posições. Madeleine não tinha nenhuma possibilidade frente às outras mulheres, maiores, que a olhavam ameaçadoras, com os grossos braços cruzados sobre o peito. Se enfrentava a elas, estava claro que a atacariam. Madeleine era perfeitamente consciente disso e se afastou um pouco do barulho. De passagem, tirou também do meio uma menina que levava uma bandeja de tabaco. A pequena parecia a ponto de chorar por não ser uma das escolhidas. Madeleine deu um suave golpe sob o queixo procurando sua cumplicidade, e então pegou uma moeda de ouro segurando entre os dedos.

—Aposto cem francos com qualquer uma de vocês —começou a gritar com voz decidida— a que serei uma das duas que vão trabalhar.

Como abutres ao redor da carniça, as mulheres rodearam a Madeleine e à menina, prontas para equilibrar-se sobre elas. Ethan se afastou da parede e começou a caminhar para lá disposto a intervir na discussão. Madeleine girava dentro do círculo, mantendo o olhar de algumas daquelas mulheres e sem fixar a seu no dinheiro. Certamente tinha algum plano... A mais forte das mulheres se precipitou para a moeda e bateu na mão de Madeleine. O dinheiro saiu disparado pelos ares e caiu, repicando sobre os tijolos, trinta metros mais à frente. Todo o grupo de mulheres correu para lá enquanto se pegavam pelo cabelo e davam bofetadas. Madeleine aproveitou para colocar-se dentro do botequim, e arrastou com ela à menina dos cigarros, que tinha ficado boquiaberta. De entre o montão de mulheres, uma voz exclamou em francês:

—É uma moeda falsa!

Então, todas começaram a gritar algo sobre matar a *Gamine*.

Ethan sorriu entre as sombras. A *Gamine*, uma mendiga das ruas, a verdade é que o apelido acentava. Era certo que havia algo rebelde em sua forma de ser. Continuando, dirigiu-se a toda pressa para o botequim, como se de repente não pudesse esperar, ou seja qual seria o seguinte passo daquela jovem impertinente.

As outras mulheres estavam bastante zangadas porque Maddy e a menina dos cigarros, a quem muito apropriadamente chamavam Cigarro, tivessem-lhes dado um golpe. Maddy tinha ajudado à pequena porque recordava a si mesma quando era menina: faminta, desesperada e necessitada de que alguém lhe desse uma ajuda. Mas... assim estava Maddy também agora. Por todos os demônios! Berthé estava ali, olhando-a depois da barra. Às vezes, Berthé e Odette trabalhavam nos botequins, mas só para conseguir novos clientes. Que Berthé estivesse ali não era nada bom. Maddy não tinha entrado no Silken Purse fazia anos, mas nunca antes esteve tão desesperada por salvar sua pele. As mulheres do canto estariam esperando-a na saída, prontas para fazer pagar a sacanagem. Maddy rezava para que pudesse lhes pagar com dinheiro. O interior do botequim não tinha mudado da última vez que viu. Havia uma entrada e duas salas enormes, uma delas era a mais buliçosa, onde se servia comida e bebida, e a outra era mais escura; ali, as garotas como Berthé serviam bebidas e convenciam aos clientes para que comprassem algo mais. Alguns abajures de gás iluminavam aqui e lá as paredes do botequim. A escassa luz que desprendiam deixava ver a cor amarelada da que a fumaça do tabaco tinha tingido os muros. Atrás da barra, via-se um montão de espelhos em cujos vidros estavam gravados os nomes de todo tipo de licores. No local havia alguns homens velhos que já estavam bêbados e se reuniram para cantar canções da revolução, mas além deles e de algum bêbado solitário, o botequim estava vazio. Madeleine ouviu a campainha da porta alguns minutos antes, mas estava concentrada em Berthé e não viu quem entrava. Naturalmente, uma vez que Madeleine as tinha enganado para entrar no botequim, que em geral estava até acima, esta resultou estar quase vazia. Enquanto se olhava no espelho do fundo, apoiou o cotovelo sobre a barra e o queixo sobre a palma de sua mão. Parecia cansada apesar do ruído e a maquiagem que pretendia ocultar suas olheiras. De repente, franziu a testa e massageou a nuca com as mãos. Tinha a terrível sensação de que alguém a estava observando.

Fixou o olhar no espelho que tinha em frente, mas não pôde ver através dele na sala principal. A outra sala estava quase às escuras, mas lhe pareceu vislumbrar a silhueta de um homem. Entretanto, não pôde distinguir seus traços, nem sequer ver se estava olhando para ela. Sentia curiosidade, mas sabia que era melhor não entrar naquela sala.

Convenceu-se de que era imaginação dela, de que tinha os nervos muito alterados. Voltou-se de novo e apoiou outra vez a cabeça na mão. “Uma pausa — pensou—. Só um pouquinho de sorte.”

Quando por fim tivesse esse pouco de sorte, não hesitaria nem um segundo em aproveitá-lo, como qualquer um que vivesse em Marais. Tinha que acreditar que algum dia sairia dali. Corrine, B e ela estavam acostumada sonhar que algum dia embarcariam para qualquer outro lugar, podia ser inclusive a América. Maddy abriria uma loja de modas em Boston e Corrine seria sua desenhista. A primeira vez que lhes tinha ocorrido aquela idéia, a cara de B se escureceu:

— E eu o que farei?

— Será a modelo, é obvio — tinha assegurado Maddy enquanto Corrine assentia convencida—. Não podemos abrir uma loja de moda sem ter uma modelo.

Os azuis olhos de B se iluminaram.

— Sou muito boa posando! OH, Maddée, não poderá acreditar o quão quieta estarei!

Maddy sorriu ao recordar a cena... Como se suas preces tivessem sido escutadas, um grande grupo de turistas ingleses encheu o botequim. Entretanto, Berthé saiu na frente. Mas então entrou um grupo de estudantes ricos da Universidade de Paris. “Meus, são meus”, pensou Maddy enquanto preparava seu melhor sorriso e se abatia sobre eles. O botequim logo se encheu de homens de negócios, de comerciantes burgueses e de boêmios. Maddy se mantinha afastada destes últimos, especialmente dos que fumavam em cachimbos de argila e usavam cotoveleiras no casaco. Estava ganhando uma pequena fortuna em gorjetas, mais do que já tinha ganhado, e até as tinha enganado para comer um par de limões e perto de meia dúzia de cerejas das que ficavam nas bebidas. Mas quando rondava a barra à busca de completar a dúzia, o taberneiro se deu conta e o pregou um forte golpe na mão com uma vara.

Soprando, Madeleine agitou a mão acima e abaixo, tentando aliviar a dor, e de novo teve a sensação de que alguém a estava observando. Felizmente, o golpe não impediu de continuar levando a bandeja de um lado a outro e durante as duas horas seguintes serviu numerosas jarras de cerveja, taças de ponche e garrafas de absinto. Cada vez que se cruzavam a barra, Berthé a empurrava mas mesmo assim, Maddy conseguia manter o equilíbrio das bandejas. Por sorte, seus ágeis pés a ajudavam a escapular, apesar de usar umas botas dois números menores do que lhe correspondia. Cada vez que dava a volta, tinha a sensação de que alguém a estava observando. Quando Cigarro terminou de vender sua mercadoria, Maddy decidiu dar algo de seus lucros e entregou quinze centavos para que os usasse se alguém pretendesse lhe pegar. A menina afastou habilmente a bandeja que tinha pendurada no pescoço e abraçou Maddy. A seguir escapou, com suas tranças ondeando atrás dela. Justo quando Maddy se voltou de novo, um dos universitários a agarrou com força pela cintura e, de um puxão, sentou-a sobre seus joelhos. Maddy dedicou a examinar o teto através da fumaça enquanto escutava o estudante compará-la com a Leda e com várias ninfas e fazer planos de futuro para ele e para ela. Suas divagações terminaram por ficar aborrecidas, assim, como sem querer, Maddy derramou a cerveja que havia na mesa sobre os pés do jovem. Levantou-se em seguida prometendo repor a bebida imediatamente, cobrando é claro. Quatro homens de meia idade que estavam sentados na outra mesa foram bastante mais diretos em suas proposições. Quando Maddy os olhou, fizeram gestos de que se aproximasse e um deles perguntou quanto cobraria para se deitar com todos eles.

— Cem francos?

Ela sorriu, tensa, e se conteve para não soltar um impropério. Quando o homem subiu até os quatrocentos francos, quantidade que ela só poderia ganhar em um ano realmente próspero, Maddy continuou recusando a oferta com segurança. Para contentá-los, dirigiu-os a uma das

garotas mais bonitas da sala de trás e pediu que a lembrasse que deviam *passer o gras* a Maddy. Surpreendentemente, aqueles homens continuavam comportando-se com grande amabilidade com Maddy, e até pediram outra jarra de ponche, que era uma das coisas mais caras que se podia pedir no Silken Purse. Maddy se lançou para a barra para buscá-lo.

Ao voltar, apressou em servir o ponche enquanto sorria agradecida por sua sorte...

Ethan tinha decidido observar como era uma noite qualquer na vida de Madeleine para poder fazer idéia da situação da garota, como, por exemplo, por que se via forçada a trabalhar tão duro em lugar de estar comendo bombons em um divã de St. Roch. A cada minuto que passava, sentia-se mais inquieto.

Apesar de que se tratava de um botequim mais e de que ele estava ali simplesmente para observar, tal como fazia cada noite em seu trabalho, tinha que conter-se para não perder sua habitual objetividade. sentia-se fascinado pelo comportamento de Maddy, pela habilidade com que esquivava dos que tinham as mãos muito grandes, sua generosidade com a menina dos cigarros e a maneira em que fazia rir os homens com seu inteligente senso de humor. Tinha visto como, cada vez que faziam alguma proposição, ela reprimia sua atitude ativa e se tragava qualquer réplica. Isso tinha ocorrido ao menos uma dúzia de vezes, o que implicava que Ethan queria matar ao menos a uma dúzia de admiradores. Se supunha que era um observador imparcial, por que tinha decidido, então, voltar mais tarde e castigar o taberneiro por havê-la golpeado com uma vara? E por que quando aquele juvenzinho a tinha sentado sobre seus joelhos, Ethan esteve a ponto de esfregar a cara dele pelo chão? A verdade é que Ethan tinha aprendido muito sobre ela aquela noite, e tudo o que tinha visto tinha causado grande admiração. Madeleine trabalhava sem descanso, e agora mesmo carregava outra jarra de ponche com uma expressão de orgulho no rosto. De repente, Ethan viu como outra garota deslizava um pé diante dela e lhe dava uma rasteira. Madeleine saiu disparada para frente e, antes que ele pudesse reagir, a enorme jarra de cristal quebrou em mil pedaços contra o chão. O botequim ficou absolutamente em silêncio, à exceção das risadinhas de alguns homens. Ethan queria dar uma surra a todos e cada um deles. Maddy tratou de se levantar, mas seus pés escorregaram no pegajoso líquido. Deu um murro no chão e em seu rosto se desenhou uma expressão misturada de indigestão e decisão. Justo quando Ethan se levantava para ajudá-la, ela conseguiu ficar em pé. Sacudiu a saia, engoliu seco e apertou as pálpebras, como se estivesse rogando que a testa não estivesse realmente torta. Quando voltou a abri-los, seus olhos soltavam faíscas. O taberneiro começou a proferir maldições em francês e abriu a palma da mão enquanto assinalava para Maddy com o dedo indicador da outra. Com a cabeça bem alta, ela rebuscou no bolso de sua saia enquanto se dirigia para a barra. Cada vez que entregava uma moeda ao taberneiro, apertava-a primeiro brevemente entre os dedos, como se não pudesse suportar a idéia de ter que separar-se delas. Quando terminou de dar quase tudo o que tinha ganho essa noite, o taberneiro assinalou a porta e, embora os clientes o viaíram, o homem não mudou de idéia. Maddy tentou manter a compostura enquanto se dirigia para a saída, mas sabia que as mulheres do canto estariam ali esperando-a. Ethan a seguiu rapidamente. Uma vez no vestíbulo, Maddy cruzou com um ruidoso grupo que tentava entrar no local; em meio da confusão, conseguiu surrupiar um guarda-chuva do cabide.

Ethan saiu do local atrás dela e, em silêncio, seguiu-a escada abaixo entre a multidão. Estava seguro de que as mulheres de antes estariam ali. Com fingida valentia, Maddy começou a golpear a palma da mão com o guarda-chuva e perguntou:

— Quem quer ser a primeira?

Ele, de pé bem atrás dela, dedicou a aquelas mulheres seu melhor olhar assassino por cima da cabeça de Madeleine. A mulher que se encontrava mais perto abriu os olhos arregalados e se afastou. As demais a imitaram e, finalmente, o grupo se dispersou.

— Assim que eu gosto! — gritou Madeleine —. E recordem bem meu nome!

De repente, sentiu um calafrio. Depois de um momento de dúvida, começou a virar-se para ele.

O coração de Ethan disparou. Depois de tantas semanas, por fim íam encontrar-se de novo. Secou-se o suor da testa com a manga. “Necessita de mim mais do que eu necessito a ela”, recordou-se a si mesmo. Então perguntou:

—São amigas suas?

Capítulo 16

Maddy não gritou nem se assustou, simplesmente apertou o guarda-chuva com força, como se fosse um pau de cricket, enquanto se virava de tudo. Ficou boquiaberta ao reconhecê-lo.

—O Escocês!

Não podia ser, mas aqueles olhos, o sotaque e sua grande estatura indicavam que tinha que ser ele. Examinou seu rosto e se surpreendeu ao descobrir que aquele homem que ela tinha imaginado tão perfeito tinha na realidade uma horrível cicatriz. Viu que permanecia imóvel, como se estivesse armando de coragem para suportar sua reação. Para Madeleine pareceu inclusive que ele nem sequer respirava enquanto ela observava a evidente cicatriz.

—Bom, agora sei por que não queria tirar a máscara — cabeceou—. Tinha que manter oculta essa cicatriz que te atravessa a face. Deve medir mais de um palmo.

Ethan entreabriu os olhos.

—*Aingeal*, só há uma coisa em todo meu corpo que mede mais de um palmo e, se esforçar a memória, recordará que não é precisamente a cicatriz.

—Bom, a marca é bastante grande — dedicou um sorriso de satisfação e depois acrescentou—: quanto ao outro... quase não me lembro. —Como se alguma vez fosse esquecer aquela dor abrasadora—. Quanto tempo está me espiando?

—Não estava te espiando. Somente queria me assegurar de que não te atacava um grupo de violentas mulheres francesas. Por outro lado, acredito que este é um bom momento para te dizer como me chamo. Sou Ethan MacCarrick, e...

—Por que? —Afastou o guarda-chuva e começou a descer os degraus até chegar à rua.

Quando a alcançou, Ethan franzia a testa.

—Por que, o que?

—Por que acha que é um bom momento para me dizer seu nome? Por que pensa que me importa como se chama? A verdade é que não me importa nada, assim *bonne nuit*.

Ocorreu a Maddy em como seu dia podia piorar mais, mas acelerou os passos para chegar a casa antes que acontecesse alguma nova desgraça. Livraria-se daquelas botas que a estavam torturando, meteria-se sob os lençóis e não se levantaria durante dias; assim talvez esqueceria que o Escocês existia.

—Nem sequer quer saber por que estou aqui?

Como sempre, teve a curiosidade. “Como terá me encontrado? Quanto saberá sobre mim?” Mas depois do cruel que tinha sido o dia em que se conheceram e depois da jornada que tinha tido... Não podia pensar em nada que não fosse o dinheiro que tinha perdido ao quebrar a jarra de ponche, em como doíam os pés ou no muito que precisava esquecer-se de tudo e dormir.

—Não. —Ficou em silêncio enquanto dava uns golpezinhas em seu próprio queixo—. A não ser que saiba como me devolver a virgindade que, infelizmente, perdi em uma carruagem londrina. —Arqueou as sobrancelhas, interrogando-o com o olhar—. Você não a tem, não é verdade? Pois então, adeus.

Antes de partir fixou com deleite em sua expressão, que era impagável. Aquele miserável acreditou que se alegraria de lhe ver.

—Vai para casa? —perguntou ele atrás dela—. Pois aviso os valentões de minha parte quando chegar ao portal.

Quando ela parou o passo, Ethan acrescentou:

— Quanto deve?

Para ouvir a pergunta, Maddy o olhou por cima do ombro.

— E a você o que te importa?

Ethan chegou de novo a sua altura, em umas poucas pernadas.

— Porque poderia te ajudar.

— E por que ia fazê-lo? Porque sairia do mais profundo de seu negro coração?

— Não, tenho que reconhecer que quero algo de você. Se me escutasse...

— O que disse MacCarrick? — Quando ele assentiu, Madeleine disse —: Acredito que posso imaginar qual é sua proposição, e não estou interessada absolutamente.

— Pode ser que sim ou pode ser que não. Jantar comigo e conversarmos.

— Não sou tão imbecil; quer voltar a se deitar comigo, e isso não voltará a ocorrer jamais. Não poderia ter me convencido disso embora não tivesse visto sua cara, de modo que não esbanjarei meu tempo falando disso. Não há nada que possa me oferecer para que eu mude de opinião.

Ela quase podia ouvir como chiavam os dentes dele.

— Acredito que necessita de muitas coisas que eu poderia te oferecer — disse ele por fim.

— A que se refere?

— O inverno se aproxima, e você vive em um barracão úmido e frio.

Maddy quase caiu de bruços contra o chão.

— Esteve em meu apartamento?

— Sim, B me deixou entrar. Estivemos falando um momento.

— Assim foi ela a que te disse onde me encontrar? Por que fez isso? Ameaçou-a? — perguntou inquieta —. Fez algo a ela, por ser uma... bom, por ser popular?

— Não, ajudou-me porque diz que você gosta de mim — respondeu ele arqueando as sobrancelhas.

B havia dito isso? Que vergonha! Madeleine se sentiu como uma estúpida adolescente em sua primeira festa.

— Foi Corrine que me disse que poderia te encontrar neste botequim.

“Corrine também?”

— Não tenho nem idéia do por que delas terem te ajudado... Minhas últimas palavras sobre ti foram que é uma besta.

— Corrine me rogou que impedisse que uma mulher chamada Berthé te fizesse mal.

Ela se aproximou para olhá-lo.

— Mas como encontrou meu apartamento?

— Quin Weyland me deu um endereço de St. Roch, e eu segui sua pista até Marais.

— É amigo de Quin?

— Sou amigo da família Weyland. Em certo modo, somos parentes; meu irmão acaba de casar-se com a Jane Weyland.

— Isso é uma tolice, o último que sei da Jane é que ia se casar com um rico conde inglês.

— Acredite, eu tampouco encontro muito sentido nisso.

— Assim, você já sabia quem eu era na noite do baile de máscaras?

— Não, só sabia que era uma conhecida da família. Olhe, Madeleine, a julgar pelo muito que emagreceu da última vez que te vi, é muito provável que a maçã que vi em sua cozinha seja seu único jantar, e esses valentões não tinham pinta de ser muito compassivos. Não podia negar que tudo isso era certo.

— O único que te peço é que jante comigo e me escute. — Quando ela estava ainda negando com a cabeça, Ethan acrescentou —: De verdade é tão difícil decidir se deve desfrutar de um bom jantar comigo ou enfrenta a esses homens?

Se os valentões de Tourmard estavam ali, veria-se obrigada a vagar de novo pelas ruas, mas mesmo assim disse:

— Sim, MacCarrick, tão difícil me resulta. Aquela noite você foi mal e o único que ajudou a me manter serena foi saber que não teria que voltar a te ver na vida. “Já decidirei o que fazer com você”, disse-me. É intolerável! Não quero nada de você, não o quis então e não o quero agora. Sei me cuidar muito bem desde que tinha quatorze anos! — Estava a ponto de chegar a casa, à cama, ao esquecimento.

— Sim, e o está fazendo muito bem, a julgar por sua pobreza, a fome que passa e as dívidas. Possivelmente deveria ter ficado com o Quin até que eu retornasse se era aqui aonde ia voltar. — Moveu a mão como assinalando seu entorno.

Grupos de indigentes reunidos ao redor de fogueiras feitas em panelas de barro projetavam suas sombras sobre os edifícios. Ao longe, ouviam-se ruídos de disparos. Em algum lugar escuro acabava de começar uma briga.

— Quin me disse que era uma garota inteligente e prática, assim suponho que terá o suficiente sentido comum como para, ao menos, me escutar.

— Quin te falou que mim? — perguntou, diminuindo o passo.

— Sim, e sabe que vim a Paris para te ver. Não acredito que ele gostasse de saber que vive em um lugar assim.

Maddy morreria se Quin soubesse! Cruzou os dedos... Seria seu orgulho tão forte para obrigá-la para jantar com o Escocês? Por isso parecia, seu orgulho levava nesse momento bastante vantagem a sua curiosidade, mas tanto um como outro a empurravam a cair na armadilha. Por fim parou.

— Não quero que saiba.

— Então vêm comigo — replicou ele com um tom autoritário que habitualmente devia conseguir que todo mundo fizesse sua vontade, porque a olhou perplexo quando ela se limitou a arquear as sobrancelhas—. Vêm comigo e te conseguirei um quarto em meu hotel e poderá jantar algo quente.

— Agora resulta que se trata de ir a seu hotel? Acha que sou idiota? Além disso, acreditava que você gostava mais em fazê-lo nas carruagens em marcha.

Ethan emitiu um grunhido de frustração, e então tirou de seu bolso uma caixinha e a ofereceu.

— Jantar comigo, escuta minha proposta e te darei isto. Sem condições.

Maddy agarrou tão rapidamente a caixa que Ethan não pôde piscar. Deu a volta enquanto a abria. Um anel de diamantes!

— Você se importa se o observar com mais calma? — perguntou, olhando-o por cima do ombro.

Ele arqueou uma sobrancelha enquanto o fazia um gesto com a mão.

— Absolutamente.

Necessitava de uma luz, e a única que teve em Marais, é obvio, tinha sido vendida como sucata. Mas Maddy tratou de calcular o peso da pedra e decidiu que não podia ser falsa. Era um diamante, um de verdade. Com aquilo poderia devolver o dinheiro a Toumard e manter-se durante anos.

— Com um jantar ganho isto?

— Sim, pode ficar com o anel diga o que disser.

— Jura que não tentará nada inapropriado comigo?

— Inapropriado? Sim, juro.

Maddy estava certa de que o anel não seria de sua medida, tinha os dedos muito magros, de modo que tirou do bolso da saia a fita vermelha em que tinha atadas as chaves e, depois de desatar o nó e passar a fita através do anel, voltou a meter-lhe no bolso. Quando voltou a olhá-lo, acreditou ver em seu rosto um sorriso de satisfação, como se acreditasse que ela já tinha aceito.

— Está claro que sempre consegue o que quer — disse—. Talvez seria bom para você que uma garota dos subúrbios te deixasse plantado.

Essas palavras foram a gota que encheu o copo. Ethan se aproximou dela como se estivesse a ponto de carregá-la no ombro.

— Ah, ah, eu que... não o faria. Não vai agarrar-me, não em meu bairro.

Ethan apertou os dentes de novo, mas então teve uma grande idéia. Do bolso de seu casaco tirou uma maçã, era sua única e preciosa maçã que ele pegou de seu apartamento.

— Não! — gritou ela enquanto ele dava uma grande dentada à fruta e mastigava com exagerada complacência.

— Acredito que temos um encontro para jantar — disse ele entre dentada e dentada.

Capítulo 17

Quando Ethan atirou as sobras da maçã, Madeleine estava a ponto de chorar e, por alguma razão, ele quase se sentiu culpado. Suavizou seu tom.

— Vêem comigo, Madeleine. Prometo que terá merecido a pena em sacrificar sua maçã.

Ethan pensou que, inclusive naquele momento, vestida com aquelas pobres roupas, Maddy estava destoando em Marais. A via cansada, mas seu cabelo resplandecia à luz das fogueiras e seus olhos brilhavam, não se pareciam em nada aos olhos apagados dos homens que os rodeavam. Era frágil, e entretanto não se alterava quando os tiros ressonavam a intervalos regulares a menos de duas quadras dali.

— Ainda tenho que ir em minha casa para dizer a minhas amigas que estou bem — disse—. Devem estar preocupadas.

— Assim vai te pôr em perigo para avisar a suas amigas de que está bem? Isso é absurdo.

— Não é perigoso — zombou ela.

A mera idéia de que caminhasse por ali só com Ethan resultava insofrível.

— Não ouve os disparos?

Ela o olhou como se estivesse louco.

— Bom, não estão dirigidos a mim. Se tiver medo, fique aqui até que eu volte.

“Pequena zombadora.”

— Não estou assustado.

— Então não se importará esperar aqui. Não tem sentido que me diga que Corrine e B estavam preocupadas e logo pretender que as ignore.

Em outro momento, Ethan haveria sentido impressionado por sua lealdade com suas amigas, mas naquele momento só estava conseguindo irritá-lo.

— Se pensa que vou te deixar ir ali sozinha, é que não está em sã consciência.

Ela cruzou os braços.

— E o que pensa fazer a respeito?

Ethan se precipitou para ela, agarrou-a pelo cotovelo e começou a arrastá-la atrás dele colina acima.

— MacCarrick, vivo aqui, só quero que me dê cinco minutos. — Amaldiçoou-o em francês—. Não pode me dar ordens, Escocês! — Com as botas começou a bater nas suas pernas.

Ele grunhiu:

— Maldição, Madeleine, mandaremos-lhes uma mensagem do hotel.

— Ninguém levará uma mensagem a Marais depois do pôr-do-sol!

— Farão se pagarmos o suficiente.

Expôs em levantá-la e carregar-la sobre o ombro mas se arriscaria a que lhe abrissem os pontos. Ao notar que ela ainda resistia, disse:

— Também lhes mandaremos comida. Convencera-se assim?

Ela afrouxou a resistência.

— Quanta comida?

— Não me importa quanta. Toda a que quiser.

Notou um brilho em seus olhos e pensou que este era familiar.

—Prometo que...

Uma mulher gritou bem atrás dele. Ao voltar-se, Ethan empurrou Madeleine para colocá-la atrás dele. Em um beco escuro, uma prostituta estava apoiada contra a parede, olhando-as unhas com atenção e fingindo gemidos enquanto um homem a penetrava por trás. Outro homem esperava sua vez.

Quando Ethan se voltou de novo para a Madeleine, ela deu de ombros com a mesma indiferença que tinha demonstrado no baile de máscaras a noite em que se conheceram. Ethan não podia nem imaginar tudo o que aqueles jovens olhos teriam presenciado. Malditos pontos.

—Não quero que continue aqui — disse, quando já se dispunha a torná-la sobre o ombro.

Mas o homem que estava esperando sua vez saiu das sombras e se dirigiu a eles em uma língua estranha. “Jargão — pensou Ethan—, o jargão dos delinquentes franceses.” O homem assinalou a Madeleine com as sobranceiras arqueadas.

Ela se pôs a rir sem alegria e sussurrou:

—Quer saber se você já acabou comigo.

Um véu empanou o olhar de Ethan. Quase não pôde escutar a réplica de Madeleine, que também usou jargão. Aquele bode acreditou que Madeleine era uma puta, e queria transar com ela em um asqueroso beco...

Ethan pegou ela e a colocou atrás de si enquanto tirava sua pistola. O homem deu uma olhada à cara de Ethan e tirou também sua pistola, mas já era muito tarde, porque o Escocês levava vantagem, e já a tinha engatilhado e estava apontando.

Madeleine apareceu a cabeça por trás de suas costas e o tocou no ombro.

—Não faça, MacCarrick. —Em sua voz havia urgência—. *Allons-e*. Vamos. Irei com você.

—Por que não deveria matá-lo?

—Porque então seu bando viria por mim e por minhas amigas. Você não queria que ficasse aqui e agora te digo que quero ir com você. Por favor, Escocês...

Finalmente, Ethan começou a caminhar para trás empurrando com ele Madeleine. Levava a pistola ainda levantada e não perdeu aquele homem de vista até que dobraram a esquina. Por fim, guardou a arma e uma careta de dor se desenhava em sua cara. Começava notar a ferida.

—Sempre leva uma pistola? —Quando Ethan assentiu, perguntou—: por que?

“Para que quando um delinquente confunda a minha mulher com uma puta, eu possa levantar isso” Agitou-se, tratando de desprender do repentino instinto de super proteção que o tinha embargado. Sua mulher? Ela só era um meio para alcançar um fim.

Maddy se aproximou dele e disse:

—Não entendo por que tinha medo dos disparos se você mesmo leva uma arma e, claro está, deve saber usá-la. De qualquer modo, não teria permitido que acontecesse nada. —Franziu a testa—. Bom, provavelmente. A não ser que me resultasse inconveniente me envolver ou que tivesse algo melhor que...

—Não estava com medo — voltou a grunhir ele.

“Acredito que terminarei estrangulando-a antes que tudo isto acabe.”

—Maldição, vêm comigo de uma vez...

Quando chegaram ao hotel, o restaurante da parte baixa estava ainda aberto, mas Ethan não queria levá-la ali. Não importava que as pessoas reaparecem em sua face, estava acostumado a isso, mas não desejava que Madeleine o observasse, que percebesse as reações de outros.

—Jantaremos em meu quarto — disse, agarrando pela mão e levando-a escada acima.

Em vez de protestar, ela olhou abertamente a cicatriz.

—Realmente te incomoda muito, não é verdade? —Maddy não se incomodava em lhe lançar dissimuladas olhadas.

Ele entreabriu os olhos.

—Não te incomodaria?

Ela deu de ombros e subiram em silêncio até o andar onde se encontrava o quarto de Ethan. Uma vez dentro, ela assobiou e observou tudo o que havia a seu redor.

— É cara. Sempre tem o melhor, não?

Ethan chamou um garçom.

— E por que não teria que ser assim? — perguntou por sua vez enquanto tratava de tirar o casaco com cuidado.

Ela acabava de voltar de contemplar a vista que se apreciavam da janela quando um garçom uniformizado chegou para tomar nota. O homem deu a Ethan o único cardápio para que a consultasse, mas assinalou a Madeleine. Esta o pegou entre suas mãos e inclinou a cabeça com classe. Sentou-se à luxuosa mesa e, enquanto folheava as alternativas, perguntou:

— Sabe francês?

— Nenhuma palavra — mentiu ele —. Só falo gaélico e inglês.

— Lagosta — disse imediatamente ao garçom em francês enquanto lançava a Ethan um olhar furtivo.

Ele devolveu um olhar vazio.

Madeleine incrementou o encargo pedindo seis entradas de lagosta com acompanhamento: sopas, queijos, bolos, frutas, saladas.

— E se empacotarem a metade do pedido e pedir ao porteiro que o envie a um endereço de Marais, meu... marido acrescentará uma gorjeta de quarenta por cento.

— Marais? — perguntou o garçom quase engasgando-se.

Ela suspirou.

— Setenta por cento.

Enquanto Madeleine rabiscava o endereço na folha de pedido, Ethan disse ao garçom:

— Nos traga champanha enquanto esperamos. — dirigiu-se a Madeleine e acrescentou —: Escolhe a colheita que quiser, moça.

Ela pediu em francês:

— A que seja mais cara.

Com uma inclinação de cabeça, o garçom saiu do quarto. Quando retornou, trouxe consigo o champanha, serviu-os e voltou a desaparecer. Madeleine parecia encantada, bebendo e explorando as decorações do quarto. Ethan se deixou cair sobre uma fofa poltrona, satisfeito ao olhá-la abrir gavetas, investigar o conteúdo dos armários e inclusive o de sua mala. “*Sionnach*”, pensou. Voltou a parecer um animal selvagem, tão ardiloso, tão cauteloso. Tocou todos e cada um dos materiais que encontrou no quarto. Com as pontas dos dedos acariciou suavemente a colcha e as calças que estavam pendurados no armário. Parecia como se não soubesse muito bem o que estava fazendo. Pelo contrário, ele sim era consciente de tudo isso, e ao vê-la acariciar as calças, pensou em como gostaria que o fizesse igual quando ele estivesse usando-as. Sem nenhum esforço, ela o fez ficar tão ardente como o fogo.

Quando Maddy entrou distraída no banheiro, ele se inclinou para não perdê-la de vista. Madeleine olhou a banheira, que era o bastante grande para poder nadar nela.

— Pode usar toda a água corrente que quiser? — perguntou com olhos ambiciosos.

— Sim, e pode usá-la se quiser.

Acreditou ouvi-la murmurar:

— Como você me usaria.

Quando por fim chegou a comida alguns minutos mais tarde, Madeleine estava já bastante faminta, o que não era de sentir falta tendo em conta o quão magra estava. A enorme mesa resultou não ser o suficientemente grande para acolher todos aqueles pratos, assim Maddy pediu ao garçom que os repartisse sobre o grosso tapete de Bruxelas, como se tratasse de um picnic.

Assim que o homem partiu, Madeleine se sentou no chão, rodeada de pratos. Ethan tocou o ombro e deslizou também suavemente para o chão, tentando ser cuidadoso com sua ferida.

— Tão natural como sempre — disse ela.

—O que quer dizer com isso? —perguntou enquanto tentava alcançar um prato de lagosta.

Mas de repente Maddy tentou lhe atacar com o garfo, como se esse fosse uma adaga. Ethan levantou as mãos em sinal de rendição.

— Está claro que precisa de comida mais do que eu.

Ela não entendeu se tratava de um comentário ofensivo ou se simplesmente afirmava um fato. Ele tampouco.

— Me diga o que quis dizer — pediu.

— Que se comporta com tanta confiança como aquela noite comigo, na carruagem.

— Sim, é o que está acostumado a ocorrer quando duas pessoas mantêm relações sexuais.

Ela o olhou com raiva.

— Não, você aproveitou como se tivéssemos estado juntos toda uma vida, como se fosse uma noite há mais entre muitas outras.

“Em alguns momentos foi exatamente assim.”

— Toma, deixarei que coma isto — disse alargando a guarnição.

Então meteu pela primeira vez o garfo na boca, e fechou os olhos deleitando-se.

Embora ele tinha imaginado que engoliria a comida, Madeleine em troca saboreava cada pedaço como se fosse o último. Tinha uma forma de comer sensual, voluptuosa realmente... excitante. Quando começou a comer os suculentos morangos e lubrificando-os em creme, ele passou a mão pela boca. Quando Maddy chupou o creme que tinha ficado nos dedos, Ethan se remexeu incômodo no chão. Qualquer homem fantasiaria sobre o que ela poderia estar fazendo em outro contexto. Finalmente, não pôde agüentar mais.

— É suficiente — disse enquanto ficava em pé—. Vai ficar doente. — E estendeu uma mão para ajudá-la a levantar-se.

Ela, desconfiada, ignorou-o.

— Não comi muito mais do que se come em uma refeição normal.

— O que já é bastante mais do que está acostumada.

Quando a conduziu, a contra gosto, para uma das cadeiras que rodeavam a mesa, ela deu uma olhada à comida por cima do ombro. Ele voltou a experimentar a mesma opressão que tinha apertado o peito quando viu que Madeleine estava a ponto de chorar pela maçã.

— Moça, há mais comida na cozinha, não tem que se comportar como se esta fosse a ser a última refeição de sua vida.

Ela riu sem vontade.

— Isso o diz um homem que jamais roubou uma comida em toda sua vida.

Capítulo 18

O Escocês nem sequer se alterou quando chegaram as numerosas bandejas com comida, fruta, bolos, lagosta, saladas e três sobremesas. Ao examinar os pratos que acabava de desfrutar, Madeleine se deu conta de que ele tinha razão: tinha merecido a pena sacrificar a maçã. Mesmo assim, Maddy havia se sentido intranquilo quando ele havia dito que queria que jantassem em seu quarto, e estava a ponto de sair correndo levando o anel. Mas então, tinha chegado à conclusão de que ele não queria jantar no restaurante devido ao aspecto de sua face, o qual era compreensível, dado o tamanho da cicatriz. Não se podia acreditar que ele tivesse oculto sua verdadeira aparência aquela noite, e menos que o tivesse feito de propósito, inclusive enquanto a possuía. Ethan aproximou sua taça de champanha até o lugar que ocupava na mesa. Enquanto que ela estava já bastante tonta, ele não tinha bebido nada absolutamente. Para Madeleine tinha parecido antes como se ele sentisse uma dor intensa em um dos lados, e agora acabava de sentar-se cuidadosamente sobre a cama, como se voltasse a senti-lo.

—Me disse que vive sozinha desde que tinha quatorze anos — disse—. Eu gostaria de saber como paga o aluguel e a comida.

—Na realidade está me perguntando se o que ocorreu esta noite é indicativo de algo.

Tinha perdido quase todo o dinheiro que tinha ganhado até que aquele Escocês tinha dado... um diamante! Desgraçadamente seria difícil vendê-lo a seu verdadeiro preço, posto que ela necessitava o dinheiro imediatamente. Mas precisamente por isso, encarregou-se de lhe roubar um relógio de ouro da mala e algumas peças do faqueiro de prata que tinham usado para jantar. Prudentemente, Ethan não disse nada atrás de seu comentário. Não gostava de nada seguir respondendo a suas perguntas, mas imaginou que teria que fazê-lo até que pudesse comer algo mais ou, ao menos, roubar algo mais.

—Algumas vezes jogo cartas e vendo cigarros em uma cafeteria, próxima a Montmartre. — encolheu os ombros enquanto bebia—. Quando não estou fazendo isso, monto o jogo do trile nas feiras, ou faço apostas.

—Vi o livro que tem ao lado da cama. Não me diga que se considera uma boêmia.

—Absolutamente. Esse livro acaba de aparecer e está ambientado em uma vizinhança próxima. Simplesmente o uso para obter idéias de como conseguir coisas grátis. Não me caem bem os boêmios, nem sequer os que são ainda mais pobres que eu. —A seguir murmurou, ausente—: Sabe o quanto difícil seria ser mais pobre do que eu? —Meneando a cabeça, afirmou—: Muitos deles deixam a suas ricas famílias para vir morrer de fome em Marais.

—Quin me disse que sua mãe e seu padrasto vivem em St. Roch. Não fez você o mesmo te afastando deles?

—Minhas razões para deixar St. Roch não têm nada que ver com isso. Além disso, é um assunto do que não gostaria de falar.

—Que tipo de mulher deixa que sua filha viva em um subúrbio?

Maddy deixou sua taça sobre a mesa, levantou-se e se dirigiu para a porta.

Ele se equilibrou sobre ela e a agarrou pelo pulso. Para ser um homem tão corpulento se movia bastante rápido.

—Espera — disse, apertando os dentes como se sentisse uma grande dor.

Ela olhou furiosa a mão que a segurava.

—Te disse que não quero falar sobre isso.

—Não voltarei a tocar nesse assunto.

Soltou-a; ela se deixou cair de novo sobre sua cadeira e tomou o que restou da taça.

—Mas me pergunto por que está tão disposta a partir sem nem sequer saber por que estou aqui.

—Certo, sua proposta. Estou bastante segura de que sei o que é, quase me disse isso aquela noite.

—Sim, tinha pensado em te transformar em minha amante, e a verdade é que bem poderia ter ficado em Londres até que eu voltasse se esta era a vida a que tinha que retornar.

—Não queria ser sua amante. Suporia ter que repetir freqüentemente o que ocorreu aquela noite. —encolheu-se de ombros—. Antes preferiria morrer. O único modo de conseguir que voltasse a suportar tudo aquilo seria se me casasse...

—Então terei que me casar com você — grunhiu ele.

Ela o olhou com expressão de desgosto.

—Tive um dia bastante duro, MacCarrick. Sinceramente, o último que preciso é estar aqui sentada escutando coisas como essa.

—E se te dissesse que vim até aqui com o único propósito de te encontrar e te levar comigo para Escócia para que nos casemos?

—Não estou de humor para brincadeiras. —Observou a expressão impassível de seu rosto com crescente horror—. OH, Deus, não está de brincadeira. Decidiu que o que tem que fazer comigo é me transformar em sua esposa? —Com a voz tremula pelo pânico disse—: Só falei de me casar

porque estava certa de que de novo você voltaria atrás.

Ele a olhou e passou a mão pela nuca, como se não soubesse como devia continuar.

—De verdade tinha acreditado que aceitaria sua proposta? — espetou ela incrédula—. Que arrogância! Deu uma olhada a meu “quatinho” e acreditou que choraria de alegria e te consideraria meu herói. Deveria cair de joelhos?

—Melhor não. A não ser que queira que toda a prata que carrega no bolso da saia comece a repicar.

Maddy arqueou uma sobrancelha. Pelo geral, ninguém se dava conta de quando roubava algo, e essa noite havia colocado especial cuidado nisso. Aquele homem era bom.

—Não sei do que está falando.

Respeitosamente, ele não seguiu com o assunto, mas sim voltou para a proposta.

—Seria lógico que estivesse encantada de receber qualquer proposta de casamento.

—Disse-me que você nunca se casaria. —E com fingido tom lastimoso acrescentou—: Deus se tivesse escutado! Assim não teria tentado te caçar segundos mais tarde.

—As coisas mudam. Recentemente estive a ponto de morrer e isso deu um novo giro a minha vida. Posso um título e preciso de um herdeiro, assim tenho que me casar.

—De que título fala?

—Sou conde na Escócia. O conde de Kavanagh.

—Planeja me transformar em condessa? —Conteve o fôlego com os olhos arregalados—. Que original! Nunca tinha escutado algo assim em Montmartre.

—É verdade.

—E por que foi escolher a mim?

—Nenhuma outra alternativa me parecia atraente. Perguntei por aí e descobrir muitas coisas sobre você; acredito que nos entenderemos bem. Todo mundo diz que tem uma personalidade prática e ardilosa, e que é inteligente.

—Poderia conseguir um casamento muito mais vantajoso.

—Não menospreze seus encantos.

—Não o faço. Sei que sou bonita e inteligente, mas não tenho contatos... nem dote. Se por acaso não tinha se dado conta, sou tremendamente pobre.

—Não preciso de contatos, e tenho mais dinheiro do que qualquer dos dois pode gastar em toda uma vida. Posso escolher com quem me casar me apoiando só em se a acho bonita e inteligente.

Ela arqueou uma sobrancelha.

—E por que acha que eu me casaria com você?

—No baile de mascaras me disse que queria se casar com um homem rico. Eu sou rico. Disse-me que queria um anel caro e eu te dei de presente um que vale uma pequena fortuna. Será condessa e terá mais riqueza e propriedades a sua disposição das que nunca tinha sonhado.

“Propriedades e riqueza? Condessa?” Estava sendo sincero aquele Escocês tão estranho? Não tinha rogado por ter um pouco de sorte? Trataria-se de uma pausa em sua interminável cadeia de desgraças?

E agora esse MacCarrick aparecia sem mais em sua porta para pedir que se casasse com ele?

“Não, os presentes não caem do céu. Não para mim. Aqui algo cheira mal.”

—O único que tem que fazer é ir de Paris comigo; casaremos na Escócia.

—Por que não nos casar aqui, em Ville Lumière? —Com tom seco acrescentou—: Você é claramente um romântico, e isto é Paris...

—Porque sou o lord de meu clã, e se supõe que tenho que me casar nas terras dos MacCarrick, e celebrar uma grande festa que abrange todo o clã. E porque me casar em meu país, com testemunhas de meu condado, ajudará que meus filhos recebam sua herança sem problemas. —Ela continuava sem estar convencida e disse com calma—: Dinheiro, proteção, uma vida cheia de presente... tudo isso está a seu alcance. Tão repugnante te parece se casar comigo? —Ausente,

passou a mão pela cicatriz.

— Sim, e antes que ache que é por sua face — ele deixou cair a mão, como se surpreendesse por havê-lo machucado —, peço-te que retroceda a seu comportamento daquela noite. Arruinou o que poderia ter sido, o que deveria ter sido maravilhoso. Acreditava que tinha uma idéia bastante clara do que era a crueldade, mas você me ensinou que ficava curta.

— Não foi tão horrível...

— Sim, claro, ouvi que algumas mulheres desfrutavam de muito quando um highlander superexcitado lhes coloca mão, quase arranca sua roupa e depois infliga uma dor insuportável. Entretanto eu, por alguma razão, não pude entender onde radicava o atrativo da situação. — deu de ombros —. Entende por que me pareceu um amante horrível.

Ambos trocaram um olhar carregado de ressentimento.

— Hoje faria as coisas de outra maneira.

— Devo tomar isso como uma desculpa?

— Não acredito nas desculpas. Em troca estou te oferecendo um futuro, coisa que é bastante mais importante.

— Aquela noite não parou apesar de que estava me machucando.

— Eu não sabia...

— Quer dizer que um homem do mundo, tão experiente como você, não sabe quando a mulher que está com ele está sofrendo e a ponto de chorar?

Ethan estava reprimindo uma careta de dor?

— Continuava usando uma máscara, não podia ver suas lágrimas. E te juro que me detive assim que me dei conta.

— Tá, claro, e então... terminou o que tinha começado; se por acaso não tivesse sofrido já suficientes humilhações.

— Não quis te humilhar. Aquilo foi... Involuntário.

Ela franziu a testa.

— Involuntário? O que quer...? — Madeleine ficou em silêncio de repente, e notou como se ruborizava ao pensar no Ethan embargado pela luxúria —. Bom, o que importa é que inclusive quando se deu conta esteve a ponto de não parar.

— Mas o fiz. E algum dia te dará conta do enormemente difícil que foi. — Ethan olhou para sua direita e, quase em um murmúrio, disse —: É difícil que eu imagine, porque estava te fazendo mal, mas não me doía. — Suas sobrancelhas se juntaram, como se estivesse recordando o encontro naquele preciso instante, uma idéia que fez que Maddy sentisse um calafrio —. Eu estava sentindo o quanto estava bom do que tinha sentido em anos.

— Então, por que parou?

— Não queria te machucar. — Ethan se voltou e a olhou nos olhos —. Suponho que isso quer dizer que ainda posso me redimir.

— Te redimir? Espero que não tenha vindo até aqui com a esperança de que eu te redimisse, MacCarrick, porque se for assim, não escolheu à garota apropriada.

— Não, vim até aqui com a esperança de que se case comigo. — Percorrendo-a de cima abaixo com seu aceso olhar, acrescentou —: E acredito que sim escolhi à garota apropriada.

Capítulo 19

Ethan se sentia desconcertado, não entendia por que ela não estava dando saltos de alegria diante aquela oportunidade.

— Então, quanto dinheiro tem? É tão rico como Quin?

— Não. Sou mais rico que Quin.

Em vez de mostrar contente, sua expressão se manteve fria.

—É rico, tem um título nobiliário e não é tão terrivelmente velho. Poderia ter quem quisesse, mas escolhe uma garota sem dote a que não conhece em nada?

“Tão terrivelmente velho?”

—Já te expliquei isso.

—Mas essa explicação não me vale. Estou certa de que há algo estranho em você ou em sua situação e que está tentando esconder isso. Escolheu-me porque sou estrangeira e é impossível que tenha ouvido nada sobre suas imorais inclinações, ou sobre suas incríveis bebedeiras, ou sobre sua instável situação financeira.

—Não bebo álcool. E minha situação financeira é muito estável. —se perguntou por que estava pondo tanto empenho em explicar se, ao fim e ao cabo, não tinha nenhuma intenção de se casar com ela—. E minha única inclinação moral que tenho tem há ver com que te farei amor até que ambos estejamos exaustos todas e cada uma das noites.

Ela adotou uma expressão de desagrado.

—De verdade quereria estar comigo, sabendo de que as únicas razões pelas que eu estaria com um homem como você seria evitar a fome e escapar dos valentões?

—Não me importam as razões, só que aceite.

—Não me parece bom. Sei que os nobres têm suas próprias regras... Sempre há algo pouco claro, sempre há algum segredo que ocultar.

Apesar de que ele pensava que isso era algo impossível, deu-se conta de que ela era ainda mais cínica que ele.

Escolhendo com cuidado cada uma de suas palavras, Ethan perguntou:

—Não parecem óbvias as razões pelas que ainda não me casei?

—Por sua horrível cicatriz de mais de um palmo? —disse revirando os olhos.

—Maldita, bruxa, não é tão grande! —replicou ele com os dentes apertados.

—Talvez não seja se medir de ponta a ponta, mas sim o é se contarmos as bifurcações.

Quanto tinha desejado que uma mulher falasse com naturalidade de sua cicatriz e a considerasse como algo normal. E ali tinha aquela pequena impertinente, olhando-o nos olhos, cara a cara com ele e, discutindo sobre sua marca... Entretanto, a situação não tinha nada que ver com o que ele sempre tinha imaginado.

—É um idiota — disse finalmente ela e, com um suspiro de irritação, aproximou-se da cama em que Ethan estava deitado.

Levantou um joelho e apoiou na borda do leito, aproximando-se para examiná-lo. Desprendia um doce aroma de morangos e mulher, e a ereção dele cresceu ainda mais. Teve que fazer enorme esforço para não agarrá-la pela cintura e atirá-la sobre a cama. Então ela... acariciou sua cicatriz. Mordendo os lábios, realmente concentrada, passou um de seus dedos por cada centímetro da cicatriz. Uma bela mulher estava tocando sua face, analisando-a. Aquela ferida era repugnante, por que não lhe dava nojo?

Quando Maddy se convenceu de que na realidade não media tanto como ela havia dito, posou a palma em sua face. Ethan se esforçou para não afastar a mão, ansioso por saber qual seria seu próximo movimento. “O que dirá? Que insulto me dirá?” Finalmente, ela pareceu aborrecer do jogo.

—Bom, talvez tenha me enganado —. Mas mesmo assim, a cicatriz é grande, muito grande. Como fez isso? Doeu?

—Claro que me doeu, maldição — grunhiu ele recordando vividamente que ela era a filha do responsável por aquilo.

Então Maddy se afastou rompendo a intimidade da cena. Continuando, adotando uma expressão desdenhosa, estalou a língua.

—Você fez isso brincando com uma tesoura, Escocês?

—Algum dia lhe contarei isso tudo — mentiu.

Ela voltou para seu assento sobre o tapete suspirando, entreabriu descaradamente os lábios olhando-o fixamente, e levou outro morango à boca.

— Bom, obrigado pelo anel e pelo jantar — disse ela meia hora mais tarde, quando se levantou para partir —. Foi agradável.

— Madeleine, o relógio que guardou no bolso era do pai de meu pai, não posso deixar que leve isso; mas estarei encantado de te oferecer outro.

Ela agachou o queixo, colocou a mão no bolso para buscá-lo e o lançou sobre a cama.

— Também arrumou isso para pegar essa palmatória que não deixava de olhar?

Maldito! Como podia havê-la visto?

— Elogiável, *sionnach*.

— O que significa essa palavra?

— Significa “raposa”. Lembra-me esse animal.

— Pois sabe o que me recorda você? A um lobo com pele de cordeiro. Hoje foi muito educado, mas me parece óbvio que essa não é sua verdadeira natureza, é só uma fachada.

— Sim, pode ser que tenha razão — respondeu ele surpreendendo-a com sua franqueza —. Não sou um homem educado, e eu não gosto de cortejar às mulheres nem de perder muito tempo com elas. Sempre digo o que penso, sem me importar se houver ou não mulheres que possam sentir ofendidas, mas...

— Mas se procurar atrás da arruda superfície — o interrompeu ela com fingido tom lisonjeador e levando as mãos ao peito em um gesto teatral — encontrarei um bom homem que estava esperando que a garota adequada o mudasse. Oh, conte esse conto à romântica da B, que o engula uma e outra vez, mas eu não.

Madeleine foi abrir a porta.

— Não, não ia dizer que sou um bom homem. Não posso afirmar algo assim. Tampouco acredito que um homem possa mudar sua natureza, mas sim ia apontar que, provavelmente, sou o melhor que vai encontrar. Não te pegarei jamais, nunca te faltará nada e não terá que voltar a se dobrar diante ninguém. Há uma razão clara pela que não pedi ajuda aos Weyland: é muito orgulhosa. Por que não retornar agora a Inglaterra como seu igual?

— Aparentemente, isso tem lógica. — Então, por que se sentia como se estivesse a ponto de roubar um lenço e tivesse um guarda controlando todos e cada um de seus movimentos?

De repente, entreabriu os olhos e seu olhar se mostrou suspicaz.

— Por que nunca me perguntou por aquela proposta de casamento que te disse que tinha na França?

— Pareceu-me evidente que não a tinha aceito, porque se não, não continuaria vivendo na pobreza. Além disso, o último que queria era te lembrar outro pretendente.

— Não foi assim, eu queria me casar, foi ele quem me recusou. Depois de tanto tempo, começou a duvidar de minha virtude.

MacCarrick franziu a testa.

— Acha que eu tenho algo que ver com isso? Pois claro que sim! Escrevi lhe contando como tinha te conquistado.

Ela não parecia ainda convencida, assim Ethan acrescentou:

— O que me leva a perguntar: por que o fez esperar tanto?

— Tinha um mau pressentimento.

Em vez de zombar, Ethan assentiu e disse:

— Agora também tem um mau pressentimento?

— Não sei. — A verdade era que não estava segura; sentia-se muito cansada, surpreendida e, provavelmente, tinha bebido mais da conta. Sua cabeça dizia que não devia acreditar nele, mas se seguia seu instinto... —. Só preciso de um pouco de tempo para refletir sobre tudo isto. — “Estou me mostrando vulnerável?” —. É um passo muito importante.

Ele passou a mão pelo rosto.

— Pelo menos fique aqui. O que aconteceria se esses valentões a pegassem? Levariam-a diretamente a ver seu chefe.

— Nunca me pegam.

Isso não era certo. Tinham-na pegado várias vezes, mas por sorte ninguém a tinha levado até a delegacia de polícia.

Quando Madeleine abriu a porta, Ethan se levantou de um salto e pegou um cotovelo com a mão.

— Sair em plena noite? De maneira nenhuma. — Parecia alarmado diante a idéia de que fugisse dele—. Maldição, Madeleine! Tão horrível seria deixar que um homem cuidasse de você, que te protegesse?

“Protegê-la?” Ela engoliu seco enquanto a imagem das mulheres da boulangerie dava voltas na cabeça. Tinha estado alguma vez tão perto de seu sonho?

— Não vou partir de Paris sem você, moça. — Com voz mais suave, Ethan acrescentou —: vai ser minha... Não sei o que vou ter que fazer para consegui-lo, mas conseguirei.

Maddy conhecia bem os homens. Podiam fingir facilmente que sentiam amor ou carinho, entretanto, o ciúmes não podiam se tirar da manga de qualquer jeito. Lembrou do olhar furioso de MacCarrick quando aquele homem perguntou se já tinha acabado com ela. Tinha sido testemunha da rapidez com que este tinha tirado a pistola do cinturão com intenção de atirar.

Era possessivo. “Então, por que me assusta tudo isto?” Podia tentar estabelecer alguns parâmetros para proteger-se, para pôr limites a sua vulnerabilidade. De mal a pior. Tinha medo de aproveitar a oportunidade porque não confiava nele ou porque Marais já a tinha vencido? Nunca. “A fortuna favorece aos que se arriscam.” Então foi quando se deu conta de que ia seguir adiante com aquele assunto.

— Considerarei sua proposta.

Ele suspirou e esticou suas feições; entretanto, Maddy pôde perceber que se sentia aliviado, muito aliviado.

— Mas exijo certas condições.

Capítulo 20

— Nem pensar de não ter sexo até que nos casemos!

— Falo sério, Escocês. Não cometerei o mesmo engano duas vezes.

Ethan ainda não tinha desfrutado do alívio que sentiu ao havê-la convencido de que ficasse com ele, quando Maddy começou já a pôr todas aquelas absurdas condições.

— Aceito não perguntar por seu passado, e também aceito em ser fiel. E de começar uma família quanto antes melhor, bom, digamos que o deixo em mãos de Deus, mas também estou de acordo — mentiu Ethan—. Eu colocarei tudo o que possa de minha parte. Mas a quarta condição é inaceitável. Eu tenho necessidades, e não desaparecerão simplesmente porque estejamos prometidos.

Maddy se encaminhou para a porta. Por que diabos teria acreditado Ethan que aquilo ia ser fácil?

— Estas são minhas condições — replicou ela sem olhá-lo—. E acredito que estou sendo muito generosa.

— E eu também. Esse anel pode te manter durante anos.

Maddy deu a volta.

— Nem sequer eu gosto dele.

— Sei, mas sei pelo teu contentamento que antes sim você gostava.

Ela apertou os lábios e Ethan estava convencido de que em sua mente estava amaldiçoando as suas amigas.

— Você não gosta de mim.

Ethan não se incomodou em negá-lo. Ele sentia muitas coisas por ela, mas “gostar” não era uma delas.

— Está negociando comigo como se tivesse uma alternativa melhor. De onde tira uma garota como você a coragem para arriscar-se a perder um homem com tanto dinheiro e tanto poder como eu e que além disso quer casar-se com ela? Sua reputação está destruída, lembra? A maioria dos homens de classe alta só querem casar-se com virgens. E, dado que eu fiquei com sua virgindade, é uma sorte que ainda me interesse por você.

— Já sei que não tenho nada com o que negociar... Mas não confio em você. Não confio em você absolutamente.

— Quer pôr todas essas condições para equiparar as coisas entre você e eu, ou o faz porque tem medo de ficar grávida antes que nos casemos?

— Por ambas as coisas — admitiu ela sem titubear.

Ethan viu que não conseguiria convencê-la, assim se deu por vencido:

— Certo. Esperaremos... Se promete me compensar de outro modo e sempre que eu quiser. — Ao ver que ela franzira a testa, acrescentou —: Não me importa como me satisfaça... Só quero que o faça.

— Isso o diz por que acha que assim conseguirá me seduzir.

Isso era exatamente o que Ethan tinha planejado. Não gostava que ela se antecipasse constantemente a seus pensamentos.

— Mas deixa que te diga que não conseguirá — acrescentou Maddy —, você não me interessa.

— Aprenderá a me desejar de novo.

— É incrível! Se seu comportamento não bastasse para me tirar a vontade, só tenho que pensar em como é de verdade para que já não fique nenhuma.

Ethan entreceitou os olhos e se aproximou dela. Quando a teve presa contra a parede, levantou a mão para acariciar a nuca.

— Não pode negar que você gostou de meus beijos — disse ele aproximando-a devagar contra seu peito.

Ela sentiu acelerar a respiração.

— Em... Então acreditava que era diferente.

— Alguma vez pensa no que aconteceu na carruagem antes que te possuísse?

Maddy ruborizou e com esse rubor, Ethan obteve sua resposta.

— Eu sim — admitiu ele —. Penso nisso. Constantemente. — Sabia que tinha que ser um pouco mais carinhoso para convencê-la do que estava dizendo. E, embora teve que recorrer a toda sua força de vontade, afastou a mão da nuca e acariciou o seu rosto —. E me lembro de que meus beijos e de minhas carícias você gostou.

Ela deslizou a vista para os lábios dele, como se em sua mente estivesse revivendo aqueles momentos.

Ethan se inclinou para frente e sussurrou no ouvido.

— Esteve a ponto de ter um orgasmo em meus braços.

Maddy estremeceu contra seu torax. Ele percorreu o pescoço com os lábios. Depois acrescentou:

— Por que está tão convencida de que agora não vai gostar? — Suas respirações entrecortadas eram o único que podia ouvir-se no quarto —. Vou beijá-la, e se não corresponder, irei e jamais voltarei a te incomodar. Mas se me responder... A partir de agora é minha.

— Não vou aceitar a... — engoliu seco — a participar de seu ridículo... — Ethan se aproximou mais a ela — ridículo... — As mãos de Maddy estavam apertadas contra o peito — Ethan é absurdo...

Ele deslizou devagar os lábios sobre os dela, mas Maddy se esticou e o empurrou afastando-o um pouco. Mas Ethan não a soltou, mas continuou acariciando-a com a boca e a língua. Passados alguns momentos, Maddy relaxou as mãos e as posou no torax de Ethan. Por fim, seus lábios se entreabriram debaixo dos dele, permitindo saborear o que fazia tantas semanas que ansiava. As mãos de Maddy deslizaram para cima até entrelaçar-se na nuca de Ethan para poder aproximar-se ainda mais a ele.

Quando ele aprofundou o beijo, Maddy gemeu e começou a responder com a mesma paixão, deixando claro que Ethan tinha ganho. Ao parecer, não a desagradava tanto. Por que o havia dito? A língua de Maddy fazia arder o seu sangue, queria segurá-la pelas nádegas e aproximá-la a ele. Ethan estava disposto a ser carinhoso, a seduzi-la, a agradar, mas não tinha a mais mínima intenção de perder o controle só com um beijo... outra vez. Maddy se pendurou em seu pescoço e se apertou contra ele, fazendo-o gemer. Como conseguia o enlouquecer com tão pouco? Ethan estava a ponto de perder a cabeça, e tinha que fazer verdadeiros esforços por controlar a necessidade que sentia de deitá-la na cama e possuí-la de novo. Fazendo provisão de uma força de vontade que não sabia que tivesse, obrigou-se a soltar Maddy e, depois de recuperar o fôlego e o sentido comum, disse:

—Não tem por que ser tão mau, Madeleine. Ensinarei-te a confiar em mim e poderemos agradar muito um ao outro.

Ela o olhava atônita, ainda mais à defensiva que antes, de modo que Ethan se esforçou por não pressioná-la.

—Estou convencido de que, em alguns dias, se deitar e deixar que te possua parecerá muito fácil.

—Por que? É tão difícil de agradar você? Na carruagem não me pareceu que o fosse tanto.

Ethan apertou os dentes e se obrigou a manter a calma.

—Não necessariamente, mas é que o faremos duas ou três vezes ao dia.

—Com a idade que tem?

“Com a idade que tenho? Deus, vou estrangulá-la.”

—Digamos que tenho que recuperar o tempo perdido. E vou começar esta noite mesmo.

—Ainda não aceitei, MacCarrick.

—Aceitará. Mas antes disso, reservo-me a provocação de tentar te seduzir de novo.

—Certo — respondeu ela hesitando por um longo momento —, mas esta noite quero ter meu próprio quarto. E quanto ao de me seduzir, não te garanto nada.

—Por que quer um quarto para você? Desde este instante estamos prometidos. —Soava muito estranho.

—Porque quero me banhar e pensar em tudo isto. A minha cabeça dá voltas. —Maddy cambaleou—. Por favor, se soubesse o dia que tive...

—E como posso confiar em que não irá daqui durante a noite? Já o fez antes.

—E se te prometo não fazê-lo?

—Deixarei que se banhe sozinha, mas você e eu compartilharemos o quarto.

Maddy exalou e aceitou resignada.

—Voltarei dentro de meia hora — disse Ethan antes de sair.

Desceu a escada correndo e, ao sentir o frio ar da rua em sua pele, aproveitou para tentar sacudir o efeito que Maddy tinha nele. Maldição, era perfeitamente capaz de suportar uma noite sem tocá-la; era um pequeno sacrifício para acabar obtendo algo muito melhor. Tinha viajado a Paris em um abrigo e fechar de olhos, levava dias sem poder dormir, e ainda se sentia fraco por culpa da ferida.

Ethan franziu a testa. Como iam dormir? Ethan tinha claros os motivos pelos que tinha insistido em que compartilhassem o quarto, mas agora parecia muito estranho, pois ele jamais tinha dormido com uma mulher. Temia não poder conciliar o sonho, e incomodava a mera idéia da intrusão de alguém em sua vida. Depois do sexo, quando a mulher em questão suspirava por

repousar entre seus braços, Ethan sempre saltava da cama. Vestia-se a toda velocidade e saía para encontrar-se com a chuva, o frio ou qualquer dos elementos que houvesse fora, obcecado só por escapar. As mulheres o sufocavam. Tinham a lamentável e absurda tendência a confundir o sexo com o afeto, e não entendiam que eram duas coisas muito diferentes, e que só se interessava à primeira. De fato, Ethan até estava convencido de que uma coisa não tinha nada há ver com a outra... Um velho casal passou junto a ele rindo e entraram no hotel. Ethan ficou olhando-os e supôs que para alguns o casamento ia bem. Os próprios pais de Ethan tinham estado muito apaixonados um pelo outro. Embora essa união tinha acabado em tragédia. Deus, tomara que seus irmãos tivessem melhor sorte. “De verdade aceitou Maddy a casar-se comigo?” Ethan se deu conta então de que, deixando a um lado todo o resto, ela tinha aceito ser sua esposa até depois de ter visto sua face. Meditou no assunto: um homem como ele poderia se casar com uma beleza como Maddy, só porque ela estava faminta, em perigo e necessitava de proteção. Entretanto, ele era tão repulsivo por culpa dos pais dela. Ethan estava convencido de que Maddy era dele. Que lhe pertencia. Seu pequeno corpo era dele. De fato, tinha direito de acariciá-la quando desejasse, e muito. Acaso não havia dito que queria que o satisfizesse? Então, por que a tinha deixado e se foi? Ethan se zangou consigo mesmo e retornou ao quarto.

Capítulo 21

Maddy estava sentada naquela enorme banheira e, enquanto escorria o cabelo, que agora cheirava a lavanda, pensava em que talvez sua sorte estivesse a ponto de mudar. Com aquele anel que agora pendurava de uma fita em cima da penteadeira, podia pagar todas suas dívidas e seguir adiante.

E se o Escocês de verdade queria se casar com ela, então, além disso, seria rica. Transformaria-se em condessa! Recostou-se contra a banheira, com a água cobrindo-a até os ombros, e relaxou. Não seria nada difícil acostumar-se a aquilo. Maddy franziu a testa. Mas em troca teria que permitir que o Escocês fizesse amor com ela. Deus, se isso fosse tão bom como beijá-la. Embora Maddy estivesse disposta a suportar muitas coisas em troca de desfrutar dessas comodidades. E, por outro lado, agora estava convencida de que ele não queria ter machucado ela naquela noite. Cada vez que ela tocava no assunto, o Escocês adotava uma expressão compungida. Maddy abriu os olhos... Ele estava ali... olhando-a!

Ficou em pé de um salto para alcançar a toalha e a jogou por cima dos ombros como um lençol, mas sabia que os olhos de falcão dele tinham visto parte de seu corpo. Como era possível que não o tivesse ouvido entrar?

—Disse que me daria meia hora!

—E você disse que me satisfaria quando eu lhe pedisse isso. Peço-lhe isso agora. —tirou o casaco—. Solta a toalha.

—Jamais aceitei me despir!

—Quer que me case com você sem antes ter visto seu corpo?

—Muita gente o faz!

Ethan levantou uma mão com rapidez e tirou a toalha. Quando Maddy tentou alcançá-la, Ethan deu a volta e com força e ao mesmo tempo com delicadeza, segurou-lhe os pulsos atrás das costas. Inspeccionou-a como se estivesse procurando marcas nela, entretanto, ao ver os seios parou.

—Só pude te ver às escuras — sussurrou ele com voz grave e, depois de gemer de prazer, cobriu um de seus seios com a áspera mão que tinha livre. Maddy ficou gelada ao sentir seu calor enquanto Ethan ficava sem fôlego. Continuaria desejando-a depois de vê-la nua? Dava no mesmo, não desejava a ele! Por que não tinha os seios maiores? Maddy fechou os olhos, envergonhada. Ethan a acariciou com suavidade e balbuciou entre os dentes:

— Não são maiores que duas xícaras de chá.

Maddy queria morrer.

— Talvez seja inteligente, mas não é bonita — prosseguiu ele.

Ela queria morrer já, imediatamente.

Ethan deslizou a mão para suas nádegas, e um sensual som surgiu de sua garganta.

— O que é, é que é condenadamente formosa. — Parecia quase furioso por esse fato.

Maddy se atreveu a abrir os olhos e viu o quanto ele estava tenso. Sua enorme ereção pressionava o tecido das calças. Ele começou a deslizar a mão por todo seu corpo, roçando os quadris, o umbigo, os seios, como se não soubesse onde tocá-la, como se aquele tesouro o superasse. Tinha as sobrancelhas franzidas, a respiração acelerada...

— Tão suave... — murmurou.

Apesar de que Ethan estava ainda vestido e que não deixava de olhá-la, o prazer de Maddy se incrementava com cada carícia. “Acredita que sou bonita.” Ela gostava tanto da idéia... As pálpebras pesavam cada vez mais e, quanto mais a tocava, mais vontade tinha de deitar-se na cama e permitir que ele explorasse todo o corpo. “O que está me acontecendo?” Quando Ethan deslizou a mão pelos cachos entre suas pernas sussurrando que tinham a mesma cor que seu cabelo, Maddy estremeceu e teve que morder os lábios para não gemer.

— Deixa que eu te olhe, tesouro — pediu Ethan ao sentir que ela relaxava entre seus braços.

Quando ele soltou as mãos, Maddy tomou fôlego para fazer provisão de um pouco de coragem. Pelo modo em que ruborizava e afastava o olhar, era óbvio que queria se tampar, mas não o fez. Ethan, que tinha tirado sua virgindade, tinha-a beijado, acariciado, até esse momento não tinha sido consciente do quanto bonito era seu corpo. A pálida luz do banheiro iluminava a sua pele. O longo cabelo caía por suas costas em úmidos cachos, e alguns repousavam sobre seus seios eretos. Ethan seguiu com o olhar as gotas que deslizavam desde aqueles seios até o umbigo e mais abaixo, ansioso por seguir o mesmo caminho com sua língua e seus lábios. Então ouviu um rouco gemido e surpreendeu-se dar conta de que tinha saído de sua garganta. Madeleine era magra, mas toda uma mulher. Seus quadris se alargavam a partir de uma estreita cintura, e tinha o traseiro mais descarado e sensual que jamais tinha visto. E aquelas duas nádegas... Ethan gemeu. Morria de vontade das acariciar e de agarrá-las enquanto a possuía por completo. Mas seus pequenos seios captaram sua atenção de novo... Eram delicados e luxuriosos, e muito, muito sensíveis, excitavam-se com a menor das carícias. Ethan sempre havia dito que preferia às mulheres com seios grandes, mas depois de acariciar os de Madeleine, não podia recordar o por que. Era perfeita... exceto por uma coisa. Ethan se concentrou em uma marca que ela tinha tentado ocultar. Segurou-lhe o cotovelo e a aproximou da luz levantando o braço. O sinal cobria três quartas partes do antebraço e parecia a típica cicatriz que deixa uma queimadura, com linhas brancas misturadas com outras avermelhadas.

— Também se queimou?

Maddy demorou alguns segundos em ocultar sua surpresa.

— Quando? — quis saber ele.

Apesar de que ainda a segurava, Maddy deu de ombros.

— Não sei. Aconteceu faz muito tempo — respondeu.

— Levantou o braço contra algo que estava ardendo. E quebrou o osso.

Agora sim que ficou boquiaberta.

— Como... Por que diz isso?

— Sei algo sobre cicatrizes. — Seus lábios desenharam um sorriso amargo—. Onde estava quando se produziu o incêndio?

Maddy hesitou um instante e depois respondeu com tom despreocupado:

— Quando era mais jovem, vivia em uma mansão. Um dos serventes se embebedou e foi descuidado com o fogo.

— Em outras palavras, um bêbado botou fogo a sua casa.

Maddy estremeceu e sussurrou:

— Nem sempre fui pobre, MacCarrick, É certo que vivi em uma mansão em que havia serventes, e onde freqüentemente foram visitar meus amigos.

— Sim, sei. — “E eu sou quem provocou isso tudo.” — Se não fosse assim, não teria conhecido aos Weyland.

— Por que não me solta, por favor?

Ethan sentiu uma opressão no peito que não passou até que a soltou. Maddy deu a volta e voltou a inundar-se na água, deixando que ele se deleitasse com os cachos que cobriam suas costas. Seus ombros se encurvaram para frente. Marcavam as costelas, não de um modo desagradável, mas destacavam o suficiente para saber que ela deixou de comer várias refeições. Maldição, aquele não era o melhor momento para começar a desenvolver uma consciência. Ethan procurou alguma desculpa para voltar a zangar-se com ela.

— É muito atrevida ao criticar minha cicatriz.

Maddy conteve o fôlego. Ethan sabia por que tinha decidido fazer precisamente esse comentário, mas a maldade não o tinha corrompido tanto para não entender por que não deveria havê-lo feito.

— Se levante e vêm aqui — exigiu ele —. Quero continuar te tocando.

— Não! Já é bastante humilhante ter que permanecer nua diante de você, mas que ainda por cima me ridicularize...

— Que te ridicularize? — repetiu ele incrédulo —. Mas se não te ridicularizei!

— O que... O que disse sobre minha cicatriz. E tudo isso de que meus... Seios são pequenos.

— Você me insultou repetidas vezes esta noite, e digamos que não se importou que me recorde o que tenho na face.

Maddy o olhou de esguelha, por cima do ombro, e ruborizou ainda mais. “Sente-se culpado por ter o insultado?”

— E quanto a seus seios... Se não viu a ereção que experimento em apenas tocá-los, ou se não se deu conta do quanto excitado estava quando te disse que é preciosa, direi isso mais claro: quando olho você, perco a razão. Assim se quer ver enlouquecer um homem por completo, o único que tem que fazer é se aproximar e deixar que te toque um pouco mais. — Ao ver que não saía da água, acrescentou —: Se não quer que eu te toque, não o farei, mas vêm e me toque você. Por favor.

Maddy mordeu o lábio inferior e Ethan intuiu que tinha alguma possibilidade. Começou a se despir para não desperdiçar a ocasião e tirou a camisa.

— Espera! Não quero te tocar... — Mas se interrompeu ao ver os pontos que Ethan ainda tinha no tórax —. O que te aconteceu?

— Não se preocupe. Logo cicatrizará e terá um motivo há mais para zombar de mim.

Ignorando esse último comentário, Maddy disse:

— Você também emagreceu. É esta a ferida da que me falou?

— Sim.

— O que aconteceu? — Ao ver que não respondia, arqueou uma sobrancelha —: Escocês, tem que deixar de brincar com tesouras.

— É muito graciosa. — Ethan se sentou em um banquinho para tirar as botas e, quase sem se dar conta, disse a verdade —: Atiraram em mim.

A curiosidade iluminou os olhos de Maddy. Inclinou-se para frente na banheira, descansando a cabeça em suas mãos.

— Atiraram em você? — Olhou como se acabasse de descobrir algo muito importante —. Não é de se estranhar que se assustou em ouvir os disparos no bairro.

— Não me assustei, maldição...

— E quem atirou em você?

Ethan se encolheu de ombros.

— Um homem mau.

— Posso ver que já tinham te ferido antes. Em que trabalha que é tão perigoso? É um renegado? Um insurgente? Já sei, é um soldado de fortuna!

Ethan jamais tinha mantido em segredo do que fazia, mas sim escolhia a quem o contava.

— Talvez seja um pouco de todas essas coisas.

Madeleine abriu a boca para dizer algo mais, mas quando Ethan tirou as calças, ela virou o rosto. Ele aproveitou então para meter-se também na água. Madeleine se surpreendeu e tentou levantar-se para sair, mas Ethan a pegou pelos ombros. Depois descansou as costas contra a banheira e pouco a pouco foi atraindo-a para ele, até que os seios de Madeleine roçaram o torax e gemeu de prazer. “Devagar, com suavidade”, disse a si mesmo enquanto acariciava as nádegas com uma mão. Se não fosse com cuidado voltaria a assustá-la, e agora por fim que havia visto nua não queria que ela se afastasse de novo.

Quando Maddy tentou afastar-se, Ethan afundou os dedos em seus cabelos e segurando-a pela nuca, manteve-a perto.

— Não, MacCarrick. — agarrou-se a borda da banheira para manter a distância —. Eu... Não quero.

— Por que não? — perguntou ele, percorrendo a linha do decote com o dedo indicador.

Madeleine estremeceu, mas disse:

— Por... Porque estou cansada e esgotada. Preciso pensar sobre tudo isto.

Tremiam os braços da força que fazia para se segurar, o que fazia que seus seios se balançassem de um modo muito sensual. Estavam excitados e reclamavam a atenção de Ethan. Ele queria beijá-los durante horas. Queria que o tocassem... A imagem de Madeleine golpeando com o punho o chão do botequim apareceu em sua mente. E ao recordar a força de vontade daquela garota tão pequena, observou de novo seu rosto. Tinha olheiras. O dia que tinha passado acabaria com qualquer um.

As mãos de Maddy começaram a afrouxar-se...

— Apesar de que é uma grande tentação, deixarei que esta noite descanse — disse ele, atônito de que essas palavras tivessem saído de seus próprios lábios —. Em troca de um beijo.

Maddy o olhou decepcionada, mas resignada, e acrescentou:

— De acordo, mas que seja rápido.

Diante a surpresa de Madeleine, Ethan acariciou o rosto com suavidade. Deslizou os polegares por suas bochechas e beijou a testa e a ponta do nariz, para terminar com um mero toque nos lábios.

Quando a soltou, Maddy demorou alguns segundos em reagir.

— A primeira regra do bom caçador — murmurou ela —... Dá um pouco para logo ficar com tudo.

— Vai me deixar assim sem nada, Madeleine? — perguntou ele de bom humor.

Ao vê-lo sorrir, Maddy baixou a vista para seus lábios. Parecia que fosse beijá-lo, mas de repente escapou de entre seus braços e saiu da água. Já fora da banheira, Madeleine procurou uma toalha e Ethan se surpreendeu ao ver como sua mão, ao parecer dotada de vida própria, dava um suave tapa nas nádegas. Ela se cobriu em seguida e o olhou atônita. Mas fosse o que fosse o que viu em seus olhos, conseguiu fazê-la sorrir. Continuando, Madeleine saiu do banheiro e, depois de pegar o anel, pareceu relaxar um pouco. Ethan acabou de se banhar sem deixar de perguntar por que demônios estava tão contente se tinha uma ereção incomoda. E disse a si mesmo que tudo se devia que ela por fim tinha aceitado a seu plano. Ele tinha ganho a primeira batalha. “Não estou contente porque tenha aceito casar-se comigo...” Secou-se e retornou ao quarto com a toalha atada à cintura. Viu que Madeleine pôs uma de suas camisas com as mangas arregaçadas. Caía-lhe pelos ombros e chegava até os joelhos. No pescoço usava a fira vermelha da qual pendurava o anel. Madeleine também se apropriou de um par de suas grossas meias três-quartos de lã, que engoliam os seus pés por inteiro e se amontoavam enrugados em seus tornozelos. Estava mordendo o lábio inferior enquanto esfregava um pé com o outro e Ethan sentiu uma leve ternura

ao ver isso.

— Espero que não se importe.

— Não, absolutamente. — “É impossível que possa estar ainda mais bonita que neste momento...”

— Como vamos... como vamos dormir? — perguntou Madeleine.

Ethan se esticou e se amargurou um pouco o bom humor.

— Não me importa. — “Sempre que não queira dormir comigo.”

Maddy, como se tivesse lido o pensamento, aproximou-se do armário em busca de um lençol e um travesseiro.

— OH, bom, verás. Eu é que não posso dormir com outra pessoa na cama.

Ethan a olhou surpreso.

— Não quer que durmamos juntos? — depois de que todas as mulheres com quem tinha estado suplicassem para dormir com ele, aquela garota tão pequena parecia não ter nenhuma vontade de fazê-lo.

— Por isso queria meu próprio quarto — disse ela —. Mas não me importa dormir no divã.

Ethan a pegou nos braços e, ignorando seus protestos, deitou-a na cama. Dormiria com ele, embora só fosse para discordar. Se ela não pesasse como uma pluma acreditava que teria aberto a ferida, mas assim com tudo, Ethan não teria importado.

— Esta noite dormirá aqui comigo. — tirou a toalha e se deitou junto a ela.

— Não quero dormir com você! — insistiu Madeleine ficando de joelhos na cama e aproximando-se do outro lado do colchão para sair — Este leito, MacCarrick, é minha quinta condição.

Ethan agarrou a ponta da improvisada camisola de Madeleine e a puxou para onde ela estava. Ao ver que ela parecia decidida a escapar, voltou a pegá-la nos braços e a colocou debaixo dos lençóis.

Madeleine deslizou para um extremo da cama sem retroceder em seu empenho.

— Fique, e amanhã te compro roupa nova.

La fazer de qualquer jeito. Não ia permitir que sua noiva saísse vestida com farrapos enquanto ele ia impecável. Acreditava que, só de vê-los, as pessoas se perguntaria o que fazia uma mulher como ela com um homem como ele. Todos acreditariam que estava ao seu lado por dinheiro, e Ethan preferia arder no inferno antes que permitir que essa idéia aninhasse em suas cabeças.

Madeleine esticou e parou.

— Quererá que... Durmamos juntos toda noite, MacCarrick?

A idéia de compartilhar a cama com ele parecia a horrorizar tanto que Ethan respondeu:

— Todas e cada uma das chatas noites.

— Pois quero que me compense por este sacrifício — balbuciou ela, golpeando o travesseiro e aconchegando-se o mais longe possível de Ethan.

“Sacrifício?” Genial, Madeleine não era uma dessas mulheres enjoativas. Ethan estava contente. Muito. Mas uma hora mais tarde, ela já estava dormindo e Ethan continuava acordado, olhando-a. Tinha descoberto duas coisas muito interessantes sobre o modo que ela tinha de dormir: o fazia em silêncio, e o fazia dobrada sobre si mesma, feito um novelo; na posição que alguém adota para proteger-se dos golpes que recebe. Ethan já sabia que Madeleine tinha levado uma vida muito dura e que isso a fazia com que ela fosse muito precavida, mas agora começava a perguntar-se o que teria acontecido exatamente depois de abandonar a Inglaterra. Ele não tinha ouvido nada de nenhum incêndio, e pelo jeito da cicatriz, Madeleine tinha que ser muito jovem quando a fez. Era óbvio que, apesar de seu aspecto delicado e vulnerável, era uma garota muito forte. Ethan rendeu às ânsias que tinha de tocá-la e deslizou uma mão pelos cachos que descansavam sobre o travesseiro. Ao percorrê-los com o polegar começou a perguntar o que teria de maravilhoso abraçar a alguém enquanto dormia. Alguns homens pareciam gostar muito disso. Recordou uma vez em que, quando eram jovens, Hugh retornou para casa depois de passar um dia inteiro com

Jane, muito mais embevecido com ela que de costume. Ethan acreditou que por fim teriam se deitado, mas Hugh se zangou com seu irmão só por havê-lo sugerido.

—Não, só a abracei. Enquanto dormia — acrescentou Hugh suspirando extasiado—. Durante uma hora.

Devagar, Ethan deslizou uma mão para sentir o sensual calor que emanava do corpo de Madeleine. Tentando não despertá-la, aproximou-se dela, e deitou-se ao seu lado para prová-lo, embora só fosse por um minuto. Mas Madeleine despertou e se esticou. Bom, já não havia como voltar atrás... Ethan colocou a mão no quadril e a atraiu para ele. Esperou que ela relaxasse. Mas passaram alguns minutos e ela continuava rígida como um pau. Ethan também podia ser teimoso se o propunha, assim não a afastou e a manteve pregada a ele. Aproximou-a inclusive um pouco mais, até que as nádegas dela descansaram sobre seus joelhos e até que ele pôde afundar o rosto no pescoço dela e enlouquecer com o cheiro de seu cabelo. Não se importou o mínimo em excitar-se imediatamente. Levantou o outro braço e o deslizou por debaixo do seio de Madeleine para assim envolvê-la com todo seu corpo. Morria por estar dentro dela... Mas mesmo assim se sentia feliz e completo. Como se estivesse exatamente onde se supunha que tinha que estar. Ethan estava exausto, e com Madeleine perto dele não demorou para dormir. O último que pensou foi em que ela se relaxasse um pouco. Isso de dormir com uma mulher não estava nada mal.

Capítulo 22

“Não existem homens como este”, pensou Maddy suspirando. Como gladiadores, como guerreiros. Inclinou a cabeça e o observou enquanto dormia, sob os tímidos raios do sol. MacCarrick estava deitado de costas, com um braço por cima da cabeça e o lençol perigosamente perto da cintura, deixando o descoberto o torax e os magníficos peitorais. Ruborizou-se ao ver como sua ereção matutina elevava a roupa da cama. Maddy despertou sem aquela horrível sensação de fome, e muito descansada depois de uma noite de sono ininterrupto naquela cama tão suave. Ao parecer, agora que tinha as necessidades básicas cobertas — comida, segurança e proteção—, seu corpo necessitava algo completamente diferente. Estava excitada, e o limpo e masculino cheiro que emanava do corpo do Escocês não a estava ajudando muito. Madeleine tinha que esforçar-se por controlar a vontade que tinha de percorrer esse corpo com os dedos, e não podia deixar de recordar o que tinha acontecido a noite anterior. Quando seus seios se apertaram contra aquele musculoso torax na banheira, ou quando ele a tinha abraçado depois, na cama. Apesar de que Madeleine não queria dormir com ele todas as noites, tinha que reconhecer que junto a MacCarrick se sentia segura. Sua ereção tinha acariciado o seu traseiro toda a noite, mas ele tinha mantido sua promessa e não tinha tentado nada. Madeleine tinha acreditado que não ia voltar a desfrutar nunca com o sexo, mas agora começava a acreditar que sim, que poderia suportá-lo. E se MacCarrick sabia fazer amor tão bem como beijar, acreditava que quando se acostumassem a seu enorme tamanho acabaria por gostar de fazê-lo. Isso não significava que tivesse intenções de permitir que se deitasse com ela antes de se casar. Tinha que manter-se firme; Madeleine conhecia muitas mulheres às que tinham prometido casamento e depois tiveram que retornar a Marais grávidas e sem um centavo. Mas quando se casassem... Como seria a segunda vez? Talvez não sentisse exatamente impaciência, mas sim muita curiosidade. De fato, todo nele a tinha deixado fascinada. Por exemplo, por que era tão hábil com a pistola? E quem tinha atirado nele? Madeleine viu que tinha ao menos outra ferida de bala, e estava segura de que nas costas tinham outras mais. Em que trabalhava que era tão perigoso? Quem teria feito essa horrível cicatriz em seu rosto? Madeleine tinha se dado conta do muito que o incomodava aquela cicatriz. Mas o certo era que até uma mulher com tão pouca experiência como ela podia ignorá-la. Para Madeleine o rosto de MacCarrick parecia lindo. Tinha o nariz reto, os lábios firmes e uma

mandíbula que se obscurecia de noite, quando começava a sair a barba.

O físico desse homem tinha mais mais virtudes que defeitos. Talvez no imaculado mundo de Grosvenor Square onde ele vivia, as pessoas fossem perfeita, mas Maddy já não pertencia a ele. Agora, ela estava tão acostumada a ver os soldados retornar de Crimeia com os uniformes presos com alfinetes porque faltava alguma extremidade, que a cicatriz de MacCarrick parecia insignificante. De fato, ter uma pele delicada e suave não era um atributo que Maddy procurasse em um marido. Ela procurava virilidade, força e riqueza, e de tudo isso, o Escocês tinha aos montões. Maddy fez um inventário dos pontos a favor de seu noivo: era rico e, ao parecer, generoso com seu dinheiro. Beijava como ninguém e possuía o corpo mais escultural que tinha visto em toda sua vida. Era valente e feroz, seu Escocês não era nenhum gigante bondoso tirado de um conto de fadas. E a isso Maddy gostava. Os pontos contra: era egoísta, teimoso, rude, agressivo e ainda não podia confiar nele. Seria Ethan MacCarrick um homem difícil de viver? Com certeza que sim. Madeleine não tinha nenhuma dúvida de que teria de abrir mão de tudo o que tinha aprendido sobre os homens, e também teria que fazer provisão de paciência.

Mas em troca de despedir-se para sempre de suas dívidas e de sua miserável existência podia fazê-lo perfeitamente. Maddy estava impaciente por começar sua nova vida ao lado desse misterioso homem que fazia arder o sangue com seus beijos e com seu mau humor.

Maddy se deu por vencida e deslizou os dedos pela parte interna do braço que Ethan tinha levantado, e ficou embevecida vendo como ele flexionava os músculos do torax. Com cuidado, seguiu a ferida do peito, e entristeceu em pensar que alguém queria lhe fazer tanto mal, inclusive matá-lo. Por que a angustiava a idéia de que ele tivesse passado mau? Para ela, MacCarrick continuava sendo um desconhecido. Maddy sacudiu a cabeça e decidiu que já não podia continuar mentindo mais para si mesma. Havia algo nele que a tinha atraído desde o começo, como jamais tinha conseguido outro homem. Queria estar com ele antes até de ver seu rosto... E depois de tê-lo visto continuava querendo. E a noite anterior, quando ele sorriu com estupidez depois de lhe dar aquela carinhosa palmada no traseiro, mostrando um aspecto dele que nem sequer ele mesmo conhecia, Maddy sentiu que já não estava tão zangada... Depois de deleitar-se percorrendo o peito dele, o dedo de Madeleine passeou por seu duro estômago até chegar ao pêlo que tinha sob o umbigo, que acariciou com as unhas. Quando Ethan dobrou uma perna e sua ereção se sacudiu sob os lençóis, Maddy se sobressaltou e, ao levantar os olhos, viu que ele a estava olhando. Ela não tinha visto jamais olhos tão penetrantes e escuros, com bolinhas cor âmbar. Apesar de que ele tinha o olhar fixo em seu rosto, Maddy não tentou ocultar o desejo que estava sentindo. Ethan franziu a testa, inseguro de como responder. Ela percorreu a cicatriz com as pontas dos dedos, e a expressão dele mudou e ficou à defensiva.

—Por que dorme feito um novelo? —perguntou ele com voz de recém despertado. Ao ver que ela se limitava a olhá-lo, acrescentou—: Em algum momento da noite consegui que dormisse junto a mim, mas quando me despertei parecia um novelo no outro lado da cama — disse ele quase acusando-a.

—Não sei. Acho que é porque assim conservo melhor o calor. Em Paris faz muito frio no inverno.

—Se te aproximar de mim estará muito mais abrigada.

—Eu... Tem razão. É só que não estou acostumada com outra pessoa na cama. —Não pôde evitar estremecer. Maddy ainda se lembrava com clareza das noites tão horríveis que tinha passado na enfermaria, depois do incêndio, naquela cama que compartilhava com outras meninas indigentes que não paravam de lhe dar golpes no braço que estava quebrado. Então só tinha onze anos, e ainda podia lembrar-se da dor—. Você não se sente cansado?

O Escocês a olhou com aquele olhar que Maddy começava a acreditar que reservava só para ela, e que era uma mistura de irritação, preocupação e aborrecimento.

—Não se pode dizer que você ocupe muito lugar, não?

“Paciência, Maddy.”

—Partiremos hoje para Escócia? —perguntou ela para mudar de assunto.

—Temos bilhetes para amanhã de noite, mas podemos atrasá-lo um pouco se hoje não tivermos tempo de comprar toda a roupa que necessita.

—De verdade vai me levar para as compras?

—Disse que o faria, não?

—Bom, se de verdade cumprir com tudo o que diz, acho que isso significa que nos casaremos, que não voltarei a passar fome e que irei viver com você na Escócia. —Esse dia começava sua nova vida junto a aquele homem misterioso e, pela primeira vez, estava encantada com sua sorte—. Como viajaremos até lá?

—Pegaremos um trem até O Havre, e depois um ferry.

—Ah, a *porte océane*. Quanto demoraremos em chegar?

—Em um barco a vapor, só leva quatro dias para alcançar à costa oeste da Escócia.

—Um barco a vapor! Nunca fui em um, só estive no que cruza o Canal.

—O Blue Riband é um navio muito luxuoso, senhorita Van Rowen. Poderá roubar um montão de coisas. —Talvez tinha sido um pouco ofensivo, mas Maddy estava muito contente para deixar de sorrir. Ethan franziu a testa ao ver esse sorriso—. Tenho uma pequena propriedade perto da costa da Irlanda. Passaremos ali algumas noites antes de continuar viagem para a mansão familiar de Carrickliffe.

—Como é Carrickliffe? Acha que eu gostarei? São simpáticas as pessoas de seu clã? Acha que gostarão de mim? Quando não estou faminta nem esgotada, estou acostumada a ser muito simpática.

—É um imóvel precioso, situada nas Highlands da Escócia, tem um castelo, e sim, acredito que qualquer mulher gostaria. As pessoas de meu clã é muito sério e solene. E não acredito que saibam o que fazer com você.

—Em outras palavras, não gostarão.

—Não tem importância, quase nunca estou lá. E, além disso, eu tampouco os gosto muito.

Madeleine assentiu sem ficar contra ele.

—O que acontece? Encontra bem? —quis saber ele.

—Claro que sim — respondeu ela—. Você não é nem muito sério nem muito solene, assim supenho que tampouco sabem o que fazer com você.

Ethan a olhou como se tivesse duas cabeças.

—Eu sou sério e solene.

—Não, não é. No baile de máscaras me fez rir. Tem um senso de humor muito especial, mas eu gosto.

—Acredito que sei perfeitamente como sou — insistiu ele, tímido.

—Não penso discutir com você, Escocês. Mas pensando bem, não entendo por que não gostam de você.

—Deixemos esta conversa para quando estiver comigo por alguns dias. Acredito que então o entenderá.

Madeleine arqueou uma sobrancelha e aceitou a postergar o assunto... Por enquanto.

—E o que me diz de sua família? —perguntou ela—. São muitos? Eu sempre quis ter uma família numerosa.

—Deus tomara que tenha irmãos. Sei que tem um irmão... — calou uns segundos—. Me disse que se casou com Jane, ou seja que isso a transformou em minha cunhada!

—Sim, assim é. Também tenho outro irmão que se casou recentemente. Minha mãe ainda vive, mas não tenho relação com ela.

—OH. E você e seus irmãos são muito unidos?

—Faria o que fosse por eles, mas não acredito que estejamos unidos — explicou Ethan deixando entrever certo remorso em suas palavras. Para ser um homem que sempre ocultava seus sentimentos, com ela não o conseguia absolutamente—. Basta de bate-papo. Temos muitas coisas

que fazer antes de partir.

Madeleine assentiu.

— Antes de ir, tenho que empacotar algumas coisas...

— Não precisa empacotar nada. Já te disse que te compraria roupa nova. Além disso, acredito que nada do que tem vale muito à pena.

Madeleine mordeu a língua. Se ele ia continuar ridicularizando sua pobreza, então se alegrava de não ter lhe dito que não se importava com sua cicatriz. Agora que tinha descoberto seu calcanhar de Aquiles, não ia desperdiçá-lo.

— Isso não importa, MacCarrick, mas eu gostaria de dar algumas coisas para minhas amigas e poder me despedir delas.

— vamos ver se tivermos tempo.

Madeleine esteve a ponto de ficar histérica que ele fosse tão quadrado e dominante com ela, mas sabia escolher suas batalhas. Com paciência e tempo acabaria o dominando; o único que tinha que fazer era morder a língua até descobrir que outros pontos fracos tinha. Além disso, não ia brigar com ele por esse assunto, não até que soubesse com segurança que não podia ver suas amigas.

— Sabe uma coisa? Dado que parece que vamos seguir adiante com isto, acredito que deveria me dizer como fez a cicatriz. — Quando voltou a tocar-la Maddy teve a sensação de que MacCarrick tinha que fazer esforços para não afastar-se.

— Em uma briga com navalhas — respondeu sem hesitar.

Madeleine arregalou os olhos.

— Matou alguém? Quebrou algo? Ganhou?

— No princípio ia perdendo — disse ele sorrindo de um modo inquietante—... Mas no final ganhei.

— Traga para minha esposa tudo o que necessite — pediu Ethan à costureira de uma das lojas mais exclusivas de toda Paris—. Ela perdeu sua bagagem, assim precisa de um guarda-roupa inteiro. E devemos ter que levar alguns vestidos hoje, para uma semana no mínimo.

Quando Ethan e Madeleine tinham entrado na loja, algumas das garotas que ali trabalhavam olharam respectivamente as puídas botas de Madeleine, assim como seu gasto vestido. Ela as olhou com indiferença, mas Ethan sabia que a tinham envergonhado e, por algum motivo, isso o deixou furioso. “Como se atreviam?” Ethan disse então à costureira:

— Quero que tanto você como suas empregadas entendam que nada é muito bom ou muito caro para ela. E quero que sua atitude assim o demonstre.

A mulher assentiu entusiasmada e, depois de dar uma palmada, as balconistas correram para o armazém para procurar todos os complementos e tecidos necessários.

Madeleine o pegou pelo braço e tratou de levá-lo a um canto.

— Não, MacCarrick — sussurrou nervosa—. Um guarda-roupa inteiro? Em um lugar como este vai custar-te uma fortuna! Na *Rue da Paix* há lojas muito mais em conta.

Ethan arqueou as sobrancelhas.

— Acreditava que havia dito que você e eu nos parecíamos. Se eu estivesse em seu lugar, aproveitaria de mim tudo o que pudesse.

— O meu é um investimento longo. Se te arruinar, já não me servirá.

— Olhe, direi o que ganho no ano, você só se vestirá em rendas, para que deixe de me incomodar.

E quando o disse, Madeleine deixou o queixo cair.

— Sério? Não está tirando o sarro? — E ao ver ele sacudir a cabeça, acrescentou—: Nesse caso, gastarei sem me sentir culpada.

— Perfeito. E tampouco se sinta incômoda por como essas garotas olharam suas botas. — E prosseguiu condescendente—: Essas mulheres não têm nenhuma importância.

Maddy arqueou uma sobrancelha.

— Tá, então a você tampouco deve te incomodar o que acham de sua cicatriz... — fez uma pausa dramática— ... Enorme.

Cada vez que ele fazia algum comentário sobre sua pobreza, ela zombava de sua cicatriz. Ethan começava a compreender o jogo que ela fazia.

— Zombe o quanto quiser, mas acaba de perder um vestido.

— Bom, pior para você, terá um vestido há menos que tirar quando me despir.

Ele franziu a testa.

— É que tem uma resposta para tudo?

— Sim. Mas minha especialidade são as perguntas — esclareceu ela passeando entre as estantes.

Deus, Madeleine não deixava de surpreendê-lo. Ethan começava a pensar que era muito esperta. Se não fosse com cuidado, seu plano poderia explodir na sua cara. Essa mesma manhã, ele tinha despertado com a sensação de que ela estava observando-o e decidiu fingir que continuava dormido... Até que começou acariciá-lo daquele modo tão sensual e de uma vez carinhoso. Então abriu os olhos e a pegou olhando-o. Madeleine tinha se excitado tocando-o. Inclusive tinha as pupilas dilatadas e a respiração ofegante. Saboreou o momento, incapaz de recordar a última vez que uma mulher o tinha desejado de verdade.

No passado, as poucas mulheres às que sua cicatriz as tinha excitado eram dessas que desfrutavam mais da dor que do prazer nos jogos de sexo. Mas a Ethan, apesar de seu duro aspecto e de sobressair à relação física por cima de tudo, não gostava de fazer mal a nenhuma mulher.

Madeleine era preciosa, e se a ela ele parecia atraente, talvez não era tão monstruoso como acreditava. Talvez tinha sido muito crítico com seu próprio rosto e isso tinha afetado ao seu modo de comportar-se com as mulheres.

Ethan sabia que não demoraria muito em derrubar as defesas de Maddy, e quando se saciasse dela, poderia dedicar-se a explorar novos horizontes com outras mulheres; mulheres voluptuosas, de grandes seios, às que gostassem do sexo... Mas de uma vez quando essas idéias cruzavam por sua mente, não podia afastar a vista dela. Tinha que admitir que o tinha deixado surpreso — de fato continuava fazendo— com sua incomum conduta. Ethan observou como acariciava algumas sedas e se excitou de novo. Para ser um homem que temia ter perdido qualquer ânsia sexual, Madeleine provocava sua ereção com muita facilidade.

Olhou-a com os olhos entrecerrados. Madeleine adorava tocar as coisas, mas agora Ethan entendia que além disso era um meio para esconder seus roubos. Tinha um talento extraordinário, e de não ser porque estava treinado para descobrir esse tipo de enganos, não teria dado conta do que estava fazendo.

Ele aproximou.

— Devolve-o a seu lugar — exigiu em voz baixa.

Maddy o olhou com seus olhos azuis cheios de fingida inocência.

— Do que está falando...?

Ele apertou o ombro para interrompê-la e ela optou finalmente por tirar o lenço de seda que se escondeu na manga da camisa.

— Madeleine, estes pequenos roubos têm que parar.

Ela arqueou uma sobrancelha.

— E como sabe que são pequenos?

— Deus, às vezes me pergunto qual dos dois é pior. — A Ethan não importava prejudicar as pessoas que antes tinha prejudicado a ele. De fato, desfrutava fazendo-o. Mas não tinha nada contra a proprietária daquele estabelecimento, e achava que não cairia nada bem que lhe roubassem.

— Rouba, aposta e usa uma linguagem abafadiça. Se supuser que eu tenho que ser o guia moral deste casal, temo-me que ambos vamos ao inferno, tesouro.

Madeleine o olhou sorrindo.

—Ao menos estaremos juntos.

Ethan sabia que ela estava tirando o sarro, mas mesmo assim conseguiu desarmá-lo, e seu mau humor começou a evaporar-se...

Quando a costureira pediu a Madeleine que se sentasse para repassar com ela os catálogos de moda, ofereceram uma xícara de café e um jornal inglês. Tentou ler, mas a voz de Maddy, apesar de que falava em francês e em voz baixa, não o deixava concentrar-se. Suas perguntas e comentários o surpreendiam, assim como a segurança com que falava com a amadurecida costureira.

—E se tentasse costurar este babado assim? O que lhe pareceria dobrado um pouco? — perguntou nesse momento—. E por que tem que ser tão simétrico? Um traje de montar de cetim poderia ser moderno e elegante ao mesmo tempo.

A mulher rebatia ou aceitava alguma de suas idéias.

—Não, não, madame, este decote se supõe que é rígido, e o pescoço deve estar elevado. Se insinua a roupa interior, temos que nos assegurar de que esta é fabulosa. Sim, isso, poremos um pouco de tulê branco em cima da seda fria.

Quando tinham terminado e Madeleine se concentrou em escolher bolsa e luvas em conjunto, a costureira se aproximou de Ethan. Parecia admirada, e acreditava que sua expressão era igual à dele mesmo na noite em que conheceu a Madeleine.

—Sua esposa tem um gosto... —parou, e Ethan acreditou que ia dizer “incomum” ou “interessante”—... Surpreendente. Tem um sexto sentido para misturar os tecidos e as cores.

Sei — assentiu ele como se fosse algo do que já era consciente—. Assegure-se de que os vestidos tenham tecido de sobra para... —interrompeu-se ao ver que Madeleine ficou com o olhar fixo na vitrine.

Ethan girou a cabeça para contemplar o que ela observava, e viu um homem bastante elegante, passeando de braço dado com uma mulher vestida de um modo mais atrevido do que o normal; ambos estavam a ponto de entrar na loja.

Maddy não afastava os olhos do homem, e Ethan sentiu que dele emanava algo frio e perigoso, o que explicaria por que Madeleine tinha perdido de repente a cor das faces.

Capítulo 23

Maddy estava de pé atrás de um círculo de tecido, e puxou ele para que a escondesse e que ao mesmo tempo tentava tranqüilizar-se. Sentia os olhos de MacCarrick fixos nela, e se imaginava que ele não devia entender nada, mas... Toumard estava lá fora! E ao parecer, ia entrar na loja de um momento a outro.

Como de costume, Madeleine tinha procurado a saída de emergência assim que entraram ali, e já estava dirigindo a ela quando ouviu que Ethan dizia à costureira:

—Queremos a loja exclusiva para nós sozinhos toda a manhã.

—Mas, monsieur...

—Feche, em algumas horas e gastarei mais do que você ganha em uma semana. Se é que se dedicam só a nós, claro.

Maddy saiu de seu esconderijo e tratou de ver MacCarrick tal como deviam vê-lo aquelas mulheres. Todo ele exsudava riqueza, isso era mais que evidente. Suas roupas não eram ostentosas, mas estavam bem cortadas e era inegável que eram caras. Sim, via-se a língua que era rico, mas também poderoso... e, com aquela cicatriz, perigoso.

Não se surpreendeu o mínimo que a costureira se aproximasse na porta para fechá-la e pendurar a placa de “*Fermé*”.

—Feche as cortinas — aconselhou MacCarrick—. Se não, talvez algum cliente baterá na porta.

—Sim, monsieur—assentiu a mulher apertando os lábios e indicando a uma das balconistas que fizesse o que ele havia dito.

Maddy, quase desmaiou de alívio, esboçou um trêmulo sorriso para lhe agradecer. Ethan se manteve inexpressivo durante um momento, olhou primeiro os lábios e depois os olhos dela, para depois franzir a testa e aproximar-se.

—Por que nós estamos escondendo desse sujeito daí de fora?

Ele aguardava sua resposta e ela se deu conta de que era incapaz de mentir, e isso era algo que fazia anos que não acontecia com ninguém.

—É que preferiria não me encontrar com ele.

—Roubou lhe algo?

—Não, jamais! Eu nunca tenho feito nada a ele. É que... devo-lhe um pouco de dinheiro.

—Foi ele quem mandou esse dois valentões? —Depois de vê-la assentir, acrescentou—: E para que pediu dinheiro?

—Para vestidos. Necessitava-os para ir a Londres.

—Quanto lhe deve? —Ethan levou a mão ao bolso, ao parecer em busca do dinheiro com que saldar a dívida com o Toumard. Ao ver que ela não respondia, insistiu—: Não pensa me responder, Madeleine?

—Não sei — admitiu—. Mudou o tipo de interesse e não deixou de aumentá-lo. Não sei quanto lhe devo.

—Atrasou-se no pagamento?

—Não, mas ele mudou os termos de nosso acordo.

MacCarrick entrecerrou os olhos.

—Sério? E isso não te pareceu estranho?

—Sim, claro. Mas não tinha a ninguém a quem recorrer.

—Mas agora sim o tem, tesouro — disse ele lhe acariciando o queixo com as pontas dos dedos —. Nós cuidaremos do assunto antes de ir. Não quero que esse assunto te preocupe mais.

Igual em Londres, o Escocês estava se comportando de um modo valente e protetor. Igual em Londres, Madeleine o olhou de um modo que o incomodou.

Quando a costureira tossiu com delicadeza para chamar a atenção, Ethan balbuciou:

—Por favor, sigam com as compras.

A mulher acompanhou Maddy ao provador. Era uma sala muito espaçosa, com um pequeno salãozinho de chá para acomodar às mães, irmãs e amigas da mulher que estava comprando seu novo vestuário. Deu-lhe um pouco de pena pensar que ela ia estar ali sozinha.

Estava com roupas íntimas quando MacCarrick entrou e se sentou no divã, acomodando nele seu enorme corpo com uma elegância felina. Não parecia que a situação o sobressaltasse o mínimo.

—Pode vestir-se diante de mim — explicou às mulheres em tom aborrecido enquanto abria o jornal—. Não verei nada que não tenha visto antes.

As balconistas, que tinham vivido essa mesma cena centenas de vezes, encolheram os ombros.

Se não estivessem em Paris, Maddy talvez teria protestado, mas ele acabava de salvá-la das garras de um desprezível agiota, como podia lhe negar algo?

Esse pequeno contato com seu passado tinha reafirmado na decisão de ficar com o Escocês. Em troca de não ter que ver nunca mais Toumard, e de ser extremamente rica, podia suportar tudo... inclusive provar roupa diante de MacCarrick.

Mas cada vez que aquelas mulheres colocavam um vestido pela cabeça, a sua regata levantava e ele podia ver as suas nádegas... E também o decote, pois se refletia no espelho de corpo inteiro que tinha em frente. Maddy notava como ele enrugava as sobrancelhas com desagrado quando a via tentar ocultar a cicatriz que tinha no braço, ou observava que uma das balconistas também o fazia.

Madeleine provou um vestido atrás de outro durante uma hora inteira; vestidos de dia e de noite, saias e blusas, casacos e luvas. Elas uniram até uma chapeleira para mostrar chapéus e

penteados, e um sapateiro, que mostrou sapatos de seda e botas de couro mais suave que ela já tinha visto.

Escolheu roupas para vários dias, mas depois de que MacCarrick falou com a costureira, apareceram muitos mais vestidos que acreditava que eram derivados do guarda-roupa preparado para outra dama.

A primeira vista, esses outros objetos eram horivelmente carregados, mas Madeleine não demorou para se dar conta de que, sob todos esses elementos decorativos, tinha vestidos muito bem confeccionados e de tecidos deliciosos. Achava que a dama parisiense a que pertenciam queria deixar claro a quão rica era, e tinha exagerado a mão com os adornos.

Para adaptá-los mais a seu estilo, Maddy pediu à costureira que tirasse todos os babados, flores de seda e pompons.

Ao acabar, tinham comprado de tudo menos roupas íntimas, mas depois de uma inapelável indicação de Ethan, deixaram Madeleine só com as meias e começaram a trazer lingerie.

MacCarrick segurava o jornal entre as mãos, mas ela sabia que não estava lendo. Levantava os olhos continuamente, até que deixou de fingir e, sentando-se um pouco para frente, abandonou a leitura. O desejo se refletia em seus olhos, e não afastou o olhar dela em nenhum momento. Maddy disse a si mesma que, depois do muito que ele tinha dado, bem, podia suportar seu escrutínio. E até podia posar para ele com roupas íntimas.

Ethan não tinha mostrado muito interesse nos vestidos, entretanto, interveio para deixar claro sua opinião quanto à roupa íntima.

—A vermelha. Quero ver como fica essa vermelha — exigiu, com uma voz que cada vez soava mais sensual.

Maddy engoliu seco e usou uma regata cor escarlata com uma abertura lateral sob a que insinuavam algumas rendas. Apesar de que não estavam sozinhos, pôde sentir como o olhar dele começava a afetá-la. Cada vez que o via remexer-se incômodo no assento, ela se excitava ainda mais. Ao notar a seda sobre seus seios, Maddy se lembrou de como os músculos do torax de Ethan se contraíram sob seus dedos nessa manhã, e de como ele a tinha acariciado na noite anterior... Teve que morder o interior de uma bochecha para não suspirar em voz alta.

Ethan jamais imaginou que pudesse passar tão bem indo às compras com uma mulher. Estava comprando para Maddy muito mais coisas do que era necessário, mas estava desfrutando tanto que não tinha intenção de parar. Quando ela começou a provar uma regata de seda atrás de outra, Ethan deixou de fingir que lia o jornal e só o usou para ocultar a ereção que ameaçava arrebentar suas calças. A princípio, Madeleine dava olhadas furtivas através do espelho, mas agora o olhava com os lábios entreabertos. Tinha os mamilos erguidos e a respiração entrecortada. Deus, ela... Desejava-o. Tinha visto cada centímetro de seu corpo, atreveu-se até em lhe tocar a cicatriz e mesmo assim o desejava. De fato, estava ansiosa para que ele a tocasse.

Ethan quase estremeceu de prazer. Que o desejasse era o afrodisíaco mais poderoso que podia imaginar.

—Fora — ordenou cortante às balconistas.

—Monsieur?

—Descansem um momento. Agora. —O olhar dele silenciou qualquer possível réplica, e as mulheres saíram do provador.

Quando a porta se fechou atrás delas, Madeleine engoliu seco sem dizer nada.

—Já sabe o que quero, e sabe que não me pode negar — disse Ethan se aproximando dela e tirando o casaco—. E eu gosto.

—Não vou negar isso, mas me pergunto se sempre vai satisfazer sua luxúria quando e onde te agrada.

—Sim, com você sim. E agora não é só minha luxúria que quero satisfazer. — Percorreu-lhe uma coxa com um dedo até alcançar entre suas pernas. Quando a tocou, Madeleine deixou escapar

um som rouco e sensual. Estava úmida, quente, sedosa, e tudo devido a ele—. Acredito que sua luxúria necessita que a satisfaça muito mais que a minha.

Ao ouvir isso, ela juntou as pernas e tentou escapar de suas carícias.

— Não me feche as pernas — grunhiu ele.

— Então, deixa de me envergonhar!

— Só estava descrevendo um fato.

— Pois recuso em não fazê-lo — murmurou entre os dentes.

— Como seu marido não vou permitir que se esconda de mim, Madeleine.

— Ainda não é meu marido.

— Se o fosse, deixaria que te possuísse neste provador?

— Sim, se assim o desejasse — respondeu ela sincera, deixando-o atônito.

— Logo serei, assim que importância tem? Quero estar dentro de você. Agora.

Maddy negou com firmeza.

— Até que nos casemos, não.

— Então, talvez não deveria comprar roupa nova até que fosse minha esposa, não acha?

Ela ergueu as costas e cruzou os braços.

— Não sou uma prostituta. Faz o que quiser com a roupa, mas não espere sexo em troca. E não confunda o desejo que sinto por você por sobreviver com desespero.

— Deseja-me?

Madeleine levantou o queixo.

— Sim. Mas mesmo assim seria capaz de te deixar.

— Ai, *aingeal*, acredito que para isso já é muito tarde...

Capítulo 24

MacCarrick se aproximou dela devagar, como se não soubesse o que tocar primeiro.

— Acho que sabe que precisa de mim para algo mais, do que para que te dê dinheiro ou te compre roupa, não?

Parecia zangado com ela, mas Madeleine não sabia o que tinha feito para que ficasse assim. Por fim ele parou a sua frente e se abaixou para beijar seu pescoço. A aspereza de suas mãos deslizando a tira de seda da regata a fez estremecer.

— Me responda — insistiu ele.

— Sim — reconheceu Maddy, enquanto o tecido deslizava para o chão sem fazer ruído e ela ficava só com as meias e as ligas.

Ethan assentiu.

— É assim que eu gosto, tesouro — disse antes de inclinar sua escura cabeça sobre os seios femininos.

Madeleine o olhou no espelho enquanto o fazia e a emocionou em ver aquele homem ansioso por beijá-la. MacCarrick tinha as mãos grandes e ásperas, mas a tocavam como se a adorasse.

Quando beijou um seio e rodeou o mamilo com a língua, todo pensamento coerente desapareceu da mente dela. Ethan lambeu ambos os seios até excitá-lo por completo e depois se afastou ficando atrás dela. Com uma mão ele levantou um joelho até colocar o pé dela sobre um banquinho baixinho que tinha diante, de modo que suas pernas ficassem abertas diante o espelho.

Maddy tentou afastar o olhar, mas ele disse:

— Fique assim. Quero se olhar. — E depois, mantendo seus escuros olhos fixos no reflexo de ambos no espelho, convenceu-a para que ela fizesse o mesmo.

MacCarrick percorria o corpo dela com os olhos como se lhe pertencesse, e seu olhar parou primeiro em seus seios e depois entre suas pernas.

Haveria muitas mulheres que não o achasse atraente, mas naquele preciso instante, para a Madeleine era o homem mais irresistível que já tinha visto.

Quando estava a ponto de suplicar que a acariciasse, Ethan levou uma mão entre suas pernas. Entretanto, apesar de que estar ansiosa para que a tocasse, não pôde evitar recuar um pouco.

— Calma, só quero te mimar — sussurrou ele separando um pouco mais as pernas—. Olhe como meu dedo te acaricia — murmurou junto a seu ouvido—. Quer que pare?

— Não...

— Me diga outra vez que me deseja.

— Desejo-te... E você sabe.

Com o brilho de triunfo em seu olhar, Ethan a aproximou para o espelho enquanto a penetrava com um dedo. Excitado os seios de Maddy roçaram o vidro frio e ela gemeu... Estava perdida.

Seu interior o rodeava com tanta força, que Ethan foi penetrando-a devagar, com suavidade. Segurou os seus cabelos com a mão que estava livre para poder jogar a cabeça dela um pouco para trás e ver seu rosto no espelho. Como tinha podido acreditar que tinha experiência com os homens? Ela respondia a suas carícias de um modo inocente, sincero, sem ocultar nada. Era muito apaixonada... E lhe pertencia.

Madeleine não usava nada em cima exceto o anel que ele tinha presenteado e que ela pendurava em uma fita no pescoço, e as meias e as ligas. A seda vermelha destas destacava sobre a clara pele de suas coxas.

— É maravilhosa — disse Ethan surpreendendo a si mesmo.

Maddy tinha a pele sedosa e suave, e os mamilos do mesmo tom rosado que seus lábios.

Quando ele tentou penetrá-la com outro dedo, ela estremeceu um pouco e, com uma mão, tentou segurar seus punhos.

— Xiii, calma, não vou tentar. — Ethan se afastou e, sentindo-se ainda culpado, recordou o dano que tinha feito naquela primeira noite, quando não a tinha preparado o suficiente. Depois disso, jurou a si mesmo que quando voltasse a possuí-la excitaria ao menos durante uma hora, até que suplicasse... Ou morreria tentando—. Fique tranqüila — repetiu—. Rodeie meu pescoço com os braços. — Ela titubeou um instante—. Confia em mim.

Quando, ainda insegura, abraçou seu pescoço, Ethan começou a acariciar seus seios, beliscando os mamilos com cuidado. Madeleine gemeu e ele deslizou uma mão por seu ventre até voltar a alcançar seu sexo, mas ela ficou tensa.

— Confia em mim — voltou a pedir—. Deixa que eu te dê prazer.

Ela o olhou confusa, mas permitiu que continuasse tocando-a. Com uma mão, separou os lábios ao redor do clitóris, e com o dedo indicador percorreu devagar a pequena protuberância.

— Você gosta?

— OH, Meu Deus, sim — gemeu Maddy com a respiração entrecortada. E não demorou para começar a estremecer e a apertar seu pescoço com força.

Manteve-a exposta desse modo e, enquanto acariciava o clitóris uma e outra vez, observava no espelho como ela ia se excitando e umedecendo cada vez mais. Quando viu que começava a compassar o movimento de seus quadris com o de seus dedos, temeu ejacular ali mesmo.

Madeleine enrugou as sobrancelhas, e ofegante, ansiosa, procurou o olhar dele no espelho.

— Ethan — sussurrou, pronunciando seu nome pela primeira vez.

Isso soou como uma bênção. Nesse preciso instante, entendeu que ela precisava com desespero da paixão e o prazer que ele oferecia, mas que não era somente isso a única coisa que ela queria. Em seus olhos havia algo mais, algo sincero e profundo que sacudiu Ethan até o mais profundo. E então Maddy fechou as pálpebras, e foi um alívio, porque ele já estava muito emocionado.

— Se deixe levar — sussurrou a seguir em seu ouvido, apenas capaz de reconhecer sua voz—. Faça por mim, Madeleine.

Quando a ouviu gemer de prazer e alcançar seu primeiro orgasmo, Ethan soube que por fim ela era dele. Devorou com os olhos seu reflexo enquanto arqueava as costas sacudindo os seios. E quando ela se ondulou contra seus dedos, esticando-se e tremendo a cada uma de suas carícias, Ethan estremeceu.

—Assim — murmurou ele—. Vejo que você gosta.

À medida que ela ia acalmando-se, foi reduzindo o ritmo de suas carícias. E apesar de que morria de vontade de alcançar por sua vez o clímax, Ethan decidiu que demonstraria que não era um mau amante. Voltou a afundar um dedo em sua umidade acariciando seu interior e, sem advertir, retomou o ritmo da penetração.

—O que...? — gemeu ela tentando afastar-se, mas ele rodeou a cintura dela com um braço e a manteve junto ao seu corpo—. OH, Deus. É muito!

Ethan não teve piedade, e a acariciou, beijou-a e lambeu o pescoço até que deixou de resistir. Quando ele mordeu o lóbulo da orelha, Madeleine voltou a compassar a oscilação de seus quadris com o movimento de seus dedos.

—Continua acreditando que sou um amante horrível?

—N... Não.

—Me avise quando for ter outro orgasmo.

—Agora, agora — gemeu ao pronunciar a última palavra. E quando o prazer começou a sacudi-la, Ethan deslizou um dedo há mais em seu interior, até o mais profundo—. OH, sim. Eu gosto... Muito — sussurrou.

Ele jogou a cabeça para trás e gritou ao sentir como o sexo de Madeleine envolvia seus dedos e o rodeava de um quente ardor. Embora ela já tinha terminado, e ele mesmo estava a ponto de estourar, Ethan tomou seu tempo e continuou acariciando-a e mimando-a. Queria que se acostumassem a seu tato, que se acostumassem com aquelas carícias. Uma parte de sua dizia que a resposta de Maddy já era suficiente recompensa, e desejou ser capaz de dar sem esperar nada em troca. Mas estava tão excitado que não se via capaz de ser tão generoso. Desabotoou as calças e, suspirando de alívio, liberou a ereção que estava aprisionada. Segurou Madeleine pelos quadris e aproximou o seu sexo de suas nádegas, acariciando-a com os polegares. Ethan gemeu e começou a mover-se. Estava tão excitado que seu membro umedeceu o traseiro de Madeleine. Podia gozar desse modo, mas queria que ela o tocasse.

—Preciso que me toque — ele suplicou com voz ofegante e deslizando-se para seu quadril—. Me toque, por favor.

Maddy tentou recuperar o fôlego e assentiu. Deslizou a mão para baixo e percorreu sua glândula com a ponta dos dedos, desenhando círculos para o centro, mas ele pegou o seu pulso e guiou sua mão para a base do pênis.

—Não me atormente. Agora não. —Procurou seu olhar no espelho—. Morro por te sentir, *aingeal*.

—O que... O que quer que eu faça?

—Me acaricie como fez na carruagem.

Quando ela rodeou seu membro com a mão e começou a movê-la de cima abaixo, uma onda de prazer engoliu Ethan por completo. Como diabos pode sobreviver tanto tempo sem aquilo?

—Mais forte — ele pediu—. Assim. — acariciou os seios para animá-la a continuar—. Deus, Madeleine... — gemeu—. Eu gosto muitíssimo.

Abraçou-a com força e cobriu os seios com ambas as mãos à medida que gemidos e súplicas escapavam de seus lábios.

—Mais rápido. —Ela assim o fez, e ele começou a sacudir os quadris ao mesmo ritmo—. Assim, preciosa — gemeu contra o úmido pescoço de Madeleine—... Assim vai conseguir que eu tenha um orgasmo.

E, no último segundo, Ethan colocou uma mão em cima da dela, gritou de prazer e ejaculou em cima daquelas preciosas ligas, uma e outra vez.

Quando por fim acabou, estremeceu e ficou quieto; seu pênis dentro da mão de Madeleine. Era incapaz de recordar nenhuma outra ocasião em que houvesse sentido tanto prazer, exceto a primeira noite em que esteve com Maddy. Ethan continuava abraçando-a e, embora só desejava permanecer como estavam enquanto ambos recuperavam a respiração, temeu que ela quisesse

afastar-se. Mas em vez disso, Madeleine recostou a cabeça contra seu peito e lhe ofereceu o maravilhoso espetáculo do subir e descer de seus seios ainda ruborizados.

Ela apanhou seu olhar no espelho e sussurrou:

—Se me der a oportunidade, serei uma boa esposa para você, Escocês. Só te peço que, por favor, não volte a me machucar.

—Não voltarei a fazer isso — assegurou ele abraçando-a com força, e nesse precioso instante acreditava de verdade.

Capítulo 25

Madeleine ficou nas pontas dos pés e deu um beijo na face, roçando a cicatriz com os lábios... Como se não incomodasse absolutamente.

Ethan, que não tinha experiência nesse tipo de amostra de afeto, não soube como reagir. Ela parecia entusiasmada com o que acabava de acontecer e se foi cantando a *salle de bain* para refrescar-se e usar um de seus vestidos novos.

Quando retornou, luzindo já uma de suas elegantes aquisições, e com o cabelo recolhido ele se surpreendeu a si mesmo dizendo:

—Agora iremos a sua casa. Se quer levar algo a suas amigas, podemos pedir que nos tragam duas garrafas de champanha.

—Sério? Para B e Corrine?

—Sim.

E com esse gesto, Ethan ganhou outra daquelas olhadas que só podia descrever como de adoração, igual a que tinha recebido em Londres. Afrouxou o lenço para aliviar um pouco seu aquecimento.

A costureira tinha aproveitado o momento em que estavam no provador para somar a fatura, assim ao sair dali, Ethan já pôde pagar. Supôs que Madeleine desmaiaria se visse o quanto saiu tudo aquilo, mas se soubesse qual ia ser sua recompensa teria gasto vinte vezes mais.

Enquanto duas balconistas envolvia as garrafas de champanha e as colocavam em uma cesta, Ethan disse à costureira que mandaria instruções para que enviassem o resto do guarda-roupa de Madeleine quando este estivesse terminado. Tudo o que estivesse confeccionado esse mesmo dia, deveria ser mandado diretamente ao hotel.

Quando saíram da loja, Ethan ofereceu o braço a Maddy e ela não hesitou em aceitá-lo. Na rua, os transeuntes os olhavam com curiosidade. Imaginavam que invejavam ao ver uma beleza como ela com alguém como ele, e isso lhe fez falta de sua antiga aparência. Antes de ter a cicatriz, teria sido um digno casal, agora era um homem que tinha que gastar uma fortuna em uma mulher para que esta o notasse.

Ethan começava a sentir algo por Maddy, uma espécie de carinho pelo que tinha acontecido entre os dois; mas isso só conseguia irritá-lo. Sentia-se como um lobo faminto, feliz de conseguir as sobras de um festim. Tinha trinta e três anos e agradecia que o tivesse masturbado. Apertou os dentes com força. Ele não teria que estar nessa situação. E se o estava era por culpa dos pais dela. Para Ethan, as coisas estavam acostumadas ser brancas ou pretas, era uma pessoa que não se regia por um código moral concreto: Madeleine era a filha das duas pessoas que tinham arruinado sua vida. Então, por que agora começava a ter remorsos e dúvidas sobre o plano que tinha tramado? Não podia permitir. O único que ele tinha que fazer era se deitar com ela tantas vezes como fosse necessário para arrancá-la da mente.

—Obrigado por este dia — disse a jovem sorrindo.

Estava contente porque gastou uma fortuna em roupa para ela, ou pelo que tinha acontecido entre ambos? E por que diabos, isso importava a ele?

—Foi um prazer — respondeu Ethan, provavelmente pela primeira vez em sua vida.

Quando chegaram a Marais de carruagem e ele a ajudou a descer, as ruas voltavam a estar abarrotadas e feitas em caos.

Naquele bairro, Madeleine destacava como um diamante no pó.

—OH, olhe, ali está Berthé! — disse em voz baixa—. É que ontem de noite me deu a rasteira. Se assegure de que nos veja.

Ethan dissimulou sua surpresa. Madeleine queria que a vissem com ele? Ou só queria mostrar sua roupa nova? quando estava convencido de que era o segundo, Ethan sentiu como ela colocava a mão no seu traseiro marcando seu território.

—Madeleine — grunhiu ele a modo de advertência, e a garota afastou a mão.

—Sinto muito — murmurou—. É que não pude resistir.

Por que se sentia tão... Adulado?

Chegaram ao edifício, e Ethan a seguiu para a escada.

—Se segure pela corda — recomendou Madeleine pegando as garrafas e indo adiante como se pudesse ver na escuridão.

Logo que chegaram ao patamar, a porta do andar de B se abriu, mas foi Corrine quem saiu a recebê-los.

—Os homens de Toumard tornaram a nos visitar — explicou Corrine—. Tem que sair daqui, Maddy! Deram uma surra em B...

—O que? — gritou Madeleine—. Em B?

Corrine assentiu.

—Não quis lhes dizer onde estava, e para piorar as coisas ela os cuspiu na cara. Recuperará-se, mas agora está descansando.

Quando ouviu as notícias, Ethan voltou a sentir o instinto de proteger a Madeleine.

—Vá ver como está B — ele disse—. Corrine me contará o que aconteceu.

Ela correu para a casa de B e, depois de fechar a porta, Corrine começou a contar:

—Vejo que tem outra vez esse olhar. Estou convencida de que, a partir de agora, cuidará de Maddy.

Ethan hesitou alguns segundos antes de assentir.

—Aceitou se casar comigo.

Corrine suspirou aliviada.

—Mas preciso descobrir algumas coisas sobre seu passado, e ela é muito reservada — prosseguiu ele. Ao ver que Corrine lhe dava a razão, perguntou—: Como queimou o braço?

—OH, isso foi no incêndio de quarenta e sete. Seu edifício se acendeu como uma tocha, e ela ficou presa dentro. Quase perdeu o braço... E a vida nessa noite. Tinha onze ou doze anos, tinha sido depois de que sua mãe e ela se foram da Inglaterra. Seu pai acabava de morrer...

—Esse é um dos motivos que Maddy tem tanto medo de Toumard; seus homens são famosos por quebrar os braços de seus “clientes” — continuou—: Maddy se escondeu nas últimas semanas fugindo como um gato assustado. Me partia o coração só de vê-la.

A idéia de que Madeleine tivesse passado tanto medo, dia após dia...

Toumard era um homem morto.

—Por que Madeleine não vive com sua mãe?

Corrine baixou a voz.

—Bom, ela não quer que as pessoas saibam, mas sua mãe... Está morta.

—Isso não pode ser verdade — espetou ele. Corrine assentiu e, de repente, o único que Ethan podia ouvir era o retumbar de seu próprio coração—. Morta...

“Todo este tempo esbanjei meu ódio e minhas energias em fazer mal a alguém que já nem sequer existe...”

Corrine apertou as mãos.

—Maddy é órfã há anos. Sua mãe morreu quando ela tinha quatorze anos.

MacCarrick esfregou a ponta do nariz.

— Órfã.

Ele sempre tinha acreditado que iria para inferno. Agora não tinha nenhuma dúvida. Riu sem vontade. Tinha que se tratar de uma brincadeira. Tinha arrebatado a virgindade a uma garota inocente, sem um centavo e órfã.

— Ela tinha amigos na Inglaterra — disse Ethan —. Quando sua mãe morreu, poderia ter pedido ajuda e acredito que teriam ficado encantados em ajudá-la.

— Naquele tempo, Maddy já estava há tempos aqui. E viver em Marais te faz sentir... Que não vale nada, em especial se for tão jovem como ela era. Estava envergonhada. O único motivo pelo que foi a Inglaterra e ver se podia se casar com aquele homem foi porque B e eu não a deixávamos em paz. De fato, obrigamos que ela nos promettesse que o tentaria antes de resignar-se a se casar com Daex.

— Daex, o conde? — perguntou Ethan —. Acaso isso não o deixou sua mãe arranjado?

— Sim, faz muitos anos. Mas então sua mãe morreu e Maddy escapou antes do casamento. Foi só recentemente que Maddy voltou a entrar em contato com Daex. E isso só serviu para que contraísse mais dívidas. “E para que Toumard se aproveitasse dela.” Ethan acreditava que iria constatar que Madeleine e Sylvie eram muito unidas, que eram iguais. Mas em vez disso, Sylvie estava morta e Madeleine estava há anos sozinha, na mais absoluta miséria. Uma miséria que ele tinha causado. A jovem tinha suportado as conseqüências de uma vingança destinada à outra pessoa. E ela tinha suportado sozinha. E Ethan tinha planejado em lhe fazer mais mal. Mas como ele poderia fazer mais mal? Lembrou do olhar de Madeleine ao levantar do chão no botequim. Quantas vezes teria tido que sobrepor-se à adversidade ao longo dos anos? “Tem que se afastar dela.” A informação que Corrine tinha dado, somada ao modo em que Maddy tinha pronunciado seu nome, como se fosse uma condenada bênção, sem esconder que desejava muito mais dele... “Nem sequer eu sou tão cruel para continuar com isto.” Ethan fechou os olhos um instante e admitiu por fim a verdade: tinha ido até ali porque desejava Madeleine. A vingança tinha sido a desculpa perfeita para justificar seu comportamento.

Entretanto, se já não queria prejudicá-la, que direito tinha de ficar com ela? Nenhum. Nenhum absolutamente.

Ele não podia apagar o dano que tinha feito, mas tampouco podia mantê-la consigo. Saldaria as dívidas que tinha contraído com aquele agiota e desapareceria de sua vida. Diabos, e depois mandaria dinheiro a ela. E abandoná-la naquele lugar? Agora que havia dito que a levaria dali? E que outra opção tinha? Se fossem juntos, teria que ficar com ela para sempre. E ele tinha uma profissão, uma muito solitária; e queria retomá-la. “Maldição. Eu não quero ficar com Madeleine.” Ajudaria-a e depois a deixaria. Decidido.

— Me diga onde posso encontrar Toumard.

Capítulo 26

— Não deveria descansar um momento? — perguntou Maddy a B ao ver que esta se levantava para se vestir.

— Maddée, se descansasse cada vez que tenho um olho arroxado — respondeu ela como se estivesse falando com uma menina pequena —, não faria outra coisa, *n'est-ce pas*? Agora vamos sentar-nos em sua varanda e me conta tudo o que aconteceu ontem à noite.

Quando B abriu a porta, MacCarrick e Corrine ficaram em silêncio, dando por terminada sua conversa. O olhar do Escocês parou um instante no olho arroxado de B e apertou a mandíbula.

— Volto em seguida — disse olhando para Maddy.

— Vai ver o Toumard? — Ao vê-lo assentir, acrescentou —: Posso ir com você?

—Nem pensar. Você fica aqui e desfruta de seu champanha de despedida.

—Certo — respondeu Madeleine, confusa por sua mudança de atitude.

Como se temesse olhá-la nos olhos, Ethan se foi dali, as deixando no apartamento.

As três amigas acabavam de decidir que venderiam as garrafas do muito caro champanha quando MacCarrick voltou a entrar de repente... Para abrir as garrafas de champanha.

—Algumas coisas são feitas para desfrutar, não acham? —disse olhando a B. E depois, dirigindo a Maddy — para que não vá vender assim que eu der a volta... —Encheu sua bolsa de dinheiro.

Maddy ficou boquiaberta.

—Mas aqui mínimo há quatrocentos francos! O que pretende, que compre um piano? Uma carruagem?

—Um bote! —exclamou B dando palmas—. Um navio!

Maddy riu com ela e deu um cutucão com o cotovelo. MacCarrick nem sequer sorriu.

—Bom, sirvamos o champanha! —propôs Corrine pegando as velhas taças que Maddy tinha na cozinha. Quando ofereceu uma a MacCarrick, ele a descartou com um gesto da mão.

—Eu não bebo.

—*Plus pour nous* — comentou B contente —. Mais para nós.

Apesar da surra que tinha recebido, para B era um dos dias mais felizes de sua vida.

—Voltarei — disse MacCarrick direto para Maddy.

—Por favor, Escocês, tenha cuidado.

A porta voltou a se fechar de novo e as três puderam escutar como Ethan desta vez descia os degraus. B fingiu que se abanava e suspirou:

—Amo-o, Maddée, sabe que ontem à noite nos fez trazer lagosta? Digo-o a sério — acrescentou embevecida —: umas lagostas deliciosas.

Ela sorriu. O Escocês era um homem cheio de surpresas; para começar, tinha dado uma nova vida. Correu para a varanda para ver como ele se afastava pela rua. Era tão alto, e se movia com tanta confiança em si mesmo... Igual na noite em que o viu pela primeira vez, a noite em que confessou que a estava procurando.

—Acredito que seu escocês é um diamante bruto — comentou Corrine atrás dela.

Maddy começava a pensar o mesmo. Em Londres, tinha sido a primeira pessoa em brigar por ela, e agora estava disposto a voltar a fazê-lo.

—*Très viril* — acrescentou B, aproximando-se também na varanda.

Sim, isso não podia negar. Maddy ruborizou ao recordar o prazer que ele tinha lhe dado no provador... Duas vezes. Estava convencida de que se acabaram para sempre as noites de solidão e desejos insatisfeitos.

—Vamos, pequena — disse Corrine tentando não chorar—. Temos que beber duas garrafas de champanha e fazer as malas antes que retorne o seu noivo.

Ela assentiu, e o primeiro que fez foi repartir entre suas duas amigas o dinheiro que Ethan tinha dado, os cupons que tinha guardados e seus objetos de contrabando. Quando teve empacotado três ou quatro coisas que queria levar de lembrança, as três voltaram a sentar-se fora e acabar de beber o champanha, enquanto esperavam que Ethan retornasse.

Nesse instante, Maddy deu conta de que provavelmente essa era a última vez que estavam ali as três juntas.

—Se ele cumprir sua palavra, mandarei dinheiro assim que eu possa. —De fato, se tudo fosse bem, tinha inclusive intenção de pedir que fossem viver com ela. Mas não queria dizer nada para que não fizessem ilusões, se por acaso descobrisse que se enganou com Ethan.

—E se não cumprir sua palavra? —perguntou B.

Maddy hesitou alguns instantes.

—Corrine, poderia guardar o apartamento durante alguns meses? Só no caso de...

—Claro — respondeu ela, e depois acrescentou—: mas espero que as coisas saiam bem entre

vocês. Só te darei um conselho, com um homem com tanto caráter, consegue-se mais com mel que com vinagre.

Madeleine bebeu um pouco de champanha.

— E se acaba o mel...?

“O que seria pior para ela? — pensava Ethan de volta, depois de ter matado Toumard — Estar com um homem como eu ou ficar aqui?”

No fundo, ele era um bastardo egoísta. Achava que se levasse a Madeleine, esses ataques de nobreza que tinha ultimamente acabariam por desaparecer. “Se afaste dela... Pensa um pouco em tudo isto, maldição. Não se precipite ou acabará fazendo algo drástico.” Mas a idéia de deixá-la ali parecia tão mal que ficava doente só de pensá-lo.

Se Maddy não fosse embora daquele bairro, o melhor que poderia acontecer era que acabasse transformada em alguém como Corrine; uma mulher que se matava de trabalhar e que parecia muito mais velha do que em realidade era. Ou poderia acabar como B... Ou algo pior. Se isso acontecesse, teria que levantar as saias em becos imundos para que um desgraçado a usasse enquanto outros homens esperavam sua vez.

Ethan apertou os punhos com força. Se Toumard pensava em fazer isso com ela, se ela não tivesse fugido isso já faria semanas que teria começado.

Tinha intenção de matar Toumard, mas quando o homem contou com toda frieza que pensava “provar” Madeleine antes de pô-la para trabalhar, sentiu verdadeiro desejo de fazê-lo. Desde que o outro não o ameaçasse primeiro, Ethan estava disposto até a atirar a sangue frio. E quebrar os braços dos valentões? Bom, isso tinha sido um capricho. Se Ethan deixasse Madeleine ali, não demorariam a aparecer outros aproveitadores como Toumard, ansiosos por possuir uma garota como ela. E, por outro lado, ele tinha arruinado seus planos de casamento. Exceto com o condenado do Quin, faria muito bem em não esquecer esse detalhe. Logo que Quin se inteirasse de que ele a tinha abandonado, viajaria a Paris para resgatá-la. Talvez Ethan deveria deixar que o fizesse. Mas só de imaginar eles juntos revolviam as suas vísceras.

“Maldição, não faça nada drástico...” MacCarrick era um homem que gostava de planejar bem as coisas, e agora que seu plano foi pelo ralo, tinha que pensar bem como proceder. Os fatos eram os seguintes: a mulher mais atraente que tinha visto em toda sua vida o desejava. Ele tinha contribuído em grande medida ao doloroso passado dela e agora podia compensá-la. Tinha jurado que não descansaria até voltar a possuí-la, e quando decidia algo, cumpria-o acontecesse o que acontecesse. Maldição, sim, a levaria com ele, seduziria-a, e depois a instalaria em algum lugar confortável. Tiraria-a daquele bairro e seguro que, ao final, Madeleine o agradeceria.

Quando chegou a sua casa, Ethan continuava indeciso. Quando abriu a porta e ela saiu correndo a recebê-lo com um sorriso de alívio nos lábios, Ethan, que tinha se acostumado em sempre que entrava em um lugar o recebessem com cara de repugnância ou de decepção, olhou atrás dele para ver se havia alguém mais.

Permaneceram de pé um em frente ao outro e Madeleine se assegurou de que ele não estava ferido. Segundos mais tarde, apareceram B e Corrine para despedir deles e entregaram a Maddy sua pequena mala.

— Nos escreva — pediu Corrine secando uma lágrima.

— Claro — respondeu ela abraçando a ambas —. Cuidem uma da outra.

B assentiu entre prantos e as três voltaram a abraçar-se. A Ethan custou muito conseguir que as três se soltassem. E Maddy continuou despedindo-se de suas amigas até que, ao subir a colina, desapareceram de sua vista.

Enquanto esperavam uma carruagem, ele disse:

— Madeleine, tenho que falar com você. — Tinha a sensação de que todo mundo estava observando-os —. Estive pensando...

— Entendo. — Não parecia surpreendida. Acaso dava por feito que ele acabaria decepcionando-

a? Por que? Ela havia dito que gostava dele. Nem sequer seus irmãos, embora estivessem dispostos a morrer por ele, haviam dito algo assim. Ethan era consciente de que Court tinha medo dele, e Hugh o tinha desafiado.

O que pensaria este se soubesse que seu irmão mais velho tinha arrebatado a inocência de uma garota indefesa e depois a tinha abandonado a sua sorte em Paris?

As palavras que Hugh disse a Ethan em Londres antes de partir ainda retumbavam em sua mente:

—E se for ela? A sua escolhida? — ele tinha perguntado—. Seria irônico que a tivesse encontrado, que pudessem estar juntos e que continuasse empenhado em fazer um dano irreparável.

Mas ele já tinha feito mal, até muito antes de conhecê-la. E quanto mais tempo estivesse com ele, mais probabilidade tinha de voltar a fazer outros. Estava em sua natureza; Ethan não combinava bem em fazer as pessoas felizes. Talvez o problema fosse que Madeleine não sabia do que era capaz.

—O que quer me dizer? —perguntou Madeleine tentando esconder sua amargura. Sabia que tudo aquilo era muito bom para ser verdade e, ao parecer, MacCarrick estava se preparando.

Ele ia falar, mas depois ficou em silêncio, sem dizer nada, assim que perguntou:

—Pagou Toumard?

—Digamos que já não lhe deve nada — respondeu ele, seco.

Maddy enrugou a testa.

—Matou ele?

—Sim, coloquei uma bala na cabeça. —Dito isto manteve os olhos fixos nos dela para estudar sua reação.

Madeleine suspirou. “É um guerreiro protetor que retorna de uma batalha.” Maddy devolveu o olhar, e Ethan surpreendeu que não se afastasse correndo dele.

—Maldição, tesouro, por que se empenha em me olhar assim? Eu não gosto. E acabo de te dizer que acabo de matar um homem.

Talvez MacCarrick não estivesse preparado, possivelmente o único que acontecia era que tinha remorsos pelo que tinha feito.

—Espero que não se sinta culpado por isso. Marais estará muito melhor sem um sujeito como Toumard por suas ruas. Mas temos que sair daqui. Acha que podemos ficar no navio até amanhã, na hora de zarpar?

Ethan ficou imóvel alguns segundos e depois a olhou surpreso.

—Acredito que jamais conseguirei te entender. Já sei o que acontece: está louca.

Madeleine sacudiu a mão não dando importância.

—Ofereceu em pagar minha dívida? —perguntou.

Ele não disse nada.

—Ofereceu-lhe dinheiro e ele se negou a aceitá-lo? Ele nunca quis meu dinheiro. O que queria era que trabalhasse para ele, não é? O mesmo que Berthé e Odette.

Os olhos de MacCarrick, transbordantes de fúria, cravaram-se nos dela.

—Sim, mas primeiro queria se deitar com você.

—Entendo. —Maddy teve vontade de vomitar—. Bom, não te deixou outra opção. Negou-se a aceitar seu dinheiro e, comigo fora da cidade, ele teria feito a vida impossível para B e de Corrine. O que fez com seus homens?

—Quebrei os seus malditos braços. —Fosse o que fosse o que refletiam nos olhos de Madeleine, ao vê-lo fez perder o controle—. Outra vez não! Deixa de me olhar assim. Já te disse que eu não gosto.

—Sim, de acordo. Mas temos que sair daqui em seguida. —Passou uma carruagem e, embora Maddy assobiou com todas suas forças, o chofer a ignorou. Solto uma maldição e, de repente,

abriu os olhos arregalados—. OH, MacCarrick, e a sua ferida? Não terá aberto os pontos, não?

Ethan abriu a boca para dizer algo, mas voltou a fechá-la e começou a passar as mãos pelo cabelo.

—Você... Você... Você... Se o que acabo de te dizer não te preocupa o mínimo, é que não está bem da cabeça. Está tão desesperada por sair daqui, que ignora os sinais de perigo que dizem que não deveria se aproximar de mim.

—Vi a morte de perto várias vezes e, acredite em mim, Toumard não merece que esbanje nem um segundo pensando nele.

—Toumard não é, nem de longe, o primeiro homem que matei.

—Já imaginei. Estou certa que se dedica há alguma coisa muita perigosa e secreta.

—Sim, e não deixarei de fazê-lo... Tampouco depois de nos casar.

Maddy estudou a expressão de Ethan durante um momento.

—Tudo isto não é porque se sente culpado, não é verdade? O que está fazendo é tentar me deixar.

Ele não disse nada. “Não, maldição!”

Tinha o anel, o dinheiro e a roupa nova. O problema com Toumard já estava solucionado. Voltava a ter um futuro. Por que não aproveitava a oportunidade que ele oferecia e se afastava daquele homem para sempre? Pensou Madeleine. Porque o queria. Queria receber mais tolos sorrisos dele. Queria voltar a sentir o que havia sentido naquela manhã... Um prazer inimaginável.

—Quer me deixar. —“Negue... Negue!”

Ethan permaneceu em silêncio.

—Pois deixa que te diga uma coisa — prosseguiu ela—. Se o que quer é que fuja aterrorizada, deveria fazer algo horrível de verdade. Algo muito pior que matar um inseto, conhecido por maltratar as mulheres, e, ao acabar com ele, ter evitado que fizesse mal a minhas amigas. Vamos, fala, sou forte — insistiu fingindo uma fortaleza que não sentia—. Poderei suportar que tenha mudado de opinião — mentiu Maddy, que sabia que passaria dias inteiros chorando se ele a deixasse—. E é óbvio que tenho feito algo...

—Não, você não fez nada — saltou Ethan sem hesitar.

—Então, se ontem de noite não queria que me afastasse de você, por que agora não pode nem me olhar nos olhos? Nada mudou, exceto agora me conhece um pouco melhor. — Maddy não pôde evitar que enchessem os olhos de lágrimas.

Ele passou a mão pela nuca.

—Maldição, tesouro, tudo o que vi, ou seja, de você faz que eu goste ainda mais. O que acontece é que acredito que merece alguém muito melhor que eu.

—A que se refere?

Ethan respondeu como se estivessem arrancando as palavras com tenazes:

—Quando foi da Inglaterra, Quin pensou que possivelmente... Que talvez se encontrasse em uma situação um pouco comprometida.

—O que quer dizer com “uma situação um pouco comprometida?”

—Quin suspeitava que vocês... Circunstâncias... Não eram exatamente como acreditava. — MacCarrick baixou o tom de voz—. Ele tinha intenções... De vir te buscar e se casar com você se eu não o fizesse.

Maddy ficou boquiaberta. Por isso hesitava MacCarrick?

Porque acreditava que Quin era melhor homem que ele? Sem dúvida Quin era um bom homem, e ela haveria se sentido orgulhosa de ser sua esposa, mas para ele, que conhecia desde que ambos eram meninos, não sentia a selvagem atração que sentia para aquele rude escocês ao que não conhecia.

—Você queria se casar com ele, assim acho que talvez...

—Eu não quero me casar com Quin — o interrompeu ela olhando-o nos olhos—. Quero você.

Ethan a olhou atônito, como se ela tivesse dado uma bofetada, e teve que pigarrear antes de

poder falar de novo.

— Acaso não me escutou? Pode se casar com o homem que quiser.

— Isso era antes de te conhecer. — Por fim, uma carruagem parou diante deles —. Eu já te disse o que quero, Escocês; agora depende de você tomar uma decisão. Mas quando o fizer, tem que estar seguro.

MacCarrick abriu a porta, parou, e apertou com força o cabo.

Maddy inspirou fundo e acrescentou:

— Não pode me deixar e reaparecer dentro de um mês, e tampouco pode me levar com você e me abandonar ao cabo de algumas semanas...

Finalmente, ele se deu por vencido. Agarrou-a pela cintura, colocou-a dentro da carruagem e grunhiu:

— Fique cômoda.

Capítulo 27

Ethan olhava fixamente o teto do vagão de trem, pensando na importância do que tinha feito.

Aquela garota estava decidida a segui-lo a todos os lados. Porque gostava. Acabava de admitir um assassinato diante dela e o que recebia em troca era aquele olhar de adoração. Às vezes, estar com Madeleine recordava quando ia caça com o Hugh. Seu irmão era um perito atirador, carregava e disparava tão rápido que o deixava deslocado, apesar de que Ethan mesmo era um bom atirador. Assim se sentia com ela. Sempre deslocado. Sempre perplexo. E se não ficasse de olho, poderia chegar a acostumar-se a essas olhadinhas que ela dedicava. E quando o tinha encarado cara a cara e havia dito que tinha escolhido ele em vez de Quin? A exaltação que o tinha embargado era quase indescritível...

— Devo te advertir uma coisa. Estou acostumada a dormir no trem — comentou ela bocejando.

E, efetivamente, depois de cinco minutos, desabou e bateu com a testa no ombro de Ethan, acomodando-se e em seguida sobressaltada.

Repetiu isso várias vezes, até que ele disse:

— Dorme tranqüila. Não deixarei que te aconteça nada.

— Talvez pudesse me apoiar aqui... — murmurou, enquanto olhava fixamente o peito de Ethan, sonhando dormindo apoiada nele.

— Pensava que você não gostava de dormir com ninguém.

— Só na cama.

— Por quê? — E antes de poder pensar duas vezes, deu um tapinha no peito, convidando-a que se apoiasse nele. Quando o fez, rodeou-a com o braço —. Por que só na cama?

— Quando quebrei o braço, tive que ir ao Hotel Dieu, um hospital para indigentes; ali puseram quatro meninas na mesma cama. — Sua voz ia se apagando cada vez mais —. Cada noite, as outras três, febris, mexiam-se na cama e me davam golpes no braço sem se dar conta. Se o chão não tivesse frio e tão sujo, teria me deitado ali. — ficou em silêncio, e Ethan a sacudiu ligeiramente até que continuou —. Tive que ficar ali durante dias, inclusive depois de estar curada.

— Sua mãe já tinha morrido, então?

Madeleine suspirou.

— Vejo que Corrine já lhe contou isso.

— Sim, mas não a culpe. Já sabe que posso ser muito persuasivo. Agora responde minha pergunta.

— Não. Ainda não tinha morrido.

— E então, por que teve que ficar nesse lugar?

—Minha mãe simplesmente... Esqueceu-se de mim durante um tempo. Quando estava procurando um novo lugar onde viver.

Ethan entreceitou os olhos. Ele tinha acreditado que Madeleine teria muito em comum com Sylvie; mas em vez disso, parecia mais a si mesmo: a mesma mulher havia ferido a ambos.

—Por que não me disse que sua mãe tinha morrido?

—Porque ser órfão soa tão... Desgraçado. E eu não queria que Claudia e Quin soubessem o quão terrível é, foi, viver em Marais. Não sabia se podia confiar em que não o contasse a seus amigos.

—Como morreu Sylvie?

Madeleine se reclinou.

—Acaso a conhecia? — perguntou franzindo a testa.

—Não, absolutamente — mentiu com facilidade.

—Mas se a chamou por seu nome.

—Quin me disse o nome de seus pais e Corrine também se referiu assim hoje a ela.

Ethan acariciou a face de Maddy e a aproximou dele.

—Pois morreu de cólera quando eu tinha quatorze anos.

Essa enfermidade era uma penosa maneira de morrer, e por seu trabalho, Ethan o tinha visto de primeira mão mais de uma vez. O corpo da vítima expulsava todos seus líquidos, então, a dor e os espasmos rasgavam os músculos, o sangue se espessava nas veias. E a vítima em todo momento estava consciente, sabendo que morria.

Sentiu uma cruel satisfação ao inteirar-se de que Sylvie tinha encontrado a morte dessa maneira; mas então enrugou a testa.

—Você não... Você não estava com ela quando morreu, não é?

—Sim. Mas morreu muito rápido; em um dia.

Desgraçadamente, esse era outro horror que Maddy teve que enfrentar.

—Não te contagiou a enfermidade? — A cólera era muito contagiosa se não se sabiam tomar as precauções pertinentes.

Madeleine ficou tensa.

—Sou mais forte do que aparento, Ethan.

—Certamente que sim, tesouro. — Ela era sem dúvida uma das mulheres mais fortes que tinha conhecido; embora parecesse indefesa, era valente e decidida.

Poderia passar horas olhando-a. Ele tinha levado-a consigo. E, que Deus o ajudasse, estava encantado de haver feito.

Maddy despertou sozinha em um luxuoso camarote. Um raio de sol penetrava pela janela oval, indicando que já era bem tarde a manhã. Recordava em ter desacordado no trem na noite anterior, e supôs que os nervos das últimas semanas tinham acabado com ela. Ethan deve ter subido com ela a bordo em seus braços e a teria deitado.

Acomodou-se para examinar o camarote, e passou os dedos, primeiro pela cama de pau-rosa com forjados em bronze e pau de ouro, e depois pela luxuosa colcha.

O leito e a banheira eram tão grandes como os do hotel. De fato, tudo ali era grande, como se o decorador quisesse contradizer os que opinavam que não podia haver móveis e equipamento dessas dimensões em um navio. Ao parecer, Ethan fazia tudo muito bem.

Com muita vontade de encontrar-se com ele e de explorar o navio, aseou-se rapidamente e usou um cômodo vestido de seda azul cobalto. Acabava de pegar o chapéu de abas larga que tinha um laço azul cobalto combinando, quando Ethan entrou no quarto.

—Estupendo. Já está acordada.

—Bom dia, Escocês — saudou ela com um amplo sorriso.

—Vejo que descansou.

—Sim. Devo ter dormido dezoito horas. — Assinalou com a mão ao redor, o camarote—.

Poderia me acostumar facilmente a isto. Já vejo que não exagerava quando dizia que o navio era de luxo.

MacCarrick se sentou na cadeira e a convidou a sentar-se na cama.

— Há algumas coisas que eu gostaria de comentar com você. Algumas regras.

— É obvio — respondeu Maddy, sentando-se com as mãos no colo.

— Acima de tudo, não roubará nada. E agiremos como se fôssemos marido e mulher, o que significa que não poderá flertar com nenhum outro homem, como fez no botequim — começou ele com expressão séria —. Eu repito isso, não tente roubar nada, entendeu?

Ela piscou.

— Está me dizendo que não quer que ro... roube? — Com o cenho franzido e olhar ofendido acrescentou —: Eu não desfrutava pegando coisas que não me pertenciam. Só o fiz por necessidade. Elimina a necessidade, e não roubarei. É tão simples como isso.

— E o de flertar?

— Está com ciúmes, Escocês?

— Absolutamente. Mas se você insinuar descaradamente a outros homens, as pessoas duvidará de nosso casamento.

— Trata-se só dessas regras? Parece fácil. Quanto tempo devo dizer que estamos casados?

— Uma semana. Estamos de lua de mel.

— Quer que seja carinhosa com você quando estivermos em público?

— Nada disso. De fato, não quero que ande atrás de mim. Não há nenhum motivo para que fiquemos juntos todo o momento. — Maddy fez cara de surpresa —. Entende Madeleine, fui solteiro durante muitos anos, além de um solitário. Irritaria-me te ter em cima todo momento.

Apesar de que esse comentário a tinha ferido, Maddy deu despreocupadamente uns golpinhos na têmpora e disse:

— Ficar por minha conta.

— Há mais de cento e cinquenta passageiros. Estou certo que, se tentar, fará amizade com alguma outra esposa que está a bordo.

— Eu não sou uma esposa.

— Mas elas não sabem. Desse modo, poderá te entreter durante o dia enquanto estejamos aqui.

— Esforçarei-me em fazer amizades e ficar ocupada... E afastada de você.

— Mas espero que esteja de volta no camarote ao anoitecer.

— Muito bem. Me deu umas instruções muito claras. — levantou-se, beijou-o na face e pegou sua bolsa.

— Então, vai sair?

— Claro que sim — respondeu alegremente — Tenha um maravilhoso dia, Ethan.

Seu desconcerto quando ela abandonou o camarote não tinha preço. O que tinha acreditado, que suplicaria poder ficar com ele? Não, não estava em sua decisão conseguir que Ethan quieria passar mais tempo a seu lado. Mas tudo chegaria.

De fato, Maddy compreendia muito bem o que era ter que suportar ter sempre alguém ao redor. Sua própria mãe tinha uma personalidade dependente, e isso deixava louca a Madeleine. Se ela tivesse sido como Sylvie, sua mãe não teria podido resistir. Manter-se afastada. Assim era como devia proceder.

Uma vez na cobertura, Maddy comprovou que o Blue Riband era um dos navios mais luxuosos que já tinha visto. Tratava-se de um elegante barco a vapor e vela, sem pás por cima do nível da água. Teria que perguntar a Ethan sobre isso mais tarde. Se não tivesse visto as duas chaminés, teria jurado que se encontravam em um veleiro.

Embora não tivesse uma maré alta, o navio já estava cheio. Os casais passeavam pela cobertura, as mesas de jogos já estavam dispostas a bordo, com umas armações especiais que evitavam que as cartas saíssem voando. As babás perseguiam os meninos sob o brilhante sol.

A atividade de outros a ajudava a não pensar em seus sentimentos feridos e, agora que podia se

permitir o luxo de ter um dia de ócio, desfrutaria-o ao máximo. Acomodaria-se em uma espreguiçadeira e pediria que lhe servissem um chá, e se regozijaria com o fato de que as botas não doíam. Aquilo sim era vida!

O vento soprou, fazendo ondear ligeiramente a saia; desse som ela gostou. Depois de dar uma olhada às mulheres que tinha ao redor, Maddy decidiu que, sem lugar a dúvidas, seu vestido era o mais elegante.

Um grupo de jovens esposas a examinaram meticulosamente; recordavam às mulheres da boulangerie, mas mais ricas. Levantou um pouco o queixo com sutileza, só o suficiente para poder inclinar a cabeça ao passar diante delas, como se fosse da realeza.

Todas usavam jóias: brincos de pérolas, gargantilhas e broches de diamantes. As orelhas e o pescoço de Maddy estavam nuas. Mas não importava, ela tinha suficiente descaramento para inventar um motivo pelo que não usava jóias.

L'audace fait l'hes reine. As rainhas nascem da audácia.

Quando o navio zarpou, já tinha convencido às demais jovens esposas de que ela desejava usá-las as muitas jóias que tinha, mas como era uma escrava da moda, não o fazia, porque em Paris a moda do momento era não usar jóias exceto, *naturellement*, quando se jantava em um palácio.

Capítulo 28

— Madeleine, maldição — gritou Ethan—. Acorda!

Ela se sentou de repente na cama tentando respirar. Tinha as faces banhadas em lágrimas e os lençóis enredados entre as pernas. Permaneceu ali sentada, com o olhar perdido na escuridão e sem poder parar de chorar.

Ele se apressou a acender um abajur e, sem perder nem um segundo, retornou à cama com a testa franzida. Acariciou o ombro de Maddy com estupidez, mas em seguida afastou a mão.

— Ah, vamos, vamos. Deixa já de chorar. Agora mesmo. — Era como se as lágrimas dela o transtornassem—. Por que tem pesadelos? É porque sente falta de seu lar?

— Não, a verdade é que os tenho freqüentemente — respondeu Madeleine sussurrando.

Aquela situação era muito embaraçosa. A noite tinha sido perfeita; encontraram-se no camarote para dirigir-se ao restaurante, para jantar juntos; beijaram-se, acariciado. E agora...

Maddy não queria que ele descobrisse os seus pesadelos, ao menos ainda não.

Recordava um artigo do livro das damas, de Godey, que dizia que os homens se sentiam atraídos por mulheres despreocupadas que irradiavam felicidade. “Noivas felizes garantem famílias felizes”, dizia o autor. E Ethan acabava de ser testemunha do quanto despreocupada ela não era.

— Quer me contar seu sonho? — perguntou.

Embora quisesse fazê-lo, ainda não se sentia preparada para contar no que consistiam seus pesadelos; nem em dizer que tinha medo de ser uma má mãe, como tinha sido a sua. Quando sacudiu a cabeça, ele pareceu suspirar aliviado. Mas teve o detalhe de insistir:

— Talvez amanhã, o que te parece?

— Talvez — respondeu ela, assinalando o abajur—. Podemos deixá-la acesa? — Ao ver que ele franzia a testa, acrescentou: — A não ser que nos cobrem por gastar mais óleo, claro.

— Se o desejar, podemos iluminar o quarto inteiro.

— Sempre me perguntei que necessidade tem que estar às escuras se pode permitir não está-lo. — secou as últimas lágrimas, e perguntou: — Alguma vez tem pesadelos, Ethan?

— Antes estava acostumado em ter. Mas já não.

— Sêrio? — exclamou ela surpreendida de que ele tivesse reconhecido tal fraqueza—. O que fez

para que desaparecessem?

—Eliminei o que os causava. —Diante o olhar curioso de Maddy, acrescentou—: Não passo nada por alto. Se alguém me fizer mal... —sua expressão se voltou tão feroz que gelou o sangue dela—... Eu o faço a ele.

Esforçando-se muito por não fazer armadilhas, Maddy repartiu as cartas para jogar *vingt-et-un* com seu novo grupo. A essas alturas, Madeleine já tinha um montão de amigas que estavam convencidas de que pertencia à realeza, e que imitavam seu estilo em tudo; tinham deixado inclusive de usar jóias porque ela não as usava.

Ethan estava muito surpreso de que não tivesse feito uma única amiga, e sim muitas, entre as passageiras do navio. Graças a elas, Madeleine estava ocupada todo o dia e se mantinha afastada dele.

Assim ele podia ler as revistas agrárias que havia no estirado clube para cavaleiros.

Maddy estava apenas quatro dias noiva e já sentia que o tinha perdido. Mas da noite do pesadelo, Ethan tinha mantido ainda mais distante que de costume. Ela passava horas jogando cartas e os jogos de dados, enquanto escutava aquelas mulheres falar de seus maridos e seus filhos, e não se encontrava com ele até o anoitecer. Dentre suas novas amigas, a que mais gostava era de Owena Dekindeeren, uma jovem galesa muito simpática casada com um homem de negócios belga. Owena, apesar de ter só vinte anos, já tinha dois filhos.

Perdida em seus pensamentos, Maddy quase não se deu conta de que estavam falando dela.

—Nem todas temos a sorte de Maddy de ter a um marido tão atento.

Imediatamente deixou de baralhar as cartas e enrugou a testa:

—A que se refere?

—No princípio acreditava que te vigiava para ver se apostava, como faz meu Neville — disse Owena—. Mas estou convencida de que seu marido simplesmente gosta de te olhar.

—Ahh! — respondeu Maddy zombando de si mesma—, gosta tanto que por isso só vem para ver-me uma vez ao dia.

—Não, não — contradisse outra mulher—. Ele se aproxima aqui só uma vez ao dia, mas passeia perto muito frequentemente.

—Tem uma expressão tão sombria... — sorriu Owena— e faminta.

As mulheres, scandalizadas, desdobraram seus leques de plumas de avestruz.

“Por que iria Ethan aproximar-se para depois não me dizer nada? — pensou Maddy baralhando de novo—. E por que está tão distante?” De repente entendeu tudo e as cartas saíram voando pelos ares.

“Está se apaixonando por mim!” Pediu perdão por sua estupidez e se concentrou em recolher as cartas da mesa e de um dos chapéus de suas acompanhantes. Se, estava apaixonando por ela. Por isso estava tão frio!

—Quer que eu reparta, Madeleine? — perguntou Owena divertida—. Parece distraída.

—OH, sim, por favor — ela respondeu retomando o fio de seus pensamentos.

Apesar de que sua própria mãe não a tinha amado, de que Quin não se apaixonou por ela, e de que às vezes Ethan não parecia gostar muito dela, Maddy estava convencida de ser uma pessoa fácil de amar. Estava acostumada em sair bem com as pessoas e fazia amigos com facilidade. E se de verdade desdobrava todos seus encantos... Era incontrolável. MacCarrick não tinha escapatória, disse a si mesma. Achava que ele já se deu conta de que estava a ponto de entregar seu coração, e estava morto de medo; isso explicaria sua atitude distante com ela. Era normal que acreditasse que a melhor defesa era levantar um enorme muro entre os dois. Para um solteiro de sua idade, uma coisa era se casar, e outra muito diferente era apaixonar-se.

E além, já tinham escapado alguns gestos de afeto para ela. Cada noite, antes de dormir, beijavam-se e acariciavam e, sem falar de nada sério, foram conhecendo o corpo um do outro. Ela tinha ensinado como gostava que o acariciasse e adorava que ele pedisse o que desejava que ela

fizesse

Ethan acariciava o seu pescoço e os seios com suavidade, beijava-a com doçura. Dizia coisas bonitas, dava-lhe prazer, e depois, quase envergonhado, insistia em que dormisse abraçada a ele.

Quando estavam a sós em seu camarote, ele passeava nu — que homem não o faria com um corpo como o seu? —, e ela se deitava de barriga para baixo e, apoiando a cabeça nas mãos, olhava-o embevecida. Quando o via mover-se, Maddy não podia evitar recordar algumas das cenas que tinha visto em Marais. Com ele como protagonista, sentia-se ansiosa em levar a prática.

Cada manhã, fazia companhia no banheiro para vê-lo concentrar-se em seu barbeado. Enquanto, percorria-lhe as costas com os dedos, e depois o torax, para ir baixando e acabar voltando juntos para cama.

A atração que sentia por Ethan crescia mais. Cada vez que sua paixão se desatava, Madeleine queria logo o dobro. E seus sentimentos seguiam a mesma progressão. Em especial desde que ele tinha desempoeirado aquele particular senso de humor que ela tanto gostava. E cada vez que tirava o sarro e ele sorria com estupidez, Maddy derretia o coração.

Essa manhã, na hora do café da manhã, tinha afastado o jornal e tinha perguntado:

— Desde que estamos no navio, fez armadilhas jogando às cartas?

— Como se me fizesse falta. Ganhar dessa gente tem tanto mérito como caçar vacas.

— Não zombe, tesouro — replicou ele sublinhando seu acento escocês—. As vacas podem ser animais muito perigosos.

Madeleine enviou um olhar zangado e perguntou a sua vez:

— Ethan, se uma vaca me atacasse, arriscaria sua vida para me salvar?

— Claro que sim — respondeu imediatamente retomando depois a leitura—, daria uma surra na vaca.

Maddy pôs-se a rir a gargalhadas e ele finalmente dobrou o jornal e, franzindo a testa, deu de presente outro de seus incomuns sorrisos.

Ela suspirou feliz. MacCarrick tentava resistir, claro. “Mas no final tudo será inútil.”

E nesse preciso instante, em meio de uma partida de Black Jack, decidiu que ia conseguir que o Escocês se apaixonasse por ela.

O problema de dizer a alguém como Madeleine que se distraísse sozinha era que tomava ao pé da letra.

Ele tinha pedido que fizesse uma amiga, ou talvez duas, mas não com que reunisse uma corte inteira que a seguia de acima abaixo imitando tudo o que fazia. Aquelas mulheres tinham deixado inclusive de usar jóias já que Maddy não as usava.

Apesar de já ter demonstrado com acréscimo que podia ser encantadora e sociável, Ethan ainda surpreendia a facilidade com que conseguia fazer amizade com as pessoas. Sempre tinha parecido difícilíssimo, e era algo que nunca tinha dado muito bem.

Madeleine passava o momento jogando cartas com elas, e não tinha nenhum problema em manter-se afastada durante todo o dia.

Isso significava que, se queria vê-la, tinha que procurá-la por todo o navio. Ethan se esforçava por manter distâncias, e passava a maior parte do dia no clube para cavalheiros. Dado que a maioria dos passageiros eram nobres sem ofício e grandes latifundiários, o material de leitura do navio consistia basicamente em revistas de agricultura, assunto de que MacCarrick não tinha nem idéia. Ele podia montar um obus, disparar em um homem entre as sobranceiras a mais de meio quilômetro de distância, e estava a par da situação geopolítica de todos os países da Europa e Ásia, mas as novas técnicas de fertilização a base de argila eram completamente desconhecidas.

Ethan já decidiu que iriam ficar em Carrilhão, um de seus imóveis mais rústicos, poderia aproveitar para ver como funcionavam essas coisas. Assim classificou o material de leitura por temas e dispôs a aprender tanto como pudesse... Tudo para não pensar em Madeleine.

Mas manter-se afastado dela, sabendo o que esperava quando se encontravam, resultou ser

mais difícil do que acreditava. Nas poucas ocasiões em que tinha ido vê-la, Madeleine iluminava o rosto. Ethan não podia recordar ninguém que sorrisse diante sua presença, e inclusive aquelas alturas, tinha que fazer esforços para não voltar-se para olhar se havia alguém atrás dele.

Nesse dia, tinha conseguido agüentar uma hora antes que seus pés comessem a percorrer o navio em busca dela. E dessa vez tinha resistido mais, embora por sorte se conformava vendo-a de longe.

De modo que passava os dias contando ansioso as horas que faltavam para que chegasse a noite e poder ter por fim Madeleine só para ele.

Ele, Ethan MacCarrick, queria, desejava, a atenção de uma mulher.

E se deu conta de que quando estava com ela baixava a guarda. De fato, começava a perguntar-se o que pensaria de Carrickliffe, ou sobre seus irmãos e suas esposas, e... Isso era estranho, muito estranho.

Maddy e Jane já eram amigas. E se ele acabasse fazendo mal a ela de algum modo, as coisas poderiam complicar-se bastante.

O que era que Quin havia dito? Que Madeleine ia deixá-lo louco?

“Seu bastardo, Quin, — Ethan sorriu —. Mas ela me escolheu.”

Ele estava acostumado a ter sempre as coisas muito claras. E em geral não preocupava o que pensasse as pessoas, mas agora já não estava tão seguro. Ao menos com relação a ela. Apesar do muito que se esforçava por encontrar coisas que Madeleine desgostasse, não fazia mais que descobrir novos detalhes que deixavam claro quanto se complementavam.

Cada noite, ambos se recreavam na luxúria que sentiam um pelo outro. Ethan tinha encontrado mais em agradar nos braços dela que em toda a década anterior. E se não fosse com cuidado... Poderia acabar acostumando-se.

Quando se aproximava o amanhecer, discutiam sobre a maneira de dormir, pois ele insistia em que Maddy dormisse abraçada a ele em vez de enrolada como um novelo em um canto, coisa que partia o seu coração.

Se uma semana antes alguém houvesse dito que discutiria com uma mulher para convencê-la de que abraçasse a ele na hora de dormir, teria posto a rir.

Ethan estava convencido de que se conseguisse possuí-la plenamente uma só vez mais, poderia controlar essas ânsias que sentia toda as horas. Assim, cada vez que a tocava, dava um passo a mais. Deixava seus dedos dentro dela durante mais tempo, em um intento de que Madeleine desejasse a sensação do tê-lo em seu interior, que seu corpo ardesse de desejo. Se a situação tivesse sido ao contrário, a essas alturas ele já estaria desesperado.

Sabia entretanto que queria algo mais dela, mas não conseguia descobrir o que exatamente.

Mas apesar de tudo, ela continuava irredutível. Ethan começava acreditar que o de não fazer amor antes de contrair o matrimônio o havia dito a sério. Se fosse assim, quando chegassem a terra firme parecia que em duas semanas Madeleine começaria a exigir que se casassem ou o abandonaria.

E isso para ele era inaceitável sob qualquer conceito.

Ethan começou a tramar um plano. Tinha conhecido muitas mulheres às que atraíam os homens rudes e mal educados. Ser assim tinha dado bom resultado no passado, e se tinha deitado com mais mulheres das que podia recordar... Talvez com ela também funcionasse.

Capítulo 29

Já era noite, depois de jantar, Ethan e Madeleine se banharam juntos e depois, como sempre, meteram-se nus na cama... E Ethan pôs em prática sua teoria uma e outra vez.

Apesar de que ele tinha servido champanha, tinha sido mal educado e brusco com ela, mas

Madeleine viu isso como o último e desesperado intento de um solteiro por defender seu coração, e só tinha achado graça.

Ela podia aturar as mudanças de humor de Ethan sem muitos problemas, pois a idéia de compartilhar a vida com ele, acabava gostando cada vez mais, e em especial depois de um dia como o que tinham tido. Tinham jantado muito bem, e Maddy até tomou um chá. Depois, deram de presente aquelas doces carícias na banheira e agora a promessa de um prazer mais completo se insinuava entre os dois.

—Ethan, dei-me conta de que esta noite parece zangado comigo —começou ela inocente—. Tenho feito algo que te incomodasse? “Além de derrubar os muros de seu coração.”

—Quero te possuir — ele limitou a responder —. Se supõe que é minha, e já te possuí uma vez. Tenho intenção de voltar a fazê-lo esta noite.

—Sério, Escocês, suas mudanças de humor me confundem. E me custa seguir o ritmo. Talvez seja a champanha, ou que eu estou mais sensível do habitual, mas acredito que se comporta de um modo muito estranho...

Ethan segurou os ombros dela contra o colchão e colocou seu enorme corpo sobre o de Madeleine. Mas ela não estava absolutamente assustada.

—Se limite a deitar, moça.

Maddy riu baixinho.

—Chamou-me “moça”? Bom, agora sim que ficou claro a sua idade. Às vezes me esqueço do quanto você é mais velho. Quantos anos têm? Trinta e sete? Trinta e oito?

—Tenho trinta e três — respondeu ele soltando-a sem entender nada—. Acha... Acha que sou muito velho para você?

—Absolutamente, Ethan.

—Então reconhece que não quer se deitar comigo por culpa de minha cicatriz. Antes que me fizessem isso, jamais tive problemas para seduzir...

Madeleine começou a rir em gargalhadas, até o ponto de que teve que apertar o estômago e sair da cama para tentar acalmar-se.

—Quer que te diga um galanteio!

—Está louca? Pare de rir! Maldição!

Depois de tentar várias vezes, Maddy pôde por fim controlar a risada.

—Não queria que me dissesse nenhum galanteio.

—Então, me explique de onde veio esse comentário. Sabe perfeitamente que não querer me deitar com você não tem nada há ver com seu aspecto físico. Mas para satisfazer sua vaidade...

—Maldita, bruxa, não queria que...

—... Direi que te acho incrivelmente atraente, bonito e viril.

Ethan ficou sem fala. Franziu a testa sem entender o que acabava de acontecer.

—Eu ia dizer isso naquela manhã em Paris — prosseguiu ela —, mas você empenhou em seguir ridicularizando minha pobreza e não queria desperdiçar a única munição que tinha contra você. Sabia que esse era seu calcanhar de Aquiles.

Ele afastou o olhar antes de perguntar:

—E a cicatriz?

—Sinto que te machucaram nessa misteriosa briga em que acho que aconteceu. —Acariciou-lhe a marca com os dedos, e desta vez Ethan fechou por alguns instantes os olhos aceitando que ela o tocasse—. Mas esta cicatriz só é uma amostra há mais de que é um homem forte, alguém que teve que superar muitas adversidades.

Desconcertado, passou a mão pela nuca.

—Não te entendo.

—Tudo isto é uma prova, não? Quer saber se meus sentimentos para você são profundos para decidir se poderei agüentar suas mudanças de humor quando estivermos casados.

—Bom, isso quem diz é você. Mas para mim só há uma coisa capaz de me demonstrar que será

capaz de fazê-lo... E é que me deixe te possuir uma vez mais.

— Escocês, o que diz não é justo.

— Acaso não quer me convencer?

Madeleine mordeu o lábio inferior enquanto tentava descobrir como reagiria Ethan se ela tentasse fazer algo que tinha visto repetidas vezes em seu bairro e sempre a tinha deixado muito intrigada. A ele não parecia importar que fosse atrevida.

— Pergunto-me se... — começou a beijar o peito dele — ... Posso fazer alguma outra coisa para te demonstrar o que sinto por você. — Os beijos foram deslizando para baixo e Ethan esticou todo o corpo ao tempo que sua ereção começava a vibrar —. Uma coisa que levo tempo fantasiando.

— Não pode estar falando de... — sacudiu a cabeça. — ... Disso. — Quando notou seu fôlego perto do pêlo que tinha sob o umbigo, Ethan ficou sem respiração. Suas mãos, com vontade própria, acariciaram o rosto de Madeleine e gemeu —: Sim, tesouro, é... — estremeceu e levantou os joelhos para apanhá-la entre os mesmos —. Há... Esteve pensado nisto?

— Uh-huh — afirmou ela, beijando seu duro estômago —. Cada vez que te barbeia.

— Não tire o sarro. — Ele franziu a testa como se estivesse passando muito mal —. Não imagina o muito que o desejo.

— Sempre senti curiosidade por prová-lo.

Maddy percorreu devagar a ereção de Ethan com sua bochecha e os joelhos dele baixaram.

— Afaste o cabelo. Quero te ver enquanto o faz.

Depois de fazer o que ele pedia, voltou a agachar-se acariciando a úmida ponta de seu pênis com os seios antes de percorrê-lo com a língua.

Ele arregalou os olhos.

As reações de Ethan faziam que Madeleine ficasse cada vez mais atrevida. Seu Escocês desejava esse prazer, desejava algo que ela ansiava em dar. Quando traçou com a língua o extremo de sua ereção, fechou os olhos e se deu conta de que também gostava. Entusiasmada com o novo descobrimento, Maddy o beijou e o atormentou, disposta a continuar assim toda a noite.

— OH, Deus, sim — gemeu ele resmungando entre os dentes —. Agora, rodeia-o com a boca...

Madeleine hesitou um instante, e como se sentia tão poderosa decidiu ignorar seu pedido. Em troca, lambeu o extremo uma e outra vez até que Ethan começou a arquear as costas desesperado.

— Fazia muitíssimo tempo que não me faziam isto — disse, ofegando com cada sílaba —. Mais tarde você brinca. — Agarrou-lhe a cabeça com as mãos tremulas para guiá-la para baixo.

Mas ela se jogou para trás.

— Quero desfrutar de minha primeira vez.

— Faça-o por... Mim — suplicou Ethan.

— E se disser que não? — Madeleine entrecerrou os lábios e soprou contra ele fazendo tremer e levantar os quadris —. Ao parecer, tenho as cartas na manga.

MacCarrick se levantou imediatamente e, pegando-a pela cintura, deitou-a na cama. Ela tentou escapar, mas ele a colocou na posição adequada para sua vingança. Segurou-lhe os pulsos por cima da cabeça para que não pudesse se mover, e a olhou ameaçador.

— Uma garota miúda como você não deveria brincar com um homem como eu. — Depois tomou seu tempo antes de instalar-se comodamente entre as pernas de Madeleine, e ela, consciente de que jamais tinha estado tão excitada, gemeu indefesa —. E muito menos na cama.

Deslizou os ombros debaixo dos joelhos de Maddy até conseguiu que as pernas dela descansassem sobre suas costas. Depois começou a percorrer muito devagar as coxas com os lábios, fazendo-a gemer e acelerando sua respiração. A língua de Ethan desenhava úmidos círculos em seu umbigo durante muito tempo, até começar a descer devagar.

— Separa as pernas.

Madeleine o fez dando acesso a seu sexo, e a ereção dele vibrou ansiosa por penetrá-la.

Apesar de que no princípio só tinha intenção de atormentá-la como ela tinha feito com ele, quando viu o quão excitada estava não pôde resistir, e beijou com ardor aquela parte tão íntima.

Deslizou a língua para saboreá-la pela primeira vez e descobriu que era deliciosa.

Ethan gemeu e segurou com força os quadris. Madeleine gritou de prazer e se ondulou sob seus lábios, enquanto ele introduzia profundamente a língua para lambe seu clitóris e ela apertava os calcanhares contra suas costas com total abandono.

Ainda não sabia como, Ethan conseguiu afastar-se um pouco.

Ela levantou a cabeça e o olhou confusa.

—M... Mais — sussurrou. E o olhou com tanto desejo que ele quase sucumbiu à tentação.

—Entende agora como eu me sentia?

—Sim, sim. — Tentou soltar as mãos fazendo força com as pernas, enquanto Ethan duvidava de quanto tempo poderia manter seus lábios afastados dela—. Não voltarei a te atormentar. Prometo isso.

—De acordo, Maddy.

Separou-lhe ainda mais as pernas para poder beijá-la melhor e saborear aquele néctar que acabava de descobrir.

—OH, Meu Deus — gemeu ela.

A ele acelerou a respiração e começou a soprar.

Voltou a separar as pernas e rodeou o clitóris com os lábios e a língua para depois começar a sugar-lo devagar.

—Sim — gemeu Madeleine arqueando as costas e movendo os quadris contra sua boca—. OH... Ethan.

Alcançou o orgasmo com seu nome nos lábios, sem deixar de repeti-lo uma e outra vez. Ele acreditava estar sonhando, era impossível que um homem pudesse suportar tanto prazer. Lambeu-a até que se acalmou enquanto suas pernas tremiam ao redor de seu pescoço.

Depois a soltou e se acomodou para mudar de posição, mas ela o abraçou e acariciou o seu pescoço com o rosto.

—Eu adoro as coisas que me faz — sussurrou no ouvido.

E Ethan se inchou de orgulho ao mesmo tempo sua ereção pulsava impaciente debaixo dela.

Maddy começou a beijá-lo de novo e a percorrer o torax com os lábios à medida que com o seu cabelo atormentava aquela sensibilizada pele. Quando sua boca rodeou a ereção de Ethan, ele não pôde evitar gritar. Era quente, úmida, faminta...

—Isso, tesouro — gemeu—. Eu gosto muito.

Não podia acreditar o que estava acontecendo. Estava perdido, e teve que fazer esforços por não afundar os dedos no cabelo de Madeleine e segurá-la enquanto seus quadris não paravam de empurrar. Ela o beijava ansiosa, gemendo ao fazê-lo. Era como ser um voyeur observando-a fazendo amor com os lábios, adorá-lo com a língua, consumi-lo a pequenas dentadas e beijos carinhosos.

Iria ficar louco. Madeleine o beijava com inocência, mas de uma vez com descaramento, e ao fazê-lo enfeitiçou por completo. Entretanto, quando ela estava a ponto de conseguir que gozasse em sua boca, e ele estava a ponto de perder definitivamente o controle, gemeu desesperado e a afastou.

—Ethan? —perguntou ela atônita ao ver que a aproximava do peito—. O que estou fazendo de errado?

—Não, não. É que não quero que aconteça nada que... Faça te sentir incômoda. —Incrivelmente excitado, rodeou-lhe os ombros com um braço e a beijou. À medida que ia seduzindo-a com seu próprio sabor, deslizou uma mão para sua ansiosa ereção e começou a se acariciar—. É minha excitação favorita — disse ele contra seus lábios—, mas primeiro quero que você goste tanto como eu. —acariciou-se com mais força enquanto com a outra mão percorria a nádega de Madeleine. Deixou de beijá-la durante um segundo e perguntou—: Agora quer olhar?

Ela assentiu com os olhos abertos arregalados e ele relaxou um pouco o braço que tinha a seu redor para que pudesse inclinar a cabeça e ver como ele se masturbava.

Saber que o olhava o excitou ainda mais. Alcançou o orgasmo e estremeceu com violência. Gritou e arqueou as costas, salpicando Madeleine, que se sobressaltou.

Quando por fim se acalmou, ambos tentaram recuperar o fôlego. Ethan, sentindo-se mais que satisfeito, abraçou-a durante muito tempo, acariciando o seu cabelo. Maldição, ela tinha gostado de excitá-lo como o tinha feito... Outra prova há mais de quanto felizes podiam ser juntos.

Resignado, separou-se de Maddy e levantou para se lavar, mas ao retornar, ela exclamou:

—OH, Ethan! Sua ferida está sangrando!

Ele inclinou a cabeça para olhar o torax e encolheu os ombros.

—Se aproxime, por favor — pediu Madeleine—. Deixa eu te olhar. —Quando Ethan se sentou na cama, ela examinou seu peito—. Não abriu os pontos, graças a Deus. Mas sangra muito.

Levantou-se para ir procurar uma toalha e ele ficou embevecido olhando o traseiro dela.

—Não acreditava que fosse tão maternal — comentou como ausente.

—Com um homem como você, terei que ser — replicou ela com a toalha em mão.

—Como eu?

Maddy subiu à cama e sentou junto a ele.

—Sim, Escocês, você é meu cavalo ganhador. — Afastou-lhe uma mecha de cabelo da testa—. É o único que vou dar todos meus torrões de açúcar e minhas maçãs.

—E o que me diz de me dar também uma égua que me agrada? Vi uma que eu gosto bastante.

—E estou segura de que ela estará encantada de que monte um potro selvagem como você, mas antes tem que assegurar-se de ter verdes pastos para o futuro.

—Está louca, tesouro — respondeu Ethan soando mais carinhoso do que pretendia.

Madeleine sorriu, e ele ficou olhando-a fascinado. E de repente entendeu por que os homens cometem loucuras por uma mulher.

Capítulo 30

Em plena noite levantou uma rajada de vento marinho e o navio começou abalancar um pouco.

—Me conte como foi parar em Marais — disse Ethan para tentar que Maddy não pensasse na tormenta que se aproximava.

Estava recostado contra a cabeceira e ela descansava em cima de seu torax.

—O que te contou Quin? —perguntou ela afastando-se um pouco para poder ver o seu rosto.

—Que seu pai morreu em um duelo e que os credores começaram a lhes perseguir. E que como sua mãe era francesa te levou de volta a Paris.

—Na realidade, foi mais ou menos assim — confirmou Madeleine não dando importância.

—Não, não é verdade. Quero saber de tudo.

—Para depois poder zombar de mim? — perguntou ela.

—Não. Porque quero te conhecer melhor.

—Contarei isso, mas antes, você tem que me contar algo sobre você que eu não saiba.

Ethan enrugou a testa.

—Como o que?

—Algo sobre seu passado. Algum segredo turvo e escuro.

Ele pensou muito, e tomou seu tempo antes de responder:

—Antes acreditava que estava maldito.

—Sério? —perguntou surpreendida.

—Sim. Minha família tem um livro que nos pertenceu durante gerações, e tudo o que diz ali

acaba acontecendo. Contém uma maldição sobre mim e meus irmãos.

Madeleine o olhou nos olhos.

— Está-me tirando o sarro? Jamais podia acreditar que era supersticioso.

— É obvio que sou supersticioso... Sou um maldito escocês.

— De acordo, mas não me parece que seja um segredo turvo e escuro. Acredito que é adorável que alguém tão forte e poderoso como você, e com tanto controle sobre seu destino, ache um pouco tão irracional.

— Adorável? — perguntou ele atônito—. E você não acha em nada irracional?

— É claro. Em muitas coisas. Mas bom, é evidente que eu não tenho nenhum controle sobre meu destino.

Ambos ficaram em silêncio.

Madeleine se apressou em tocar seu ombro.

— Ethan, não me referia a estar aqui com você. Isto eu escolhi. E estou muito contente de havê-lo feito.

Ele ficou um pouco à defensiva.

— Bom, eu já te contei algo. Agora conta sobre você.

— Não é uma história muito agradável — começou ela—. E não quero que faça uma má idéia de mim.

— A que se refere?

— “As noivas que tiveram uma família feliz, conseguem criar uma família feliz.” Li no livro de Godey, e ele nunca se engana.

— Não pensarei mal de você. Vamos, conta-me.

— Quer a versão longa ou a curta? — perguntou Maddy.

— Conta-me tudo.

Madeleine tomou fôlego:

— Bom, ao contrário do que pensa todo mundo, minha vida não se foi ao traste o dia que meu pai morreu. Tudo começou seis meses antes.

Uma noite cheia de fúria e segredos que ela jamais tinha conseguido compreender.

— Foi algo desconcertante e angustiante, como estar em meio de um pesadelo. — Caiu um raio fora do navio e Maddy estremeceu—. Fui dormir tranqüila e a salvo, e despertei em outro mundo cheio de estranhos. É difícil de explicar.

Ethan lhe acariciou o braço com uma de suas enormes e ásperas mãos.

— Tenta.

— Passei anos tentando compreender o que aconteceu naquela noite. — Ao evocar, Maddy franziu a testa—. Quando despertei, o primeiro que notei era que todo os serviçais estava muito alterado. Observavam-me de um modo estranho, como tentando descobrir o que eu sabia do acontecido. Mais tarde, descobri que dois de nossos empregados mais antigos tinham sido despedidos; o braço direito de meu pai e a doma de companhia de confiança de minha mãe. — parou para o observar —: vai zombar do que te estou contando?

— Não vou zombar absolutamente.

Ela suspirou e confessou:

— Acredito que meu pai... Pegou a minha mãe na cama com outro homem.

— por que acha isso? — perguntou ele, cauteloso.

— Porque vi provas de que meu sempre calma pai havia... Batido em minha mãe durante a noite. — Ainda podia recordar o olho arroxado de sua mãe, e que seu pai era incapaz de olhar na cara de sua antes adorada esposa.

— Isso não significa que...

— Nessa noite meu pai retornou antes do tempo de uma viagem de negócios. E o certo é que eu acredito que minha mãe cometeu adultério muitas vezes ao longo de seu casamento antes de então. Ela era uma mulher fraca e muito egoísta, e meu pai era bem mais velho.

—Entendo. — Ethan estava muito tenso.

Maddy estudou seu rosto e não soube distinguir se sua expressão era de desgosto ou de apreensão por como ia acabar a história.

—Nesse dia, quando por fim vi meu pai, deu-me alguns carinhosos tapinhas na cabeça e me disse “Maddy, pequena, papai cometeu um engano”. E depois começou a divagar. Já não voltou a ser o mesmo. Foi como se, até então, eu não tivesse conhecido de verdade a meus pais.

—O que aconteceu nessa noite?

Ela se deu conta de que Ethan apertava a mandíbula e disse:

—Não sei se deveria te contar tudo isto.

—Preciso ouvi-lo, Madeleine.

—Mas se não tem nada... — Ao ver o duro olhar que havia em seus olhos, interrompeu o que ia dizer e continuou—: Certo.

Ethan conhecia de sobra os fatos, posto que ele mesmo os tinha orquestrado. Agora, em voz baixa, a jovem estava contando as conseqüências destes.

—Meio ano mais tarde morreu meu pai, e os credores se lançaram sobre nós como corvos. Quando minha mãe e eu retornamos de seu funeral, sob uma terrível tormenta, expulsaram-nos de Iveley Hall, assim se chamava a casa onde nasci. Eu estava muito assustada. Sabia que minha mãe era completamente incapaz de cuidar de mim. Lembro-me que uma vez perguntei: “Encontraremos logo algum lugar onde viver?”, e ela, em vez de me responder: “Sim claro. Acredito que logo teremos sorte”, disse-me: “Sei o mesmo que você, Madeleine. Assim, você o que acha? Me diga?”.

Um lugar onde viver...

Enquanto Maddy contava os horrores pelos que tinha passado quando não era mais que uma menina de onze anos, uma menina que ele tinha arrebatado tudo o que tinha, Ethan sentiu suas lágrimas umedecer o torax. Descobriu o doloroso que tinha sido para ela perder seu lar e todas as coisas que, para uma menina dessa idade, eram imprescindíveis: bonecas, vestidos, animais...

E o medo que tinha passado a primeira vez que viu Marais.

MacCarrick se deu conta de que, no momento em que aconteceu tudo, Madeleine era bastante grande para ter responsabilidades. Era uma garota muito esperta, e era evidente que tinha sido uma menina muito observadora. Suspeitava que essa noite houvesse outro homem em sua casa. Quanto demoraria para descobrir que esse homem tinha sido Ethan?

Madeleine dormiu por fim, aconchegada sobre ele e apertando com força o anel que tinha pendurado no pescoço. Ethan baixou a vista para olhá-la, sem poder resistir em acariciar seu cabelo.

Depois de tudo o que tinha contado, entendia melhor o valente e forte que ela era. E isso só deixava ainda mais claro que não estava a sua altura. Assumir isso era doloroso e resistia a fazê-lo.

A maioria das pessoas acredita que um mau homem não quer deixar de sê-lo porque lhe dá preguiça ou porque não sabe como melhorar. Poucos sabem que o motivo não tem nada que ver com o futuro, mas sim muito com o passado. Ter remorsos era algo horrível.

Dez anos atrás, quando ele era mais velho do que Maddy era agora, limitava-se a compadecer-se de si mesmo, a embriagar-se e a comportar-se com crueldade. E tinha recebido seu castigo. Em troca, o que Madeleine fazia tinha sido seguir adiante com tal coragem que o deixava em ridículo. E entretanto também a tinham castigado... Mas em seu caso pelos enganos que tinham cometido seus pais.

E era Ethan quem o tinha feito. Estava acostumado a imaginar a cena em que ele revelava a verdade.

—Uma noite estava bêbado e decidi transar com... Sylvie, sua mãe. Disse a seu pai, um pobre cornudo que tinha dois valentões para que eles fizessem o trabalho sujo, que eu tinha tentado violá-la e ele acreditou. Brymer me rachou a cara, assim depois eu o degolei. Também arruínei seu

pai, contribuindo em grande parte a que se suicidasse, e executei as dívidas sobre sua casa e suas propriedades, deixando você e a sua mãe na rua.

Se até aquele momento ainda não tivesse fugido correndo, acrescentaria:

—Depois, Sylvie te levou ao inferno quando você ainda não tinha onze anos, e eu estava sabendo de tudo. E, embora pudesse fazer algo para evitá-lo, permiti que acontecesse. E se isso não é o bastante horrível, também me encarreguei pessoalmente de danificar seu compromisso com o conde, e depois vim a Paris para te usar e depois te trair.

“E se ela for o amor de sua vida?”, tinha perguntado Hugh. Ethan riu com amargura.

Seu irmão não sabia que se era ou não o amor de sua vida, já não tinha importância. Que a maldição fosse certa ou não, carecia de sentido. O dano já parecia, e ele jamais poderia ter Madeleine. Cedo ou tarde, ela acabaria odiando-o.

Fosse o que fosse o que ele sentisse, teria só um final.

“É só questão de tempo...”

Ethan estava sentenciado.

Capítulo 31

—Esta é uma das suas residências mais humilde? —exclamou Maddy olhando boquiaberta pela janela da carruagem a mansão que se aproximavam, em primeira linha do mar.

—Sim. Chama-se Carrilhão, pela série de sinos que há no povoado — explicou MacCarrick enquanto entravam no caminho de cascalho—. E sim, é a menos luxuosa e mais corrente de minhas propriedades.

—É obvio — assentiu ela enquanto engolia seco.

A mansão estava construída com grandes blocos de pedras de cor clara, como os castelos, embora estivessem pintadas de uma cor creme escuro e assim suavizadas. Enquanto percorriam o caminho, passaram por jardins de terraços, jardins com trepadeiras, jardins selvagens. Caminhos de erva e riachos de águas transparentes atravessavam a propriedade.

—É muito bonito — comentou ausente, embora “bonito” não podia descrever corretamente aquele lugar. Quando viu um pavão luzindo sua plumagem pelos jardins, deu-se conta de que Carrilhão era como um conto de fadas — Isso é um... pavão?

—Minha avó era uma excêntrica e os fez trazer. Agora são quase selvagens.

—É isso uma palmeira?

—Sim. As correntes do mar da Irlandês são quentes, o que faz que, aqui, a temperatura seja temperada. Quase não neva ou gela nunca.

E tudo aquilo ia ser em parte dela?

—Acredito que nunca tinha visto um lar tão esplêndido.

—Por desgracia, o administrador não se ocupou o suficiente.

—Por que o diz?

—Nesta época teria que haver bagos de trigo, e os campos que passamos antes deveriam estar plantados. Vejo também que a pintura está descascada nos relevos da mansão e os estábulos, e as cercas de toda a propriedade necessitam reparações. As fontes não funcionam, e sabendo como sabiam que chegávamos, tenho que deduzir que estão danificadas. Eu nunca tenho minhas propriedades neste estado.

—Pois não me parece que esteja tão mal — disse ela tentando levantar o seu ânimo.

—Tampouco tem com o que compará-lo — espetou ele olhando pela janela da carruagem.

—O que acha que significa isso?

—Que comparado com Marais, tudo parecerá um palácio.

Apesar de que ela pensava o mesmo, começavam a irritá-la seus comentários desafortunados.

Desde que chegaram ao porto, tornou-se frio outra vez; mais distante que nunca. “Mel, não vinagre”, recordou-se.

Mas já estava farta.

—E eu que acreditava que hoje seria o primeiro dia em que não me recordaria de onde me tirou.

—Só comentava algo óbvio. — Mas deixou aí a conversa quando a carruagem parou diante da mansão—. Falando do rei de Roma — acrescentou ao ver que um homem e uma mulher de meia idade os estavam esperando—. Esse é Silas, o administrador.

Quando MacCarrick ajudou Maddy a descer, ignorou por completo o homem.

—Madeleine, esta é Sorch, a governanta de Carrilhão. Sorch, esta é minha esposa, lady Kavanagh.

Maddy entendia por que tinha que apresentá-la dessa forma, e não se alterou. Sorch sorriu timidamente e fez uma reverência.

—Mostre a lady Kavanagh as instalações e se assegure que tem tudo o que precisa. —Depois, dirigindo-se a Maddy, acrescentou—: Jantaré comigo.

Sorch voltou a fazer uma reverência, deu meia volta em direção à porta principal, e Maddy a seguiu. Entraram em um vestibulo de mármore que dava passo a uma sala de teto alto, com uma elegante escada de madeira em forma de ferradura e com tapetes em todas as partes.

Depois de seguir Sorch pela escada até o amplo primeiro andar, Maddy apareceu por cima do corrimão para ver Ethan no andar inferior. Ele cruzou a sala a grandes pernadas em outra direção, com suas botas retumbando contra o chão e um apavorado Silas seguindo-o.

Quando levantou a vista, Sorch já tinha aberto a pesada porta do quarto principal e tinha entrado nele. Madeleine entrou e viu que as duas estadias que compunham os quartos tinham as paredes empapeladas; o quarto dela, de uma cor clara, enquanto que o de Ethan era mais escura.

Tudo estava repleto de luxo inclusive o teto alto estava luxuosamente decorado.

Enquanto percorria o corredor que conectava ambos os quartos, observou a cama de elegantes postes que tinha o dela e o enorme leito dele, que parecia tão grande como uma sala de dimensões normais. Por que queria Ethan que dormisse ali, agora que já não tinham que compartilhar o camarote?

—É muito elegante — comentou Maddy a Sorch.

Toda a mansão era, mas a decoração talvez fosse muito formal. De fato, alguns cômodos pelo qual tinha passado eram inclusive... Lúgubres. Fazer que aquele lugar fosse mais confortável e menos sombrio seria sem dúvida uma agradável tarefa.

Quando se deu conta de que, como proprietária, podia fazer essas mudanças rapidamente, decidiu perguntar a Ethan se, quando tudo se acalmasse, poderiam voltar e redecorá-la.

—Sim o é — disse Sorch timidamente—; mas espere para ver a vista.

A mulher correu as cortinas, que mostraram um grande terraço com uma porta que parecia ocupar toda a parede.

Abrindo a porta, Sorch a convidou-a que saísse para fora, coisa que Maddy fez, ficando sem respiração.

O mar... estava ali mesmo. Uma água de um intenso azul brilhava sob o sol e se estendia por todo o horizonte.

A casa estava situada em um escarpado localizado entre um cabo e uma extensa praia. Justo debaixo, havia outro terraço com uma balaustrada do mesmo estilo que o de acima. Desde qualquer ponto desse lado da casa, podia-se divisar o mar da Irlanda e a praia.

—Meu Deus! —exclamou Maddy. Se antes ficou impressionada ao ver os jardins e montanhas de Carrilhão, agora, com o mar, não encontrava palavras.

A idéia de ser proprietária de uma propriedade como aquela parecia... Fantástica.

“A fortuna favorece ao valente — recordou a si mesma—. Sim, mas isto é absurdo.”

—Já pode descobrir por que Silas foi tão descuidado com seus deveres? —perguntou Madeleine depois de um incômodo e reservado jantar com o Ethan.

Este se levantou bruscamente para ir até ao escritório sem incomodar-se em convidá-la, mas ela o seguiu de qualquer modo.

—Sim. Bebi. Todo o dia — explicou, sentando atrás de uma impressionante mesa de mogno—. Descuidaram das terras gravemente. O que me faz temer como devem estar minhas outras terras a cargo de outros muitos administradores.

Estava tão consternado que Maddy decidiu aproximar-se por trás e massagear seus ombros.

—Acreidto que encontrará facilmente um substituto. Encarregar-se de Carrilhão seria um orgulho para qualquer um.

—Acho que sim.

—Pode pôr um anúncio no jornal e fazer correr a voz.

—A que se refere? —esticou-se sob seus dedos—. Ficaremos aqui até arrumar isso.

—E quanto tempo prevê que será isso? —perguntou ela com um forçado tom sereno.

—Tenho que encontrar um substituto, e pô-lo a par de todas suas tarefas.

Maddy afastou as mãos e se dirigiu ao outro extremo do escritório.

—Quanto tempo?

—Uma semana. Talvez duas.

O seu coração encolheu no peito.

—Não posso ficar tanto tempo aqui com você sem estarmos casados.

—Eu já disse a todo mundo que estamos casados — replicou ele não dando importância ao assunto.

—Poderia-se casar comigo no povoado de que me falou antes Sorchia, e então poderíamos ficar aqui tanto tempo que precisar.

—Meu Deus! É isso tudo o que te importa? Meus arrendatários suportaram já três duros invernos por culpa de Silas, e agora não têm reservas, nem de trigo e nem de hortaliças para passar um novo inverno.

—Não o entendo. O que fez exatamente?

—É o que não fez. Se um campo se alagou, teria que havê-lo desaguado. Descuidou dos pedidos periódicos de sementes com o passar do ano, e há outra dúzia mais de exemplos de negligências.

—E por que ninguém te escreveu para te advertir?

—Não se dá conta de que não sabem nem ler nem escrever? Por outro lado, isso não é de sua responsabilidade, e sim minha. —apertou a ponta do nariz suspirando fatigado—. Madeleine, passarei fora quase todos os dias para olhar e remediar esta situação. Espero que encontre uma maneira de se distrair sozinha.

—É obvio — respondeu ela, exalando com pesar—. Estou acostumada a não te ver até a noite. —levantou-se para sair, mas ao chegar à porta se voltou—. Nestas condições, só ficarei aqui dez dias, Escocês.

—O que é isso? Uma ameaça?

—Não, só minhas firmes intenções. Ou melhor pareço egoísta, mas preciso de segurança.

Ethan entreceerrou os olhos.

—Não confia em mim.

Maddy assentiu, coisa que evidentemente o surpreendeu.

—Tem razão. Não confio; ainda não.

—Então, o que deve fazer um homem para ganhar sua confiança?

—Honestamente, não sei. Acho que é questão de tempo.

—Quer dizer de dez dias? —perguntou sarcástico—. Porque esse é todo o tempo que a senhorita Van Rowen me concede.

O navio agora parecia outro mundo.

Ali, Ethan estava em suas terras, apresentando a toda sua gente como sua mulher. E sem alterar-se sequer ao dizer essa mentira.

Seus problemas com o administrador eram muito reais, mas também estava aproveitando a situação para conseguir seus fins. Era verdade que podia pôr o anúncio e correr a voz. E, é obvio, podia se casar ali com a Madeleine, como ela tinha sugerido.

Ethan sempre obstinado as suas decisões, centrando-se em seus planos. Agora começava a sentir que tinha perdido o controle, que não segurava as rédeas.

Tinha tomado a decisão de manter várias propriedades porque tinham pertencido à família durante gerações e porque, bem administradas, podiam manter-se a si mesmos, e inclusive dar benefícios. Acreditava que tinha contratado os melhores administradores para que se ocupassem delas em sua ausência.

Mas não tinha sido assim: seus arrendatários tinham sofrido, e ele havia se despreocupado cada vez mais. Quando voltasse para a Rede, não teria tempo de comprovar se nas outras propriedades as coisas iam bem ou mau.

“Maldição.”

Tinha tomado a decisão de apaziguar sua ira com a única filha de Van Rowen, mas agora a desejava cada dia mais e mais. Estava perdido.

Ethan era brutal e egoísta. Sabia e não tinha intenções de mudar. Embora agora começasse a descobrir que importavam mais as necessidades de Madeleine que as suas próprias. Estava perdido.

Quando estavam juntos na cama, ele não se entregava por completo; porque seus beijos podiam fazer perder o controle...

“Acredito que a desejo... só para mim.” Maldição, se um homem tiver destruído a vida de uma mulher durante dez anos, mais vale não fazer ilusões a respeito dela.

Ethan sempre tinha sido apaixonado por seus sentimentos E se permitia sentir algo mais, e logo a perdia, não acreditava que pudesse se recuperar nunca.

Encontrou-se olhando o móvel onde havia bebidas. “Agora sim que estava realmente perdido.”

Capítulo 32

—Não se preocupe Ethan — disse Maddy para si mesma, dando um chute a uma rocha enquanto passeava por Carrilhão—. Posso explorar o imóvel, sozinha.

E tinha passado os três últimos dias fazendo-o.

Em sua primeira saída, descobriu uma estufa com paredes de cristal translúcido e uma cúpula transparente. Esteve a ponto de gritar de felicidade, ansiosa por comer frutas frescas, em especial cítricas, mas então se deu conta de que, excetuando um par de esqueléticas laranjeiras, o lugar estava vazio e em desuso. No chão se viam as tuberías que antigamente tinham proporcionado calor e umidade, mas agora estavam quase mortas.

Outro dia, descobriu uma escada que conduzia a uma passarela de cristal que havia por cima da casa. Ali, as mulheres iam ver o mar e espionar sinais da volta de seus maridos. Madeleine perguntou se alguma vez, antes que ela chegasse, alguém teria subido ali para olhar em direção aos campos.

Obrigava-se a manter afastada de Ethan durante o dia, e dava grandes passeios, mas ali não tinha ninguém. Sorcha era muito amável, entretanto, preferia manter distâncias com a senhora da casa, e Maddy se sentia muito sozinha. Pensava tanto em B e em Corrine, que doía o coração.

Se por acaso via alguma vez Ethan durante esses passeios, ele se mostrava frio e distante. Mas de noite, quando se deitava ao seu lado... Seu corpo contava outra história completamente

diferente.

Beijava-a no pescoço e, acariciando um ao outro, dizia o muito que se agradavam. Se ela o beijava ou o tocava de um modo que gostava, assegurava-se de que soubesse o prazer que tinha proporcionado. Esses encontros eram tão perfeitos e satisfatórios que Madeleine desejava fazer amor com ele, e estava acostumado a imaginar-se como seria senti-lo de novo em seu interior. Negar esse último passo estava cada vez mais difícil, apesar de que ele insistia cada vez menos nisso.

Quando terminavam, Ethan sempre acariciava o seu rosto e a beijava com tanta ternura que Maddy temia chorar. Cada noite, ele a aconchegava entre seus braços obrigando-a dormir com ele, mas Madeleine tinha que reconhecer que estava se acostumando a sentir sua cálida e forte presença.

De noite a adorava. De dia, ignorava-a.

Essas mudanças de atitude estavam enlouquecendo-a. Preocupavam os imóveis e por isso estava tão estranho? Se mantinha afastada dele durante o dia, não poderia acusá-la de fazer perder o tempo.

Maddy sabia que havia nela muitos aspectos que a deixavam menos atraente aos olhos de um potencial marido, e pior ainda se era rico e com título. Não tinha dote nem estudos e tinha sido uma ladra. Ethan estava a par de tudo, e apesar disso tinha pedido sua mão.

Mas talvez revelar os detalhes mais acidentados de sua família seria muito...

Da janela de seu escritório, observava como Madeleine tentava conquistar um peru com miolos de pão. Quando o animal optou por abrir sua preciosa cauda e persegui-la pelo campo, Maddy se limitou a rir.

Ethan queria descer e estar com ela.

Só estavam ali há uma semana, e começava a entender que não importava que não a visse em todo o dia, Madeleine estava sempre em seus pensamentos. Ethan não comia. Não podia dormir. Cada dia o aproximava mais ao doloroso final, e odiava que assim fosse. Acreditava que não ia precisar de tanto.

Mas essa mulher, com seu brilhante sorriso e sua risada sincera, era tudo que um bastardo como ele podia desejar, tanto como um homem moribundo deseja continuar vivendo... E esse era um sentimento que ele conhecia com perfeição.

Com Madeleine, Ethan sentia mais, a seu lado tudo era melhor. Era como se entendessem por completo, como se com ela suas ânsias se acalmassem. Não entendia. Não era capaz nem de explicar a si mesmo. Às vezes, sentia como se ela fosse parte dele... Como se sempre tivesse sido assim.

Quanto mais fortes ficavam seus sentimentos, mais conta se dava de que, quando Madeleine se fosse, para ele a dor seria insuperável.

"E se fico com ela?", perguntava-se uma e outra vez. Frequentemente, Ethan pensava como seria deixar de trabalhar para a Rede e voltar para a vida que sabia que estava o esperando.

Casar, administrar suas propriedades, cuidar das pessoas que vivia nelas. Começava a atrair muito a idéia de trabalhar em suas terras. De fato, sentia-o quase como uma necessidade.

Mas a última vez que tinha feito caso desses sentimentos tudo tinha acabado em tragédia.

Quando decidiu se casar com Sarah MacReedy, foi cumprir com as obrigações de seu título. Agora sentia que precisava dessa vida... Só se Madeleine estivesse incluída nela.

Mas se ficasse, acabaria lhe fazendo mais mal do que já tinha feito. Era inevitável. Maddy descobriria o papel que ele tinha desempenhado em seu trágico passado e isso a destruiria.

Seria capaz de contar o que tinham feito a seus pais e exonerar assim parte de sua culpa? Ela acreditaria nele? Atreveria-se a dizer que seu pai, do que falava com tanto afeto, era um patético cornudo? E que sua mãe, a que Maddy só considerava egoísta e malcriada, era o diabo em pessoa?

Era necessário que Madeleine soubesse que seus pais tinham torturado um jovem de vinte e

três anos em seu estábulo? Era impossível que existisse um casal com piores perspectivas que ele e Madeleine. Se algum dia tivessem filhos, seriam os netos de Van Rowen, os netos de Sylvie; e Ethan tinha sido o culpado de que Maddy quase tivesse morrido de fome quando era pequena. Não tinham futuro...

Maldição, ele já tinha decidido não se casar com ela, e quando Ethan tomava uma decisão jamais vacilava. Quando tinha começado essa derrota? Primeiro tinha tido intenção de abandoná-la, lhe dar dinheiro e deixá-la felizmente instalada em uma de suas casas. Estava disposto até a lhe dar de presente a propriedade que era dela se fosse necessário. O que tinha que mau nesse plano? Porque ele não queria afastar-se dela. Ethan queria continuar com a Madeleine.

Tinha-lhe feito muito mal, e, sem Maddy saber, agora o estava devolvendo corrigido e aumentado... E para isso, o único que tinha que fazer era ser ela mesma. Cada vez que a via desfrutar das pequenas coisas, ou quando despertava em plena noite com as faces banhadas em pranto, a ele partia o coração.

Quando mais cresciam seus sentimentos por Madeleine, mais culpado e frustrado se sentia. Os remorsos o estavam destruindo, e como nunca antes tinha conhecido essa emoção, não tinha nem idéia do que fazer.

Odiava sentir-se tão culpado, e odiava ela por ser tudo o que ele jamais soube que queria que fosse uma mulher.

Apesar de Ethan levar anos sem provar uma gota de álcool, seus pés se dirigiram para o móvel bar e, com mãos tremulas, serviu-se de um copo.

Olhando o copo, murmurou de novo:

— Estou perdido.

Como queria conseguir que Madeleine se afastasse dele, Ethan não tinha ido ao leito nas duas últimas noites e as tinha passado bebendo. Isso, apesar das muitas vezes que tinha ouvido repetir que ele não bebia. Maddy tinha visto bebedores mais resistentes que ele desmaiados nos portais de Marais.

Se durante o dia, cruzavam-se por acaso, ele falava com monossílabos, e ela começava a suspeitar que realmente incomodasse em tê-la em Carrilhão. Em alguma ou outra ocasião, tinha o pegado olhando-a da janela de seu escritório, com a testa franzida, como se estivesse muito zangado.

De modo que Maddy subia diariamente à passarela de vidro e, se o céu estava limpo, podia ver dali a costa da Irlanda. Passava horas olhando o mar e pensando em sua situação enquanto os ferrys iam e vinham da outra ilha.

Por fim, chegou à conclusão de que o comportamento de Ethan não tinha nada há ver com o trabalho. Das duas uma, ou estava convencido de que ela ia suportar algo como casar-se com ele, ou queria assustá-la para que partisse... Essa noite, ao por do sol, Madeleine retornou de seu passeio e o encontrou sentado em seu escritório, com o olhar perdido no copo de uísque que segurava na mão. Quebrou seu coração ao ver que tentava embebedar-se deliberadamente.

Apesar de saber que não ia ser bem-vinda, entrou no cômodo e se sentou na cadeira que havia em frente a mesa.

— Como foi o seu dia, Ethan?

Ele limitou a encolher os ombros, de modo que insistiu:

— O que tem feito?

— Trabalhar.

— Está bebendo — disse ela.

— É muito observadora.

“Mel.”

Madeleine podia ser tão paciente como quisesse.

— Já pode contratar a um novo administrador?

— Não.

— Posso fazer algo para te ajudar? Tenho muito tempo livre — prosseguiu ela esforçando-se por manter a raia seu caráter.

— Não, nada.

— Vamos embora dentro de quatro dias.

Por fim a olhou.

— E acha que não sei? Maldição. Como se você me deixasse esquecer. Todo excursão sempre ao redor de Madeleine.

— Já vamos daqui...

— Ainda ficam muitas coisas por fazer!

— Talvez trabalharia mais se bebesse menos — comentou com o tom mais calma de que foi capaz.

Ele a fulminou com o olhar e a cicatriz de seu rosto empalideceu.

— *Aingeal*, eu espero que você não procure briga; esta noite não.

— Fiz algo que tenha te incomodado, Ethan? Ofendi ou falhei em algo?

— Sim, e ele chama “ter relações sexuais”.

“Basta! Ao inferno com o mel!”

— Terá “relações sexuais” quando nos casarmos, tal como concordamos! Não me dirá que isso te pega de surpresa.

— Não, mas não acreditava que o dissesse a sério. Devia saber que não teria aceitado a uma condição tão estúpida.

— Às vezes pode chegar a ser odioso, Escocês. Não deixa de me dar motivos pelos que não deveria me casar com você. — E, além disso começava a suspeitar que estava fazendo-o de propósito.

Era o único modo que devia ter ocorrido para escapar daquela situação.

— Não pode aspirar a ninguém melhor que eu — disse Ethan levantando o copo —, será melhor que não o esqueça.

Madeleine recuou como se a tivesse golpeado. E o que mais lhe doía era saber que ele tinha razão.

— Entendo. Acredito que isto acabou.

MacCarrick riu sem vontade.

— Sim, isso é precisamente o que estou tentando te dizer.

— Não, Ethan. Sou eu quem diz isso.

Capítulo 33

Maddy já tinha tido o bastante. Viver tantos anos frente a B tinha lhe ensinado que não importava o quanto encantadora fosse, ou quanto se esforçasse para gostar de alguém, alguns homens não eram capazes de ver o que era necessário para cuidar de uma mulher. MacCarrick jamais tinha batido nela, como o companheiro de B, mas isso não implicava que não pudesse lhe fazer mal.

Madeleine tinha passado toda a noite acordada, pensando no que fazer. E ao parecer ele esteve fazendo o mesmo, pois Maddy o ouviu mover-se pelo quarto ao lado até o amanhecer.

Antes de dormir, Maddy chegou a uma conclusão: MacCarrick tinha razão, ela merecia algo melhor que ele. Quando despertou, começou a fazer as malas.

Agora era capaz de entender que tinha aceito se casar com o MacCarrick porque estava assustada, faminta e precisava de proteção contra Toumard. Nessas circunstâncias, o Escocês parecia um presente do céu.

Mas nem louca ia se transformar em sua esposa. Tinha outras alternativas. E, no pior dos casos, com o anel que ele tinha dado podia manter-se flutuante durante alguns anos.

MacCarrick desceu a escada e, ao ver as malas, disse:

— Abandona-me?

— É muito observador — replicou ela repetindo as mesmas palavras que ele havia dito na noite anterior; e ficou atônita ao ver que ele já estava bêbado.

Ethan se recostou contra a parede e cruzou os braços.

— E como pretende ir a algum lugar?

— Com a carruagem de linha. Verá, estes dias passei tanto que vi que cada dia, às cinco em ponto, se para no povoado.

Ver o rápido que Ethan perdia o sorriso proporcionou a Maddy certa satisfação.

— Pequena tola. Vai atirar pela amurada a possibilidade de se casar e ser rica só por impaciência? Já te disse que ainda tenho coisas que fazer aqui.

Maddy o olhou com pena.

— Tem razão Ethan, mas eu não. Ao longo de minha vida, freqüentemente me vi pega em situações que eu não gostava nada. Não acha que sou capaz de distinguir quando acontece o mesmo a outra pessoa? Você não quer se casar comigo. Vi isso muito claro. O único que pretendo é te fazer as coisas mais fáceis.

— Não, isso não é o que pretende. O que quer é me pressionar. Me ameaçar com algo que não tem intenção de levar a prática. Mas tem que saber que eu não respondo bem às ameaças.

— Não se engane, falo sério.

— Disse-me que ficaria dez dias. Ainda faltam três.

— Não brinque comigo, Ethan. A esta altura, poderia já ter se casado comigo, tão aqui como no povoado. Poderia ter feito um montão de coisas. A única coisa que eu queria era um marido fiel que me tratasse de um modo decente. Faltava tão pouco em consegui que me apaixonasse por você...

— Agora fala de “amor”? — zombou ele —. Assim, segundo você, a única coisa que teria que ter feito é te tratar com certa amabilidade e manter meu pênis preso em minhas calças?

Madeleine não se incomodou em ocultar o desagradável que parecia esse comentário de bêbado.

— Acha que as coisas irão melhor sem mim? — perguntou —. Quando estiver de volta naquele bairro imundo?

— De fato, tenho intenção de visitar primeiro a Claudia.

— Quer dizer Quin. — Ethan entreceitou os olhos —. Bom, tal como te disse, com certeza está mais que disposto a te pedir que se case com ele. Em especial depois de que eu disse que transei com você na noite do baile de máscaras.

Maddy abriu a boca consternada.

— Contou-lhe isso? — “OH, Deus, que humilhação” —. É um bastardo! A verdade é que está me deixando isso muito fácil. Mas obrigado por me recordar que Quin está ainda disponível. Assegurarei-me de perguntar se ele continua interessado.

Ethan apertou os dentes fulminando-a com o olhar.

— Claro, típico de você — replicou procurando feri-la —; acredito que se pedir aceitará isso em seguida.

— Seria uma tola se não o fizesse. É bom e honorável, e sei que se me prometer se casar comigo o faria!

Ia de verdade deixá-lo? Quase perdia o sentido só de pensar. Como tinha conseguido meter-se desse modo “deixando contra a parede”? Quando tinha começado a pensar que a vida sem ela não merecia a pena? Só de imaginar Madeleine com Quin começava a tremer. Formavam o casal perfeito. “Não como comigo.” Aquilo tinha que acabar. Madeleine tinha ganhado. Tanto se ele casava com ela ou não, tinha-o derrotado.

— Se for ser tão egoísta e impaciente para não esperar — disse —, então, o que posso fazer?

Ethan não ocultou o quanto furioso estava, e viu como ela empalidecia. “A merda com tudo”. Ethan sabia um modo eficaz de romper o vínculo que tinha com ela, similar um anzol que não o deixasse mover-se. Prometeu a si mesmo que quando tivesse deixado Madeleine bem instalada em alguma parte, deitaria-se com todas as mulheres que encontrasse em diante para recuperar o tempo perdido. Se só ver Madeleine tirando o chapéu o excitava como um menino de quinze anos, era evidente que estava curado. Por que não tinha pensado nisso antes? Faria uma lista com todas suas posições sexuais favoritas e iria em busca de uma mulher com experiência para colocá-las em prática. E voltaria a ser o cruel bastardo que era antes. E por fim poderia romper com Madeleine tal como tinha sido sua intenção desde o princípio. E retornaria ao trabalho, a aquele solitário trabalho que tão bem se adaptava a sua vida.

Decidido, disse:

— Se te custa tão pouco me encontrar substituto, para mim não será mais difícil.

E deu meia volta, deixando Madeleine com a cabeça bem alta; a seguir cavalgou em direção ao povoado.

Quando chegou lá, foi diretamente ao botequim, com as costas erguida e a confiança que dava saber que uma mulher como Madeleine o desejava e queria se casar com ele. Embora agora fosse deixá-lo. Isso não tinha importância. De qualquer modo, ele já se cansou dela. Tinha que acreditar que era assim.

Sentou-se em uma mesa e se deu conta de que o lugar estava até os batentes. Pobres desgraçados, acreditava que tentavam fugir de suas esposas. “Essa vida eu não terei.” “Deixa que ela vá.” Ethan não podia continuar como estava. Nas três últimas noites tinha tentado se distanciar, mas o único que conseguiu foi embebedar-se porque não podia dormir sem ela. Os remorsos que sentia por todo o mal que ele tinha feito a ela, o estavam comendo vivo. “Te deite com outra mulher e esqueça dela. É o melhor...” Viu uma atraente garçonne sorrindo, apesar de que tinha visto sua cicatriz. Usava uma gargantilha como a que Madeleine tinha usado naquela noite em Paris, mas não parecia nem de longe tão bonita. Entretanto tinha os seios enormes, algo que ele sempre tinha gostado. Os acariciaria com a face. No navio, tinha feito com os pequenos seios de Madeleine e ela tinha enlouquecido. Tinha deslizado sua incipiente barba por seus seios, arranhando-o um pouco, e depois os tinha beijado. Maddy tinha se derretido em seus braços antes até que ele tivesse acariciado o sexo.

Começou a se excitar, e o sangue acumulou entre suas pernas. A mulher desviou o olhar para sua ereção e cometeu o engano de acreditar que devia ser por ela. Ficou sem fôlego, e seus seios tremeram ao acelerar sua respiração. Não, essa ereção não era por ela, mas que importância tinha? Se tinha que pensar em Maddy para poder transar com aquela prostituta, não hesitaria em fazê-lo. Tinha que superar o que sentia por Madeleine. A alternativa era inimaginável. Dois whiskes mais tarde, outra mulher de lábios carnudos lhe chamou atenção. E, por algum motivo, também gostou do que viu.

Três uísques depois disso, e antes de saber sequer o que estava acontecendo, Ethan subia a escada com a garçonne. Cambaleou ao fechar a porta e... Surpresa, a mulher de lábios carnudos tinha decidido em fazer companhia a eles. Como nos velhos tempos. Ethan sabia que sua cicatriz o fazia parecer perverso. Um homem não pode mudar sua natureza.

Maddy se sentou na passarela durante horas, enquanto esperava que chegasse a hora de pegar a carruagem. Chorando em silêncio, observava a costa pela última vez, e o ir e vir dos ferrys. MacCarrick não tinha voltado. E o que esperava? Que ficasse de joelhos suplicando outra oportunidade? Ou que ao menos desejasse uma boa viagem? Zangada, secou uma lágrima. Já sentia falta dele. Sim, os últimos dias tinham sido de um modo atroz com ela, mas essas noites que tinham compartilhado, cheias de paixão, de prazer e de doçura... Madeleine não havia sentido jamais tão unida a alguém em toda sua vida. “Deveria ter lutado mais por nós? Deveria ter dado

mais tempo?” Sacudiu a cabeça com tristeza. Sabia de sobra que os sentimentos não podem ser forçados. Ela não podia obrigar ele que sentisse falta dela. Fazia tudo o que estava em sua mão para que ele a quisesse. Mas apesar de tudo, sentia sua falta.

“O que é melhor — se perguntava—, que fique com ele tal como estamos, ou passar o resto da vida sem ele a meu lado?” Engoliu seco. Maddy tinha dado um ultimato ao Escocês, e talvez não deveria havê-lo feito. Outra lágrima escorregou por sua face. Em especial desde que se apaixonou perdidamente por ele.

Capítulo 34

A garçonete tentou beijá-lo, mas Ethan afastou o rosto e foi beijá-la no pescoço. Acariciou a gargantilha com os lábios, igual tinha feito com aquela Maddy na primeira noite em Paris, antes de que soubesse o muito que ela iria significar para ele. A mulher estava bem, mas seu sabor não era o que ele queria. Não estava suja, mas seu cheiro não era o adequado. “Imagina que cheira como Madeleine. Imagina que tem o sabor da suave pele dela.” Enquanto a garçonete desabotoava a camisa dele, a mulher de lábios carnudos beijava o seu tórax. Quando despiram a parte superior do peito, ambas se alternaram para beijar os peitorais e ir descendo. Sabia o que chegaria a seguir. Madeleine tinha gostado de beijá-lo ali e tinha conseguido que esse ato tão erótico fosse ao mesmo tempo doce e terno. Uma das duas mulheres afrouxou seu cinto. “Faltava tão pouco em conseguir que me apaixonasse por você...”, havia dito ela. A única coisa que queria era um marido fiel e que a tratasse bem...E então se apaixonaria.

Apaixonaria-se. Por ele? Se ela o amasse, perdoaria o que tivesse feito no passado. Teria que perdoá-lo. Porque ele então não a conhecia, e não queria lhe fazer mal. Mas se agora... agisse assim... Não deveria ao menos tentar que ela se apaixonasse por ele antes de se dar por vencido? Acaso não tinha ficado claro que para conseguir o que se desejava teria que lutar com todas as forças?

—Chega — gritou Ethan.

Mas as mulheres não se deram conta, e se concentraram em suas calças.

“Deixa que continuem...” Estava a ponto de poder se deitar com uma mulher, não, com duas, e não ia fazê-lo? Que demônios estava acontecendo? Tinha sonhado com esse dia, com o dia em que voltasse a ser um homem completo. Jurou a si mesmo que então se fartaria de mulheres. Madeleine deveria lhe dar o que queria em vez de pressioná-lo para que se casassem. Ethan não respondia bem às pressões... Madeleine poderia apaixonar-se por ele. De repente fez uma luz e ele entendeu tudo.

“Deus, é Maddy. É ela.” Ela era a única que existia para ele. O amor de sua vida. E sempre ia ser assim.

—Chega! — grunhiu Ethan afastando ambas as mulheres e dando um passo para atrás. Cambaleou completamente aturdido. Maddy era seu futuro, e ele estava se comportando como dez anos atrás, quando acreditava que não tinha nenhuma possibilidade de tê-la. Havia tornado a beber, a resignar-se... Enquanto ela em troca lutava com unhas e dentes por conseguir algo melhor. Ele podia lutar também; sim, ia mudar, de um modo tão profundo como havia dito seu irmão. E entretanto estava a ponto de fazer algo tão idiota, tão irrevogável, que teria perdido o seu tesouro para sempre. Estremeceu só de pensar.

—O que está acontecendo? — perguntou a garçonete surpreendida.

Ethan se lembrou então do quanto cruel tinha sido com Sylvie naquela horrível noite, e também do quanto mau tinha tratado aquela garçonete... E do castigo que recebeu por isso.

—Lamento, senhoritas, mas estou casado e me comportei como um tolo. —Um completo idiota. colocou bem o cinturão e abotoou a camisa antes de pegar o casaco.

— Há muitos homens casados que continuam se deitando com outras mulheres — comentou a outra.

— Este não.

Ambas suspiraram, e a primeira disse:

— Sua mulher tem muita sorte.

— É ao contrário, a sorte tenho eu — disse ele antes de sair do quarto e correr para a escada.

Ethan estava acostumado a viver as coisas com intensidade, mas jamais havia sentido nada comparável ao terror que experimentava ao pensar que Maddy pudesse lhe deixar. Deus, estava perdido. Queria que uma mulher o amasse; ansiava, necessitava. E estava a ponto de perdê-la para sempre. “Se atirar a uma dupla de prostitutas. Brilhante, Ethan. Em que diabos estava pensando?”

Que hora era? Às três e meia. A carruagem chegava às cinco. Se cavalgasse a toda velocidade conseguiria chegar em Carrilhão a tempo. Mas se aparecesse ali com as mãos vazias, só com suas promessas, Maddy talvez o abandonaria de qualquer jeito. Teria que parar no Cartório Civil do povoado para fazer uma licença de casamento, mas dessa forma corria o risco de que Madeleine escorresse de entre os dedos. Por desgraça, ela era imprevisível. Se ela fosse antes que ele pudesse alcançá-la, talvez decidisse não o perdoar jamais. Diabos, tal como tinha levado os últimos dias, tinha muitas possibilidades de que isso fosse exatamente o que acontecesse..., mas mesmo assim, tinha que tentá-lo.

Tomou uma decisão e cavalgou como o vento para o Cartório. As dúvidas sobre os segredos de seu passado continuavam espreitando-o, mas deixou-as de lado. “Vá procurá-la — repetia uma voz em seu cérebro uma e outra vez —. Faça-a tua.” Ethan se encarregaria de tudo isso depois de assegurar-se de que ela não o abandonaria. Entrou no Cartório como um vendaval, decidido, como nunca antes em toda sua vida. O oficial até se assustou, o que era completamente compreensível ao ver aquele enorme escocês com uma cicatriz, barba de vários dias e cheirando a álcool, golpear o mostrador. Ethan não escutou o discurso sobre todos os requisitos que tinham que cumprir para conseguir uma licença de casamento, e disse ao homem que estavam na maldita Escócia, a terra com as leis matrimoniais mais folgadas do mundo, e que, bom, em troca ele construiria uma nova igreja no povoado. Uma igreja, que penitência tão adequada. Quarenta e cinco minutos mais tarde, licença de casamento em mãos, Ethan saiu correndo do edifício e montou em seu cavalo para tentar chegar em Carrilhão... O pai de Ethan havia dito uma vez que reconheceria à mulher de sua vida porque com ela se sentiria indefeso até que por fim a fizesse dele; então se sentiria invencível. Maddy não tinha deixado de esperá-lo. Ao ver a carruagem aproximando-se de Carrilhão, Ethan sentiu um nó no estômago, e cavalgou ainda mais rápido. Apanhou-a na entrada do caminho, e teve o tempo exato de saltar de seu cavalo reabrindo assim a sua ferida. Com suas luvas negras e seu chapéu com véu, Madeleine parecia a perfeita dama. Mas ao mesmo tempo a via fria e distante. Ele soube sem dúvida nenhuma que, se não tivesse chegado a tempo, o teria abandonado para não voltar a olhar jamais para trás. Amava-a tanto, queria passar com ela o resto de sua vida. E o mais surpreendente era que, até no dia anterior, Maddy teria aceitado se casar com um bastardo como ele. Faria-o agora?

Com a testa enrugada e a respiração entrecortada, Ethan mostrou a licença.

— Quer se casar comigo, tesouro?

Madeleine inclinou a cabeça.

Sua inglesinha, precavida como sempre. E por que não iria ser? Ele jamais tinha feito o mínimo esforço para que ela se sentisse cômoda e segura. Ela não tinha insistido em que se casassem porque fosse egoísta, mas sim porque era preparada.

— Amanhã às dez, se é que ainda me quer. Maddy, prometo que serei bom com você — disse ele com convicção, com sentimento. Porque de verdade sentia assim—. Me comportei como um imbecil.

— Por que foi tão cruel? — quis saber Madeleine em um tom indecifrável—. Foi você quem veio a Paris para me buscar, lembra-se?

Ethan se aproximou.

—E foi a melhor decisão que tomei em toda minha condenada vida. — Ao ver a carruagem aproximando-se, engoliu saliva—. Maddy, sei que me comportei como um bastardo. Disse que não encontraria ninguém melhor que eu, mas isso não é verdade. Absolutamente. E eu sou quem melhor sabe. — Alisou os cabelos—. Passei a vida convencido de que ninguém iria compartilhar jamais meu sobrenome comigo. Meu sobrenome e eu, bom... Não valemos muito. E entendo que o melhor que poderia fazer seria ir embora daqui agora mesmo, apesar do muito que eu quero que fique.

Maddy olhou a carruagem como se Ethan não estivesse ali. Como se não estivesse escutando.

“Não, tem que ficar.”

Ficou diante dela e disse:

—Madeleine, não sei se saberei ser um bom marido, mas quero tentar. Quero honrar meu título e cuidar de minhas terras. Mas só se você estiver ao meu lado. Se pudesse chegar a me perdoar...

—Está dizendo que deixará essa profissão tão misteriosa e perigosa que tem? — perguntou ela ainda sem olhar para ele.

—Se com isso consigo que fique, sim, agora mesmo.

—Por que demorou tanto? Teve que esperar que dessem a licença?

Ethan ruborizou, incômodo.

—Tive que prometer que construiria uma igreja nova para o povoado para que me dessem — respondeu isso, dissimulando a mentira.

—O que aconteceu entre ontem de noite e esta manhã para que tenha mudado de opinião?

—Por fim vi o que tinha diante de meus olhos. — Maddy por fim o olhou—. Diga que se casará comigo.

Ela permaneceu em silêncio o que para Ethan pareceu uma eternidade.

—Certo — murmurou ela.

Ele ficou olhando-a atônito, e os seus joelhos quase dobraram de alívio.

—Quer... Quer dizer o que... Casará... Comigo... Amanhã?

Madeleine assentiu e disse:

—Não faça que me arrependa, Ethan.

—Não se arrependerá. — Com mãos tremulas a aproximou em seu peito para abraçá-la e enterrou o rosto em seu cabelo. “Este cheiro sim é o adequado”—. Antes me comportei como um imbecil.

Como diabos tinha passado pela sua cabeça pôr em perigo essa relação tão formosa? Sentia-se como se acabasse de esquivar de uma bala, e ele, que tinha recebido uns quantos balaços, dizia-o com conhecimento de causa.

Maddy ficaria destróçada se soubesse onde ele esteve. Acreditava que o olharia com seus preciosos olhos azuis cheios de lágrimas e ele não teria mais remédio que arrancar seu escuro coração e entregar-lhe para convencê-la de que se arrependia.

Abraçou-a com força. Quando a carruagem parou diante deles perguntando se iriam subir, Ethan o despediu dizendo:

—Ficamos.

Quando a carruagem retomou a marcha, ele voltou a olhar Madeleine com um sorriso nos lábios, mas ela tinha a cabeça recostada contra seu tórax, como se estivesse desfrutando de sua proximidade.

—Senti sua falta, Ethan.

Disse com uma voz tão sensual, que estremeceu só de ouvi-la. Levava três dias sem tocar nem saborear seu corpo, mas parecia que tivessem sido anos.

Ethan se abaixou para lhe dar um beijo, com a intenção de que fosse só um suave toque. Entretanto, como acontecia sempre com ela, transformou-se em algo mais. Abraçou-a enquanto seus lábios a conquistavam uma e outra vez e, apertando-a mais contra seu corpo, segurando-a

pelas nádegas.

Para ouvi-la gemer, ergueu-se de novo separando-se um pouco. Sacudiu a cabeça e afastou a mão do traseiro.

—Alguém pode nos ver — balbuciou entre os dentes. E pela primeira vez em toda sua vida, importava-se. Não queria que ninguém pensasse mal de sua esposa.

—Hoje há mercado, Ethan. Todo mundo está no povoado.

Por isso havia tanta gente no botequim. Deus, alguém teria lhe visto? Contariam a Madeleine?

—Não senti minha falta? —perguntou ela tímida, mas deixando claro ao que se referia.

—Não imagina o quanto, mas posso esperar até que nos casemos. É o que você queria.

—E não podemos... Ficar juntos como antes? Como nessas noites.

A idéia de que Madeleine o desejava tanto como ele a ela era muito poderoso para resistir.

—O que quiser — gemeu ele pegando-a nos braços—. Podemos fazer o que quiser. —Beijou-a e subiu pela escada de sua casa a toda velocidade. E quase caiu quando segurou o rosto para percorrer o seu lábio com a língua.

Ethan fechou a porta com um chute e ambos se equilibraram um ao outro, beijando-se e despindo-se com desespero. Ele já tinha conseguido deixá-la com a roupa íntima, de modo que começou a brigar com sua camisa. Enquanto, Madeleine desabotoava o seu cinto.

—Deus, Quero... —Ela parou e enrugou a testa—: Ethan, por que tem marcas de baton sob o umbigo?

OH, maldição.

—Em duas cores diferentes...

Maldição, maldição.

—Eu... Eu... Não é. —E estava a ponto de contar uma história incrível, mas pela primeira vez em sua vida, e certamente a vez em que mais o necessitava, foi incapaz de mentir.

Nem sequer quando os olhos de Maddy se encheram de lágrimas e com o lábio inferior tremendo, balbuciou:

—Ethan...

O olhar dela antes de correr para o quarto, deixou claro que seu coração era muito negro para ele oferecer a alguém.

Capítulo 35

—Não fiz nada! —gritou Ethan de novo junto a porta do quarto de Madeleine.

Ela, por sua vez, tinha afundado na miséria. A mais absoluta felicidade, para logo em seguida cair do mais alto. Quando tinha visto seu Escocês cavalgar para Carrilhão, desesperado por chegar antes que a carruagem, o seu coração deu um tombo. Vê-lo no caminho, licença em mão e com a testa franzida tinha sido... Comovedor.

Mas agora...

—Vai embora!

Depois de todas as tragédias e desgraças que tinha suportado, Maddy estava convencida de que essa era a mais dolorosa de todas. Por que se empenhava em acreditar nele quando jamais tinha tido motivos para fazê-lo?

—Maldição, é verdade que fui ao botequim e reservei um quarto. Reconheço, mas não pude fazer nada. Disse para elas que parassem!

—Então eram duas? —gritou ela sentindo de repente vontade de vomitar. Tinha visto as provas com seus próprios olhos, mas tinha se negado a acreditar que ele esteve não com uma, e sim com duas mulheres.

—Espera, espera, isso soou muito mal.

—Subiu com duas mulheres para o quarto, ou talvez eram mais de duas?

—Mas não fiz nada com elas.

—É obvio que não! Só deixou que beijassem por debaixo de sua cintura. Todo mundo sabe que todos os homens estão em plena posse de suas faculdades quando uma mulher os beija entre as suas pernas. Em especial quando estão bêbados!

—Não pude fazê-lo. Por Deus santo, se quer vá ao botequim e pergunta. —Como se nem ele mesmo pudesse acreditar acrescentou—: Me estragou para o resto das mulheres.

Apesar de que Madeleine resistia a isso, por algum estranho motivo acreditava que ele de verdade se deteve antes de chegar a ter relações sexuais com elas. Mas isso agora já não importava.

—Não tivemos nem duas semanas de relação, e se sente orgulhoso de não me ter sido infiel? O que acontecerá quando estivermos anos casados?

—Não acha que está indo muito longe?

—Ooooh, é incrível! Deus, não tivesse te conhecido. Sou uma idiota! Quanto demorarei para me dar conta de que você é odioso?

E agora tinha que esperar dois dias até que a carruagem voltasse a passar pelo Carrilhão.

—Certo. Você ganhou.

Madeleine se deitou feito um novelo, com os joelhos contra o peito, e durante horas não pôde parar de chorar. Podia ouvir Ethan em seu quarto, passeando para cima e para baixo até que se meteu na cama. “Como pode dormir com tudo o que aconteceu?” Madeleine ouviu ele murmurar em gaélico e depois voltar a passear.

—A merda — balbuciou Ethan para depois acrescentar junto à porta de Maddy—: Não posso dormir sem você.

—Pois passe a se acostumar.

—No caso de que eu tivesse feito algo, que não fiz, nem sei se queira se casar. Maldição!

“Odioso.”

—E acaba de assegurar de que jamais o estejamos.

Na segunda noite, Ethan não podia acreditar que estivesse, de novo, de pé frente à porta do quarto de uma mulher suplicando para entrar. Madeleine o tinha enfeitado, e sentia falta em dormir com ela. E cada noite a ouvia chorar durante horas, com o único propósito de torturá-lo, acreditava. Torturá-lo pelas tolices que havia dito e feito. Maddy não se deu conta, mas se algum dos comentários de Ethan tinha sido um pouco desagradável, ele tinha feito uma careta de dor ao dizê-lo. Estava acostumado a brigar com a morte, a fazer mal ao seu adversário, e os velhos costumes são os mais difíceis de erradicar. Apesar de que ao fazer mal a ela, o fazia a si mesmo. Desejava estar com Madeleine, mas o olhar que ela dirigiu antes de fechar a porta sob o nariz dizia que era melhor não pressioná-la.

Mas mesmo assim...

—Já chega, Maddy. Já me castigou o suficiente. Tenho direito de dormir com você.

—Perdeu todos seus direitos no dia em que desejou outra mulher. Perdão, duas mulheres.

—Não desejei nenhuma das duas.

—Claro que não — respondeu ela sarcástica.

—Pensei em você, pensei que estava tocando você, todo o tempo.

—E que não tem vergonha? — gritou ela—. Cretino!

—Abre a maldita porta.

—Jamais.

—Abre-a ou a derrubo. Já me viu fazê-lo antes.

—Não se atreva...

Ethan deu um chute na porta desencaixando-a quase imediatamente. Recuou para dar outro, e quando tinha o pé preparado... A pequena bruxa... Abriu.

Entrou dando tropeções no quarto e aterrisou no chão.

Com o queixo no alto, Madeleine sacudiu as mãos, esquivou de Ethan e saiu do quarto.

— Ah, maldição — disse ele quando ela já saía —. Me abriu os pontos.

— O que? — gritou ela correndo para ele —. Me deixe ver!

— Mentira — sorriu ele agarrando-a pela cintura para sentá-la em seu colo —. Ainda sente algo por mim!

Madeleine ficou boquiaberta.

— É incrível! É cruel e retorcido...

— Então será a mulher de um homem cruel e retorcido.

— Nem em sonho — respondeu enfatizando cada palavra e colocando as mãos como punhos para bater no o peito.

— Doerá muito se o fizer, mas estou disposto a permitir que desforre se em troca disso me escutar.

Madeleine baixou os punhos e tentou se soltar, mas ao ver que ele a segurava com força suspirou resignada.

— Soltarei você se promete me escutar durante cinco minutos.

— Não — obstinou ela, mas ele a ignorou e, depois de respirar, empurrou-a para a cama.

— Serviria de algo se te repetisse que não fiz nada?

Maddy se sentou em um extremo da cama e cruzou os braços.

— Embora acreditasse em você, isso não tira que queria fazê-lo. Foi daqui com a intenção de se deitar com outra mulher... Com outras mulheres!

— Sim, com tantas que eu pudesse — admitiu ele deixando-a boquiaberta —. Não sou um bom homem, Maddy — prosseguiu começando a caminhar nervoso —. Todo mundo acredita que sou um bastardo da pior espécie. Até meus irmãos — acrescentou passar na frente dela.

“Sério? Como se atrevem! — De repente Madeleine sacudiu a cabeça —. Estou de acordo com eles!”

— Quando era mais jovem, deitava-me com uma mulher diferente a cada noite. E se eram casadas, muito melhor. E se juntasse todo o prazer que senti ao longo de todos esses anos e o somasse, não chegaria a uma milésima parte do que sinto estando com você. — Ethan a olhou para ver sua reação —. Porque com você... Preciso de algo mais. E me dar conta disso me assustou muitíssimo.

— Por quê?

Ele passou as mãos pelo cabelo.

— Porque o que acontecerá se descobrir algo de meu passado que você não gosta e me abandonar? O que acontecerá então comigo? Eu lhe direi isso, morrerei.

Madeleine abriu os lábios, atônita.

— É tão preciosa... Muito preciosa e brilhante. E quando conseguir não ter medo e se esquecer de que alguma vez passou fome e penúrias, olhará-me e se perguntará por que diabos se casou comigo.

Estava tão... Atormentado, que Madeleine não podia nem pensar.

— O que sinto por você é como uma enfermidade. Carinho pareço uma confusão. Já não sei o que está bem e o que está mau, e não posso pensar em nada que não seja só em você.

Colocou uma cadeira em frente a Maddy e se sentou nela apoiando os cotovelos nos joelhos.

— Se vejo algo interessante, o primeiro que faço é me perguntar se também te parece interessante. Se é algo que eu gosto, quero que o prove. E não deixo de me perguntar que diabos está acontecendo. Não sei o que está acontecendo... Não consigo entender. Jamais em toda minha vida tive que pensar antes nas necessidades de outra pessoa às minhas.

Ela sacudiu a cabeça.

— Mas isso não explica o que fez, ou por que.

— Maddy, antes de te conhecer, estava muito tempo sem poder estar com uma mulher. Durante três anos, fui... Celibatário. Não era eu mesmo. E jurei que se alguma vez recuperasse a

normalidade me fartaria até arrebentar. Logo te conheci, e todos esses instintos retornaram, e eu pensei... Pensei que se me deitasse com outra poderia... Deus, não sei, poderia diluir um pouco de tudo isto que sinto por você. Diminuir sua intensidade, mas o único que consegui foi comprovar que não posso me imaginar com outra mulher que não seja você.

Ela o via tão confuso, tão sincero, tão assustado até, que Madeleine sentiu como seu aborrecimento ia se evaporando. Ethan estava se apaixonando por ela. Por fim. E, embora custasse em admiti-lo, estava impressionada de que no botequim não tivesse seguido adiante. Entre todas as cenas inverossímeis e decadentes que tinha presenciado em Marais, ela jamais tinha visto um homem afastar-se de uma mulher por vontade própria sem obter antes um pouco de prazer.

Mas mesmo assim...

— Como se sentiria se a situação fosse ao contrário? Se dois homens estivesse beijando meu corpo?

Ethan recuou um pouco e apertou os punhos.

— Teria vontade de matá-los.

— O que fez com que parasse? Com as mulheres?

— Você disse que poderia... Poderia se apaixonar por mim se eu fosse fiel. — Afastou o olhar e balbuciou —: Eu... Eu quero... Eu acredito que quero fazê-lo.

Ela massageou as têmporas com os dedos.

— E Quin?

— O que tem Quin? — Ethan franziu a testa.

— Por que disse a ele que tínhamos tido relações íntimas?

— Ah, isso — murmurou, para depois continuar com a explicação —. Não queria que fosse te buscar. Disse que era minha e, apesar disso, ele continuou falando como se pudesse fazer algo a respeito.

Madeleine era incapaz de imaginar-se essa conversa.

— Lamenta havê-lo feito?

— Já sabe que não acredito nas desculpas. E no final fui fiel. — Olhou-a nos olhos antes de acrescentar —: Mas sim, Maddy, lamento muito ter te feito mal.

Ethan queria que o perdoasse. Queria... Estar com ela.

Mas era isso suficiente? Madeleine não podia arriscar-se a voltar a viver algo assim; ter a felicidade na ponta dos dedos para que logo a arrancassem da maneira mais cruel.

— Tenho que pensar em tudo isto.

— Sim, claro. — Ele se levantou, e ao ver que ela continuava sentada, franziu a testa —. E não pode pensar na cama comigo?

Maddy o fulminou com o olhar.

— Não farei nada, prometo.

— Ontem tinha duas mulheres te beijando o peito. Me dê um tempo, Ethan.

Ao amanhecer, ouviu-a gritar. Tinha um pesadelo, o primeira depois de muito tempo.

Correu ao seu lado e a estreitou entre seus braços.

— Xi..., xi, meu amor. Já passou. — Acariciou-lhe as costas com a mão de modo que sabia que como ela gostava —. Já passou, tesouro. Já passou. — Nada de golpezinhos tolos no ombro, Ethan agora gostava muito de reconfortá-la.

Quando as lágrimas por fim cessaram, Madeleine estava aconchegada no colo dele, coberta no interior de seus braços.

— Deixa que fique ao seu lado sempre que precisar de mim — pediu com o rosto enterrado em seu cabelo —. Case comigo amanhã.

Depois de muito tempo, perguntou em voz baixa:

— Como posso confiar em você?

— Me dê outra oportunidade. Prometo que não se arrependerá.

Madeleine por fim assentiu.

— Farei se jurar ser fiel.

Ethan rodeou o rosto com as mãos e olhou seus olhos cristalinos.

— Maddy, juro isso. Sempre serei fiel.

— Não poderia voltar a suportar que meus sonhos se rompessem desta maneira. Me escute bem, é a última vez que passo por algo como isto. Assim, por favor, não volte a me machucar.

— Não o farei, meu amor. Juro isso. — E desta vez, ao fazer o juramento, ele fez a sério. Estava disposto a fazer tudo para economizar dor a Madeleine.

Entretanto, ele temia que, fossem quais fossem suas intenções, achava que seu passado acabaria por apanhá-lo e fazê-lo ficar como um mentiroso. A verdade era destrutiva, e com certeza que conhecê-la faria a Maddy muito dano. O que significava que tinha que assegurar-se de que não a descobrisse jamais.

Capítulo 36

“Oh, Deus, o que estou fazendo? — perguntou Maddy na metade da cerimônia—. De verdade vou seguir adiante com isto?” Logo não restaria alguns minutos antes que ela e Ethan tivessem que repetir seus votos.

“Com tudo o que lutou por isso, Maddy.” Sim, mas isso tinha sido antes... Agora já não estava tão segura dele... A cerimônia estava sendo presidida pelo juiz do povoado, o senhor Barnaby, um adorável ancião escocês cujo o sotaque não era tão marcado como o de Ethan. Maddy se sentia quase como se tudo aquilo não estivesse acontecendo.

— Pelo poder que me foi outorgado pelo juiz geral, e cumprindo o estabelecido pelas leis de Escócia, hoje nos achamos aqui reunidos para unir em matrimônio Ethan Ross MacCarrick e a Madeleine Isobel Van Rowen...

Ela não podia deixar de pensar, mas tentou parecer o mais tranqüila possível. Sentia Ethan tenso, olhando-a como um falcão, certamente temendo que escapasse.

Ao despertar essa manhã, a pena que a tinha invadido esses dois dias tinha desaparecido, e em seu lugar só ficava pânico em estado puro. Mas por quê? Ethan estava de verdade arrependido do que tinha feito; tinham conseguido escapar do desastre, e depois de seu pesadelo, comportou-se como um anjo, acariciando o cabelo até que dormiu em seus braços. Por fim ia transformar em uma daquelas esposas da boulangerie. “Estou piorando minha situação?...” Madeleine queria abanar-se, sair daquela pequena sala e tomar ar. Suavam as mãos, com as que segurava o seu buquê de flores. O espartilho lhe apertava. Não parava de soprar para afastar o véu cor clara do rosto. Não só estava assustada, acreditava que também estava transtornada, pois, tinha acreditado ver como se Ethan fizesse uma careta de dor ao escutar seu sobrenome. Antes que ele repetisse seus votos, Maddy atreveu em olhá-lo. Tinha os ombros erguidos, e parecia orgulhoso e aliviado de que ela estivesse ali com ele. Mas então o viu engolir seco. Também ele estava nervoso, e entretanto ali estava, ao seu lado, disposto a jurar fidelidade eterna.

Não acontecia nada, todo mundo ficava nervoso no dia de seu casamento. Ao começar a pronunciar seus votos, Ethan baixou os olhos em busca dos de Madeleine e o que ela viu em seu olhar a estremeceu. Com voz rouca e sensual, mas seguro de si mesmo, disse:

— Eu, Ethan MacCarrick, juro te amar, te honrar e te respeitar, Madeleine Van Rowen. Juro que te serei fiel e que serei um marido honesto e devoto, tanto nos bons tempos como nos maus. Esta promessa, faço a você hoje e a mantereí durante o resto de minha vida.

“OH, Ethan.”

E então Maddy relaxou pela primeira vez em toda a manhã. Uma estranha calma a alagou e se tranqüilizou, e teve a sensação de que tudo o que tinha lhe acontecido na vida a tinha levado até

ali, para aquele preciso instante, para aquele homem... O orgulhoso e poderoso Escocês que a olhava com olhos escuros e que por ela, e só para ela, tinha aprendido a ser carinhoso.

“Olha-a... — pensou Ethan enquanto Madeleine repetia seus votos—. Como podia não lutar para tentar mantê-la ao meu lado para sempre?” Os olhos azuis dela desprendiam inteligência; tinha o queixo elevado com orgulho. Quase se podia apalpar o quanto nervosa estava, mas ele sabia que iria seguir adiante com o casamento. “Valente, meu tesouro é muito valente de arriscar-se comigo.” Que homem não mentiria, roubaria ou mataria para tê-la? Depois de trocar os votos, Ethan fez uma promessa em silêncio. Começaria a atar cabos e a apagar os rastros de seu passado imediatamente.

—E em resposta às promessas que fizeram diante de mim — disse o juiz—, eu os declaro marido e mulher.

“Por fim.”

Ethan tinha encontrado o amor de sua vida.

—Escocês, estamos nus na cama — disse Maddy pouco depois de chegar a Carrilhão—. Há algum motivo em particular pelo que fique quieto?

Ethan estava beijando-a com paixão enquanto se despiam um ao outro, mas de repente parou.

Olhou-a nos olhos.

—Não estou quieto... Estou saboreando o momento. Um homem não se casa todo dia, e esperei muito esta ocasião.

—Acha que a espera valeu a pena?

—Você vale a pena. Se não fosse você, eu jamais teria me casado. Além disso, talvez deveria pensá-lo melhor antes de continuar. Depois disto, já não poderá escapar de mim.

Madeleine descansou uma mão no tórax dele. O coração pulsava disparado.

—Volta a estar nervoso?

—Sim — respondeu sincero—. Ao parecer da última vez que tentei te fazer amor não fiz um papel muito bom.

Ela sorriu.

—Estou certa de que hoje conseguirá.

Ethan sorriu por sua vez com picardia e se inclinou para beijar um seio.

—Então, Maddy MacCarrick, consumamos de uma vez este casamento.

Quando ela abriu os braços para dar a boa-vinda, percorreu o estômago com as pontas dos dedos.

—É preciosa. Também está nervosa?

—A verdade?

—A verdade.

—Estou um pouco assustada.

—Irei devagar. Não voltarei a te machucar.

—Agora já me dói — disse ela movendo os quadris.

—E a mim também, tesouro. — colocou uma mão entre suas pernas e gemeu ao deslizar um dedo em seu interior—. *Aingeal*, tem que relaxar.

—Não posso — sussurrou ela nervosa—. Talvez deveríamos esperar um pouco mais. Acredito que mudei de opinião.

Ethan apoiou a testa na de Madeleine.

—Maddy, nunca estará mais preparada que agora. Quanto mais espere, mais medo terá e pior será para você.

—Mas aquela primeira vez, quando terminamos, você ficou odioso. E às vezes tenho um pesadelo em que entrego a você e volta a se comportar com crueldade comigo. E depois...

—E depois?

—Depois me abandona.

—Maddy, tesouro, agora já não tem escapatória. Jamais deixarei que se afaste de mim — disse ele tentando fazê-la sorrir, e a seguir acrescentou—: É melhor me ver feliz, no caso.

Madeleine ficou boquiaberta e ele a abraçou de lado para dar um tapinha em seu traseiro, conseguindo por fim fazê-la rir.

—É um descarado! — exclamou com os olhos brilhantes.

—Sei. Mas por isso me ama tanto. —“Ah, não negou” —. Confia em mim. Juro que desta vez não te falharei.

Depois do que pareceu uma eternidade, Maddy assentiu e Ethan compreendeu que por fim iriam fazê-lo; ia fazer amor em sua mulher pela primeira vez em sua vida de casados. E Por Deus, que ia conseguir que gostasse.

Ela mordeu o lábio inferior.

—Me diga o que quer que faça.

Apesar de saber que ele ia passar muito mal, disse:

—Quero que fique em cima de mim. —Ao vê-la franzir a testa, acrescentou—: Assim pode ir devagar como quiser. Me pôr dentro de você até onde o deseje, e quando o desejar.

Uma vez dito isto, deitou-se de costas e a colocou em cima.

—Ethan — murmurou Madeleine nervosa.

Percorreu as costas com a mão e a penetrou, primeiro com um dedo, depois com dois. Quando Madeleine se jogou para frente, Ethan gemeu de prazer. A cada uma de suas carícias, ela separava mais as pernas.

—Isso.

Quando tentou introduzir um terceiro dedo, Madeleine gemeu e se inclinou para ele para lambe os seus lábios.

—Vou tirar os dedos — balbuciou Ethan—. E você vai sentir falta de algo dentro de você. Ela emitiu um leve som quando ele fez o que dizia—. Agora, pega minha ereção... — E, dizendo, guiou a mão dela para seu pênis—... E quando estiver preparada, ponha dentro de você.

Com as mãos ainda juntas, Ethan guiou sua glândula para a entrada do corpo feminino, e ao notá-la tão úmida ficou sem fôlego e teve que apertar os dentes para controlar o prazer que sentia. Deslizou seu membro pelo sexo dela e então afastou a mão. Madeleine, com a respiração ofegante e as pálpebras entrecerradas, continuou deslizando a cálida ponta, aproximando-a cada vez mais ao lugar preciso e deixando-a ali alguns segundos. Ethan tinha que fazer verdadeiros esforços por não mover os quadris e afundar-se em seu corpo como necessitava. Quando Maddy usou seu pênis para acariciar o clitóris com lânguidos círculos, ele quase ejaculou ali mesmo. E teve que recorrer a toda sua força de vontade, como jamais tinha feito em toda sua vida, para não penetrá-la. Assim, por tantos esforços, Ethan suava profundamente, e os seios de Madeleine deslizavam por seu peito cada vez que aproximava. Tortura. Pura e sem aditivos. Era impossível que ela soubesse o que estava fazendo.

—Me ponha dentro de você, Maddy — gemeu ele—. Conseguirei que tenha um orgasmo.

Quanto mais tempo ia agüentar sem deitá-la na cama e possuí-la até se saciar? Perguntava-se, e nesse preciso instante, soube que podia agüentar todo o tempo que pudesse, todo o tempo que Madeleine precisasse.

Ela começou deslizando-o para seu interior.

—Isso, tesouro — suspirou do mais profundo de sua garganta, separando os joelhos para permitir sentar-se em cima e evitar assim a tentação de empurrá-la para baixo—. Isso, assim, tesouro... Minha esposa. —estremeceu de prazer—. OH, Deus... O mais dentro que possa...

Capítulo 37

Madeleine estava segura de que não conseguiria. Mas quando viu os esforços que Ethan estava fazendo por manter o controle... As linhas que marcavam ao redor de seus olhos e a força com que apertava a mandíbula... Quis voltar a tentá-lo.

Por ele.

—Ethan, não sei o que fazer. —Uma coisa era ver pessoas nessa postura, mas outra era levar à prática. Sentia-se tola e insegura.

—Se acomode um pouco e depois volta a descer, mais abaixo — respondeu ele, e sua voz quebrou ao fazê-lo.

—Ensina-me.

—Se te tocar perderei o controle. — Com as mãos, apertava com força o travesseiro da cama, e tinha os músculos dos braços tensionados ao máximo. Sua respiração se ouvia entrecortada e o torso retumbava da força ali contida—. Morro de vontade de sentir como envolve minha ereção — disse, olhando-a nos olhos—... De me afundar no mais fundo de seu corpo.

—Não perderá o controle. Confio em você. Ensina-me, por favor. —Até a própria Madeleine reconheceu que sua voz soou assustada.

—Ah, tesouro, você tem que gostar disso — disse ele em um tom doce, nada de acordo com a tensão que dominava seu corpo.

Ela pegou as mãos de Ethan e, embora surpreendeu ver como tremiam, as colocou nas nádegas. Ethan gemeu e, sem querer, moveu os quadris. Separou os dedos, e começou a movê-la para cima... e depois devagar para baixo.

O prazer começou a conquistar o corpo de Madeleine.

—OH! Eu... Gosto.

Ela voltou a subir, para depois descer ainda mais. Enquanto, ela continuava temendo sentir dor em algum momento, mas logo viu que isso não ia acontecer. A sensação era maravilhosa, e adorava sentir-se cheia por ele daquele modo. Ethan tinha razão, Madeleine precisava fazer aquilo.

—Vou conseguir que tenha um orgasmo antes que eu, ou morrer tentando — sussurrou ele com voz rouca—. Separa um pouco mais os joelhos.

Quando Maddy o fez, ele se impulsionou mais dentro, mas ela não sentiu nenhuma dor; mas o contrário.

—Ethan... É maravilhoso te ter dentro de mim — sussurrou fascinada.

A única resposta que ele foi capaz de articular parecia um grunhido, estremecendo-se sob as carícias de Madeleine.

Ela se levantava e voltava a descer, segurando-se todo o momento nos ombros de Ethan e acolhendo o quanto podia de sua ereção. Tinha os cabelos soltos ao redor do rosto e os olhos, agora sem medo, brilhavam cheios de confiança para ele. Era tão linda que o deixava sem fala. Ele apanhou seu olhar e sussurrou uma promessa em gaélico, uma promessa em uma língua antiga, para atá-la a ele para sempre. Apesar de que Maddy não podia entender as palavras, a Ethan pareceu que sabia o que ele estava dizendo, pois acariciou o seu rosto com as mãos inclinando-se sobre ele e beijando-o com ternura.

Quando voltou a acomodar-se, disse em voz rouca:

—Quero mais.

Jogou-se para trás e Ethan ficou sem fôlego ao sentir como ela percorria a coxa com as unhas para deter-se entre sua perna. Maddy sorriu satisfeita, e ele soube que havia sentido crescer sua ereção em seu interior.

—E eu quero lhe dar isso.

Levantando os joelhos, aproximou as mãos dos deliciosos seios de Madeleine cobrindo-os com elas, ao mesmo tempo em que a empurrava um pouco para trás para recostá-la em suas pernas. Assim segura, acariciou-lhe os mamilos com os polegares uma e outra vez. Quando Maddy começou a derreter-se, Ethan apoiou os calcanhares na cama e se sacudiu com suavidade. Ela gritou de prazer e jogou a cabeça para trás acariciando as suas pernas com o cabelo. Obrigou-se a

recuperar um pouco a calma, e, devagar, voltou a acomodar a Madeleine para frente. Acariciou-lhe o clitóris com as pontas de dois dedos até que ela começou a mover os quadris em busca de novas sensações. Ethan percorreu sua umidade, enquanto Maddy se movia em cima dele cada vez com maior velocidade. Gemendo, ansiosa por ter um orgasmo, sacudiu os quadris e cavalgou até que o único que Ethan foi capaz de pronunciar foi:

— Sim, tesouro, é muito linda...

Só tinha meio pênis dentro dela, mas sabia que agora já podia recebê-lo por completo... “Mas tem que sair bem... melhor que a outra vez...”

Ethan não sabia quanto tempo mais poderia suportar tanto prazer.

— Acaba. Tenha um orgasmo. Faça-o por mim — suplicou acelerando o ritmo de suas carícias.

Quando por fim ela alcançou o clímax, suas contrações acabaram de introduzi-lo por completo dentro dela fazendo-o explodir. Ethan se derramou em seu interior, alagando-a de calor. Uma vez e outra. Não podia deixar de mover os quadris. Madeleine caiu em cima dele, com o coração pulsando junto ao dele. Inclusive esse pequeno palpitar o excitava, e era incapaz de parar.

Não queria parar de lhe fazer amor, assim deitou Maddy de costas, e continuou empurrando.

— Podemos fazê-lo outra vez? — De algum modo, agora a necessitava até mais que antes.

Ela o olhou nos olhos, mas dessa vez não era desejo o que Ethan viu neles. Não sabia como, mas tinha conseguido que aquela mulher se apaixonasse por ele.

— Sou tua, Ethan... Podemos fazer tudo o que você quiser.

A necessidade que ele sentia de possuí-la, de atá-la para sempre, foi como uma chicotada em todo seu corpo. Seus instintos estavam a ponto de tomar o controle.

— Não quero te machucar. Mas... Preciso... Preciso fazê-lo com força.

Madeleine elevou os quadris.

— Faremos como quer.

Ao ver que os olhos de Ethan se escureciam de luxúria, Maddy quase se arrependeu de seu oferecimento.

Ethan a agarrou pela nuca e a incorporou para aproximá-la a ele.

— Jamais te deixarei ir — gemeu antes de beijá-la com paixão—. Jamais....

Ela intuía que ele estava a ponto de perder o controle, podia senti-lo em seu interior. Seu enorme corpo se abatia sobre o seu e tinha todos os músculos tensos e suados, começando pelo pescoço, que agora ela via totalmente rígido, passando por seu duro estômago até chegar entre suas pernas.

Ethan pegou um joelho de Madeleine e a levantou para seus peitos, para assim poder recostar o tórax contra a perna dela. Então a rodeou com um braço, e cada vez que empurrava, segurava-a com força. Levou sua outra mão ao clitóris e, com o polegar, acariciou-a até fazê-la alcançar o êxtase.

Com cada arremesso se apertava mais contra a perna de Maddy conseguindo que se abrisse. Ethan parecia desesperado por sentir como seu tórax acariciava todo o corpo dela.

Depois, os movimentos dele ficaram frenéticos. Cada vez que ela acreditava que não podia penetrá-la mais, Ethan empurrava com mais força, fazendo-a gemer surpreendida de prazer. Nem no melhor de seus sonhos tinha imaginado que as coisas pudessem ser assim. Maddy estava fascinada pelo selvagem olhar do escocês, e por como seu corpo se movia ao sentir suas unhas lhe apertando, ou como se ondulavam seus músculos sob suas úmidas mãos. Se não tinha os lábios contra os seus para beijá-la, ou lhe acariciando o pescoço, estavam entreabertos tentando respirar.

A espera havia valido a pena... Com as mãos atrás dos joelhos dela, Ethan empurrou com força, uma e outra vez, até que Madeleine sacudiu a cabeça de um lado ao outro do travesseiro. Resistia a alcançar o clímax, pois queria que aquele prazer durasse para sempre, mas ante o constante assalto dele, Maddy não demorou para perder a batalha.

Justo quando estava a ponto, Ethan lhe sussurrou:

— Quero sentir como tem um orgasmo outra vez...

Ao experimentá-lo, Maddy gritou seu nome, e um grito rouco e gutural escapou do peito do homem que se derramou dentro dela sem deixar de olhá-la nos olhos nem um segundo. Com voz rouca, declarou:

— Minha.

E caiu sobre seu corpo.

Ethan custava respirar, e sabia que estava abraçando a Madeleine com muita força, mas estava muito aturdido pelo que acabava de acontecer entre os dois.

“Jamais tinha podido imaginar.”

Maddy percorreu-lhe as costas com as unhas e sussurrou, também assombrada:

— OH, Escocês, redimiui-se por completo.

Ele a abraçou com mais força e se perguntou se algum dia seria capaz de soltá-la.

“Tratava-se disto.” Tinha sido um ignorante, e tinha zombado de algo que não compreendia sem havê-lo sentido jamais. Mas por fim entendia que tudo o que tinha experimentado no passado não tinha comparação com o que havia sentido essa noite com Maddy; era como se toda a sua vida passou comendo sem fome, ou engolindo só um bocado. Agora estava faminto. E tinha intenção de saciar-se.

E jamais, jamais, queria voltar atrás.

Capítulo 38

“Quando um homem como nós muda, é para sempre...” Hugh tinha razão, pensou Ethan deitado na cama, abraçado uma adormecida Maddy. Fora, na escura noite de inverno, chovia, mas eles dois estavam abrigados no leito, frente ao fogo. O mais curioso de tudo era que ele não tinha a sensação de estar mudado, mas sim, bem em voltar a ser como achava que era muito ao princípio... Apesar de que nunca tinha sido considerado nem amável. Mas com Madeleine ao seu lado, tudo parecia possível.

Quando estava com ela, sentia que tinha nascido para isso, para ser um marido. Talvez inclusive... uns dos melhores. Depois do casamento, Maddy perguntou se podiam atrasar sua viagem às Highlands até a primavera. Disse que gostava de Carrilhão, e que queria ficar ali para passar o inverno. Para ele pareceu muito bom. Nos dois meses que estavam na casa, Madeleine encheu a vida de Ethan de emoção e entusiasmo. Ele não conseguia entender como, com todas as desgraças que lhe tinham acontecido ao longo da vida, ela continuava sendo tão otimista. Mas dava obrigado de que assim fosse. Parecia que por fim esqueceu de Marais e já quase nunca tinha pesadelos. Cada noite, dormia em seus braços, e freqüentemente estava acostumada a colocar seu pequeno corpo em cima do dele, para dormir assim, em cima de seu tórax; coisa que Ethan gostava muitíssimo, pois assim podia abraçá-la melhor e fazer amor ao mesmo tempo.

Sempre que MacCarrick tinha que ausentar um momento para encarregar-se dos assuntos da propriedade, Madeleine corria para recebê-lo, quando retornava, para lançar-se a seus braços com um sorriso nos lábios.

— Senti sua falta — dizia junto ao pescoço quando ele a abraçava com força, embora só estivesse fora durante algumas horas.

Na semana anterior, em uma dessas ocasiões, Ethan disse:

— Maddy, sabe o que sinto quando te vejo correr para meus braços?

Ela recuou e o olhou com um zombado sorriso nos lábios.

— E você sabe o que é não ser capaz de esperar até que entre para te abraçar?

Todo mundo dizia que Ethan era um homem frio e amargurado, mas se isso fosse certo, por que perseguiu sua preciosa esposa pela casa só para lhe fazer cócegas?

De fato, em seu lar sempre havia risadas. Madeleine tinha feito amizade com os vizinhos e

tinha conseguido fazer daquele lugar um canto acolhedor. Tanto, que cada dia chegavam dezenas de convites.

Ela o aproximava das pessoas. Ethan achava que, ao ser seu marido, todos deviam pensar que era igual, afável e carinhoso. Estava convencido de que quando as pessoas de seu clã a conhecesse ela causaria o mesmo efeito.

Agnes Hallee, uma viúva que vivia na costa com seus seis travessos filhos, transformou-se na melhor amiga de Maddy, que adorava brincar com os meninos, bem fosse fazendo voar cometas ou cuidando de bichinhos de estimação, inclusive aquele presunçoso pavão. Cada vez que Ethan a via com os pequenos se lembrava do quanto curta tinha sido a infância de sua esposa.

Freqüentemente, duvidava sobre a conveniência de continuar escondendo o seu passado, e os remorsos que sentia aconselhavam que confessasse. Mas ela era tão feliz... Dizia diariamente. Que necessidade tinha de danificá-lo? Outras vezes, Ethan se enganava dizendo que aquela felicidade não ia acabar jamais.

E os dias em que pensava assim, eram os mais felizes de toda sua vida. No passado, houve uma época em que sentiu algo similar. Na semana anterior à morte de seu pai, este tinha prometido que o dia de seu aniversário de quatorze anos, para o qual faltavam duas semanas, iriam os dois as sós caçar nas Hébridas.

Inclusive depois de ver o cadáver de seu pai, havia vezes em que Ethan esquecia que tinha morrido. Passou dias despertando com um sorriso nos lábios, pensando que faltava um dia a menos para a ansiada excursão. Então, de repente se lembrava da tragédia e sentia vergonha por ter esquecido que seu querido pai tinha morrido; nesses momentos toda sua felicidade se transformava em dor.

Olhando o teto, abraçou Maddy com força. Antes de conhecê-la, essa foi a única época em que se sentiu de verdade feliz.

Era impossível que Maddy descobrisse a verdade do acontecido naquela noite fatídica na mansão de Van Rowen. Todos os que tinham tido algo haver estavam mortos ou longe da Inglaterra. Não obstante, como medida de precaução, Ethan despediu o administrador de Iveley, ao que, além disso, ao parecer não gostava muito de trabalhar. Depois, pediu a seu advogado que pusesse essa mansão em nome de Maddy, e que fizesse todo o necessário para esconder quem tinha sido seu anterior proprietário. Quando o novo título de propriedade esteve registrado, Ethan contratou um novo administrador, um homem jovem e sem experiência mas, a diferença de seu predecessor, muito trabalhador.

Sabia que era muito difícil, quase impossível, que alguém de seu passado descobrisse onde estavam agora ele e Maddy. Corrine era a única que sabia; mas só porque Maddy tinha mandado dinheiro, a ela e a B. Ele tinha insistido em que o fizesse. Se Corrine não tivesse cuidado de Maddy quando esta era pequena, ela talvez estivesse... Morta. Essas duas mulheres eram sua família, e Ethan estava disposto a manter como se mereciam. Agora que Madeleine era sua esposa, Ethan estava disposto a mimá-la e a compensá-la por tudo o que ele tinha tirado no passado. Comprava-lhe *delicatesen* diariamente, e cada dia ele dava para ela provar algo novo de comer. Ela estava começando a ganhar quilos justo onde os precisava. E o dia em que o anel por fim ficou bem no dedo, Maddy resplandecia de felicidade.

Cada vez que pensava que sua mulher tinha passado fome por sua culpa, a raiva o queimava por dentro e tomava como uma penitência. Depois se esforçava o dobro em fazê-la feliz.

—Sabe do que sinto falta? — havia dito Madeleine umas semanas atrás—. À égua que tinha no Iveley. Era um alazão precioso, com uns olhos muito expressivos. Queria-me tanto como eu a ela.

Assim Ethan comprou para Maddy um alazão, porque era como todos esses maridos embevecidos que estavam dispostos a fazer tudo para que suas esposas sorrissem. Cada dia iam juntos a cavalgar um pouco.

Ele comprou no mesmo estábulo também um cavalo, um potro com muito caráter ao qual seu novo proprietário não gostava. Ethan estava acostumado a provocar essas reações nos animais; ou

gostavam ou não podiam suportá-lo. Embora, tal como disse Maddy:

— Acredito que todos os animais, exceto os gatos, odeiam-lhe. — Entretanto, ao ver sua doída expressão, apressou-se em acrescentar —: Não acha, a aprovação dos felinos é muito importante.

O potro em questão aproveitava a mínima oportunidade para atirá-lo ou para aproximar-se dos troncos das árvores e obrigá-lo a descer da sela, o que fazia que Maddy morresse de dar risadas e que tivesse que segurar-se com força em seus arreios para não cair também dela. E não parava de rir até ver que Ethan esboçava ao menos um meio sorriso.

Apesar de que freqüentemente tinha medo de exagerar não podia parar de comprar coisas para Maddy. Podia permitir-se e ela passou muitos anos sem nada. Tinha-lhe dado tantas jóias e vestidos, que cada vez que saíam tinha que esperar muito tempo para que estivesse pronta. Mas se havia uma coisa que Ethan sabia sobre maridos, era que estes sempre tinham que esperar suas esposas.

Duas semanas atrás, Ethan comprou uma gargantilha de pérolas.

— Ethan, isto é... Muito — disse ela com um sorriso.

— Acreditava que queria um marido rico — replicou ele—. Isto é o que fazem os maridos ricos.

— Eu não queria um homem com dinheiro para ter jóias e riquezas. A única que queria era a segurança e a tranqüilidade que o dinheiro traz consigo. Para mim e, bom, para as crianças que quero ter...

“Bebês. E se não pudesse dar-lhe” pensou Ethan preocupado. Tinha passado tantos anos convencido da maldição, que começava a se preocupar que Madeleine não estivesse ainda grávida. E que Court tivesse conseguido em três semanas algo que ele não tinha conseguido em meses o incomodava mais do que estava disposto a admitir.

Antes, ele jamais queria ter filhos. Mas agora, por algum motivo, os queria de Madeleine. Uma imagem apareceu em sua mente, e soube que tinha que fazê-la realidade.

Maddy estava dormindo, de modo que Ethan a moveu para que ficasse deitada de barriga para cima. Afastou o lençol e ficou olhando o corpo nu de sua esposa. Acariciou-lhe o ventre plano e imaginou redondo e sensual, com seu filho dentro. E então se deu conta de que morria de vontade de que isso fosse verdade. Diante da imagem de Madeleine grávida, Ethan se excitou imediatamente. Era um sentimento primário, animal, e que despertou seus instintos possessivos como nunca.

A idéia de deixá-la grávida para depois protegê-la, cuidá-la e fazê-la feliz enquanto o bebê crescia em seu interior...

Ela despertou ao senti-lo sobre seu corpo, no mesmo instante em que Ethan a penetrava. Fez amor como nunca, e Madeleine gemeu a cada investida, até que ele perdeu o controle tentando transformar seu sonho em realidade.

Capítulo 39

Outra manhã de primavera, Maddy passeava pela praia, seguida de um pequeno gato negro.

Ethan o tinha comprado no povoado e ela decidiu chamá-lo *Petit Chat Noir*.

Parou, colocou uma manta na praia e, uma vez que esteve instalada nela, começou a jogar com a areia até que aproximou seu novo amigo. Mas o gatinho se cansou logo das brincadeiras e dormiu. Maddy continuou, entretanto acariciando as suas orelhas enquanto observava as ondas e pensava no quanto tinha mudado sua vida nos últimos meses; desde que tinha se casado com Ethan.

A transição do arisco, reservado e agressivo escocês ao amável e carinhoso marido tinha sido fácil e sem complicações.

Ao menos na imaginação de Maddy. A realidade era algo diferente.

Ele era tão protetor que roçava o exagero.

— Não pode ir sozinha à praia — decidiu —. E nem pensar de ir ao povoado.

— Esqueceu de onde cresci? — perguntou ela —. Acredito que sou perfeitamente capaz de me defender dos perversos malvados que habitam junto ao mar. Quem acha que vai atacar-me? Algumas baratas? Algumas algas marinhas? Conchas! Sim, todo mundo sabe o aterrorizantes que são as conchas.

— Ria de mim o quanto quiser, tesouro, mas não me convencerá. Tem que levar Sorcha com você.

Outras vezes, Ethan ficava melancólico, e passava horas olhando o mar. Ela daria o que fosse para saber o que estava pensando. Por outro lado, era muito possessivo e queria tê-la sempre para ele sozinho.

— O que quer dizer com que vamos ter visitas? — tinha perguntado zangado nessa manhã —. Faz duas semanas já veio alguém aqui. Você não gosta de estar comigo?

E podia ser tremendamente ciumento. Em uma ocasião, quando foram passar um fim de semana na Irlanda, um louco americano flertou com ela no ferry. Ethan lhe deu uns murros e Maddy teve que consolar-se pensando que as manchas roxas não demorariam a desaparecer. Além disso, talvez assim aprendesse a não olhar à mulher de um escocês nunca mais; acreditava que desse modo economizaria outra surra.

Maddy descobriu que Ethan era mais supersticioso do que parecia. Estava convencido de que um ancião do clã havia predito seu casamento fazia quinhentos anos....

E se não soubesse o quanto rico era seu marido, diria que era um esbanjador. Os pacotes não deixavam de chegar. Ethan tinha lhe comprado já um cavalo, diamantes, safiras, esmeraldas e mais roupa da que poderia usar em toda sua vida. No povoado já não restava nada que pudesse comprar. Se Maddy dizia que queria restaurar a estufa, em menos de uma semana apareciam móveis novos e um montão de árvores para plantar.

Estava convencida de que comprava todos esses presentes para compensá-la por ter sido tão pobre. Não podia saber que, ao fazê-lo, recordava-lhe precisamente o pouco que ela tinha.

Ethan contou a Maddy que a esposa de Court era muito rica, que pertencia à nobreza espanhola. Na realidade, seus dois irmãos se casaram com ricas herdeiras, enquanto que ele tinha acabado com uma garota de bairro. Madeleine temia conhecer a família de Ethan, e estava convencida de que ele sentia o mesmo a respeito.

Maddy queria levar Ethan a Iveley Hall, seu lar da infância, para que visse que de pequena tinha sido muito rica e que, até certo ponto, sua infância tinha sido idílica... Que não precisasse que comprasse tantas coisas.

Quando chegasse o verão, Ethan tinha que ir fiscalizar uma propriedade a uma hora de caminho dali, assim Maddy decidiu escrever aos seus proprietários para perguntar se ela e seu marido podiam fazer uma pequena visita. Só para ver a mansão uma vez mais.

Acreditava que ele a acompanharia encantado. Entretanto, ao escrever a carta, surgiram-lhe algumas dúvidas a respeito. Maddy não sabia por que, mas sempre que mencionava a mansão Iveley, Ethan parecia incômodo. Estava convencida de que não era consciente disso, mas cada vez que surgia o assunto, ele mudava de atitude. De fato, acontecia o mesmo quando mencionava os seus pais.

Seu marido sempre havia dito que não tinha conhecido aos pais dela e que nunca esteve em Iveley, mas às vezes Maddy se perguntava se... Mentia.

Tinha chamado sua mãe por seu nome em mais de uma ocasião, surpreendendo Madeleine cada vez. E um dia, quando Maddy disse que tinha medo de ser tão má mãe como tinha sido a sua, Ethan negou com tanta veemência, que ela não pôde evitar perguntar:

— Por que se zanga tanto? Acreditava que nunca viu minha mãe?

— Acredito. Mas está claro que foi muito cruel com você, e dado que você não tem nem um

grama de crueldade no corpo, é impossível que se pareça em nada com ela — respondeu ele com doçura.

Mas apesar de que em seu casamento ainda havia sombras, também havia muita, muita luz.

Ethan havia dito a Maddy que, para ele, Corrine e B eram como sua família, e a animou que pedisse que fossem viver com eles. Ofereceu até contratar Corrine como administradora de uma de suas propriedades, pois estava seguro de que não encontraria ninguém tão trabalhadora e de tanta confiança como ela. E B? Do que podia trabalhar?

—De dama de companhia — sugeriu Ethan—. Ou, ao ritmo que vai acumulando animais abandonados, de zeladora.

Maddy tinha insistido a ambas de que fossem para Inglaterra, mas elas eram reticentes e usavam como desculpa o de “mal a pior”. Entretanto Madeleine confiava em acabar convencendo-as, e sabia que, com cada carta que mandava descrevendo Carrilhão, estava mais perto de consegui-lo. Ethan sugeriu que, enquanto não fosse assim, o que podia fazer era lhes mandar muito dinheiro para que estivessem bem, e ela aceitou encantada.

A cada dia que passava, Ethan ria mais, e aquele peculiar senso de humor que o caracterizava aparecia com maior frequência. Uma manhã, quando Maddy estava arrumando alguns vasos de barro na estufa, ele apareceu de repente:

—Isto, o que é? —perguntou com olhar sério—. Não entendo o que pretende conseguir com esta atitude. —Maddy franziu a testa e, ao baixar a vista, viu seu gato agarrado com unhas e dentes na calça de Ethan. Deu um ataque de risada—. É como minha sombra, não posso me desfazer dele — balbuciou afastando-se dali com o gato ainda pregado a sua perna.

E bom... Quando faziam amor tudo era maravilhoso. Mas Ethan a desejava com a mesma intensidade com que queria lhe dar presentes.

Nessa semana, durante um de seus passeios a cavalo começou a chover. Ethan a guiou sob um carvalho, junto a um riacho, e enquanto a chuva ia caindo, empurrou-a com suavidade contra a árvore, beijando seu pescoço.

—Aqui, Ethan? —perguntou ela.

Como resposta, ele levantou devagar a sua saia, e depois afastou a roupa íntima fazendo-a estremecer. Quando ele lambeu os seios por cima da regata, Maddy já era incapaz de controlar o que sentia. Perdeu definitivamente toda resistência ao sentir como os músculos de Ethan se moviam sob suas mãos enquanto continuava beijando-a. O cheiro de limpo que emanava do corpo dele começou a misturar-se com o da grama molhada.

Levantou-a nos braços segurando a sua cabeça contra seu tórax enquanto com a outra mão ele rodeava as suas nádegas para que não se movesse, e nesse instante deslizou em seu interior. Maddy gemeu, a ponto de alcançar um súbito orgasmo, e os movimentos de Ethan se voltaram frenéticos. Quando ela explodiu de prazer, ele também estremeceu sem deixar de sussurrar:

—Por favor, que fique grávida...

Maddy sabia que ele não era consciente do que havia dito em voz alta, mas o desespero que ocultavam essas palavras junto com seu comportamento começaram a inquietá-la.

E foi por momentos como esse, quando ele se comportava de um modo tão inexplicável, ou quando ela sentia que ainda havia segredos entre eles, por isso Madeleine começou a ter um mau pressentimento.

Dizia a si mesma que o que acontecia era que tinha medo, porque a única vez em toda sua vida que tinha sido assim feliz tinha sido antes de que sua infância se desvanecesse. Depois, quando chegou a Marais, não estava preparada para aquilo. Estava assustada e sem saber o que fazer.

Entretanto, superou todos os obstáculos, um após o outro, até que aprendeu a sobreviver. E agora, quando pensava nisso, não sabia como tinha conseguido.

“De mal a pior.” Sem poder evitar, Maddy começou a economizar dinheiro.

Capítulo 40

Ethan encontrou Maddy em um de seus lugares favoritos: na estufa; com o gatinho negro cochilando contra o vidro temperado. Aquele pequeno animal de fato gostava dele, coisa que dava ainda mais consistência à teoria de Maddy sobre ele e os gatos.

Depois de recrear-se beijando o pescoço de sua esposa, Ethan disse:

— Recebi uma carta de meu irmão.

— Aconteceu algo?

— Não sei. — A críptica mensagem era de Hugh, o que significava que o mesmo podia estar relacionado com a Rede como com problemas de sua família—. Só sei que é importante. Precisa que vá imediatamente a Londres. Quanto tempo necessita para se preparar para a viagem?

— Quanto tempo ficaremos fora?

— Não muito. Três ou quatro dias, suponho.

— Então, não poderia ficar aqui? — perguntou ela—. Certamente terá pressa.

— Por quê? Aconteceu algo ruim?

— Não, não, é só que me encontro um pouco indisposta — respondeu.

Ethan pegou carinhosamente o queixo, e moveu suavemente o rosto de um lado para outro.

— Não é de se admirar que queira ficar, se passa tanto tempo neste lugar tão fresco.

Apesar dos vidros estarem temperados pelo sol, o interior da estufa era fresco e úmido pela manhã, Ethan ainda não tinha conseguido que a caldeira funcionasse. De fato, queria contratar um maquinista para que a arrumasse, mas seu tesouro pensava que ele podia arrumá-lo. E isso que tinha tentado várias vezes! Cada momento livre que tinha, deslizava-se debaixo da caldeira para tentar arrumá-la.

— Ethan, aqui eu estou bem.

— Não esperará que te deixe aqui sabendo que está doente?

— Não estou doente — respondeu ela—. Ultimamente não paramos de noite, e não pude dormir muito. E se ficasse, continuaria querendo que assim fosse. — Sorriu, mas parecia cansada—. Agnes e seus filhos devem passar aqui alguns dias. Será divertido. Comeremos caramelos, jogaremos adivinhações e destruiremos sua casa como se fôssemos bárbaros saqueando uma cidade.

— Nossa casa — corrigiu ele—. Recorda que tem posses da metade de tudo o que possuo.

Apesar de que detestava a idéia de separar-se dela, entendia que Maddy não morria de vontade de conhecer sua família. E Ethan tampouco podia permitir que a conhecessem ainda. Podia ser que Hugh já tivesse contado tudo a Jane, embora duvidasse; mas não podia arriscar-se a que Maddy conhecesse a verdade por alguém que não fosse ele. Danificar o que estavam desfrutando simplesmente pelo fato de não deixá-la só por três dias...?

À parte, tinha que visitar o Edward Weyland, e comunicar que se retirava oficialmente.

— De acordo, muito bem — aceitou Ethan—. Mas só se Agnes e os meninos ficarem com você. Ou se não, virei te buscar eu mesmo, ou enviarei alguém para que te escolte até Londres dentro de quatro dias.

Assim que Ethan partiu nessa manhã, depois de alguns sensuais beijos que quase lhe fizeram perder o trem, Maddy e Sorchia ficaram fazendo pão como loucas. Seis meninos significavam muitos pãozinhos.

Agnes e seus meninos não tinham que chegar até a tarde, de modo que quando Maddy se sentiu acalorada, subiu para descansar.

Embora gostasse terrivelmente de ficar com Ethan, alegrava-se de não ter ido com ele. Acima de tudo, a simples idéia de conhecer sua família lhe dava pânico. Segundo, Maddy tinha perguntas que fazer a Agnes. A viúva tinha seis filhos. Se havia alguém capaz de ajudar Maddy, ou seja, se estava grávida, essa era Agnes.

Em todo caso, estava iludida com a visita dos meninos. Queria fazer com eles fortalezas com almofadas e cortinas; fortaleza como nunca tinham visto.

Sentada em sua nova mesa, recolheu as cartas do correio que recebeu. No dia anterior, tinha estado tão ocupada para olhá-lo. Sorriu para si mesma: Ethan estava insaciável.

Depois de uma rápida olhada nos envelopes, viu convites, uma carta de Corrine, e uma de Owena Dekindeeren, uma das mulheres que tinha conhecido no Blue Riband. Maddy franziu a testa quando viu uma pesada carta que não reconheceu. Abriu o selo e olhou o remetente. Era de Iveley! Leu-a rapidamente.

Fazia duas semanas, tinha-lhes escrito para perguntar sobre a possibilidade de fazer uma visita, explicando quem era ela e sua relação com aquela terra. Agora, o administrador lhe respondia. Começava a carta explicando que acabavam de contratá-lo. Estava confuso e pedia perdão por ser antecipado já que... “você, lady Kavanagh, é a proprietária de Iveley Hall”.

Como podia ser? Os olhos de Maddy se abriram arregalados. Ethan tinha comprado Iveley para ela? “Que homem!”, disse em tom de exasperação, mas sorrindo.

Não podia acreditar que fosse a proprietária de Iveley. E por fim Ethan tinha encontrado um administrador diligente para uma de suas propriedades. Ele tinha incluído um relatório detalhado de todas as melhoras realizadas na propriedade.

Tremendo de excitação, continuou com a segunda página da carta, lendo as linhas com crescente incompreensão. “Sua misteriosa pergunta me deixou perplexo... depois de um número considerável de horas investigando... descobri que seu marido lhe deu de presente Iveley faz quatro meses... depois de que tivesse pertencido a ele durante mais de dez anos... adquiriu a propriedade ao assumir as dívidas de seu pai...”

— Não pode ser — sussurrou, abanando-se com a mão.

Como podia ser que Ethan não tivesse lhe contado que ela era a proprietária da casa em que se criou? E já fazia quatro meses que sabia! Era impossível que ele não soubesse.

Por outro lado, negava-se a acreditar que Ethan fosse o responsável por tê-la jogado de sua casa. Maddy sim sabia que Iveley tinha sido embargada. Como esquecer que tinha sido proibida em entrar em sua própria casa? Mas Ethan não podia ser a pessoa que as tinha jogado na rua o mesmo dia do enterro de seu pai.

A idéia era muito incrível; não podia concebê-la. Releu a carta, mas o conteúdo não mudou, embora o tinha desejado com ardor.

Não era uma coincidência. Seu marido tinha mentido absolutamente a respeito de tudo aquilo. Maddy recordava agora os momentos nos que tinha falado de Iveley ou de seus pais, e Ethan tinha permanecido distante ao escutá-la. “Pensa Maddy.” Embora resistisse em acreditá-lo, começou a fazer uma idéia do que ele tinha feito.

Tinha viajado até Paris pela Maddy, apesar de que ela teria jurado que não era seu tipo. Tinha pedido que se casasse com ele, a uma garota de bairro, em vez de fazê-lo com uma de sua classe social. E depois ele se mostrou decidido a não casar-se com ela, até que Maddy o tinha ameaçado indo embora. Recordou o zangado que estava com ela a princípio, e como depois tinha tentado compensá-la com tantos presentes.

“E o que aconteceria se eu tivesse um passado turvo?” Tinha perguntado se tinha tentado compensá-la por algo, mas não pelo que ela acreditava.

Tinha-as jogado cruelmente de sua casa, as condenando à indignação.

Mas por quê? Ethan devia guardar algum rancor por ela. Por que a sua família?

Lembrava-se de que tinha perguntado “Como morreu Sylvie?”. Os olhos de Maddy se entrecerraram. Sabia que tinha conhecido a sua mãe! Mas por que o negava? E qual era a conexão? Maddy começou a sentir um nó no estômago. Sua mãe tinha sido muito atraente, mas ao mesmo tempo desumana. Ethan tinha sido um libertino que tinha transformado em cornudo a um marido a cada noite. Ele mesmo o tinha admitido. “muito melhor se eram casadas.” Sua mãe era muito mais jovem que seu pai.

Tinha tido Ethan um caso com sua mãe? Se não era isso, por que tinha mentido reiteradamente?

Ela sempre quis esquecer aquela noite em que sua vida desmoronou. A falta de motivos a tinha feito enlouquecer, quando ao parecer, ela tinha a resposta na sua frente, ao alcance de suas mãos.

Havia voltado seu pai a casa e encontrou sua jovem esposa na cama com... Ethan?

Maddy levou a mão à boca para afogar um grito de surpresa. Com vinte e três anos e sem aquela cicatriz, Ethan devia ser muito bonito. Seu velho pai, que tinha sido a pessoa mais carinhosa do mundo, deve ter ficado destroçado ao encontrar a sua adorada esposa na cama com um fornido jovem escocês.

Maddy não tinha provas para assegurar que Sylvie e Ethan houvessem... Que eles houvessem...

Sacudiu bruscamente a cabeça. Tudo isso podia ser simplesmente a imaginação de uma mulher histérica, mas ela não duvidava de que Ethan tinha mentido reiteradamente, e que tinha procurado vingança contra sua família. Não podia assegurar por que tinha castigado seus pais, fazendo sofrer de passagem ela também, mas tanto se seus pais o mereciam como se não, o que estava claro era que Maddy não tinha nenhuma culpa.

Uma coisa era ser vítima das circunstâncias, e outra muito diferente encontrar-se na porta um homem que vinha te destruir. Não queria voltar a viver aquela tragédia outra vez.

Considerando tudo o que ele tinha feito e até onde a tinha enganado, perguntava-se se algo de tudo o que tinham vivido era verdade. Ao recordar a precipitada licença matrimonial que Ethan tinha conseguido depois de embebedar-se e tentar se deitar com duas garçonetes, e a simples cerimônia com o juiz, Maddy se deu conta de que talvez nem sequer estivesse casada. Depois de tudo não seria uma das mulheres da *boulangerie*...

Ethan tinha sido cuidadoso aos seus olhos e tinha prometido que se desse uma nova oportunidade, ele nunca mais a machucaria.

Mentiras. Tinha quebrado essa promessa, e outras muitas. Esse engano estava muito bem planejado.

Tinha usado-a. Estava aturdida, tão morta por dentro que surpreendeu notar o batimento do seu próprio coração; de fato quase podia ouvir-se no silêncio da sala.

Maddy se lembrava de como Ethan tinha insistido a ela esquecer-se por completo de Marais, de não olhar nunca mais para trás. O que planejava então? E se suas amigas se mudassem para viver com eles, mantidas e dependentes deles? Dele? Talvez por esse motivo Ethan tinha insistido tanto em que as convidasse a fazê-lo.

“O que farei agora?” Só sabia que tinha que ir embora dali, devia estar longe quando ele retornasse. Levantou-se e, olhando pela janela com lágrimas nos olhos, pôde ver o mar açoitado pelo vento.

Maddy tinha pensado que estava vivendo um conto de fadas, e era que este se transformou em um pesadelo. Tudo era irreal. Perus reais e palmeiras, jóias e pôr-de-sol no azul mar da Irlanda? Era muito bonito para ser verdade...

“É uma tola.”

Tinha trocado a sujeira e o perigo de Marais, dura realidade de seu passado, por aquilo, pelas mentiras de seu marido, de sua vida. “Só outra oportunidade”, tinha pedido ele, até quando sabia que a confiança seria em vão, que ela acabaria por descobrir o engano. “O que aconteceria se descobrisse algo de meu passado que não pudesse suportar e me abandonasse?” Maddy tinha pedido que não voltasse a machucá-la nunca mais. “Quantas vezes terei que suportar que roubam meus sonhos?” Quantas vezes mais o agüentaria?

Nenhuma mais. Tinha acabado com aquilo definitivamente.

“Não te deixarei escapar”, tinha prometido Ethan, e Maddy tinha acreditado. Em algum ponto do caminho, ele tinha se apaixonado por ela, tanto como um homem como ele podia fazê-lo, com uma base de mentiras.

De fato, tinha notado que o que ele sentia por ela raiava a obsessão. Se Maddy o deixasse, ele

não pararia até encontrá-la.

Mas ela era a *Gamine*, e conseguia encontrar uma saída em todo momento. Tinha as jóias que ele tinha dado, e todo o dinheiro que, muito inteligentemente, tinha economizando.

Voltaria para A Marais. Mas só para procurar a suas amigas.

No caminho de volta iria para outro lugar.

Capítulo 41

Ethan ouviu os gritos que saíam de sua casa de Grosvenor Square antes até de tê-la à vista.

E, diante sua surpresa, viu o Court e Hugh fora... E não correndo para o interior para ver o que acontecia. Court parecia estar a ponto de matar a alguém.

Ethan desceu de seu cavalo.

—Por que diabos não estão...? — Outro grito interrompeu-lhe e Court respondeu à dor dando um murro à parede. Que já tinha manchas de sangue dos anteriores golpes.

—Para, Court — aconselhou Hugh—. Não gostará de ver que se machucou.

—Como puderam me tirar de seu lado? —perguntou este com a voz entrecortada e o olhar aturdido.

—Não sei — limitou a dizer Hugh.

Ethan por fim reagiu:

—Pode-se saber o que demônios está acontecendo?

—Pediram-me que o segure aqui embaixo — explicou Hugh.

—Quem ?

—Não recebeu nossas cartas?

—Não, em Carrilhão só chegou um telegrama.

—Não estava seguro se continuava mantendo essa propriedade — disse Hugh—. Acreditava que era pouco provável que estivesse ali, assim só mandei um telegrama. —Entrecerrou os olhos—. O que estava fazendo ali?

—Passando o inverno. Agora me responda. O que está acontecendo?

—Hoje vai nascer sua sobrinha ou sobrinho — respondeu Hugh com orgulho—. E acredito que nosso pequeno irmão vai ficar louco.

—Ela me disse para ir para fora — interrompeu-os Court zangado—. Por que me obrigaram a sair?

—Eu repito — disse Hugh—, não tenho nem idéia. —E só para que o ouvisse Ethan, acrescentou—: Annalía leva dez horas de parto. Chega bem a tempo de me ajudar a segurar Court e mantê-lo fora dessa casa.

—Annalía está em parto — repetiu Ethan atônito. Ele jamais tinha visto nascer a ninguém.

Court desviou seu desenquadrado olhar para seu irmão.

—Não comece Ethan. O bebê é meu. Conheço a Anna e sei o que sinto aqui dentro. Se te atrever a dizer algo em contra, mato você.

Ethan levantou as palmas das mãos para cima em sinal de paz.

—Não ia fazer nenhum comentário.

Court o olhou confuso.

—Não vai zombar de mim ou jogar em minha cara essa condenada maldição?

—Não, só... Quero te desejar o melhor.

Agora era a vez de Hugh ficar atônito.

—Fiona está aqui — comentou Hugh a Ethan—; quer falar com você.

—Aqui? Em minha casa?

—Sim, ela...

Ouviu-se um grito mais agudo que os anteriores e Court empalideceu. Correu para a porta, mas Hugh o apanhou e, entre insultos e golpes, tentou detê-lo.

— E se me desse uma mão, Ethan?

— Sim, claro. Vamos Court, se acalme — disse este puxando ele para fora —. As mulheres fazem isto todo o tempo.

— Se voltar a ouvir outra dessas tolices, juro... — balbuciou Court.

— Isto o está matando — interveio Hugh —. Ele não queria deixar a Annalía grávida.

— E por que não? — perguntou Ethan sem entender nada. Os homens sempre queriam isso. Ou não? Ele o estava tentando desesperadamente fazia pouco.

— Court não queria pôr a Annalía em perigo. E não queria compartilhá-la com ninguém. Se soubesse que podia deixá-la grávida, teria tentado evitá-lo.

— Obrigaram-me a sair — continuava repetindo Court como se isso o fizesse muito desgraçado.

— Me ajude a distrai-lo — murmurou Hugh.

— Como? — Ao ver que Hugh encolhia os ombros, Ethan improvisou —: Ei, têm pensado em algum nome?

Com os olhos ainda fixos na porta da entrada, Court respondeu como se estivesse recitando:

— Se for um menino, chamaremos de Aleix, como o irmão da Anna, Aleixandre. Porque eu o mandei para a prisão e roubei a sua casa e não sei quantas coisas mais. Se for uma menina, Fiona. Court queria que sua filha se chamasse como sua mãe?

Todos ficaram loucos?

— Por que já não se ouvem gritos? — exigiu saber Court lutando por soltar-se.

— Irei ver — disse Hugh —. Fique aqui. — Subiu a escada e, depois de alguns segundos, chamou a seus irmãos —: Court já pode subir.

Este escapou do Ethan e voou pela escada. Ethan não demorou para lhe seguir. Diante da porta do quarto de Court estava Fiona.

— É muito sortudo — disse sua mãe —, tem um filho. Um filho precioso. — Olhando por trás de Court, acrescentou —: Olá, Ethan. Alegra-me ver que as cartas chegaram a tempo.

Ethan, incômodo com a situação em mais de um sentido, franziu a testa:

— Não recebi nenhuma maldita carta.

— Essa língua, Ethan! — brigou sua mãe.

— Faz doze anos que não nos falamos — respondeu ele em tom ameaçador — e acha que pode vir a minha casa a me ensinar boas maneiras?

— Sim — afirmou ela sem hesitá-lo —. A final, ainda sou sua mãe.

Court os afastou a ambos e se aproximou correndo à cama. Quando Hugh entrou para reunir-se com a Jane, Ethan seguiu ele e se esforçou por manter a calma. Jane também estava ali?

— Jane — disse Ethan a modo de saudação.

— Ethan — respondeu ela, para depois acrescentar —: excelente trabalho o de Grei. Quase não chego a tempo de matá-lo.

Ante o sarcástico comentário, Ethan arqueou uma sobrancelha. “É amiga de Maddy”, disse a si mesmo. E mordeu a língua para não responder.

— *Sitie* — interveio Hugh advertindo-a com o tom. Embora usou a palavra em gaélico que equivalia a seu nome e que ele usava com tanto carinho.

Jane deslizou uma mão entre as do Hugh e sorriu para ele. Era óbvio que o duro de seu irmão não tinha nenhuma possibilidade de resistir a Jane.

Court se ajoelhou junto à cama e pegou a mão da Annalía.

— *Mo chridhe*, me jure que não quererá ter outro. Não podemos voltar a passar por isso. Annalía sorriu.

— Sei que foi duro para você. OH, Courtland, o que fez com as mãos? Carinho.

Se Court conseguiu deixar grávida a Annalía, por que Ethan não tinha conseguido com Maddy? De repente, Ethan entrou em pânico... E se tinha conseguido? Madeleine era muito menor

que Annalía, e a ela não parecia ter sido muito fácil de dar a luz.

— Courtland — disse Fiona —, não quer ver seu filho?

Ele olhou sua mãe sem mostrar interesse pelo menino. Em vez disso, afundou o rosto no pescoço da Annalía. O pobre parecia desesperado por estar perto dela.

— Posso deitar com ela? — perguntou Court.

— Não — respondeu Jane —. Ainda não. Precisa descansar.

Court passou um minuto inteiro pego ao pescoço de sua mulher, e depois voltou a olhá-los:

— Irei com cuidado.

— Não, Court! — disseram Jane e Fiona em uníssono.

— Mas se quer pode pegar a Aleix — acrescentou sua mãe.

Ethan olhava atônito a cena. Court nem sequer tinha olhado o bebê.

— Já que de momento ele não parece interessado — comentou Fiona aproximando o bebê de Hugh e Ethan —, talvez vocês sim queiram conhecer seu sobrinho.

— Jamais toquei em um bebê — balbuciou Hugh.

— Nenhuma vez? — perguntou Jane rindo baixo.

Ethan não disse nada, mas ele tampouco havia tocado, nunca a nenhum.

Ethan era cínico por natureza, mas bastou um olhar ao pequeno para saber que era um MacCarrick. Sentiu-o no mais fundo de seu ser.

A maldição estava errada... Mas embora essa ameaça desaparecesse de seu futuro, Ethan ainda não podia estar tranquilo. Os remorsos sobre seu passado seguiam carcomendo-o.

— Sua vez — disse Annalía olhando para Court —, tem que cuidar de Aleix por mim. — E quando o viu assentir, dormiu.

Antecipando-se ao ataque de pânico de Court, Fiona disse:

— Filho, Annalía se esforçou durante horas dando a luz. Tem que deixar que descanse. — Ele ia protestar, mas ela o impediu —: Você quer o melhor para ela, e ela agora precisa dormir. Todo este tempo esteve mais preocupada com o que você fazia lá abaixo que por ela. Anda, leve seus irmãos e a seu filho daqui, vamos. — Quando Fiona entregou o bebê a Court, o enorme escocês abriu os olhos assustado, mas depois de engolir seco, segurou o pequeno —. Isto, muito bem — disse Fiona —. Vamos, ponha a mão atrás da cabecinha...

Cinco minutos mais tarde, os três irmãos já estavam do outro lado da porta.

— Talvez me engane — disse Hugh arranhando a nuca —, mas acredito que nos jogaram nos deixando com o bebê.

Ethan assentiu, e quando ia queixar da situação viu Court olhando embevecido para seu filho.

— É um menino muito forte, Court — comentou Ethan —. Pode ficar orgulhoso.

— Já verá como em pouco você estará ensinando a montar a cavalo e a pescar — acrescentou Hugh.

O bebê começou a mover seus pequenos punhos, estava claro que era um MacCarrick.

— Meu filho — disse Court —. Soa estranho.

Hugh riu.

— Ha, quase tão estranho como quando eu digo “minha mulher”. — Olhando para Ethan, acrescentou —: E você? Quando pensa mudar de vida?

— Talvez antes do que achem.

Seu irmão arqueou uma sobrancelha e Court não disse nada, pois continuava fascinado com o pequeno.

O bebê se moveu como se tentasse alcançar o dedo de Court e este levantou a cabeça, atônito.

— Viram isso? — deu meia volta e acrescentou para si mesmo —: Meu pequeno é muito inteligente.

— Ouvi dizer que, à medida que o menino cresce, os pais vai a pior — zombou Hugh.

— Sério?

— Bom, me conte o que tem feito estes últimos meses — pediu Hugh —. Jane e Claudia

escreveram para Madeleine Van Rowen a sua casa de Paris e as cartas foram devolvidas. Pensei que talvez você tenha algo que ver com isso. — Hugh temia a resposta de Ethan.

— Sim, eu tenho. Ela já não é uma Van Rowen.

Hugh sorriu de orelha a orelha e deu uma palmada nas suas costas.

— Ah, não sabe o quanto preocupado estava. Mas agora... O único que posso te dizer é que me sinto orgulhoso de você, irmão.

Ethan arqueou as sobrancelhas. Hugh não havia dito jamais nada parecido. E se deu conta de que gostava de contar com sua aprovação.

— Contou tudo o que tinha feito e mesmo assim se casou com você?

— Eu... — Ethan passou a mão pela nuca — ... Eu não contei. Não precisa sabê-lo — acrescentou à defensiva.

Hugh ficou sério de repente e comentou preocupado:

— Ethan, por seu bem, espero que tenha se casado com uma mulher que não seja rancorosa.

Capítulo 42

Disparos, gritos, vidros quebrando-se.

— Lar, doce lar — suspirou Maddy.

Talvez retornar a Marais tinha sido um pouco precipitado. Depois de passar meio ano fora, não o recordava de estar tão mal.

O primeiro que fez Maddy ao chegar foi reunir-se com a Corrine e B para tomar o chá em seu balcão. Isso, ao menos, sim o recordava igual...E tinha sentido falta dele.

Depois de que Maddy contasse tudo o que tinha acontecido com Ethan, Corrine perguntou:

— Bom, e o que disse quando eu disse que sabia?

— Eu...Eu estava muito afetada — respondeu Maddy ruborizando sob seu escrutínio—. E não queria escutar suas desculpas. Com o que sei já é suficiente...

Corrine pareceu decepcionada com ela.

— Não ficou para escutar sua versão da história?

Maddy deixou o olhar fixo na xícara e balbuciou:

— Não. De qualquer modo, ele sempre mente. Não posso confiar em nada do que me diga.

— Eu isto já o tinha visto antes — comentou Corrine com tristeza—. Às vezes, é como se a gente quisesse retornar a Marais.

— *C'est vrai* — assentiu B.

— Eu não queria retornar aqui! — Desde sua volta, a Marais parecia muito mais duro e sujo que antes—. Mas estou farta de que todo mundo brinque comigo e de que pessoas a que quero me traia. E acaso não me escutou quando disse que talvez Ethan deitou com minha mãe? —Sentiu náuseas só de pensar— retornei aqui por vocês. Para que pudéssemos voltar a começar em algum outro lugar. Talvez pudéssemos abrir a loja da que sempre falávamos. Tenho suficiente dinheiro para as três.

— De mal a pior, Maddy — disse Corrine encolhendo os ombros—. Eu aqui não estou tão mal.

— E o que me diz de você, B? — perguntou Maddy—. Já não quer ser modelo de costura?

— OH, Maddée, podemos falar disso mais tarde? — respondeu ela massageando os tornozelos com uma careta de dor—. Me doem os pés e as costas estão me matando.

— Podemos viver em algum lugar sem escadas — propôs Maddy procurando desesperada um sorriso.

B sorriu, mas era evidente que estava exausta.

— Acredito que irei me deitar um momento. Depois conversaremos.

— Claro, B. Descansa — respondeu Maddy abraçando-a.

Antes de ir, a mulher olhou através da janela e disse:

—Sei que é egoísta da minha parte, mas me alegro muito de te ver, Maddée.

Depois, foi ao seu apartamento.

Entretanto, Corrine não se alegrava tanto de que Maddy tivesse retornado.

—Maddy, sei que teve que aprender, mas há ocasiões nas que vale a pena lutar e outras nas que o melhor é sair fugindo. E a diferença pode ser muito pequena. —Suspirou—. Mas desta vez, acredito que deveria ter ficado e brigando pelo Escocês.

Maddy ruborizou, incômoda, e supôs que não era o melhor momento para dizer a sua amiga que acreditava estar grávida...

Na manhã seguinte, Maddy levantou de sua fria cama e teve que fazer verdadeiros esforços para se vestir.

Depois de passar alguns meses com Ethan, Maddy estava convencida de ter conseguido deixar para trás todas as desgraças de sua vida, e acreditava que se adaptou bem à mudança. Mas descobrir o que ele tinha feito, e saber que era o culpado de tudo, fez com que ela repensasse sobre as coisas. Recordou todas as penúrias pelas que tinha passado e o expediente final: que rompeu o seu coração; e se perguntou como tinha conseguido sobreviver.

Quantas vezes mais teria que recompor-se e lutar em seguir adiante?

Quando acabava de se pentear os sinos da igreja do bairro começaram a repicar. Sentia saudades, levantou as sobrancelhas e se aproximou do balcão. *Chat Noir* se dignou a fazer uma visita, e ela o pegou nos braços para abraçá-lo. Sentia falta de seu gatinho de Carrilhão.

De repente, o gato se arrepiou.

—O que acontece, *chatón*? —O animal voltou a arrepiar-se e tentou escapar—: Espere... Espere, um momento...

Mas o gato arranhou-lhe os braços até tirar sangue e quando o saltou, os sinos de todas as Igrejas começaram a repicar em uníssono por toda a cidade.

Ao ouvir que os enormes sinos de Notre Dame faziam o mesmo, Maddy sentiu um nó no estômago. Não havia nenhuma missa. Recordou a última vez que tinha ouvido esse som e se assustou. Retornou correndo ao interior de seu apartamento para sair dele imediatamente. Golpeou a porta de Corrine, depois a de B. Nenhuma das duas respondeu.

Alguém na rua saberia onde as encontrar... Saberia o que estava acontecendo... Tentando controlar o pânico, Maddy desceu a escada com a respiração entrecortada. Já tinha descido quatro andares, cinco...

Com a ponta do pé tropeçou em algo. Gritou e, jogou os braços para frente para amortecer a queda, caiu em cima de algo grande e ao mesmo tempo suave... Algo úmido.

Quando conseguiu limpar sua mente confusa, Maddy se deu conta de que tinha aterrissado sobre um morto; um cadáver que jazia ali abandonado em meio da escuridão.

Uma única ruptura circular no meio do espelho. Depois que a viu, Ethan soube que Maddy tinha deixado inclusive antes de poder falar com Sorchia. Tinha descoberto a verdade e tinha atirado o anel contra o espelho. Mas, sendo tão prática como era, logo o tinha recolhido e o tinha levado com ela.

O fato de que Maddy tivesse o anel e todas as demais jóias o deixou sem esperanças, pois significava que não tinha intenções de retornar.

O único que pôde dizer Sorchia foi que sua esposa tinha recebido uma carta e que ficou pálida como a neve. Logo fez as malas como em estado de transe e pediu que cuidasse de seu gato até que ela pudesse mandar alguém para buscá-lo.

Ethan recordou que Maddy tinha planejado ir visitar a Claudia antes que se casassem, e saiu para Londres como alma que leva o diabo. Quando por fim chegou na casa de Quin, entrou em seu escritório sem chamar.

—Onde está Maddy?

Quin deixou cair a mandíbula.

—Deus santo, o que te aconteceu? Está um nojo.

—Onde está? —repetiu Ethan a gritos.

—Tal como predisse — comentou Quin, orgulhoso de si mesmo—. Te deixou louco. E por que deveria te dizer onde está?

—Diga-me isso agora mesmo. —Ethan passou uma mão pela cara—. É minha mulher, e... Abandonou-me.

—Maddy se casou com você? Mas se Claudia acaba de receber uma carta dela dizendo que ia ao Iveley para passar ali o que resta da primavera. Diz que agora ela lhe pertence e não sei o que quantas coisas mais. E por que ia abandonar-te se casou com você?

“Iveley?” Maddy estava deixando pistas falsas, e ele sabia muito bem por que.

“Tem intenções de desaparecer...” Já estava três dias fora, tempo suficiente para vender todas suas jóias e conseguir uma passagem para qualquer lugar do mundo.

—Não está em Iveley — disse Ethan apertando a ponta do nariz—. Retornou a Paris.

—Reza para que não seja assim — disse Quin levantando-se imediatamente.

—Por quê? —quis saber Ethan entrecerrando os olhos.

—Acabamos de receber notícias de que... Há ali uma epidemia.

Ao ver a expressão de Quin, Ethan sentiu um nó no estômago.

—Qual?

—MacCarrick... É cólera...

Capítulo 43

—Acalma-se — disse Quin—. Os informe que recebemos dizem que de momento a epidemia só afetou aos bairros mais pobres. Acredito que o St. Roch não chegou, e que Madeleine está a salvo. Mas te sugiro que tenha pressa, a cidade é cada vez mais instável e há rumores de que se instaurará o toque de silêncio. E acho que se lembra do que aconteceu a última vez que houve um toque.

Ethan não podia nem respirar. Em questão de horas, mil e seiscentas pessoas morreram à mãos da polícia. Mortos sem nem sequer estar doentes. Pela cólera em troca morreram vinte mil.

—Ela não está em St. Roch — respondeu montando seu cavalo—. O mais provável é que esteja em Marais.

Quin corria atrás dele.

—E que diabos faz ali?

—Não importa...

—Maldição, MacCarrick... Esse local é o mais afetado.

Ethan sentiu seu coração parar.

—O que disse?

—O bairro de Marais já foi posto em quarentena. Não entendo o que pode estar fazendo Maddy nesse lugar, mas se de verdade ela está ali tem que ir procurá-la... —Quin sacudiu a cabeça—. A Rede jamais te diria de forma oficial que tirasse alguém de um local posto em quarentena pelos militares, mas você conhece todos os protocolos. Sabe como proteger os outros. Pode fazê-lo.

Ethan já tinha estado antes em zonas devastadas pela cólera. Os últimos estudos de medicina aconselhavam: higiene, limitar os contatos e boa ventilação.

Na prática, Ethan tinha aprendido que teria que ferver tudo o que ia entrar em contato com a zona afetada, queimar tudo o que saía dela, e empapar com uísque em caso de dúvida.

—Assim, extra-oficialmente — continuou Quin—, ajudarei-te a chegar lá. Irá procurá-la e levará isso em qualquer lugar que esteja, sem importar o que acontecer. Entendeu? Entra, pegue-a e vai. E te assegure de que não te peguem. —Olhou para Ethan nos olhos—. Ou ambos morrerão de um disparo.

O dia amanheceu pálido e desinteressado em Marais. No dia anterior, as ruas estavam cheias dos que ainda tinham suficientes força para tentar fugir. Agora, o êxodo era insignificante, como se já se dessem por vencidos. Maddy estava sentada nos degraus que havia em frente ao seu edifício, com os joelhos dobrados e o queixo apoiado nelas. Apesar de que fazia frio, tinha a testa coberta de suor e não podia deixar de tremer. Aqueles malditos sinos não paravam de tocar; os tambores dos soldados se ouviam na distância, para recordar a todos a opressiva ameaça de quarentena. Não havia bêbados, a maioria se infectaram e haviam falecido sem chamar muito a atenção. Duas noites atrás, um deles se arrastou até aqueles degraus pedindo ajuda, mas morreu na porta.

Era com o que Maddy havia tropeçado. Secou a testa. Agora ela também estava infectada.

Ethan havia dito uma vez ela que recordava a uma raposa, mas agora não conseguia encontrar um modo de escapar daquela armadilha. Dava igual, já era muito tarde para ela. E também para B. Maddy pôs-se a chorar de novo.

Frente a ela, a menos de vinte metros, um jovem ao que conhecia do mercado caiu de joelhos. Gritou assustado e se arrastou pelo chão enquanto seu corpo se esvaziava de líquidos a uma velocidade espantosa. Todos os que estavam perto dele saíram fugindo.

Maddy sentiu o impulso de ajudá-lo, mas não podia ajudar a todo mundo que conhecia. Todos os habitantes de Marais foram falecendo à medida que a cólera avançava. Nesse instante, ouviu o inconfundível som de alguém vomitando a suas costas, e soube que a enfermidade já contava com outra vítima entre suas filas.

Na outra calçada, uma chorosa Berthé saiu do edifício e se sentou deste modo no portal. Maddy viu que também estava doente.

O dia que retornou a Marais, Madeleine estava preparada para que aquelas duas irmãs se zombassem dela. Agora suas diferenças não tinham importância.

Seus olhares se encontraram, e Berthé disse:

—Como está B?

—Morreu esta manhã — respondeu Maddy entre soluços e tremendo cada vez mais.

Berthé moveu a cabeça com solenidade.

—Sinto muito, *Gamine*. Corrine está bem?

—Sim — disse ela—. Está descansando. —Depois de encontrar a B morta em sua cama essa mesma manhã, Corrine tinha se jagado em sua cama e, depois de passar horas chorando, por fim dormiu. Maddy estremeceu ao recordá-lo—. E Odette? —Tinha ouvido dizer que Odette tinha sido uma das primeiras em adoecer e que sua irmã se negou a abandoná-la.

—Odette não passará desta noite.

—Eu também o sinto — disse Maddy.

Berthé secou as lágrimas. Fez-se um longo silencio entre ambas.

—Nós não merecemos terminar assim — comentou Berthé por fim.

Madeleine sacudiu a cabeça e, entre lágrimas, ofereceu-lhe um triste sorriso. Era curioso como os sonhos e desejos de uma pessoa podiam mudar com as circunstâncias. Apenas uma semana atrás, a única coisa que ela desejava era estar grávida e que Ethan se alegrasse ao sabê-lo.

Agora, o único que queria era derrotar pela segunda vez à cólera. Ou, como mínimo, que Ethan não se culpasse de sua morte. Apesar do que ele tivesse feito, não merecia carregar esse tipo de culpa.

Mas o que de verdade desejava era que não a queimassem em uma fogueira comum...

—Ao menos você viu o que há fora deste bairro — disse Berthé—. A Inglaterra, é tão bonita como dizem?

— É linda — respondeu ela pensando em Carrilhão.

As imundas ruas de Marais estavam desertas quando Ethan chegou de noite. O único que se podia ouvir era o som dos sinos da igreja, o repicar dos tambores, assim como algum ou outro disparo. As portas dos edifícios estavam todas abertas, e as calçadas cheias de roupas e móveis.

As pessoas tinham saído fugindo para tentar se salvar. A idéia de que Maddy pudesse estar sozinha ali o fazia enlouquecer.

Apesar das influências de Quin, Ethan teve que esperar que chegasse um ferry. Os rumores sobre Paris tinham chegado já a todos os cantos, e nenhum navio queria cruzar o Canal para a França.

Cada hora que tinha tido que esperar tinha sido uma tortura. Sentia-se impotente, e tentava não pensar no período de incubação da cólera, que podia ir de quatro horas a cinco dias. Ethan tinha visto gente contrair a enfermidade e morrer em questão de horas, consumindo-se diante seus olhos a uma velocidade espantosa.

Maddy estava ali no mínimo dois dias, talvez três...

Ao chegar à França, Ethan se deparou em saber que os trens para Paris não circulavam. Quando por fim chegou ao edifício de Madeleine, estava morto de medo. Subiu a escada até o sexto andar como um louco e jogou a porta ao chão.

A habitação estava exatamente igual à última vez que a tinha visto, exceto a cama de Maddy estava destroçada e tinha desaparecido o colchão.

Secou a boca.

A porta do apartamento de B estava aberta. E quando viu que o colchão dela tampouco estava, um suor gelado ensoupou todo o corpo. A enfermidade tinha estado ali.

Forçou também a porta de Corrine e viu que seu andar estava intacto.

Desceu a escada a toda velocidade e correu para a rua sem saber onde procurar. Deu algumas voltas sobre si mesmo gritando seu nome uma e outra vez, mas só podia ouvir o eco de sua voz...

— Está procurando a *Gamine*? — perguntou uma voz fraca.

Ethan deu meia volta e viu uma mulher em um portal que se aproximava para ele coxeando. Era a do botequim, a que tinha dado a rasteira em Maddy. Berthé, acreditava lembrar que se chamava assim.

— Onde está? — exigiu Ethan.

— Madeleine ficou doente — respondeu Berthé apertando-as costelas. Estava pálida e a única cor que havia em seu rosto era o das olheiras ao redor de seus olhos—. Tropeçou com um morto na escada. Não tinha nenhuma oportunidade. A levaram ontem, quando vieram buscar o corpo de B. A levaram apesar de que Corrine tentou impedi-lo.

O coração de Ethan pulsava descontrolado e retumbavam os ouvidos. Não se atrevia nem em pensar no que aquela mulher estava dizendo. Não. Era impossível.

— Quem a levou? Onde? — Quando ela se agachou e cuspiu um fluido branco, Ethan gritou—: Maldição, Berthé! Diga-me....

A mulher se acomodou.

— Ao hospital, a *l'Hôtel Dieu*. Quatro ruas mais abaixo e depois para o norte. Mas está doente. A esta hora acredito que já...

Ele já não a escutava. Ia correndo rua abaixo e o único que podia ouvir era o som de sua própria respiração.

A porta do hospital estava vigiada, mas como supunha que ninguém ia querer entrar ali, havia só dois soldados. Ethan não diminuiu o passo ao aproximar-se dos guardas. Aproximou-se entre eles deixando ambos fora de combate com vários murros.

O interior do lugar era um caos, com o ar rarefeito por culpa do inútil incenso. Estava até os batentes de pacientes; agudos gritos de dor ressonavam por toda parte, e olhasse onde olhasse via figuras chorando desconsoladas.

Encontrou a uma monja sentada depois de uma mesa e rodeada de papéis e bolsas com objetos pessoais etiquetados.

—Estou procurando a minha esposa — disse Ethan sem perder tempo—. Madeleine MacCarrick.

—Como conseguiu entrar? —perguntou ela lhe olhando a cicatriz e a barba sem barbear.

A mulher tinha olheiras, a testa e o lábio superior ensopados em suor. Também estava doente. Ethan olhou ao seu redor e viu que todas as monjas se encontravam na mesma situação.

—Permissão diplomática — atinou a dizer Ethan.

Tinha que tirar Maddy da França essa mesma noite, ou ambos seriam processados por ter atacado os guardas e por levar-la dali à força.

Ao escutar a resposta, a monja franziu a testa, mas pegou um pesado livro com capas de couro e o colocou em cima da mesa. Olhou algumas páginas, e disse:

—Aqui não consta ninguém com esse nome.

—Procure Maddy — disse Ethan, mas ela seguiu negando com a cabeça—. De sobrenome Van Rowen.

A religiosa voltou a baixar a vista para levantá-la logo com o rosto totalmente pálido. Ethan começou a tremer.

—Me diga onde está — exigiu saber quase a gritos.

Ao ver que a monja ainda hesitava, teve que fazer um esforço para não saltar depois da mesa e sacudi-la.

—Sinto muito, monsieur. Chegou muito tarde.

Capítulo 44

Ethan sentiu um nó na garganta e foi incapaz de falar. Por fim, conseguiu balbuciar:

—Ela não... Tem que ser um engano...

Por debaixo do zumbido que tinha nos ouvidos, pareceu-lhe ouvir que a religiosa dizia:

—Deram-lhe a extrema-unção ao amanhecer, e não acreditam que sobreviverá esta manhã.

Ethan devia parecer tão desesperado como se sentia, porque a mulher recuou alguns passos.

—Então, ela não está...? — Não se via capaz de pronunciar a palavra.

—Está na *dernière chambre*. — Desviou o olhar para um corredor escuro—. Mas monsieur, quando entram ali...

Ethan já estava a meio caminho desse quarto. Uma vez dentro, olhou como um louco em todas as direções. Maldição. Naquele reduzido e frio espaço havia muitíssimas camas. Os meninos gritavam assustados em cima dos cadáveres de seus pais, e era evidente que eles também estavam doentes. A idéia de que Maddy estivesse ali sozinha...

Não, não podia pensar nisso... “Tem que se concentrar..., Mantém alerta, pensa.”

Começou a gritar seu nome e parar em frente a todas as camas para afastar os lençóis que cobriam aqueles corpos sem vida com expressões macabras fixas para sempre já em seus rostos.

Ethan viu uma pequena silhueta feita um novelo em uma cama que havia em um canto. Maddy? Não estava se movendo a não ser que... Que Deus o ajudasse, não podia acreditar que ela tivesse morrido ali, sozinha, naquela maldita postura.

Mas podia. De quantos golpes supunha que podia chegar a defender-se?

Ethan correu para lá com a vista nublada e secou os olhos com a manga da camisa. Não podia deixar de chorar. Ao chegar junto à cama de armar, engoliu seco, e afastou o lençol.

Então caiu de joelhos.

—Ah, Meu Deus, Maddy.

Os lábios e o rosto de Madeleine careciam totalmente de cor, à exceção das sombras que havia sob seus olhos.

Não se movia. “Não pode estar...”

Ethan enterrou o rosto junto ao seu pescoço. “Está quente.” Levantou-lhe o pulso e não descansou até encontrar o pulso.

— *Aingeal*, está viva.

Agarrou-a nos braços e a aproximou de seu peito, mas o corpo de Madeleine não respondia.

O lençol e o vestido de Maddy estavam completamente ensopados em sangue.

Desde que havia ficado doente, Maddy tinha sido plenamente consciente de tudo o que acontecia a seu redor. Apesar de ter muita febre, não tinha encontrado a paz que está acostumada a acompanhar esse estado. Sabia que B tinha morrido, e a dor era insuportável. Maddy não podia deixar de ver seu precioso rosto desfigurado pela enfermidade.

Corrine tinha tentado impedir que os soldados a levassem. Recordava os gritos e os insultos de sua amiga e o muito que tinha temido que lhe fizessem mal ou que acabasse na prisão.

E além disso sabia que, apesar de tudo o que tinha passado, gostava muitíssimo de Ethan.

E agora, como se sua imaginação tivesse feito caso de suas súplicas, acreditava estar vendo-o ali, com ela, naquele preciso instante. Depois de ter permanecido lúcida durante tanto tempo, Maddy se perguntava se Ethan que via de joelhos junto a sua cama era uma alucinação. Como em sonhos, Maddy sentiu que ele acariciava o pescoço com a face sem barbear e também notou as lágrimas que caíam de seus olhos. Pareceu que ele roçava a sua testa com as pontas dos dedos.

Parecia tão real que se atreveu a abrir os olhos, mas a tênue luz a incomodou. Acreditava que estava imaginando tudo. Era impossível que Ethan estivesse naquela sala de doentes de cólera junto com ela.

— É um sonho? — sussurrou Maddy.

— Não, Maddy — respondeu ele emocionado —, estou aqui, com você.

OH, Deus, era Ethan, embora parecia um pouco mudado. Tinha o rosto desesperado, e em seu olhar havia uma emoção que Maddy não tinha jamais visto antes.

Era impossível que a tivesse seguido até ali, não? E muito menos agora que estava morrendo. Teria que ter mais cuidado. Maddy tentou falar.

— Tem... Tem que ir...

— Não, sem você, não. Vamos daqui esta mesma noite.

— Vá... Por favor. Lhe... Atirarão. Não pode... Retornar... Aqui.

— Entenda isto — disse ele em tom ameaçador —, Continuo sendo seu marido, e tenho todo o direito do mundo de morrer por tentar te salvar. Maldição!

“Não, definitivamente não estava sonhando...” Seu rude Escocês estava se comportando como um herói e amaldiçoando como um marinheiro.

— Mas Ethan, estou mo...

— Não vai morrer! — Aproximou-a dele pegando a sua nuca —. Aguenta!

— Acredito... Acredito que é muito tarde — sussurrou Maddy.

Ele pegou o seu queixo e a obrigou a olhá-lo. Estava pálido e parecia um louco.

— Não, não é! Maldição, Maddy MacCarrick, estaremos juntos toda a vida. Acredite em mim.

— Tinha os olhos cheios de lágrimas e as bochechas molhadas —. Tesouro, não tem sentido que te ame tanto para nada.

Uma solitária lágrima escorregou pela face dela e ele a secou. Madeleine sentiu uma pequena faísca de esperança.

— Agüenta, faça-o por mim!

Dois fortes braços deslizaram debaixo dela e a levantaram. Aonde Ethan ia levá-la?

— Fica comigo, Maddy, tesouro.

Ao sentir que ele a envolvia com seu casaco e com seu cheiro, ela começou a deixar de tritar, aconchegada entre seus braços, Maddy por fim pôde deixar de ouvir os gritos do hospital.

Ethan se encaminhou para fora a grandes pernadas e Maddy pôde ouvir como uma das monjas gritava:

—Não pode levar a um paciente fora do perímetro!

“chegamos já ao perímetro?” Madeleine voltou a abrir os olhos e viu que estavam na porta, a ponto de sair.

—Pode matá-la se move! — gritou outra.

Mas se ele achava que era capaz de levá-la, isso era precisamente o que Maddy queria que fizesse. Não queria morrer ali, não queria que a queimassem entre um montão de corpos de desconhecidos.

—Afastem-se — ordenou Ethan. E Maddy viu que desencapava uma pistola e a engatilhava—. Não duvidarei em matar a qualquer um que se interponha em meu caminho. Falo sério.

E de repente... O frio da noite acariciou as suas faces.

—Vamos para casa, tesouro — murmurou o—. Te levo para casa.

Depois que Ethan saiu daquele inferno, a escuridão engoliu a Madeleine e desmaiou.

Capítulo 45

Ethan passava um pano úmido pelo corpo de Maddy, podia escutar perfeitamente como no quarto do lado Fiona falava com os médicos.

Fazia já dois dias que Ethan tinha levado Madeleine para lá. Tinha pedido a Quin que se assegurasse de que em sua casa de Grosvenor Square não houvesse ninguém quando ele retornasse, mas sua mãe se negou a ir e se plantou na cara de Quin. Depois, contratou um exército de médicos para cuidar da esposa que Ethan “se esqueceu de mencionar que tinha”.

Apesar de que tinha acontecido já há dois dias, e de tudo o que tinham feito àqueles doutores, Maddy continuava pálida, como se todo o sangue escapou de seu corpo. Enquanto dormia retorcia angustiada e tinha a respiração entrecortada. Essa noite havia tornado a subir a febre.

—Vou conseguir que fique bem — disse Ethan aos médicos, embora sabia o que eles opinavam do assunto.

O problema era que ninguém conhecia Maddy tão bem como ele. A única coisa que aqueles homens viam era o quanto que ela era miúda era e quanto fraco tinha o pulso. E depois de que Ethan contou de sua possível gravidez e da mancha de sangue na roupa que tinha nesse dia, examinaram-na e eles informaram que tinha perdido o bebê, e que isso a tinha enfraquecido ainda mais.

—Não se preocupe, filho — disse Fiona—, quando ficar bem, acredito que terá mais filhos.

—Acha que isso agora me importa? — Espetou ele zangado.

—Mas... Pela expressão que pos ao saber... Eu acreditava...

Ethan não tinha reagido assim porque Madeleine tinha perdido o bebê; mas sim porque o tinha perdido ali sozinha, naquele inferno.

Sozinha.

O corpo de Maddy tinha recebido sua semente e estava disposta a lhe dar um bebê. Mas ele, com suas incontáveis mentiras, tinha afastado ela de seu lado e a tinha mandado direto ao perigo, colocando-a em uma situação de vida ou morte.

Ao descobrir que tinham perdido o seu primeiro filho, Ethan pareceu ouvir em sua mente:

“É a maldição...”

Mas não, ele sabia que, apesar do fácil que seria jogar a culpa de tudo, a maldição não tinha nada que ver com aquilo. Era culpa dele. E estava disposto a assumi-la.

Ethan cuidou de Maddy horas e após horas, não se separou dela nem um instante. Vigia cada respiração, sussurrando que continuasse lutando... Uma vez mais.

Entre sonhos febris que pareceu que duravam dias, Maddy ouvia Ethan falar.

Com voz cada vez mais rouca, não deixava de suplicar:

—Maddy, tesouro, não me deixe. —Outras vezes a ameaçava—: Nunca se liberará de mim — dizia zangado, e depois, como esforçando-se por acalmar-se, acrescentava—: Mais... Mais te vale continuar a meu lado.

A seguir brigava com ela, e a voz vibrava com tanta emoção que inclusive a cama parecia tremer:

—Não pode fazer isto... Se apropriar de meu maldito coração para depois me abandonar! Acha que não irei atrás de você?

Maddy sabia que ele estava permanentemente ao seu lado, era consciente de todos seus movimentos e entendia o que ele dizia, mas era incapaz de abrir os olhos ou de falar.

De noite, Ethan se deitava junto a ela para abraçá-la e rodear seu corpo com o seu.

—Você gosta de levar ao contrário às pessoas — ele sussurrou ao ouvido—. Demonstre a todos esses médicos que se enganaram e fique boa. —Colocou uma mão no quadril e fechou o punho—. Ah, tesouro, eles não sabem o quanto você é forte.

Às vezes, Madeleine ouvia outras vozes, que achou serem as dos médicos; também pareceu distinguir a voz de uma mulher mais velha com marcado sotaque escocês. Esta estava falando nesse preciso instante:

—Ethan, os médicos fazem tudo o que podem.

—Pois não é suficiente! — gritou ele, e começou a insultar os médicos em uma língua que Madeleine não tinha ouvido jamais. Ethan acabou jogando-os fora do quarto para bater a porta com força atrás deles, e Maddy sentiu como a corrente de ar acariciava o seu rosto.

De repente, já não notava as pálpebras tão pesadas. Piscou durante alguns segundos. Sabia que Ethan estava de pé junto a sua cama e confiou em poder centrar a vista.

Seu marido passou as mãos pelo cabelo alvoroçado e uma mulher ruiva enrugou a testa.

—Logo despertará, Ethan. Já não tem febre.

—Isso foi o que disseram ontem. E ainda não se despertou.

—Se o fizesse — disse a mulher—, acredito que a assustaria. Faz dias que não se barbeia nem troca de roupa. E parece meio louco.

—É que estou meio louco; de fato estou a ponto de perder a pouca prudência que fica.

Ao ver que seu filho começava a passear de novo, a mulher acrescentou:

—Tem que se acalmar. Te zangar com os médicos não ajudará em nada a sua esposa. —Fiona desviou o olhar para a Maddy um segundo sem prestar muita atenção, e ficou atônita—. Mas esse bater de porta que deu, talvez sim a tenha despertado.

—O que está dizendo...? —Ethan esticou os ombros e pigarreou—: Está insinuando que...?

—Não me disse que ela possui olhos azuis tão bonitos. Dê a volta, filho.

Ethan não fez caso a sua mãe e quase desabou em cima da cama. Maddy o estava olhando aturdida. Viu-lhe os olhos vermelhos e desenhados, e parecia que estava vários dias sem barbear-se. Estava todo enrugado e com as mangas da camisa arregaçadas. Parecia querer se jogar em cima dela.

A mulher disse para ele algo em gaélico e seu marido franziu a testa e tocou... A barba? Pareceu ficar atônito e voltou a franzir a testa.

Ethan a olhava com tanto sentimento, mas Madeleine teve a sensação que se obrigava a manter-se afastado dela.

—Tem que beber algo — disse ele de repente, e foi correndo procurar a jarra de água. Quando a serviu, Maddy pôde ouvir como a jarra tilintava contra o copo.

A mulher levantou as sobrancelhas em direção a Ethan e depois disse para Maddy:

—Sou lady Fiona, sua sogra, e estou muito contente por fim poder te conhecer.

Quando seu marido retornou junto à cama com o copo de água, Madeleine perguntou:

—Onde estou?

Ethan acomodou um pouco a Maddy e a ajudou a beber.

—Está em Londres, em nossa casa da cidade. —Ela bebia com impaciência—. Calma — murmurou ele.

Quando afastou o copo quase vazio, a jovem perguntou:

—Corrine?

—Não pude encontrá-la, mas tenho meus homens procurando-a por Paris — respondeu Ethan—. Maddy, não acredito que estivesse doente.

Ela fechou os olhos preocupada, mas em seguida os voltou a abrir por medo de ficar adormecida de novo.

Ele passou uma mão pela nuca.

—Mas B...

—Não — sussurrou ela—. Sei.

Lady Fiona disse algo em gaélico, e depois acrescentou em inglês:

—Ethan, por que não vai se assear enquanto eu fico aqui com minha nova nora?

Seu filho hesitou um instante e Maddy viu como ambos trocaram um olhar. Antes de ir para a porta, Ethan disse a Madeleine emocionado:

—Estou muito contente de que esteja melhor, tesouro.

E saiu do quarto. Mas antes, Maddy pôde ver como secava os olhos com a manga da camisa. “OH, Ethan.”

Uma vez que ficaram a sós, lady Fiona disse:

—Esteve muito preocupado porvocê, por dizê-lo de algum modo. —sentou-se aos pés da cama—. Bom, suponho que tem muitas perguntas...

—Contagiei com a enfermidade alguém?

—Não. A ninguém. Mas no caso de, eu ficarei aqui uma semana mais. —E acrescentou—: Espero que você goste de jogar cartas.

Maddy mordeu o lábio inferior e perguntou:

—Lady Fiona... Perdi o bebê, não é?

A mulher afastou uma mecha de cabelo da testa de Madeleine.

—Sim, mas um montão de médicos concordam em que poderá ter mais filhos.

Ela já sabia que o tinha perdido, mas para ouvi-lo voltou a entristecer-se profundamente.

—E, Ethan... Como está?

—Embora não ache isso, não está doente, embora ficou uma semana sem dormir. —Fiona arqueou uma sobrancelha e disse—: Ele te ama com loucura. Alegra-me muito que ele e você tenham outra oportunidade.

Maddy sentiu que voltaram a pesar suas pálpebras.

—Lady Fiona, não sei o que lhe contaram...

—Calma querida, sei de tudo. Mas Ethan mudou. E não digo isso porque eu seja sua mãe, mas sim de mulher para mulher... Quando um homem como Ethan aprende a amar, é para sempre.

—Maldição!

Ethan havia tornado a se cortar. As mãos não paravam de tremer e sua mãe insistia em que se barbeasse? Havia dito que com o aspecto que tinha assustaria sua esposa.

Achava que isso já o tinha conseguido olhando-a com tanto desespero. Morria de vontade de abraçá-la quando Maddy o tinha olhado com seus olhos enormes em seu pequeno e consumido rosto.

Ethan teve que obrigar-se a sair do quarto para não pegá-la nos braços, além disso, antes, sua mãe já havia dito que quando despertasse queria falar a sós com ela. Fiona tinha comentado que existia a possibilidade de que Maddy não soubesse nada do bebê. E ele se agarrou a isso como a um prego ardendo.

Voltou a cortar-se e atirou a navalha na terrina de água. Apoiou as mãos na pia e inclinou a cabeça para frente. “Por favor, não permita que saiba.” Com a morte de B, sua traição e o

desaparecimento de Corrine, Maddy já tinha o bastante. Ethan não sabia quanto mais poderia suportar seu pequeno tesouro...

Quanto tempo mais ia ficar sua mãe com ela?

Ethan não podia ficar mais nenhum momento sem vê-la. Vestiu-se depressa e foi para lá. Ao entrar no quarto, viu que Maddy fazia esforços por manter-se acordada.

Correu para sentar-se ao seu lado e Madeleine levantou com muito esforço uma mão e, com um dedo, percorreu um dos cortes que ele tinha feito ao barbear-se. Ethan pegou essa mão e beijou a palma, mas ela já tinha fechado os olhos. E justo quando ia sofrer um ataque de pânico, Fiona disse:

— Só está dormindo, Ethan.

— Sabia do bebê? — “Tomara que não...”

— Sim, sabia. Mas é uma garota muito forte. Se a ajudar, acredito que se recuperará de tudo isto.

Maddy talvez não quisesse sua ajuda, talvez não queria saber nada dele absolutamente.

— Disse algo sobre mim? — perguntou, sem ocultar o quanto desesperado estava—. Sobre o que fiz?

— Tocou no assunto. Mas ela te ama, filho. Sei. Acredito que conseguirá reconquistá-la.

Ethan jurou que jamais voltaria a jogar na cara de sua mãe o que lhes disse o dia que morreu seu pai. “Se Maddy...” estremeceu-se e fechou os olhos.

— Preciso que me deixe sozinho.

Sem dizer nenhuma palavra, sua mãe saiu do quarto.

Bem a tempo de não ver como seu filho perdia qualquer controle sobre suas emoções.

Capítulo 46

Durante as últimas cinco noites, Ethan se deslizava em silêncio no quarto de Madeleine para dormir com ela. E cada manhã ele partia antes que despertasse. Que seu feroz Escocês desejasse estar com ela desse modo enternecia a Maddy, mas acabou por se desesperar-se.

Cada vez que tentava falar com ele do acontecido, ele procurava alguma desculpa para não fazê-lo, pois estava convencido de que estava muito fraco para ter esse tipo de conversa. Mas depois de seis dias, Maddy se encontrava já muito melhor. Nesse dia, por fim passou a tarde sentada e jogando cartas com lady Fiona, que ia retornar para Escócia no dia seguinte.

Maddy gostava da mulher, e adorava ver como brigava com Ethan, como se ainda fosse um menino pequeno. Ele se queixava, mas Maddy tinha a sensação de que fosse o que fosse o que tivesse acontecido entre eles, já tinha ficado para trás.

Essa noite, obrigou-se a ficar acordada e esperar que seu marido entrasse às escondidas em seu quarto. Chegou depois da meia-noite e se despiu em silêncio. Quando, devagar, afastou os lençóis para deitar ao seu lado, Maddy disse:

— Ethan, não acha que já é hora de conversarmos?

Ele suspirou.

— Sim, suponho que sim.

Voltou a vestir as calças sem energia e acendeu a luz da mesinha. Colocou dois travesseiros atrás de Madeleine e a ajudou a acomodar-se, depois se sentou em uma cadeira, a seu lado.

— Como descobriu?

— Escrevi uma carta aos proprietários de Iveley para perguntar se podíamos ir visitá-los.

Queria que visse onde eu tinha me criado. Mas ao parecer, você já não só tinha estado em Iveley Hall, mas também que te pertencia há muitos anos. Desde que meu pai morreu.

— Sim. Eu comprei suas dívidas. Incluída a que sobrecarregava Iveley Hall.

— Você orquestrou uma vingança contra minha família. Importaria-se em me dizer o porquê?

— Não tem nenhuma teoria?

— Acredito... Acredito que meu pai te descobriu na cama com minha mãe. Acredito que foi o homem que estava com ela naquela noite.

— Jamais a toquei, jamais! — declarou Ethan com veemência —. Fui encontrar-me com ela, isso é verdade, mas tive um mau pressentimento e tentei ir embora.

Maddy arqueou uma sobrancelha.

— Tem por costume ficar com as mulheres e depois as deixar plantadas? Como com as garçonetes?

— Tinha o forte pressentimento de que não devia tocar em Sylvie. Com as garçonetes foi diferente, eu só me dei conta de que não tinha que fazê-lo. Tudo me conduziu até você.

— O que aconteceu naquela noite, Ethan?

Ele passou uma mão pelo rosto.

— Se tentar me defender, parecerá que estou acusando seus pais.

— Tenho que ouvi-lo — suplicou Maddy —. Tenho que saber o que aconteceu de verdade.

Ethan a olhou fixamente e a dor que Maddy viu em seus olhos a deixou sem fala.

— Está bem, direi-lhe, mas tem que saber que eu não gosto de nada ter que lhe contar isso

E, em um tom de voz muito baixo, Ethan explicou o que tinha acontecido naquela noite cheia de mentiras, traições e uma maldade inimaginável.

Quando disse que sua mãe o tinha acusado de havê-la violado, Maddy estremeceu. Quando disse que Brymer tinha talhado a sua face, ela não pôde reprimir as lágrimas.

Ethan tinha sido acusado injustamente, espancado e depois desfigurado... Enquanto Maddy dormia placidamente a poucos metros dali.

Seu pai o tinha permitido, Brymer tinha desfrutado fazendo-o, e sua mãe ficou de braços cruzados, sabendo de sobra que um homem inocente estava sendo torturado em seus estábulos.

— OH, Deus — exclamou Maddy ao entender todo —. Ethan, sinto muito o que lhe fizeram.

— Não se atreva a se desculpar por eles! Isto não tem nada há ver com você. Acreditar o contrário foi meu primeiro engano. E não sinta lástima por mim, sabe perfeitamente que acabei me vingando. Comprei todas as dívidas de seu pai e as executei antes do tempo — continuou ele com voz rouca —. E todas de uma vez. Eu tenho a culpa de que perdesse seu lar.

Um momento, tinha-as executado antes do tempo?

— Se você não o tivesse feito, teria acabado acontecendo o mesmo?

Ethan apertou a mandíbula, negando-se a responder, e com isso Maddy teve a resposta.

“OH, Deus, isso tinha que ser uma brincadeira de mau gosto.”

Madeleine sabia que sua família passava por momentos difíceis. Recordava ter ouvido seus pais discutir por dinheiro. O mais provável era que, embora Ethan não tivesse aparecido em cena, igualmente tivesse acabado em Marais.

— E Brymer? Matou-o?

— Sim.

Ela se alegrou de que o tivesse feito e assentiu. Só de imaginar aquele homem mutilando Ethan e desfrutando ao fazê-lo... Estremeceu dos pés a cabeça.

— E Tully? — perguntou nervosa. Maddy recordava que esse homem sempre tinha sido bom com ela.

— Eu deixei ir.

Suspirou aliviada. Não só por Tully, mas também porque Ethan tinha mostrado misericórdia em momentos muito difíceis.

— E eu? Foi me buscar só para continuar se vingando?

—Tentei dizer a mim mesmo que só tinha ido atrás de você para isso, mas logo me dei conta de que era incapaz de te fazer mal. No final, meu plano acabou voltando-se contra mim. Não sei se isso te serve de consolo. — disse apoiando os cotovelos nos joelhos—. Maddy, o dia que te conheci, comecei a me apaixonar por você.

—De verdade estamos casados?

Ethan levantou as sobrancelhas surpreso de que pudesse duvidá-lo.

—Mas é claro que sim, maldição!

—Na noite do baile de máscaras, era também parte de seu plano?

Ethan negou com a cabeça.

—Não soube quem era até na manhã seguinte.

A Madeleine ocorreu uma coisa e entrecerrou os olhos.

—E Daex? Teve algo haver com isso?

Ethan hesitou alguns segundos e depois respondeu com sinceridade:

—Sim. Não queria que se comprometesse com ninguém antes que eu pudesse ir te buscar.

—Outra mentira? Há alguma mais que queira me contar? Mais segredos?

—Tenho muitos segredos. Passei dez anos cometendo maldades. E não lhe contarei isso a não ser que insista nisso, mas tem que saber que tudo o fiz, foi para um bem maior. E às vezes..., em alguma ocasião, fiz algo do que talvez pudesse te sentir orgulhosa.

Ela sabia que se Ethan o propunha podia ser um verdadeiro herói, mas que também podia ser um canalha. Massageou as têmporas.

—Tudo isto foi muito para você — comentou ele alarmado—. Te dói a cabeça?

—Estou bem. Só quero terminar com esta conversa. Tem algo mais que me contar? — perguntou ela rezando para que não fosse assim.

Ethan suspirou.

—Sim. Sei francês.

—Claro — respondeu ela sem alterar-se.

—Maddy, sei que me comentei mal com você, mas... Acha que poderá me perdoar? Não digo que tenha que ser agora, mas talvez com o tempo?

—Depois de tantas mentiras, como posso confiar no que me diz agora? Me dê uma razão, Ethan. Eu quero acreditar em você.

Ele mecheu os cabelos.

—Não sei se existi algum motivo pelo que deva me perdoar ou confiar em mim, exceto... Estou apaixonado por você — reconheceu emocionado—. Me diga o que devo fazer para te reconquistar e o farei.

Ela sentiu como milhares de emoções se amontoavam em sua mente e em seu coração. Ainda estava doída pelo que Ethan fez. Sentia náuseas só de pensar nos atos de seus pais.

E a envergonhava reconhecer que desejava não ter jamais descoberto nada, de tudo aquilo e poder retornar à preciosa vida que tinha começado a criar com Ethan.

Mas acima de tudo, estava... Cansada.

—Quero me recuperar, voltar a ser eu mesma antes de tomar qualquer decisão. —E só havia um lugar onde eu gostasse de estar—. Me leve para Carrilhão.

Maddy sentia falta desse lugar, e morria de vontade de recuperar o que ali tinha construído com seu marido. Mas após várias semanas de recuperação em Carrilhão, não parecia poder obtê-lo de novo.

Estava sentada frente ao espelho, escovando o cabelo para se deitar, e pensando no que tinha acontecido desde que tinham retornado. A tensão entre ela e Ethan era evidente. Ele estava distante, e ela não sabia o que fazer. Era como se nenhum soubesse como comportar-se com o outro.

Cada vez que Maddy saía para passear e deleitar-se com as novas flores que começavam a

florescer e recuperar-se um pouco, sentia que ele a observava. Notava que Ethan morria de vontade de ir com ela. Um dia, quando se sentiu o bastante recuperada para montar a cavalo, ele a acompanhou, mas permaneceu em silêncio todo o momento. Se Maddy se detinha para pegar algumas flores, Ethan corria a ajudá-la desmontar. E, cada vez, retinha-a em seus braços alguns segundos a mais, e a olhava com os olhos cheios de sentimentos.

Nessa semana, Ethan recebeu uma carta em que contavam que tinham encontrado a Corrine, e que esta já estava de caminho de Carrilhão. Maddy se emocionou tanto que o abraçou, e teve a sensação de que ele não queria soltá-la, inclusive quando ela tentou afastar-se. Quando por fim a soltou, estava incômodo e muito magoado.

Ao parecer, o dia em que os soldados levaram Madeleine, Corrine tinha recebido um golpe que a tinha deixado inconsciente, e alguns amigos a levaram da cidade. Por sorte, estava sã e salva e já estava a caminho de Carrilhão. Maddy tinha estado tão preocupada com ela que, ao inteirar-se de tudo isso, sentiu que tinham tirado um grande peso de cima.

A cada dia que passava, Maddy via mais claro o que queria para seu futuro. Precisava falar com o Ethan, mas ao parecer ele preferiria que arrancassem todos os seus dentes. Cada vez que se aproximava dele com intenção de iniciar a conversa, ele a olhava assustado e, das duas uma, ou mudava de assunto, ou saía de onde estavam.

Seu infalível Escocês se sentia inseguro, assustado; tanto como Maddy, e ela não sabia o que fazer com ele.

Maddy suspirou e se levantou da penteadeira para meter-se na cama. E antes de dormir pensou no muito que sentia falta de seu marido.

A meia noite, os trovões começaram a retumbar na escuridão, e Maddy se sentou de repente na cama, tentando recuperar a respiração. Depois de ter tido o pior pesadelo de toda sua vida tinha as faces banhadas em lágrimas.

Tinha sonhado que estava perdida na costa e que não podia encontrar Ethan por nenhum lado. Buscava-o por todos os cantos, e o único que conseguia era afastar-se cada vez mais dele, sem importar o muito que queria estar ao seu lado.

Em relâmpago explodiu. Estava aproximando uma tormenta, e Maddy, assustada, levantou-se da cama de um salto. Ethan não a tinha ouvido gritar? Se dormia no quarto contíguo ao seu.

Maddy correu para o quarto dele, mas não estava ali. Buscou-o nervosa por toda a casa e, por fim, viu luz na estufa. Desceu correndo a escada para ir reunir-se com ele.

Entrou no recinto e ouviu o murmúrio da caldeira. Sabia que Ethan era capaz de arrumá-la! Mas onde estava ele?

Tentando recuperar o fôlego, Maddy chamou:

— Ethan?

A caldeira parou e seu marido apareceu de repente, deixando cair as ferramentas no chão à medida que se aproximava dela.

— O que aconteceu? — perguntou pegando-a pelos ombros

— N... Nada — respondeu ela envergonhada por ter se comportado como uma menina assustada.

— Está aproximando uma tormenta? — Olhou para o teto de vidro—. Aí debaixo não podia ouvi-la.

— Acredito... Acredito que sim. O que está fazendo aqui tão tarde?

— Queria te dar uma surpresa e arrumar essa caldeira de uma vez por todas. — Ethan passou as mãos pelos braços—. Me diga o que é o que a preocupa, tesouro.

Madeleine o olhou nos olhos e as palavras escaparam de seus lábios.

— O que nos aconteceu? O que estamos fazendo?

— A verdade? — perguntou ele acariciando a sua face com o polegar.

— A verdade — respondeu ela assentindo.

Ethan suspirou.

—Estou te dando tempo para pensar, porque... Porque estou morto de medo de que me diga que quer ir.

—Ir ?Para aonde?

—Não quer ir ?Agora tem sua própria casa. E disse que quando tivesse se recuperado, tomaria uma decisão sobre nós.

—E por que não me disse nada?

—Eu não quero que vá... Não quero que vá, mas tampouco quero influir em sua decisão. Com tudo o que aconteceu; a morte de B, a perda de nosso bebê... Todo mundo diz que tem que estar exausta. E sei que, em ocasiões, eu posso pegar muito pesado e sair com as minhas ignorâncias. Não quis que tomasse uma decisão da que depois se arrependesse. —Olhando-a nos olhos, acrescentou—: Eu quero que o nosso seja para sempre, *aingeal*.

—E se te disser que desejava falar com você para dizer que decidi que quero que nos demos outra oportunidade? E que quero ficar aqui, em Carrickliffe, ou em qualquer outro lugar, sempre que você esteja comigo e possamos começar de novo?

Ethan a olhou como se tivesse recebido um golpe e deixou de acariciá-la.

—Depois de tudo o que fiz?

—Ethan, admito que ainda tenho muitas perguntas. E que ainda tenho medo. Mas não acredito que possa superar tudo isto... Sem meu marido a meu lado. Preciso te recuperar.

—Você... — disse ele com voz entrecortada— ... De verdade vai ficar comigo?

—Minha vida está junto a você. A única coisa que quero é isso. Sei que ainda temos que superar muitas coisas, mas acredito que vale a pena tentar.

—Como pode me perdoar? Houve momentos em que acreditei que isso era impossível.

—Cada dia vi as coisas um pouquinho mais claras — murmurou Maddy. As gotas da chuva começaram a repicar sobre o vidro que havia em cima deles—. Para poder te perdoar, a única coisa que tive que fazer é recordar como você enfrentou o mesmo inferno para me salvar. E depois, o quanto felizes fomos antes. — Maddy entrelaçou as mãos atrás da nuca de Ethan e, ansiosa por seu calor, abraçou-se a ele. As respirações de ambos se aceleraram, e a paixão, ao igual à tormenta lá fora, começou a avivar-se—. Não acha que com isso basta para voltar a começar?

Ele levou uma de suas grandes mãos ao pescoço de Maddy, e a acariciou desse modo que sempre conseguia lhe derreter os ossos.

—Se significar que posso te recuperar... Então sim, acredito.

Com a outra mão roçou com suavidade as nádegas aproximando-a mais a ele.

E dessa vez, quando desabou a tormenta, ela não teve medo. Por algum motivo, não sentia que pressagiasse nada mau. Nessa ocasião, pareceu-lhe que a tormenta era um reflexo dos intensos sentimentos que havia entre ambos. Os olhos dele não escondiam a promessa de uma intensa noite de amor, e Maddy sabia que os seus diziam o mesmo.

Ethan deslizou um dedo sob o queixo e sussurrou:

—Desta vez, vou fazer direito.

—Acredito em você, Escocês. — Maddy o olhou com todo o amor que sentia—Você sempre será meu cavalo ganhador.

—Ah, voltou a me olhar igual à antes. Um marido poderia acostumar-se a que o olhem sempre assim.

Maddy sorriu e sussurrou:

—Asseguro que assim será.

Epílogo

Nunca se casarão, não saberão o que é amar, se o fizerem, a seu destino se deverão

resignar.

Sua família contigo desaparecerá, e futuras gerações não haverá de novo jamais.

A morte e a desgraça os apanharão.

A não ser que seus filhos saibam encontrar às mulheres para eles destinadas...

Porque o amor verdadeiro é o único que poderá sua vida e seu coração salvar.

Carrickliffe, Escócia

Domingo de Páscoa, 1865

Ethan era o mais velho dos irmãos, e o cabeça de uma família que não parava de crescer. Estava sentado recostado em um carvalho, descansando, e olhando o campo de feno que havia diante dele. Sua mãe, irmãos, suas esposas e filhos estavam todos ali, para celebrar o batizado que Maddy e ele tinham organizado para essa Páscoa.

Madeleine estava sentada em uma manta no chão, rindo com seus dois filhos maiores. Ela tinha lhe dado três preciosas criaturas, todas de cabelos negros e brilhantes olhos azuis.

Seu primeiro filho, Leith, cuja chegada ao mundo tinha tirado de Ethan alguns anos de vida, ia fazer sete anos. Era muito mais alto que um menino de doze, e também muito mais preparado, igual a sua mãe. A pequena Catriona tinha três anos e era um pequeno terremoto com a mesma cara de Madeleine, e que fazia de seu pai o que queria. E Ethan tinha nos braços o pequeno. Por algum estranho motivo, o seu filho gostava de dormir ali. Tinham-no chamado Niall, em honra ao primo preferido de Ethan, que continuava no continente com o antigo bando de mercenários de Court.

Quando nasceu Leith, Ethan a princípio se preocupou um pouco; o pequeno requeria a Maddy há todas as horas e não o fazia tanto caso. Mas seu filho logo começou a chamá-lo de papai e a sorrir cada vez que ele entrava em sua casa.

Nenhum dos pequenos tinha medo da cicatriz de seu pai, e não sabiam nada dos enganos que tinha cometido no passado.

A Madeleine caía muito bem a maternidade. Era uma mãe muito carinhosa, não como Sylvie, e embora tivesse conseguido perdoá-la pelo que tinha feito a ela, jamais poderia perdoar o que tinha feito a Ethan.

O dia em que Maddy confessou isso a seu marido, ele soube que ela o considerava como sua única família, e que juntos podiam enfrentar a tudo. Que defenderiam um ao outro, e a todos seus filhos, até o último fôlego...

Ethan e Madeleine celebraram um grande banquete de casamento em Carrickliffe. Foi uma festa por todo o alto, pois Ethan queria apresentar sua esposa tão preciosa que, sem saber como, tinha conseguido reconquistar. À celebração assistiram os Weyland, incluído Quin, que aproveitou a ocasião para dizer a Ethan que ele já tinha advertido sobre a Maddy...

Agora, do seu lugar sobre a grama, Madeleine se deu conta de que Ethan a estava olhando e sorriu. E ele sentiu o coração acelerar; isso não tinha mudado e não o faria jamais. Estava convencido que a amava mais do que era recomendável para sua saúde mental, mas já se resignou a isso. De noite, abraçava-a e sentia como o coração inchava no peito até estar a ponto de estourar.

Ethan sabia que tanto seus irmãos como sua mãe estavam surpresendidos de que fosse um marido e um pai tão carinhoso. Mas se eles podiam sê-lo, por que ele não?

Hugh e Jane tinham um filho de quatro anos e estavam “esperando” um pouco antes de ter o próximo. Ante a surpresa de todos, Hugh quis chamar seu primogênito de Ethan, e o mais assombroso foi que Jane o permitiu. O menino era o centro de seu universo, e os três passavam em

grande tempo viajando por todo mundo. Estavam na cidade só para assistir o batizado de Niall.

Court e Annalía tinham seu filho Aleix, e duas meninas, a pequena Fiona e Elisabeth que ainda usava fraldas, e já vinha outro há caminho. Apesar do muito que Court queria aos seus filhos, cada vez jurava que ia ser o último. Annalía se limitava a sorrir e começava a tecer um novo par de sapatinhos.

A mãe de Ethan estava entusiasmada com seus netos. Ela tinha acreditado que jamais teria nenhum, e não parava de repetir que em todos e cada um deles havia um pouquinho de seu avô Leith. Nesse preciso instante, Fiona estava sentada na grama com cinco deles.

Maddy se levantou de onde estava e se aproximou de Ethan.



Projeto Revisoras Traduções

Grupo Romances Traduzidos

<http://br.groups.yahoo.com/group/romancestraduzidos/>

Comunidade Romances S.A.

<http://www.orkut.com.br/Main?pli=1#Community.aspx?cmm=80221161>

— Acha que podemos deixar o Niall no berço? — perguntou —. Ou quer que peça ajuda?

Corrine, a antiga amiga de Maddy, vivia com eles e tinha deixado de ser a administradora do imóvel para passar a ser babá a tempo completo. Era tão boa em seu trabalho que outras famílias tinham tentado roubar-la.

— Está completamente adormecido — disse Ethan, e depois, entre risadas, acrescentou —: Ronca igual a você.

Maddy deu um carinhoso golpe no peito.

— Eu não ronco, Escocês.

Pegou o bebê nos braços e deu um beijo de boa noite antes de deixá-lo em seu berço, que tinham ali ao lado. Quando Ethan separou os braços, Maddy se aconchegou entre eles, ditosa, e se sentou em seu colo. Ele a aproximou mais contra seu peito, e ela suspirou:

— Te amo, Ethan.

Ele deu um beijo no cabelo, morno pelo sol.

— E eu amo você, tesouro — replicou ele —. Neste instante — ele perguntou de repente —, se pudesse te dar qualquer coisa do mundo, o que me pediria?

— Muito fácil. Uma vida cheia de momentos como este. — Madeleine moveu a mão para assinalar toda a cena; seus filhos brincando com o resto de sua família e todos sorridentes e felizes.

Seu marido pegou o seu rosto entre as mãos e a viu olhá-lo emocionada.

— Feito — respondeu beijando-a — Isso tesouro, é precisamente o que vou te dar, Maddy MacCarrick.

E o fez.

FIM